

957

ARQVIVO
DO DISTRITO DE
AVEIRO

bibRIA

N.ºs 109 a 111

Janeiro a Setembro

AVEIRO

1962

ARQVIVO
DO DISTRITO DE
AVEIRO



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

bibRIA

VOLUME XXVIII

AVEIRO

1962

REVISTA TRIMESTRAL PARA PUBLICAÇÃO DE DOCUMENTOS
E ESTUDOS RELATIVOS AO DISTRITO

DIRECTORES E PROPRIETÁRIOS

ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL

ANTIGO DIRECTOR DA BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA

FRANCISCO FERREIRA NEVES

ANTIGO PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU DE AVEIRO

JOSÉ PEREIRA TAVARES

ANTIGO PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU DE AVEIRO

EDITOR E ADMINISTRADOR

FRANCISCO FERREIRA NEVES

ADMINISTRAÇÃO: — AVENIDA DR. LOURENÇO PEIXINHO, 133, 1.º — AVEIRO

bibRIA

EX-VOTO

À memória do

Dr. João Carlos Celestino Pereira Gomes

(5 . X . 1899 † 11 . XI 1960)

— a mais espontânea e acabada compleição de Artista do Distrito no presente século, cuja cultura intelectual distintamente serviu e sobremaneira enobreceu, sem jamais deixar de por todos os modos evocar, nas múltiplas e empolgantes modalidades da sua obra sem par, a «pequena Pátria» que lhe foi berço e que enternecidamente amou —

Preito e Homenagem do

ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO.

bibRIA



Medalhão pelo Escultor Raul Xavier. 1960.

bibRIA

a) — *INTERPRETAÇÃO ESPIRITUAL
DE JOÃO CARLOS*

*«Comido o fruto da árvore vedada,
Por castigo de Deus suo o meu pão;
a minha fêria é a hora descansada
Em que o Senhor me há-de estender a mão.»*

.....

bibRIA CELESTINO GOMES (Soneto de 1960).

bibRIA

A RIQUEZA MAIOR

É da própria raiz da vida que as obras reflectem o seu autor. O Evangelho, na palavra do Senhor, traduz a mesma realidade, ao afirmar que pelo fruto se conhece a árvore, e a velha escolástica reduziu-a à conceituosa fórmula tradicional: o efeito leva ao conhecimento da causa, conhecimento que só será perfeito, quando o efeito for adequado. Por isso, as obras de arte possuem muito do espírito do artista que ardentemente as concebeu e realizou. No livro ou na estátua, na partitura ou na tela, em poema singelo como em monumento grandioso, brilha o talento e arde a paixão que foram fundamento e condição da sua existência.

Todavia, o conhecimento da personalidade dum autor será sempre incompleto sem a luz que nasce da intimidade, e esta só é verdadeira entre pessoas que muito convivem e muito se estimam.

Note-se, contudo, que a obra preparada para o grande público, embora o autor esteja lá, pode ter ar exterior e artificial. Não dizia o CAMILO que o leitor havia de rir com livros que ele escrevera a chorar? E que choraria com trechos que ele redigira bem humorado e feliz, o que não sucedeu muitas vezes na vida trágica do escritor genial?

Como regra, é verdadeira a conhecida sentença de que não há homem grande para o seu criado de quarto. É que então o homem mostra-se ao natural, tal qual é, sem «caracterização», adrede preparada, para aparecer na ribalta. Mas, se o homem é de facto grande, a intimidade não o diminui, antes o acrescenta, faltando neste caso exactidão à sentença.

Muitas vezes, porém, a superioridade, como a do conselheiro celebrado pelo EÇA, não tem raízes, e então, entre a vida íntima e a vida de sociedade medeia um abismo. Figuras de solenidade hierática e de harmonia inalterável mostram-se de mesquinhez

arrepiante, no hora a hora com a família e nos usos correntes da vida. Vivem, afinal, a representar.

A figura do CELESTINO GOMES é igual à do JOÃO CARLOS, e a dos dois igual à do CELESTINO da nossa intimidade e do nosso coração. Nas páginas coloridas e quentes dos seus livros, como no traço firme e voluptuoso dos seus desenhos, a sua maior paixão artística, como na vivacidade imaginosa e original das suas telas, como na vigorosa expressão das suas esculturas, brilharam a grande altura o talento, a fantasia, a intuição artística do JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES. Mas em todas as obras, sempre a nota profunda e emocional duma grande humanidade. Porque JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES era um homem — naturalmente, estruturalmente, bom.

Todavia, onde esta característica da sua alma deu toda a medida da sua extensão e profundidade foi na vida espontânea e despreocupada da intimidade, vivida no carinho do seu lar e na roda dos seus amigos.

2. — Cresceu cedo o CELESTINO GOMES, no conhecimento e conceito das gentes das artes e das letras. Ainda escolar de Medicina, em Coimbra, já o seu nome adquirira crédito forte como artista, como poeta e como prosador. Com tais qualidades, estava naturalmente indicado para escrever a peça da récita do seu quinto ano «*Fitas doiradas ... ilusões doiradas...*», que obteve êxito retumbante.

Director de «*Beira Mar*», delicioso semanário de Ílhavo, durante toda a longa quadra em que o dirigiu, recebia colaboração abundante de escritores já consagrados. Por isso o jornal, pelo nível e preocupações dos seus colaboradores, era mais *para fora* do que para a Vila e seu termo. E termo aqui tem extensão muito larga, por estarem os ilhavenses espalhados pelas cinco partidas do mundo.

Recorda-se certa conversa, era ele ainda estudante, havida na Baixa, em Coimbra, com um escritor muito novo mas já célebre, no cenáculo das letras. Pude então verificar, pela primeira vez, a audiência que tinha nos meios literários. Já nessa altura ele escrevia versos preciosos, redigia artigos magníficos onde crepitava por vezes a chama espirituosa da ironia mordente, desenhava apaixonadamente, com traço firme e opulento, e munido apenas de pedaços de madeira e dum simples canivete gravava xilografias deliciosas de vigor e de originalidade.

Depois veio a maturação sazoadada e rica do artista extraordinário que ele foi.

Reli agora, com emoção, trechos vários de vários dos seus livros: versos das «*Baladas para um certo olhar*», «*Mal-me-quer*», «*Sinfonia muito incompleta*»; páginas de prosa de orquestração

perfeita em «*Signo de toiro*», «*Como naufragou o Centauro*», «*Luar de Lágrimas*»...

Em tudo o CELESTINO era pintor. Acerca de «*Como naufragou o Centauro*» escreveu JOÃO GRAVE: «No seu conjunto, é mais uma aguarela, resplandecendo nas suas três tintas — azul, verde, branco — sobre fundos luminosos, do que uma página de profunda intensidade». Em toda a obra se reflectirá esta vocação de pintor. Certo é, porém, que a forma «resplandecente» vestia o pensamento claro e pujante, e que tudo era ungião daquela suave e encantadora humanidade, que constituía a base mestra do seu temperamento.

Até nas crónicas, singelas e actuais, que CELESTINO GOMES publicou nos jornais e colleccionou em volumes, «*O homem quer viver mais*», «*Esta vida são dois dias*», «*É bom poupar a saúde*», «*A maratona das novidades*», até nessas crónicas de forma corrente mas castiça, o médico deixa transparecer o homem de coração claro e compreensivo.

A mesma característica, profunda e humana, nos trabalhos picturais. Recordam-se apenas dois.

A *Ceia*, que ele pintou deliciadamente, com a figura central de Cristo, donde irradia a claridade branca que alumia toda a cena; com os apóstolos, ansiosos e perturbados à roda do Mestre; e até com a figura sinistra de Judas, segurando nas mãos avaras a bolsa dos trinta dinheiros, da qual caem pingos de sangue de maldição, é um quadro de humanidade cristã, como de cristã humanidade é esse extraordinário «*Painel do Mar*» que lhe andava há anos no espírito e no coração, mas que só foi desenhado e fixado nos últimos dias da sua vida. Foram horas de febre alta, a febre da doença que lhe roía o sangue e a febre da inspiração que lhe queimava o espírito, as horas ininterruptas que levou a realizar essa obra admirável.

Pesavam-lhe medonhamente os braços, o talento crescia e crepitava como chama de vela que se avoluma e atea para logo se extinguir, o esforço mantinha um ritmo singular, na previsão da morte próxima. E foi assim que da sua alma ardente e apaixonada surgiu a galeria das figuras dessa obra admirável — a Senhora do Mar, o Bispo do Mar, o Autor ligado ao velho Avô pela vara de juiz do Santíssimo Sacramento, que ambos seguram, o Sogro, capitão do Mar, AFONSO LOPES VIEIRA, cantor do Mar, com sinfonias de búzios e rajadas orquestrais de ondas embravecidas... — tudo cheirando a maresia.

Que multiforme e extraordinário artista o JOÃO CARLOS! Foi grande, mas não sabe a gente aonde chegaria se, «perdulário de talento», como lhe chamou o VISCONDE DE VILA MOURA, não se tivesse dispersado pelas actividades mais variadas.

Na raiz dessa dispersão havia certamente um natural pendor, pela excepcional riqueza interior. Mas havia também a pressão

da vida, na qual o *primum vivere* da sabedoria popular exerceu papel de patrão e mestre e orientador. Apesar disso, o CELESTINO GOMES foi um triunfador e deixou uma obra notável,

Em toda ela, o fio largo, o caudal abundante de humanidade que decisivamente o signou.

3. — Retoma-se a ideia, já enunciada, que se verte em factos. Para além de toda a vasta obra literária e artística, a nota mais alta e mais precisa da humanidade de JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES foi dada pela sua própria vida.

Esta humanidade não consistia no sentimento platónico e distante de certos filósofos que, dissertando com eloquência sobre a humanidade, desconhecem o homem concreto e actual, que pena e sofre a nosso lado. A humanidade do CELESTINO, «alma naturalmente cristã», que por Nossa Senhora teve sempre devoção especial, era parenta próxima da caridade cristã que S. PAULO definiu em termos imortais: «Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como um bronze que soa, ou como um címbalo que tine. E ainda que eu tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e tivesse toda a fé, até ao ponto de transportar montes, se não tiver caridade, não sou nada. E ainda que distribuísse todos os meus bens no sustento dos pobres, e entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, nada disto me aproveita. A caridade é paciente, é benigna; a caridade não é invejosa, não é temerária; não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo sofre». (I Cor. XIII, 1-7).

O CELESTINO GOMES era indulgente e compassivo. Nem mesmo para aqueles que porventura o tinham ferido ou magoado conservava sombra de ódio ou resquício de animadversão. Podia comentar factos e pessoas com ironia pitoresca e faiscante, mas a indulgência era certa e plena, e por isso desculpava com magnanimidade evangélica.

Conheciam-se a direitura e a lealdade do seu carácter. Nada de fogo de vista de palavras artificiosas que escondem o pensamento; nem de recônditos escuros; nem de habilidades enganosas. Sem pretender ferir, a sua palavra era, como no Evangelho, sim sim, não não. Daí a rectidão do seu olhar e do seu juízo, sem emulações tolas, que negam todos os valores alheios, por mais evidentes que sejam, e que vêem negras sombras em todos os que podem fazer sombra.

Neste carácter tão rico, uma encantadora simplicidade e frescura de criança, fonte duma comunicativa ingenuidade que não desconfiava de ninguém, que caminhava a direito sem olhar para becos e atalhos, donde podem surgir salteadores. Em tudo,

como raiz, uma humildade de espírito franciscano, que se abria a todos.

Quando ouvia uma palavra de louvor, alumiam-se-lhe os grandes olhos mansos, que rebrilhavam em admiração de surpresa e em reconhecimento comovido. As impertinências estultas, as presunções provocadoras não encontravam acolhida no seu espírito generoso.

E por cima de tudo isto, e por causa de tudo isto, um desejo enorme de fazer bem. Não podia dar muito materialmente, que era pobre de recursos monetários; mas podia dar-se com largueza, o que significa muito mais. Tinha o gosto de ser agradável, de prestar serviços, de aliviar penas e dores, o CELESTINO GOMES. O egoísmo atroz que fecha as almas, tornando-as impenetráveis, era-lhe desconhecido.

4.— Estas qualidades naturais, profundas e fecundas, mantiveram-se inalteráveis no carácter do CELESTINO GOMES. Para muitos, o triunfo cria um clima de embriaguez que faz perder o sentido do equilíbrio e harmonia. Quem haveria de dizer que certas pessoas, encantadoramente simples e acessíveis, viriam a tornar-se insuportáveis de orgulho e impertinentes de vaidade, pela consecução de triunfos verdadeiros ou fictícios? Porque muitas vezes os triunfos só existem na sua imaginação alucinada e encandecida.

Não raro, até no domínio religioso se dão estes fenómenos, o que tem certo carácter sacrílego.

O CELESTINO ficou sempre igual a si próprio. Não houve pego da vida que lhe fizesse perder o pé. Horas de triunfo, que foram muitas, e horas de amargura, que foram ainda mais, sempre o deixaram sereno, modesto e confiante. Menino de calção, escritor consagrado, artista aplaudido, o CELESTINO foi sempre o homem de alma cândida, aberta a todas as monções de humanidade.

Daí o ambiente carinhoso que se criou à sua volta.

O talento, é certo, desperta admiração e porventura entusiasmo, mormente quando enriquecido de cultura larga e sólida. Mas a admiração só por si não aquece, permanecendo sentimento frio.

Acima da admiração, situa-se a estima que pode tornar-se sentimento apaixonado. A afeição, porém, nasce de qualidades naturais que têm seu fundamento e razão na bondade. Por isso os grandes escritores e artistas são só admirados, de longe. Se na admiração entra o fogo da estima, é que nas suas obras brilha o calor do coração e arde o fogo da virtude.

O CELESTINO GOMES será admirado pelo nível cultural e artístico das suas obras. O fluxo emocional que delas irradia, dá a

nota da humanidade do Autor, a quem por sua grande alma se quer bem.

Contudo, a estima grande, a maior estima é a dos que de perto conheceram e sentiram directamente a beleza do seu espírito gentilíssimo. Porque a obra prima do CELESTINO foi, afinal, o seu espírito, que Deus iluminou de talento e enriqueceu de bondade.

✠ MANUEL, ARCEBISPO DE ÉVORA

bibRIA

b) — *ENSAIO DE BIOGRAFIA*

.....

«Aos onze anos tive o meu jornal manuscrito e desenhado, de que ainda existe, em mãos amigas, uma colecção completa. E aos dezasseis abria as primeiras gravuras para o meu jornal impresso, de que saíram 4 números. A Medicina veio muito mais tarde, por desejo de meu Pai. A Medicina e a Farmácia eram tradição de família. A Arte, foi, pois, sempre o meu destino, a minha mais gostosa obrigação.»

.....

(Da entrevista concedida ao jornal *Novidades* e publicada em 27 de Março de 1949).

bibRIA

A VIDA ARDENTE DE JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES

(APONTAMENTOS PARA UMA BIOGRAFIA)

NÃO é fácil fazer biografias de personalidades como a de João CARLOS. Com efeito, as características estáticas, aquilo que poderíamos comparar à anatomia dos corpos, apenas nos revela um dos seus múltiplos e inverosímeis aspectos, que, separado dos outros, seria irreconhecível e quase impossível de descrever, como são os restos que se amontoam após uma catástrofe.

Uma vida inverosímil —

Coloquemos na nossa frente todos os seus versos, e, ao lado destes, todos os seus trabalhos em prosa de ficção, para um lado; as suas crónicas sobre mil assuntos, para o outro; os seus escritos de vulgarização higiénica, terapêutica ou de qualquer campo médico; as críticas de arte, as páginas humorísticas, as centenas de artigos que espalhou por jornais e revistas, as conferências, lições, descrições de lugares, de costumes, de sentimentos, de curiosidades múltiplas e inesperadas; reunam-se cartas suas, com farrapos preciosos de prosa cheia de conceitos, noções e espírito cintilante.

Ao lado de isto, que bastaria para marcar uma personalidade intelectual de actividade brilhante e invulgar, coloquemos numa exposição os seus trabalhos artísticos, desde os desenhos a lápis, primorosos, e os inúmeros que fez a tinta da China, em que alcançou um êxito justo pela originalidade e o bom gosto com que aliava às mais belas sugestões gráficas dos incunábulo e das iluminuras medievais o arrojo desconcertante do modernismo inconformista, tão bem executando os motivos em traços sóbrios e sintéticos, como nos fazendo perder o fôlego ao analisarmos os pormenores inimagináveis mas lógicos e rigorosos, exigindo uma bagagem de conhecimentos e um escrúpulo excepcionais — até às

pinturas a óleo, em que se afirmou bem cedo, em 1926, aos 27 anos, e em que tanto havia a esperar do seu talento; aos *gouaches*, às gravuras em madeira, em que atingiu lugar proeminente na sua geração; aos ensaios de entalhador, às decorações em faiança e em vidro e a tudo o que a sua imaginação e aptidões tentavam. Essa modalidade da sua actividade complexíssima e multiforme, dá-nos outra faceta duma operosidade incrível, em meio, de mais a mais, em que a preguiça não é rara e a cada passo é disfarçada com desculpas de maus pagadores, de talentos «incompreendidos», espíritos «superiores», que se julgam génios, e semelhantes. Tal faceta, mesmo sem mais nada, coloca-o em lugar de honra entre os artistas portugueses contemporâneos, consagrado por críticos especializados, e ao verem-se trabalhos seus nos museus de Arte Contemporânea de Lisboa, Soares dos Reis, do Porto, Grão Vasco, de Viseu, Museu Municipal de Ílhavo, e Santos Rocha, da Figueira da Foz.

Mas JOÃO CARLOS foi médico distinto, clínico rural, vivendo os problemas e as dificuldades duma profissão difícil, ingrata, mal paga e inglória, benquistado pelos clientes, ricos e pobres, e preocupando-se com todos os problemas destes, tomando calor pela resolução das suas dificuldades, imaginando iniciativas, dando vida à actividade adormecida da Misericórdia de Canha do Ribatejo, pondo ao serviço desta não só os recursos da arte médica como os de pintor, ao restaurar o seu velho Paineal e indo ao Congresso de Setúbal defender calorosamente as Misericórdias pobres. Em 1933, depois de um concurso de provas públicas em que, a par dos conhecimentos de Higiene Escolar, Psicologia, Psiquiatria, Oftalmologia, etc., perante um Júri de que fizeram parte os Professores SOBRAL CID e ANTÓNIO DE ALMEIDA, sob a presidência do grande higienista e pedagogo Prof. SERRAS E SILVA, além desses, exigidos no programa, mostrou o valor formativo e de boa higiene mental do estudo do *folclore* da sua querida terra natal, essa Ílhavo tão pitoresca e estimuladora, onde foi seu companheiro de brincadeiras, em meninos, um futuro Arcebispo prestigioso e sempre amigo — D. MANUEL TRINDADE SALGUEIRO.

CELESTINO GOMES, depois de, como funcionário, ser médico municipal dedicado em Canha, passou a ser médico escolar, primeiro na Escola Agrícola de Santarém e depois em Lisboa, na Escola António Arroio, onde ganhou as melhores simpatias e lhe foram dadas as máximas provas de consideração; e também na Escola Pedro de Santarém e no Liceu Pedro Nunes, no Serviço de luta anti-tuberculosa onde esteve até morrer, sempre estimado e apreciado pelos seus superiores e pelos alunos.

Mas JOÃO CARLOS ainda arranjou tempo para dar lições sobre Profilaxia da Tuberculose, no excelente Instituto de Serviço Social, de Formação de Assistentes Sociais, e para colaborar na Campanha Nacional de Educação de Adultos, em que orientou a secção de Educação Sanitária, e dirigiu, ainda no tempo de estudante, um

semanário e uma revista de Arte; escreveu peças e ajudou a representá-las e ensaiá-las, na sua terra e em Coimbra, e depois, mais tarde, organizou um Salão de Estudantes de Coimbra e uma Exposição Mariana, em Lisboa; e expôs os seus trabalhos artísticos em Lisboa, Porto, Coimbra e Paris e assistiu a alguns congressos; fez conferências na Faculdade de Medicina de Lisboa, no Teatro de D. Maria II, na Liga Universitária Católica Feminina, no Salão Silva Porto, no Centro de Profilaxia da Velhice; e publicou inúmeros artigos no *Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias*, *Época*, *Voz*, *Novidades*, *Ilustração*, *A. B. C.*, *Alma Nova*, *Diário de Lisboa*,



NA CAMPANHA NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS,
COM O MINISTRO DR. VEIGA DE MACEDO

Diário Popular, *Humanidade*, *Jornal do Médico*, *A Nossa Terra* (Jornal Galego — 1923), *O Sol*, *Ilustração Portuguesa*, *Beira-Mar* e *Humus*, estas duas últimas por ele dirigidas, etc.

Quando morreu estava a publicar, comentando-o, um inquérito sobre o café, em que foi substituído por outro colega de talento e igualmente operoso noutros campos, entre os quais o da História da Medicina e o do jornalismo — AUGUSTO D'ESAGUY — que pouco lhe sobreviveu.

* * *

Quem há aí que seja capaz de analisar já, sozinho, estas e tantas outras actividades que deixam sem fôlego até quem se limite a meditar sobre a sua simples lista?

Ainda alguém duvida de que, tentá-lo, correspondia a, rapidamente, ser alguém capaz de ordenar os membros esfacelados duma multidão após uma catástrofe, em vez de ter na sua frente, em ambiente calmo, numa mesa de dissecação, um simples cadáver sem lesões aparentes? Isto no que diz respeito ao aspecto *anatômico*, formal, da sua obra.

E a vida que ele deu a tudo? E o interesse, calor, entusiasmo, verdadeira fascinação, quase atingindo o desvairo, pelo idealismo que sempre punha em todos os seus actos!



NA EXPOSIÇÃO DE MEDICINA TROPICAL, EM CUJA ORGANIZAÇÃO TOMOU PARTE, INAUGURADA PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA GENERAL CRAVEIRO LOPES E PELO CARDIAL PATRIARCA

JOÃO CARLOS morreu com um diagnóstico preciso, científica e trágicamente estabelecido, e que ele suportou estoicamente, sempre lúcido, conformado cristãmente, mas lutando até cair; indo a Londres procurar os últimos recursos, aproveitando os derradeiros alentos para fazer desenhos admiráveis — sabendo que ia morrer — conversando, fazendo espírito, rindo, sorrindo com bondade, com generosidade, estimulando os outros, falando da sua própria ruína

orgânica, dedicando versos de humor aos seus amigos e colegas que lhe faziam as transfusões, chamando-lhes vampiros e incluindo-se no número, mas sem ar fúnebre, com a mesma calma com que escreveu as *Baladas para um certo olhar*, aos 26 anos, quando estava cheio de vida, buliçoso, azougado, exuberante de planos a que a morte pôs embargos aos 61 anos.

Na verdade JOÃO CARLOS foi vitimado por uma fadiga alegremente aceite e que o queimou durante 36 anos. Ardeu na chama



NO INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA
Lição para formação de propagandistas

dos seus talentos, dos seus entusiasmos, do seu gosto de fazer bem e de tudo saber fazer bem e febrilmente — rubrica que por ser de uso excepcional, não consta da nomenclatura oficial.

* * *

Biografia breve —

Podemos ensaiar uma brevíssima biografia — aquela que já toda a gente conhece, mas que dá prazer recordar.

JOÃO CARLOS CELESTINO PEREIRA GOMES, filho de José Celestino Gomes e de D. Maria da Apresentação S. Pedro, nasceu em

Ílhavo em 5 de Outubro de 1899. Desde criança revelou uma inteligência viva, uma curiosidade insaciável e memória fora do vulgar.

Começou muito cedo a mostrar gosto pelo desenho e pela leitura, iniciando igualmente logo os seus escritos. Fez o Liceu em Aveiro e formou-se em Medicina na Universidade de Coimbra, estudando com entusiasmo a Anatomia, não só nas suas aplicações à Medicina, como às Artes, um dos esteios da solidez dos seus trabalhos futuros, e que só deformava intencionalmente, pelas exigências da moda artística. Viveu sucessivamente em Ílhavo, Porto, Coimbra, Canha, onde foi médico municipal e Provedor da Misericórdia, Santarém, em cuja Escola Agrícola foi médico escolar, como a seguir o foi em Lisboa, sucessivamente na Escola António Arroio, Pedro de Santarém e Liceu Pedro Nunes, dirigindo a secção de Educação Sanitária na Campanha Nacional de Educação de Adultos.

Casou, ainda estudante, com a Senhora D. Silvina Ramalheira Valente, sua patrícia, sendo um casal exemplar, tendo um filho, com aptidões artísticas e literárias apreciáveis. O nome artístico de JOÃO CARLOS e o profissional de CELESTINO GOMES era reduzido ao de Celestino, pelo qual o tratava a Esposa, sempre a sua maior colaboradora, crítica estimuladora e admiradora.

De estatura meã, seco e magro, olhos grandes, por vezes esgazeados em momentos de entusiasmo e alegria, JOÃO CARLOS, falador como um algarvio, buliçoso como um menino, tinha uma educação esmerada, sempre manifestada, mesmo durante discussões calorosas.

Inteligência viva e subtil, memória pronta e rápida, cultivando por vezes os paradoxos, estudioso constante, ávido de perfeição e de documentação para o que escrevia, traçava, pintava, gravava ou modelava, era um artífice, sempre insatisfeito, a par dum artista culto, de sensibilidade requintada, pondo ao serviço dos seus trabalhos as suas qualidades intelectuais, em que predominava a atenção, a penetração e a viveza da inteligência, servidas por uma memória admirável e uma vontade de ferro, método e concentração, atingindo o silêncio demorado enquanto desenhava, ele que, enquanto escrevia, não receava interrupções, tudo e sempre acompanhado por uma vibratidade de azougue, uma trepidação interior, que desafiava o mais afinado e potente motor dum avião de jacto, e que a morte emudeceu e fez parar, na sua casinha acolhedora do Bairro de Alvalade, em 11 de Novembro de 1960.

Se a sua biografia resumida é fácil e rápida e nos dá a cronologia da combustão em que acabou por se consumir, sempre alegre e entusiasticamente, aos 61 anos, nós que o surpreendemos a arder em fogo brando, intermeado por altas labaredas, não temos ainda elementos reunidos, meditados e seleccionados que permitam fazer uma biografia digna dos seus talentos e da sua Obra.

A VIDA ARDENTE DE JOÃO CARLOS

Li com o maior interesse os excelentes instantâneos de D. MANUEL TRINDADE SALGUEIRO, AMÉRICO CORTEZ PINTO, FREDERICO DE MOURA, GUILHERMINO RAMALHEIRA, JOSÉ CÂNDIDO VAZ com o douto parecer de ROCHA MADAHIL, de FERNANDO PAMPLONA, ALFREDO MARQUES, DANIEL MONTEIRO, MÁRIO DE OLIVEIRA e GUEDES DE AMORIM.



NA INAUGURAÇÃO DO SALÃO DE ESTUDANTES DE COIMBRA
EM LISBOA, DE QUE FOI ORGANIZADOR.
O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, MARECHAL CARMONA,
CORTA A FITA SIMBÓLICA

Sei que outros igualmente apreciáveis saíram já, de outros autores. Muito se recolheu já. Mas há que continuar. Um ano é pouco para se sintetizar, após análise suficiente, uma vida tão intensa e uma obra tão vasta, complexa e valiosa. O album, argumentamente prefaciado por AMÉRICO CORTEZ PINTO e incluindo trabalhos seleccionados numa bela edição, abriu brilhantemente com

chave de oiro a série de documentos e depoimentos sobre a sua obra.

Pela nossa parte, apenas aqui acrescentaremos algumas notas de observação pessoal, deixando aos profissionais das suas várias Artes e aos da Crítica o juízo que um diletante nunca pode fazer.

* * *

Ensaaiador e recitador —

Conheci JOÃO CARLOS nas Caldas da Rainha em Março de 1928, quando ele ali acompanhou o Doutor Manuel Serras Pereira e outros professores do Liceu de Coimbra numa visita de estudo, dando uma récita na noite de 19.

Os rapazes do 7.º ano representaram duas comédias: *Educação inglesa* e *O grande inventor*. JOÃO CARLOS ensaiara-os e recitou duas poesias suas, «uma das quais futurista, que agradaram», como disse o cronista da «Gazeta das Caldas», que julgamos ter sido GUILHERME COUTINHO, seu fundador e director.

A propósito do desempenho das peças e de um acto de recitações, fados e apresentação da *Roschoff Desmelody Band*, que o cronista diz «que teve espírito», acrescenta este: — «O único senão que apontaremos, talvez consequência de a excursão ser de estudo e os rapazes virem com os professores, foi a falta de entusiasmo e de estouvamento que os prejudicou um pouco».

Foi mesmo assim, e nem por isso o grupo deixou de ser «calorosamente saudado pela enorme assistência». Eis um traço da psicologia de JOÃO CARLOS: vivo, azougado, falador, mas, apesar de se tratar duma festa, e de rapazes de Coimbra a quem tudo se desculparia, JOÃO CARLOS estava ali como ensaiador, como responsável pela disciplina, e tomava a sério, como a tudo em que se meteu, pela vida fora, as próprias brincadeiras. O crítico recordava saudoso o seu tempo de rapaz, mas não deixou de os aplaudir, sendo ele próprio amador dramático e comediógrafo.

Na *Gazeta* do dia 25 foi publicada uma «Carta de Coimbra» com «As impressões dum grande artista que há dias visitou as Caldas».

Já naquela altura o jornal sabia quem ele era e por isso publicou estas palavras:

—«O Dr. CELESTINO GOMES, poeta consagrado, pintor distintíssimo e autor de valiosíssimas gravuras em madeira, das melhores que se têm feito modernamente em Portugal, temperamento artístico duma sensibilidade e duma cultura fora do vulgar, numa carta dirigida a um dos nossos colaboradores, dá-nos em meia dúzia de palavras as suas impressões».

Estas palavras tivemos a honra de as escrever em 1928 — há 33 anos e meio. Já então JOÃO CARLOS tinha uma reputação sólida.

A carta dele merecia ser transcrita pela inteligência dos seus comentários, pelo seu estilo, já então o mesmo, pelo seu espírito cintilante.

Ficámos amigos desde então. E nunca mais deixei de acompanhar, com admiração, os seus sucessivos triunfos.

Um lindo retrato fantasiado —

Em 1934 tivemos o prazer do seu convívio encantador, como o de sua Esposa, durante uns dias, quando me presenteou com o magnífico *gouache* em que interpretou, a cores, o lindo retrato do *Livro de Horas* da Rainha D. Leonor, que está no Museu Pierpont Morgan de New York, que mais tarde, em 1943, foi vulgarizado, em excelente tricromia da Casa Bertrand, no n.º 4-5 do «Boletim da Assistência Social». Digamos duas palavras sobre este belo trabalho de JOÃO CARLOS.

Devemos ao Prof. REINALDO DOS SANTOS uma fotografia nítida, a negro, do retrato da Rainha D. Leonor, atribuído a ANTÓNIO DE HOLANDA e incluído nesse *Livro de Horas*. Ignoravam-se todavia as cores. JOÃO CARLOS, seduzido pela beleza da iluminura, imaginou quais fossem estas e deu-nos um retrato de técnica moderna mas de sabor antigo, em que a Rainha aparece igualmente jovem, trajando um lindo vestido adamascado de fundo amarelo e com ramagens de cor púrpura, coberto com um manto do mesmo tecido, debruado de arminho com aplicações a negro. A transparência e a finura das rendas do peitilho e da *écharpe* que pendia do pulso direito são admiráveis e documentam bem a maneira de trabalhar de JOÃO CARLOS, fiel aos traços gerais do modelo, mas encantando-nos com certos pormenores beneditinamente executados e duma beleza surpreendente. A almofada a que se encosta a Rainha, também de tecido adamascado, verde em fundo amarelado, é igualmente admirável. Substituiu o oratório que se vê ao fundo, no original, por um pano de damasco azul. Em vez do escudo da Rainha, pôs em destaque o camaroeiro. A coifa que lhe cobre os cabelos loiros, de que mal se vê uma trança, é dum relevo e policromia admiráveis, de sabor oriental. Os rubís e safiras da coroa, e o colar de pequenas safiras e rubís que lhe limitam o alto do peitilho, bem como o medalhão suspenso no peito por um cordão de oiro, são duma minúcia de joalheiro.

As feições, mantendo os traços essenciais do original, são a marca de modernismo da composição, como que a *maquillage* para poder comparecer numa assembleia de 1934. O conjunto é duma harmonia fascinante.

Nem faltou uma legenda, tirada do próprio epitáfio da Madre de Deus:

— *Aqui está a Rainha D. Lianor molher del Rei D. João o segundo.*



NA EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS SEUS NO SALÃO DA LIGA NAVAL,
EM LISBOA, EM ABRIL DE 1930

Pois bem! Graças aos esforços e ao bom gosto da benemérita Fundação Gulbenkian, consegui esta uma fotografia a cores do original.

E que se verifica?

A cor do vestido da Rainha é quase a mesma, apenas com o tom púrpura um pouco mais carregado. A manga do vestido é que é de tecido diferente do do vestido e manto de New York, azul esverdeado. O reposteiro é verde, berrante, brigando com a cor de rosa da túnica do Anjo, que JOÃO CARLOS não representou. No original, além do reposteiro verde, vê-se uma horrível cor no frontal do oratório, estando a figura de D. Leonor, lindíssima, enquadrada pela túnica desbotada do Anjo, pelo verde berrante do reposteiro e pela espécie de almagre (que lembra o aparelho para a pintura dum portão) do frontal do oratório.

Na harmonia das cores a composição de JOÃO CARLOS é mais harmónica. Na expressão do rosto o original mantém o predomínio na suavidade e beleza. Em certos pormenores não pôde o Artista adivinhar tudo. As pedras da coroa, no original, parecem pérolas e safiras; o medalhão é de ouro apenas, entrevendo-se uma pérola, que, com mais cinco, guarneciam o vestido à sua volta; a coifa é verde no original, debruada com uma fita dourada, com safiras e pérolas a adorná-la, como as da coroa. A almofada verde, substitui a de ANTÓNIO DE HOLANDA, cor de rebuçado, e que parece de veludo.

A comparação do *gouache* com a lindíssima *iluminura*, no pormenor desta que nos dá o retrato da Rainha D. Leonor, permite verificar quanto a cultura de JOÃO CARLOS o ajudou na sua composição fantasiada, em que é impressionante a identidade de cor e de tecido do vestido e manto. A harmonia das cores, a perfeição das rendas do peitilho e da *écharpe* sobre o pulso, o relevo do corpo e o da almofada verde, permitiram ao Artista fazer uma obra de real valor, onde a síntese dos seus processos técnicos, a união do moderno ao antigo e o bom gosto ressaltam, podendo apreciar-se mesmo na excelente tricromia publicada no n.º 4-5 do «Boletim da Assistência Social», e compará-la com a reprodução da gravura a cores do original e inserta no fascículo 12 da *Nobreza de Portugal*.

* * *

Outros trabalhos sugeri a JOÃO CARLOS, que ele realizou com a sua técnica impecável, a tinta da China, alguns deles ilustrando aforismos de puericultura com as rubricas: *Quem o seu filho estimar, ao peito o deve criar; Nunca vás ao teu jantar sem teu filho confortar; No intervalo das mamadas o que lhe dê são facadas; e Sem o teu filho ter dentes nenhuma papa experimentes* — todos eles com desenhos sugestivos, como o que representa um soldado de

Herodes a cortar o pescoço a uma criança, com o dístico: *A ignorância das mães ainda mata mais crianças do que outr'ora os soldados de Herodes.*

Quanto havia a recordar neste campo da Educação Sanitária, saído da imaginação, da cultura e da argúcia de JOÃO CARLOS!



NA INAUGURAÇÃO DA SUA EXPOSIÇÃO DE 4 DE MAIO DE 1957 NO S. N. I. COM O MINISTRO DA EDUCAÇÃO NACIONAL PROF. LEITE PINTO E O SECRETÁRIO NACIONAL DE INFORMAÇÃO DR. EDUARDO BRASÃO

Como exemplo, esta frase, sem desenho a ilustrá-la, para que me chamou a atenção um dos seus ilustres superiores:

—«A rua devia ser apenas um verbo transitivo, principalmente para as mulheres.»

Frases destas, como busca-pés de argúcia, paradoxo e espírito, encontram-se a cada passo nos seus escritos, quando menos se espera.

Admirável é também a capa a tinta da China que fez para o número da *Ação Médica* dedicado em 1959 à memória da Rainha D. Leonor, e em que apresentava esta, em traços sóbrios e rigorosos, como a pintou PROVOST no quadro que está no Museu de Arte Antiga, mas vendo-se ao fundo o Hospital das Caldas como ela o traçou e consta mais ou menos dum desenho do Séc. XVIII.

Muita vez fui testemunha dos seus trabalhos de investigação que o obrigavam a leituras repetidas e profundas, a documentar-se para um artigo, para uma lição, para uma palestra, para uma crónica ou para um desenho. Sei que já em Coimbra ele criara esse bom hábito.

* * *

Estudantes artistas em Coimbra —

A propósito de Coimbra, onde todos fomos escolares, evoco aqui os artistas da minha geração, que tanto influíram, alguns deles, na técnica da caricatura entre nós e estão tão esquecidos: LUÍS FILIPE, CRISTIANO CRUZ, CORREIA DIAS, CERVEIRA PINTO, JOÃO VALÉRIO, BALHA E MELO e JOÃO DE BRITO, entre outros.

LUÍS FILIPE, que, dirigiu com VEIGA SIMÕES a revista académica *A Farça*, era o mais categorizado de todos, verdadeiro pioneiro das escolas modernistas que se lhe seguiram. CRISTIANO CRUZ, igualmente se impôs logo à consideração dos críticos mais exigentes, como um dos melhores. A vida profissional de ambos — como jurista, em Viana do Castelo, o primeiro, segundo cremos, e como médico veterinário distintíssimo, o último, no Ultramar, principalmente em Moçambique e depois em Angola, onde faleceu em 1951, depois de 32 anos de ausência — cortou as asas a dois grandes artistas, cuja colaboração se deve procurar nas revistas *A Farça*, *A Rajada*, dirigida pelo poeta AFONSO DUARTE, na *Pátria Nova*, jornal monárquico académico, em cuja direcção ou como colaboradores se contaram DUARTE SILVA, AGNELO CASIMIRO, CORDEIRO RAMOS, MADEIRA PINTO, RICARDO JORGE, Filho, entre outros, em *A Revolta*, jornal dos estudantes republicanos anteriores a 1910, dirigido por RAMADA CURTO, na *Ilustração Portuguesa* e outras revistas e jornais da época.

CORREIA DIAS, revelado exuberantemente em Coimbra, em caricaturas desenhadas, por vezes modeladas em barro (as de Berta de Bivar e de Cristiano Cruz, por exemplo), em ilustrações rápidas, durante conferências, que causaram sensação, só havia de notabilizar-se mais tarde no Brasil, onde brilhou durante muitos anos, morrendo trágicamente em circunstâncias que nunca

foram, ao que parece, bem esclarecidas, como a sua memória merece.

JOÃO VALÉRIO, o arguto humorista, que em 1910, salvo erro, publicou o album do seu curso — *Quid petis?* — colectânea deliciosa de caricaturas, que julgamos ser a primeira que se publicou.

BALHA E MELO, da Guarda, também foi roubado à Arte pela vida profissional. Perdi de vista JOÃO DE BRITO. CERVEIRA PINTO morreu moço, depois de publicar algumas caricaturas muito esperançosas.

Pois bem, apesar do prestígio artístico que alcançaram em Coimbra, enquanto ali estudaram, especialmente os dois primeiros, nenhum deles alcançou ali o brilho de JOÃO CARLOS, mesmo sem falar na variedade de actividades em que se distinguiu; talvez não tenha havido nenhum estudante que, ao formar-se, estivesse, já então, formado também em Artes, como JOÃO CARLOS estava e demonstrou com o retrato a sanguínea da Filha do Prof. Doutor MAXIMINO CORREIA, com o do Arcebispo Bilhano, a óleo, com o auto-retrato, o retrato de sua Esposa, as gravuras em madeira, desenhos a tinta da China, etc., feitos antes de 1927 ou no primeiro semestre deste ano.

Quando um dia alguém se abalançar a escrever a História da Academia de Coimbra, brilhará nela sem dúvida como poucos este menino prodígio que ali, além da formatura em Medicina e de continuar a estudar Anatomia durante todo o curso, se formou em Belas e múltiplas Artes, como autodidacta, atraído por múltiplas vocações irresistíveis, sem tempo para a boémia, mas sem deixar de ser sempre duma alegria e verbosidade exuberantes, convivendo com muitos amigos, encantados com a sua inteligência, o seu espírito e a sua vibratildade, leal e generosa.

Uma tempestade em Setúbal —

Assisti a uma tempestade que ele desencadeou, não num copo de água, mas nada mais e nada menos do que num grave e entusiástico Congresso — no III Congresso das Misericórdias, de Setúbal, realizado de 22 a 25 de Maio de 1932, que pode considerar-se o germe do movimento de onde resultou a criação do Instituto de Serviço Social, pouco depois fundado pela dedicadíssima e inteligente Senhora que foi a Condessa de Rilvas, auxiliada tècnica-mente por M^{lle} Marie Thérèse Lévêque, e a reforma da Assistência, iniciada pela criação do Subsecretariado da Assistência Social, depois transformado em Ministério da Saúde e Assistência, cujo primeiro titular, que lhe assentou os sólidos alicerces, foi igualmente um aguerrido congressista — JOAQUIM DINIZ DA FONSECA — que eu também conheci e admirei em Coimbra, pelo seu carácter, inteligência viva, qualidades de trabalho, vontade firme e modéstia, quando escrevia, nos intervalos dos estudos, em que foi clas-

sificado, crónicas com o pseudónimo de *Banco de Pé*, que tão apreciadas eram, e tocava no violino trechos de SCHUMMAN, de GOUNOD, etc.

O Congresso de Setúbal iniciara-se com nuvens carregadas. Um núcleo de congressistas de que faziam parte os Drs. AGUIAR CARDOSO, VAZ FERREIRA, DOMINGOS ALVES MOREIRA e outros prestigiosos paladinos de Vila da Feira, levantou logo no princípio um problema grave — o do critério a que devia obedecer a distribuição de subsídios às Misericórdias pelo Estado.

Por outro lado, o Dr. JOAQUIM DINIZ DA FONSECA fizera votos, logo na primeira sessão de trabalhos, para que a Misericórdia de Lisboa, «que apenas de Misericórdia tem o nome» — por há 100 anos se haver transformado num «Serviço do Estado», como pôs em destaque o seu próprio Provedor, Dr. SILVA RAMOS, ao presidir à 1.^a sessão de trabalhos — «volte à sua antiga situação»; apoiou o Provedor da Misericórdia do Porto, que mantém esse espírito tradicional, e apresentou as suas saudações ao Doutor ANTÓNIO LUÍS GOMES; «protestou contra a escravidão das Misericórdias»; defendeu a «sua independência», «afirmou que elas não pedem favores ao Estado, devendo apenas solicitar dele a restituição dos subsídios; concordando com a necessidade de se estabelecer a luta contra a tuberculose, e fez ver a conveniência de as Misericórdias manterem, através de tudo, a sua assistência».

Na mesma 1.^a sessão de trabalhos haviam sido eleitas quatro comissões que dariam pareceres sobre os trabalhos apresentados — as de Assistência, Economia e Finanças, Legislação, e de Redacção, sendo apresentadas as primeiras comunicações. Uma delas, a de Monsenhor GUSTAVO COUTO, já deu origem a reparos ásperos e a uma proposta para ser «retirada da discussão», o que foi amenizado com a baixa a uma das comissões.

À 2.^a parte da 1.^a sessão presidiu o prestigioso Provedor da Misericórdia do Porto, Doutor ANTÓNIO LUÍS GOMES, que recebeu uma grande ovação da Assembleia, decorrendo os trabalhos com toda a calma.

Na 2.^a sessão, no dia 23, presidida pelo dedicado Provedor de Elvas, senhor BRITO FALLÉ, é que, depois de usar da palavra o Dr. VAZ FERREIRA, de Vila da Feira, JOÃO CARLOS surge com a sua voz de clarim, apesar de levemente velada, que todos nós sempre recordaremos, começando por saudar, não quem presidia, mas o Doutor ANTÓNIO LUÍS GOMES; — «e a seguir (conforme diz o relatório) fez reparos ao facto de a presidência não ter ainda sido ocupada pelos representantes das Misericórdias apagadas, das terras pequenas. E, com *grande entusiasmo* (estamos a ouvi-lo!) propôs que uma das mesas próximas fosse constituída pelo representante duma das Misericórdias mais pobres do país, que fossem votadas as teses mais urgentes e que todos os oradores produzissem as suas declarações no mais curto espaço de tempo».

A proposta, na íntegra, dizia o seguinte, sendo também assinada pelo Dr. JOSÉ BAPTISTA DE MATOS BRAZ, médico da Misericórdia de S. Tiago de Cacém:

1.^o—Que seja escolhido para presidir à próxima sessão o representante duma das mais pobres e pequenas Misericórdias do País—o Dr. JOÃO VICTORINO MEALHA (de Mexilhoeira Grande).

2.^o—Que sejam desde já postas à discussão as teses de reconhecida urgência pela sua utilidade imediata.

3.^o—Que todos os ilustres representantes das Misericórdias que tenham reclamações a apresentar o façam em palavras breves, mas que não sejam impedidos de o fazer.»

Haverá proposta mais justa e oportuna, numa assembleia que de início parecia pouco resolvida a sair dum dado assunto—o dos subsídios? É natural—não me recordo—que JOÃO CARLOS, ao ler esta proposta, tenha feito quaisquer comentários, ou então algum outro congressista, em ápartes.

O que o relatório registou foram as seguintes palavras:

—«Suscitou-se, em consequência de algumas expressões do Sr. Dr. JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES (de Canha do Ribatejo) um ligeiro incidente em que interferiram os Senhores SEBASTIÃO ALFREDO DA SILVA (de Oeiras), Dr. LUÍS TEIXEIRA DE MACEDO E CASTRO (de Caminha), JOAQUIM MARTINS DOS SANTOS (de Chaves) e Dr. PAULA BORBA (de Setúbal).»

Não diz o relatório, nem eu me recordo, o que disse cada um destes. O que é certo é que JOÃO CARLOS amou e a valer. Continuemos a seguir o relatório:

—«O Sr. Dr. JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES (de Canha do Ribatejo) depois de ouvir as palavras dos congressistas que se ocuparam do incidente, abandonou a sala.

O Sr. Dr. JOÃO VICTORINO MEALHA (de Mexilhoeira Grande) fez a defesa do Regulamento do Congresso e pediu ao Sr. Dr. JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES (de Canha) que regressasse à sala.»

Pouco depois, após a leitura dum telegrama do Presidente da República, General CARMONA, «o Sr. Dr. LUÍS TEIXEIRA DE MACEDO E CASTRO (Caminha) produziu várias afirmações a propósito do incidente e solicitou aos congressistas novos mais calma, todos podendo expor as suas ideias mas de modo que o Congresso seja de paz e não de guerra. E pediu à mesa que convidasse o congressista que se retirara a regressar à sala dos trabalhos».

O Dr. MATOS BRAZ, que subscrevera com JOÃO CARLOS a proposta, retirou então esta, «no desejo de fazer terminar o incidente, o que levou o Sr. Dr. PAULA BORBA a declarar-se satisfeito. Irrompeu uma grande ovação que se repetiu quando ambos se abraçaram».

Lembro-me de também haver ajudado a instar com JOÃO CARLOS para regressar à sala, como voltou, com todas as honras.

Não foram as palavras da sua proposta que desencadearam esta borrasca, mas o ambiente inicial de batalha eminente, a seguir

provocada pelo Dr. AGUIAR CARDOSO (de Vila da Feira), também médico distinto, também estudioso, erudito, a quem a sua terra tanto ficou a dever, como a sua Misericórdia — um carola da têmpera de JOÃO CARLOS, noutra género.

A guerra só foi declarada na 2.^a parte da sessão do dia 23, presidida pelo Dr. AMÂNDIO PAÚL, quando o Dr. AGUIAR CARDOSO usou da palavra. A certa altura lê-se no relatório o efeito duma bomba, ao ser pronunciada a seguinte frase pelo fogoso orador:

—«Faz o que quere o Sr. Provedor de Setúbal. Isto parece uma burla!».

«Produziu-se depois um incidente, em que intervieram os Srs. Drs. PAULA BORBA (de Setúbal), ESTÊVÃO PALHINHA DE BRITO FALLÉ (de Elvas), e SEBASTIÃO ALFREDO DA SILVA (de Oeiras). O orador declarou retirar aquela palavra e desculpou-se por um excesso a que não previa chegar.»

A assembleia secundou o protesto dos agravados com tal expressão, até que o Sr. Presidente pôs termo ao incidente, tendo proferido algumas palavras de concórdia e prevenindo a assembleia de que não permitiria excesso algum de linguagem.

JOÃO CARLOS compreendeu então bem que não era afinal com ele a guerra e, conforme o seu feitio e o seu carácter, manifestou-se generosamente (veja-se o relatório):

—«O Dr. JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES (de Canha do Ribatejo) presta homenagem a todos os elementos do Conselho das Misericórdias, especializando nas suas homenagens os Srs. Drs. PAULA BORBA (de Setúbal), ANTÓNIO LUÍS GOMES (do Porto), SEBASTIÃO ALFREDO DA SILVA (de Oeiras) e LUÍS MACHADO PINTO (Director-Geral da Assistência), cuja acção pode ter tido erros mas fôra bem intencionada e, dum modo geral, boa.»

O leão transformara-se em pomba, mensageira do Espírito Santo, da justiça, e o guerreiro em Rainha Santa, como se a luta se travasse no campo de Alvalade.

E tudo acabou em bem. Até mesmo o prélio do aguerrido médico a quem se ficou a dever entre outros grandes serviços, à sua terra, a campanha inteligente a favor da restauração do Castelo da Feira.

JOÃO CARLOS, no seu brio de Provedor duma Misericórdia pobre e esquecida e com a sua fogosidade generosa, não reparara que nas duas sessões anteriores à sua proposta de ofendido (uma delas a 1.^a sessão de trabalhos) já haviam feito parte das mesas que presidiram às sessões representantes de Misericórdias pobres ou esquecidas, como as de S. Mateus do Botão, Chamusca, Viana do Alentejo e Aldegalega da Merceana, Vidigueira e Tabosa. Viu depois que, longe de alguém as querer humilhar, pelo contrário desde o primeiro dia foram honradas as Misericórdias obscuras. E, por isso, caindo em si, fez justiça a todos. E a Comissão Organizadora do Congresso, por sua vez, pôde ver que aquele Magriço

que surgira mavòrticamente de lança em riste, era um bem intencionado, de boa fé, capaz de se bater pelos mais fracos, ávido de justiça, mas que não reparara que os outros também o eram. Por isso a Misericórdia de Canha, aquela pobre Misericórdia que ele tanto ajudou como médico e até como artista, salvando o seu painel abandonado, também fez parte duma mesa, representando-a, ao lado das do Torrão, do Lavre e de Coruche, presidida pelo Provedor da de Abrantes.

E isso não foi tarde nem foi cedo: logo no dia seguinte à tempestade que rebentara naquele copo de água da vasta sala onde se realizaram as sessões do III Congresso das Misericórdias.

A Misericórdia de Canha marcou afinal a sua presença, acabando por captar a simpatia de todos, dignamente representada pelo seu Provedor, pelo seu Secretário e pelo seu Tesoureiro.

O Painel do Amor e da Amizade —

E ao lado do Provedor, como sempre, dedicada, acalmando os excessos do seu entusiasmo bem intencionado, precisamente por o conhecer e por isso o admirar mais do que ninguém, lá estava a Esposa, a sua Silvina, aquela que ele figurara num dos seus primeiros lindos quadros, a quem dedicara os versos da *Balada para um certo olhar* em 1925, a companheira modelar que o acompanhou na trágica agonia lenta e estoica, e o viu a aproveitar heróicamente todos os momentos de alívio para trabalhar, na sua casinha de Alvalade, como em Londres, ao bruxulearem os últimos clarões de esperança, desenhando *A companheira*, *O gladiador vencido*, *A Raposa Matreira*, *o Cristo gótico*, *o Estudo para o retrato de D. João II* que destinava ao paquete *Príncipe Perfeito*, *Os búzios*, etc. e, já depois do regresso em 10 de Agosto, a três meses da morte, traçando o admirável *Estudo para o Painel da «Nossa Senhora do Mar»* esse *ex-voto* das suas grandes amizades, em que reuniu em volta do seu companheiro de infância — Manuel — ao alto, de mitra e báculo, alguns dos seus melhores amigos, das suas pessoas mais queridas, evocador do Painel do Arcebispo, de NUNO GONÇALVES, mas também do dos seus queridos Pescadores, como se os quisesse levar a todos consigo no coração para o além, na sua viagem derradeira, ficando eles todos vivos, e ele ajoelhado, como menino, a adorar o Arcebispo e a adorar a Esposa, a sua «Nossa Senhora do Mar», e acompanhado do Pai, do Avô, dos poetas AFONSO LOPES VIEIRA e AMÉRICO CORTEZ PINTO, dos pintores SOUSA LOPES, EDUARDO MALTA, LINO ANTÓNIO e GUILHERME FILIPE, do escultor LUÍS FERNANDES (morto trágicamente na Berleiga), do músico JOSÉ PAIS DE ALMEIDA E SILVA, do contista do Mar, LOUREIRO BOTAS, do sogro, oficial da Marinha Mercante, do filho idolatrado, o seu JOSÉ CÂNDIDO,



PAINEL DA NOSSA SENHORA DO MAR

já homem, ficando ele menino... As Artes, a Poesia, a Família, os Homens do Mar, a Música, as actividades e aqueles que mais estimou e apreciou; e ele sempre menino, de joelhos, no meio desses homens, a adorar a sua querida Companheira, o seu discípulo Manuel, cada vez mais Santo, que certamente como ninguém pediria por ele a eterna paz.

Entre 10 de Agosto e 11 de Novembro, em plena agonia lenta, consciente e estoico, mas já sem forças que lhe permitissem sair de casa, organizou essa exposição de 24 trabalhos—canto do cisne do seu espírito sempre insatisfeito. E coligiu os últimos depoimentos a respeito do café—do estimulante—ele que nunca precisou de estímulos e nasceu com a sina de se esforçar e vibrar ardentemente até morrer em paz, como morreu.

* * *

Perdoe-se o desalinho destas notas em que apenas se registaram traços breves da sua vida tão intensa e tão facetada.

Na verdade não é fácil fazer uma biografia de personalidades como a de JOÃO CARLOS. É preciso que quantos prezam as Artes que ele cultivou, as amizades e as dedicações, como as que ele soube criar, os sentimentos nobres, como os que ele revelou durante a sua vida de insatisfeito e optimista até soltar o último suspiro, coordenem notas dispersas, embora parecendo-lhes sem importância. Só depois de reunidos friamente esses subsídios, sem esquecer os do Cardeal Diabo que ele nunca teve de temer, será possível alguém traçar um dia a Biografia que JOÃO CARLOS merece e todos lhe devemos—até os que nunca o compreenderam, e os que o invejaram ou lhe quiseram mal.

Lisboa, 3-xi-1961

FERNANDO DA SILVA CORREIA

c)—A «PEQUENA
PATRIA» DE
JOÃO CARLOS



REDUÇÃO DA XILOGRAVURA DE GRANDES DIMENSÕES ABEI
POR JOÃO CARLOS PARA O CARTAZ DA «EXPOSIÇÃO DE AI
ILHAVENSE» EFECTUADA NA PÁScoa DE 1932 E QUE CO
TITUIU O PONTO DE PARTIDA PARA O ACTUAL MUSEU MU
CIPAL DE ÍLHAVO.

A XILOGRAVURA ORIGINAL É HOJE PERTENÇA DO MUSEU

«OFERENDA

*Ó Terra do meu agrado,
minha Terra de oiro e prata:
tão longe, e sempre chegado,
eu sou o teu namorado
das noites de serenata.*

*Ó Terra mais de oiro estreme
da Terra das Cinco-Chagas:
onde o lendário birreme,
— roxa vela, negro leme —
corta a escumilha das vagas »*

.....

(Das Baladas para um certo olhar; 1925)

bibRIA

IMPRESSÃO CORDIAL

SINGULAR, aquela vila!

Havia como que fios invisíveis de enxárcias familiares de beiral para beiral. Na sala de visitas, com frequência, o ambiente de uma câmara de oficiais; no quarto, o seu quê de camarote; e a casinha de fora, no pátio, uma espécie de pique de proa.

Os homens caminhavam na rua como se andassem sobre o tombadilho. As mulheres segredam notícias de todos os quadrantes da rosa dos ventos.

A «nossa terra» é sempre única, está bem de ver. Mas aquela, além de especial para os seus próprios, é singular para todos.

No urbanismo? Só se for, ainda e por enquanto, em alguns dos seus inimitáveis e não descobertos recantos antigos.

Na gente, sim, apesar da inoculação das modas.

Não sei que especial modo de ser a particulariza: uma emotividade vibrátil e um respeito de família fortemente muralhado, quase agressivo; a par, certo sentido de permanente vivência em comum, participação séria no sofrimento dos vizinhos.

Povinho que concilia, no mais íntimo dos íntimos, esta singular dualidade: agarrado à soleira da sua porta e, no mesmo momento, com o nariz apontado a todos os embarcadores das costas do mar; vivendo real e fisicamente no fundo do seu beco e, na mesma hora, em todos os sítios da laranja do mundo.

Alapada, esta gente, na pedra do lar, mas atenta e sensível ao telegrama que veio lá do cabo gelado ou do fundo dos Brasis. Com as portas da rua fechadas a sete chaves, escancara o postigo para sofrer o que se passa ali na boca da Barra ou nas lonjuras do estreito de Malaca. Uma quase mórbida sensibilidade para as insignificantes, inevitáveis, testilhas de família, mas logo, logo, a reprimenda ao filho travesso: — «ai de ti, ai de ti, se não *salvas* o teu tio!».

A vila não se parece nada, mesmo nada, com os agregados populacionais que a rodeiam, nem se confunde com o agro que a circunda. Fica a cem léguas das aldeias rústicas que, contudo, se lhe encostam à pele. A laguna do sal e do moliço, e as correntes que nela circulam, são brincadeira para os filhos enquanto de bibe. A estação do caminho de ferro insere-se numa cidadezinha alegre que os ilhaves atravessam a correr.

Que ninguém lhes toque nas possíveis imperfeições da terrinha ou conhecidos tiques individuais. Arde Troia!!

Uma espécie de clan fechado, somatório de mil e um pequeninos clans ainda mais fechados.

Mas, ao mesmo tempo, se alguém se lhes vem gabar que o mundo é vasto, ouvireis o trôco:—eu também já lá estive, conheço bem esses ventos, mora ali o senhor fulano, doi-me lá uma sepultura.

Até o topónimo tem uma sequência especial, tal como o sino grande da Igreja um som tão seu que o identifica na anfibia planura. É um nome que se alegra na primeira sílaba para se entristecer em surdina até ao fim; é um sino que badala forte e cavo, no convite para oração em silêncio.

Que melancolia indefinida a daquela parentela que passa a vida a sorrir; que doação e sacrifício em todo aquele pessoal que é ciosíssimo, ciumento, dos seus haveres; e que paz, que ameno ritmo, numa tal citânia palreiramente conflituosa.

De vez em quando, de vez em quando, o barómetro desce, desce, e então a vaga larga... cobre a vila toda. Toda.

Mas ninguém que seja alheio já conta disto só com passar. É preciso «ser-se» para se entender. E é tão difícil de traduzir em linguagem!

Daquela meda, quando menos se espera, surge uma personalidade. E é fértil a urbe em paveias de muitos matizes.

Se calha de lhe encher o velame o sopro da imaginação artística e a personalidade foi forçada a rumar pelos caminhos do mundo, então, a quem está à janela do palheiro, o emigrado parece uma espécie de barco desprendido da amarração, bateirinha que vai à rola. Mas não vai, não senhor! O artista segue e serve o fio da sua inquietação, mas a corda, por baixo da maré, está presa à pedra da borda, em frente do passeio.

O vilar insinua-se-lhe na arte, mesmo que, deliberadamente, o artista não desejasse tradução alguma, ainda que não fosse definido propósito buscar, nos usos e falas, matéria ou assunto dos seus pessoais cantares ou plastificações.

A raiz segredou-lhe o termo ou orientou-lhe o risco e lá ficou o jeito da sua gente.

* * *

Singular, também, este JOÃO CARLOS.

Não é um intelectual simples, linear. Antes ficcionista em prosa castigada, imaginativo em termos ondulantes, crítico ensimesmado e, sobretudo, pintor de jardins suspensos!

A sua página plástica, por certo a mais significativa, não será a objectivação e um alto e rico exemplo daquela dualidade que define e especifica o ritmo do seu berço?

Não é ela uma panorâmica variada, onde, desde as puras, aéreas especulações incorpóreas, até ao retrato *ipsis verbis*, se encontra de tudo? E este tudo oscilando entre a pincelada larga de cor berrante e a minúcia dolorosa do lápis miniaturista? Não há ali a imaginação desprendida e o concreto mais concreto? Aquelas figuras, aqueles trejeitos e aquelas ondas são visíveis em todas as latitudes, mas não é certo que passeiam e se enrolam em certa pequenina faixa da costa arenosa?

E, do mesmo passo, em toda aquela panorâmica, em todo aquele andante musical, desenhado e escrito para a multidão das cidades, não há sempre, a um canto da composição, certo pormenor, minúsculo embora, que é a certidão de nascimento, do lugar onde: a jarrinha da Vista-Alegre, a cómoda da nossa avó, uma manaia de rapazelho, aquele frasco de remédio e a colher da feira dos treze, uma peúga a secar e a cortininha do postigo, um chaile de merino e o bico da bateira e a fateixa suspensa...

Este lírico não cessa de falar connosco em todos os cantos das suas telas, como se estivesse, em férias, ali na Praça a contar, a contar sempre as murmurações da sua botica ou o que lhe sucedeu no alto do mapa, do muito que ouviu ou daquilo que ele próprio aprendeu na sua viagem da vida, a falar, a desenhar sem descanço, a encher os vãos de infindáveis e perfeitas minudências.

Quanto lhe ficamos a dever nós todos os que passamos desatentos pelos nossos aídos e não damos ouvidos ao timbre dos contrarrâneos; quanto lhe temos de agradecer a este amoroso e radicado plastífice que sempre nos insinua a estranha beleza das nossas esquinas e a fina fímbria dos perdidos costumes!

Médico, para mais. E é que ser-se um tal, dá carácter.

Se algum dia se tentar a revisão crítica de toda a produção literário-artística de JOÃO CARLOS, haverá que procurar o que nela se deve ao jovem que se ameninou em Ílhavo ou ao clínico CELESTINO GOMES que sofreu, em múltiplos estaleiros, os martírios da profissão.

Aquela terra é palreira mas sempre temperada de tristura. É que o seu cemitério é o maior do mundo: tem os

limites das ondas onde quer que elas se alteiem; é ali e é em toda a parte.

Ora vede no artista: uma mimosa conversa plástica, uma tagarellice de festa de anos, a ausência de vivências ou trejeitos afeados, e, no mesmo sítio, um certo quê de varão saudoso, um queixume!!

Lá para Leste, no cimo da Vila, quase tímida ao canto do seu larguinho airoso, fica a risonha capelinha da Senhora—da sorridente Senhora do Pranto!

FERNANDO MAGANO

bibRIA

d) — *JUVENTUDE ESCOLAR*

*ÍLHAVO
AVEIRO
PORTO
COIMBRA*

.....
«*Eu fui menino criadinho em casa,
mas andei aos estudos na cidade.*»
.....

(Do Soneto da Saudade, 1928)

.....
«*E estando sentado na sua almofada,
sua Ria de ouro, seu areal de prata,
vem a Vida e leva-o da sua poisada
(Rua de Espinheiro, meu amor primeiro)
para o Liceu estudar.*

*Pergunta o menino, aflito, para onde o levam:
para aquela praça onde está o José Estêvão
de bronze, com um dedo a apontar:
um dedo assim *

*como o que havia
a apontar, no átrio, onde era a Secretaria,
com um senhor lá dentro sempre a ralhar.*»
.....

(Da Sinfonia muito incompleta, 1958)

.....
«*a minha formação estética foi criada no Porto.
Terminado o meu curso dos liceus em Aveiro, foi aí
que frequentei os primeiros anos de Medicina, com
maior aproveitamento emocional que profissional.*

Fortemente atraído, desde menino, pela arte e pelas letras, aliás hereditárias da minha família, aí comecei a aparecer pelos cenáculos artísticos e literários da época. Passava todo o tempo que podia, mais do que o que me restava da frequência escolar, pelos ateliers dos escultores e pintores com muitos dos quais convivia diariamente. Posei perante muitos deles para alguns dos cinquenta e três retratos que possuo. Ao mesmo tempo abancava, nos grupos do «Central», com escritores e jornalistas. Não se pode dizer que perdesse o meu tempo» . . .

.
(Da entrevista concedida ao jornal
O Primeiro de Janeiro e publicada em 4 de Dez. de 1954.)

.
*«Ó Coimbra, Rainha das Cidades,
Em que Gerais, em que Universidades
Se tira assim um curso de Ilusão?»*

*Cá estamos outra vez na «flor-da-Idade».
Somos os trintanistas da Saudade
Que vêm à aula da Recordação!»*

(Do *Soneto da Saudade* — Aos nossos vivos — recitado pelo Autor na reunião de curso que comemorou o 30.º aniversário da formatura — 1957).



JOÃO CARLOS AOS 5 ANOS DE IDADE

bibRIA

JOÃO CARLOS, NA SUA INFÂNCIA E MOCIDADE

MUITO se tem escrito sobre a personalidade, a arte e o talento do dr. JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES e, esse facto, suponho ter concorrido e muito, para que Ílhavo, a terra do artista, vá tomando consciência do alto valor que perdeu. Porém, sobre a primeira fase da vida de JOÃO CARLOS, ou seja sobre os seus tempos da infância e da mocidade, pouco se tem escrito, certamente porque poucos restam já dessa época longínqua que recordo com saudade viva e reconfortante.

JOÃO CARLOS cedo começou a manifestar o seu talento prometedor, a sua irreverência e a originalidade do seu temperamento vibrátil, sempre curioso e insatisfeito. De muito novo, com propensão para coisas de arte, começou a ser poeta, jornalista, pintor (os cenários das nossas récitas infantis eram sempre pintados por ele), gravador, orador arrebatado, dramaturgo.

Em variados espectáculos que uma companhia infantil realizou, ele era o director artístico e a *vedeta* principal. Nesses saraus recitava *O Melro*, de JUNQUEIRO, e outros poemas e tinha um reportório de canções (género de teatro muito em voga, há 50 anos) que punham a plateia, sempre interessada em ver os *grandes artistas*, em constante gargalhada.

Recordo-me de que um dia, num espectáculo que devia realizar-se, à tarde, num salão improvisado na residência antiga do Sr. Arcebispo Pereira Bilhano, o CELESTINO não apareceu, alegando que não tinham respeitado um pormenor na organização do programa, conforme ele tinha sugerido.

O improvisado casarão estava à cunha, mas o espectáculo não se realizou por falta do artista principal...

A primeira peça dramática, por sinal em verso, que escreveu, quando frequentava o Liceu de Aveiro, *In Hoc Signo*, foi representada no Teatro da Vista Alegre, tendo como intérpretes o autor, Teodoro Craveiro e o autor destas linhas. A peça havia já sido escrita com esse destino. Foi encenada e ensaiada meticolosa-

mente por Henrique Cardoso, amador teatral de muito mérito, já falecido. Levámos meses nos preparativos e a sua apresentação constituiu um êxito. Que saudades desse tempo descuidado, já tão distante...

Já de pequeno, em coisas de arte, era de uma meticulosidade impressionante.

A propósito da citação do venerando Arcebispo Bilhano lembro-me de que por iniciativa de uma comissão de rapazes da qual ele e eu fazíamos parte, se prestou justa homenagem a esse vulto ilhavense e se afixou no prédio onde nascera uma lápide. Houve um cortejo, música, festa e discursos. Falou o CELESTINO e a seguir eu disse um pequeno discurso que havia decorado cuidadosamente. Os discursos foram proferidos de uma janela do prédio e perante grande multidão. Impressionado com o ambiente, tanto mais que falava pela primeira vez em público, em certa parte do discurso voltava sempre ao princípio e não me atrevia a terminar. O CELESTINO, que estava a meu lado, vendo o meu embaraço, disse-me resolutivo: — «Acaba isso de qualquer jeito, senão nunca mais sairemos daqui». E assim fiz: acabei de qualquer jeito.

Promoveu exposições de desenhos e pinturas, saraus de arte, festas de beneficência e foi um dos fundadores da *Pléiade Ilhavense*, grupo cultural e de propaganda de Ilhavo, de que mais tarde se afastou por divergências de orientação.

Nessa altura condenámos a atitude de JOÃO CARLOS por ter abandonado os companheiros, precisamente no momento em que a sua presença tão necessária era. Mais tarde reconhecemos que era ele quem estava dentro da razão e no bom caminho. Na defesa dos seus pontos de vista, quando se compenetrava de que estava na razão, era de uma intransigência feroz. Não cedia.

Tinha uma memória verdadeiramente prodigiosa e, assim, decorava, com grande facilidade, poemas enormes e, quando a companhia teatral infantil de que fazia parte ensaiava uma peça nova, sabia sempre o seu papel *na ponta da língua* e sabia também os dos outros, para os ajudar no caso de uma falha. Nunca o vi em embaraços a recitar versos seus ou doutros poetas, porque a sua memória era uma máquina perfeita que não falhava. Ele próprio se orgulhava da sua memória que não tinha uma nega...

Durante largos anos dirigiu o semanário local «Beira-Mar», um jornal literário feito à sua feição, que era diferente de todos os outros. Quer na apresentação gráfica, quer na variedade e curiosidade da colaboração que apresentava, era um jornal que marcava um lugar de destaque entre a imprensa regional desse tempo. Nessa tribuna admirável revelou o seu talento privilegiado em artigos variadíssimos, em poesias e, muito especialmente, em gravuras em madeira que deram brado e despertaram enorme sensação.

Aí sofreu desilusões e contrariedades, na sua própria terra, mas esse facto não fez com que a esquecesse e, para o provar,

aqui ponho as sugestivas palavras do dr. FREDERICO DE MOURA pronunciadas no Salão Nobre da Câmara de Ílhavo, numa sessão de homenagem a JOÃO CARLOS:

«Ausente daqui (referência a Ílhavo) durante vários anos, raramente vinha matar saudades! E nem precisava de o fazer, tão presente guardava na retentiva as coisas e os costumes da sua terra, a luz diáfana e vibrante das manhãs da ria, o perfil delgado e incisivo dos moliceiros, o dinamismo ruidoso das xávegas, o gesto alongado e largo do marnoto, o ímpeto orgulhoso dos lugres a sair barra fora...»

Não admira, porque eu sei bem que ele não poderia esquecer jamais as belezas desta região maravilhosa que ele conhecia perfeitamente por as ter bem gravadas na alma, pois muitas vezes fizemos juntos peregrinações de sonho pelos arredores de Ílhavo, visitando os lugares mais característicos de formosura paisagística: a Costa Nova onde passou tantas horas de devaneio, o pinhal da Murteira, a ponte de Juncal Ancho, a Marona, o Vale de Ílhavo pitoresco com as azenhas gemendo em música de fundo, o pinhal de Água Fria, o fundo da Coutada dominando as marinhas, tudo onde houvesse um pormenor de beleza paisagística que ele descrevia a primor ou pintava sem hesitações como excelso artista que era.

A infância e a mocidade de JOÃO CARLOS foram vividas em grande efervescência espiritual e constituíram o preâmbulo para o seu triunfo final que tinha de dar-se, pois a ânsia sôfrega da arte, nas suas mais variadas manifestações e o talento, jorravam-lhe no sangue e na alma em borbotões de catadupa...

Já em moço, tinha um poder extraordinário de persuasão e, em conversa amena, a sua palavra era como que um fio de atracção e de encanto que tornava atraentes e acessíveis os assuntos mais áridos e banais. A sua voz era um tanto áspera de inflexão; mas as suas ideias firmes e claras, sobre isto ou sobre aquilo, faziam colocar em plano esfumado a aspereza das palavras...

Ílhavo precisa de fazer justiça plena ao grande artista e filho seu.

GUILHERMINO RAMALHEIRA

MEMENTO

PARECE que foi ontem (apesar de terem decorrido já bastantes anos) quando nos encontrámos pela primeira vez e nos conhecemos no átrio do Liceu de Aveiro. Talvez por eu vir do Porto e as grandes cidades emprestarem aos que nelas vivem um prestígio de ouropel que as «terras da província» affectam desprezar mas, no fim, invejam ou admiram, fosse pelo que fosse que já não recordo bem, quis conhecer-me; uma amiga comum apresentou-nos e, no decorrer da conversa, aludiu à particularidade do pendor artístico do CELESTINO GOMES, que já se revelava.

Em sucessivos encontros, nos corredores do «José Estêvão» ou nas estreitas ruas, praças ou «Rossio-à-Beira-Ria», onde eventualmente nos encontrávamos, não eram sobretudo as preocupações ou curiosidades literárias ou artísticas os «leit-motifs» das nossas conversas. Alusões às aterrorizantes caturrices do velho ELIAS, de famigerado renome, ou às «piadas» do P.^e VIEIRA, de lendária memória, os remosques entre aveirenses e ilhavenses, os comentários a alguma «gavrochade» de académicos, insinuações a amores com tricanas ou a ceatas na «Social» após ganhos ou perdas no «Cisne da Arcada» tinham, então, certamente, preferência absorvente ou displicente no praticar despreocupado das deambulações estudantis, embora com aflorações de temáticas de Arte e de saber.

Poucos meses decorreram até ao fim do ano e com o termo do curso liceal vieram a separação e o inevitável afastamento. Ficou-me, de recordação material, um rápido esquisso, desenhado numa folha de caderno de apontamentos, da dramática cabeça do ELIAS e um sabor de amizade que seleccionava o CELESTINO GOMES da amálgama dos contemporâneos.

Tempos depois voltámos a encontrar-nos no Porto sob a refulgência das luzes de GALENO. Apareceu-me mais desenvolvido, o olhar ainda mais vivo, irrequieto e decididamente enfrornado em preocupações absorventes de ordem estética — poesia e pintura. A divisão polifacetada da sua personalidade acentuava-se.

De novo nos separámos; ele foi para Coimbra e eu continuei no Porto e só por algum dos seus conterrâneos ou de amigos comuns me chegaram ecos da sua evolução, da sua multiplicação.

Mais tarde, há alguns anos, de regresso e para novos trilhos, reencontrei o JOÃO CARLOS em Lisboa. Tudo quanto anteriormente nele era, por assim dizer, esboço, aparecia-me agora vincado, afirmado, embora sem uma definição exclusiva para qualquer das manifestações em que se desdobrava numa cissiparidade criadora. Sem se vangloriar, talvez sem querer, o seu talento saltava entre o pensamento e a acção num afã vertiginoso, superando o tempo e as «escolas», em tudo brilhante e audacioso, como se pretendesse abranger, ao mesmo tempo, a mais variada gama das Letras ou das Artes, pois nada lhe era estranho e em tudo revelava extraordinária qualidade, ardendo sempre em ânsia de recrear o seu pensamento e de maior altura para as suas formas e ideias.

Raras vezes, se alguma — e os anos vividos em muitas andanças percorridas dão-me relativa autoridade para afirmar sem que me cegue a amizade na exaltação com que as admirava — encontrei quem revelasse e materializasse tantas e tão diversas aptidões.

Não me move a estulta pretensão de as analisar ou julgar; a diversidade e a altura exigem o talento de muitos e alto quilate de competência para tal tarefa se desejarem fazê-lo sem pactuarem com as interferências de «corrilhos» nem recearem a vertigem, sobrepondo-se às paixões e preferências pessoais. Quero apenas, porque o posso fazer, testemunhar sobre a pureza de sentimentos com que sonhava ou se inspirava, a facilidade com que realizava, a sinceridade com que reagia e a incomparabilidade da sua simpatia e indulgência — até para os que o maldiziam ou menospreciavam — pleno de harmonia e de humanitarismo.

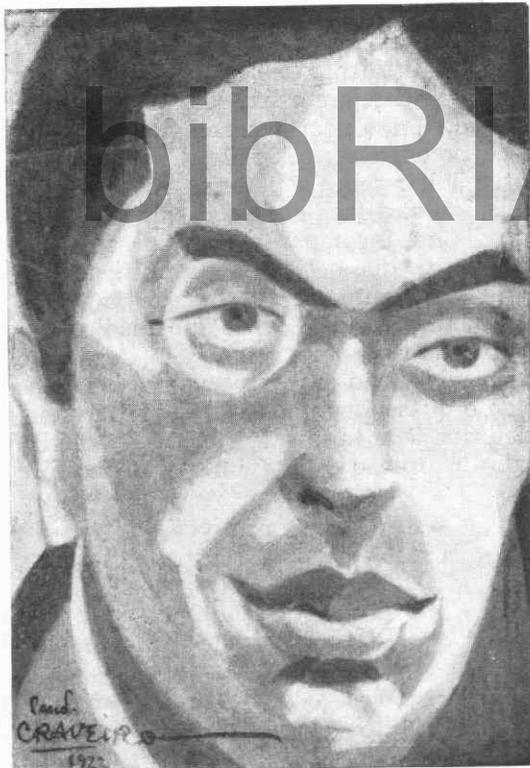
É esse somatório de qualidades que evoco, do médico, do escritor e do artista e sobretudo do amigo que cedo conheci e cedo perdi mas, estou convencido, não soçobrará agora no rol dos mortos que, como pretende o quase aforismo francês, «vont vite». A sua memória, materializada em tantos trabalhos de mérito reconhecido, e na amizade dos que o estimaram, permanecerá e reafirmará a sua vida.

24 de Outubro de 1961.

A. TAVARES DE ALMEIDA

O ARTISTA JOÃO CARLOS

A PESAR do parentesco e embora no mesmo torrão nados e medrados, só bem tarde nos encontramos e viemos à fala. E de ver que certas tendências e anseios do mesmo jeito se emaranhavam em nós, logo irmãmente nos entendemos



JOÃO CARLOS RETRATADO EM 1922, NO PORTO,
POR CÂNDIDO CRAVEIRO

e acamaradámos. Eu arribava ao Porto vindo das minhas andanças lá por longe; ele para aqui vinha estudar medicina.

Estudar medicina? Perdê-lo e achá-lo era muito menos na Escola Médica do que nos cafés, de gorra com intelectuais, gente das letras, poetas, jornalistas e quejandos, ou a laurear por oficinas de pintores e escultores. O que ele afinal veio tirar foi um curso de estética. Ele mesmo diria mais tarde: *Fez-se no Porto a minha educação estética.*

Se, creio eu, começou a exercitar-se com o lápis numa efêmera aula municipal de dese-

nho em Ílhavo, acho que se pode afirmar ter sido aqui no Porto, em mestre de si mesmo, que o seu talento de artista plástico entrou a desenvolver-se e a manifestar-se prometedormente.



RETRATO DE CÂNDIDO CRAVEIRO,
DA AUTORIA DE JOÃO CARLOS

— O original é presentemente pertença do Museu
Municipal de Ílhavo —

Estou a vê-lo no seu albergue de pensão manhosa, minguido quarto de pobreza franciscana onde a lâmpada acesa era de rigor mesmo no pino do dia, pois a luz de fora não lograva encontrar janela, postigo ou fresta por onde se insinuar. Os livros de medi-

cina arredavam-se a dar lugar na mesa à prancheta, aos lápis, às aguarelas e a todas as mais coisas do desenhar. Debruçado sobre a folha de «cavalinho», beneditinamente, com aquela *sérénité passionnée* de que se impregnava mestre CÉZANNE em seu labor, o JOÃO riscava o papel na rebusca do almejado estilo que não tardou a encontrar e que havia de marcar de originalidade os seus desenhos, as suas prodigiosas ilustrações. E foi também com surpreendente rapidez que a sua intuição o levou a apropriar-se, sòzinho, da técnica da pintura, da gravura e de todos os ramos das artes plásticas, que em todos se dilatou e brilhou. E isto sempre em simbiose com o seu outro eu, o CELESTINO GOMES polígrafo, em que se desdobrava e continuava. Aquilo era bossa que, suponho eu, lhe vinha já doutros viveres.

A propósito das várias facetas do seu talento e das muitas maneiras por que a sua capacidade se manifestava vem-me agora à lembrança o seguinte episódio:

Ao tempo de que atrás falo havia no Porto um jornal da tarde que gozara uma fase áurea mas era agora de pouca extracção, estagnando-se no marasmo. Um dia, não sei já porquê, todos os tipógrafos menos um inesperadamente fizeram parede. O director deitava as mãos à cabeça, aflito: o jornal não poderia sair. Nesta emergência adregou de aparecer ali o JOÃO, colaborador do jornal e amigo da casa. Foi o salvatério: rodou para a tipografia, trocou a andaina académica por uma blusa e formando equipa com o não grevista em frente dos caixotins compôs a gazeta, com agradável surpresa de toda a malta, que não sabia ter ele entre as suas numerosas prendas também aquela: a de fazer de tipógrafo quando a ocasião se oferecia.

A certa altura as coisas da vida separaram-nos. Cada um seguiu o seu caminho e, a partir de um dado momento, foi o silêncio. Sem nos vermos, sem nos escrevermos. Como se não existíssemos. Silêncio tumular, até à Eternidade. Por isso eu o não sabia tão gravemente enfermo, de mal sem cura nem remédio. Por isso ao deparar-se-me num jornal a tristíssima surpresa do seu desencarne foi como se me dessem com um maço na cabeça.

* * *

A outros em alturas a que não posso ascender-me e com a fluidez de expressão que a mim me falta, caberá aprofundarem-se na crítica da obra do JOÃO como artista plástico — desenhador, gravador, pintor, tapeceiro, escultor, ceramista, etc., e também, por outro lado, da sua literatura como poeta, jornalista, romancista, cronista, que tudo isso ele foi, adamantino e pessoalíssimo,

dispersando-se num topa-a-tudismo estropiante, nocivo à qualidade da obra e que deve ter contribuído para o consumir mais depressa.

Sim; outros poderão dizer e dirão muito mais e melhor. Eu, por mim, tenho que humildar a estas baças e minguadas linhas a minha presença nesta homenagem, para a qual bondosamente me quiseram chamar.

Porto, Outubro de 1961.

CÂNDIDO CRAVEIRO

bibRIA

CELESTINO GOMES HÁ 40 ANOS

EM 1920 — já lá vão mais de quatro dezenas de anos —, inaugurou-se, no Porto, o «Café Excelsior», que, pelo facto de ser o mais luxuoso e mais fora da vulgaridade, logo atraiu seleccionada clientela.

O «Excelsior», como então passou a ser conhecido, situava-se à entrada da Rua de Sá da Bandeira, no local onde se encontra hoje estabelecida a filial de uma casa bancária.

Foi nesse Café que, cercado por outros Mestres, passou a pontificar o saudoso Professor Doutor LEONARDO COIMBRA, cujas palestras e assuntos de conversa eram atractivos de aproveitar.

Entre os frequentadores assíduos dessa espécie de cenáculo, lembramo-nos, ainda, dos Professores HERNANI CUNHA, DAMIÃO PERES, MARQUES TEIXEIRA, TEIXEIRA REGO, AARÃO DE LACERDA, MÁRIO DE VASCONCELOS e LUÍS CARDIM, e dos escritores PINA DE MORAIS, TEIXEIRA DE PASCOAIS e VISCONDE DE VILA MOURA — os dois últimos, porém, sòmente nas fugazes escapadelas que faziam ao Porto —, AFONSO DE BRAGANÇA e outros.

O cavaquear de LEONARDO COIMBRA, sempre interessante e instrutivo, passou logo a atrair a mocidade académica de então, cultivadora das Letras, Artes e Ciências.

A mocidade estudiosa dessa época formava dois grupos. Um chefiado pelo Professor MARQUES DE CARVALHO, ao tempo estudante de Farmácia, que, entre outros reunia DOMINGOS ALAMBRE, HORÁCIO GUIMARÃES, NOVAIS TEIXEIRA, os falecidos poetas ANTÃO DE MORAIS GOMES, CARLOS COCHFEL, OTTO MACHADO FALCÃO e o mais tarde médico FIGUEIRA LOPES. Este grupo constituía a falange integralista, que passava o tempo a digerir CHARLES MAURRAS, mas a que, de quando em vez, fazia tréguas para se juntar ao segundo grupo, o mais assíduo da tertúlia do Mestre LEONARDO.

Este segundo grupo — a que chamavam de intelectuais —, era composto, além de CELESTINO GOMES, TITO LÍVIO DOS SANTOS MOTA, ANTÓNIO DE SOUSA JÚNIOR, JOSÉ MARINHO, ÂNGELO CÉSAR, ÁLVARO DE MORAIS, o autor destas linhas, e os pintores

JOÃO PERALTA, EDUARDO MALTA, JOAQUIM LOPES, EDUARDO VIANA, ANTÓNIO VARELA, OCTÁVIO SÉRGIO, etc.

Tudo isto, embora pareça demasiada aglomeração de pessoas, ocupava habitualmente um recanto do Café, que todos os frequentadores de moto-próprio se acostumaram a respeitar e a não utilizar.

Ali, Mestre LEONARDO COIMBRA, sempre de caixa de charutos aberta na sua frente, debatia os mais variados assuntos, quer se tratasse de EINSTEIN, FREUD, BERGSON ou BARBUSSE, quer de casos relacionados com instrução e ensino.

Numa dessas ocasiões, alguém — julgamos que foi ÂNGELO CÉSAR — sugeriu a publicação de uma Revista Literária, e Mestre LEONARDO, em homenagem a RAÚL BRANDÃO, baptizou-a com o título de «HUMUS».

O problema dos capitais seria solucionado por uma contribuição por quotas, a que todos nós logo nos associámos, mas os meses decorreram sem que nada de positivo se resolvesse.

Como acontecesse que o então estudante da Faculdade de Letras, Dr. TITO LÍVIO SANTOS MOTA, transformada a revista académica «*A Crisálida*», de cuja redacção fazia parte, em «*A Nossa Revista*», não quisesse ingressar no corpo redactorial desta última, nós e CELESTINO GOMES — de quem éramos inseparáveis a ponto de nos chamarem irmãos —, convencemo-lo a, connosco, pôr na rua outra Revista.

A nossa ideia mereceu o maior entusiasmo e logo cuidámos de angariar a colaboração de vários escritores e artistas, tanto



RETRATO DE JOÃO CARLOS
POR JOAQUIM LOPES; PORTO, 1922

— O original é presentemente pertença
do Museu Municipal de Ilhavo —

nacionais como galegos, estes últimos por intermédio de JOÃO PERALTA, a quem incumbimos de desenhar a capa.

Os tempos decorriam e JOÃO PERALTA nunca encontrava disposição para fazer o desenho, e, em face da nossa insistência, entregou-nos aquele que fizera para a projectada «HUMUS», que ficara sem efeito.

Perante a nossa hesitação em adoptar o título para a nossa Revista e em utilizar o mesmo desenho, JOÃO PERALTA convenceu-nos com a afirmação de que o desenho era propriedade sua, podendo dispor dele, como seu autor.

Daí nasceu a nossa «HUMUS».

Estávamos já em Novembro de 1921, quando pusemos na rua o 1.º número da «HUMUS», que inseriu um autógrafo de ANTÓNIO FEIJÓ, a poesia inédita «*Árvores Secas*». Esgotou-se logo este primeiro número. O corpo redactorial era o seguinte: Director, CELESTINO GOMES; Administrador e proprietário, TITO LÍVIO DOS SANTOS MOTA; Redactor, ANTÓNIO PEREIRA CARDOSO; Editor, JOAQUIM PEREIRA, então aluno da Faculdade de Letras.

O aparecimento deste 1.º número deu logo origem a discussão, a ponto de ÁLVARO DE MORAIS (que faleceu anos depois, quando já formado em Medicina), e ÂNGELO CÉSAR quererem impedir, por meio de um esforço pessoal, que a «HUMUS» continuasse. Nós e CELESTINO GOMES, para evitar que a Revista morresse, como o TITO LÍVIO não tinha quaisquer compromissos com a projectada «HUMUS», combinámos eliminar os nossos nomes do cabeçalho, sem que, contudo, deixássemos de continuar a prestar-lhe a nossa mais dedicada cooperação. CELESTINO conservou ainda o seu nome até ao 2.º número, mas a partir do número 3.º, o penúltimo da Revista, o seu corpo de redacção era já outro: Director e proprietário, TITO LÍVIO DOS SANTOS MOTA; Administrador, JACINTO DE ANDRADE (hoje médico); Editor, ACÁCIO GOUVEIA (actualmente advogado em Lisboa).

O 4.º número de «HUMUS» saiu em Fevereiro de 1922, visto a sua publicação ser mensal. Nós, pouco tempo depois, embarcámos para uma das nossas Províncias Ultramarinas, e CELESTINO GOMES decidira continuar em Coimbra a sua formatura, ao passo que TITO LÍVIO e os restantes membros da Revista, às voltas com os seus cursos universitários, viram-se forçados a deixá-la morrer, por não poderem dedicar-se ao seu prosseguimento, conforme era, então, o desejo de todos.

Aqui fica, em traços largos, registado, um estádio da vida do saudoso, sempre lembrado e muito querido CELESTINO GOMES, como preito de homenagem à sua memória, de um amigo que o não esquece.

Porto, Novembro de 1961, quadragésimo aniversário de «HUMUS».

ANTÓNIO PEREIRA CARDOSO

JOÃO CARLOS

DISSOCIAR JOÃO CARLOS da pluralidade do seu labor é falsear a sua obra.

Ela constitui um todo, e como verdadeira obra de Arte o seu potencial provém da plena unidade dos elementos diversos que a constituem.

Possui, assim, esse poder de atracção iluminada que nos leva a sentir, a meditar, a adivinhar, a aproximação de Deus.

Tive com LUÍS FERNANDES, OCTÁVIO SÉRGIO, ANTÓNIO DA COSTA, CARLOS CARNEIRO, e outros, a dita de acompanhar JOÃO CARLOS nesse maravilhoso Porto do 1.º quartel deste século.

Foi a uma mesa do «*Majestic*», numa tertúlia inquieta e deslumbrada por uma nova época que ia nascer e refundir todos os valores estéticos até ali existentes; quando ainda pairavam sobre nós os Espíritos estranhos e humaníssimos de CAMILO e SOARES DOS REIS, que pela primeira vez nos encontrámos.

A nossa iniciação estética começava a fazer-se.

CELESTINO quando aparecia com o seu dinamismo, a sua vivacidade, o seu espírito e a sua «verve» mordente, deslumbrava todos; brilhava com aquela inteligência lúcida, levemente satírica, irónica, apanágio dos espíritos superiores que assim se desembaraçam do ridículo que a vaidade humana empresta a tudo que nos rodeia.

Porém, apesar do raro brilho do seu espírito, da vivacidade do seu talento, que lhe dava direito incontestável a ser chefe de grupo, jamais o quis ser e, bem ao contrário, a sua simplicidade, a sua humildade, pareciam pedir desculpa do seu talento.

A sua palavra iluminava sem ofuscar.

Tudo nele era chama interior; e já então parecia adivinhar a velocidade estonteante do nosso tempo.

A sua constante ânsia de saber queria abraçar o Mundo; vivê-lo de um trago para partir à busca de novos mundos onde o seu eu se pudesse renovar, e aperfeiçoar.

Como um meteoro, caminha sem parar, atravessa a terra numa passagem luminosa, para cumprir estranha missão que só aos eleitos de Deus é confiada.

Se olharmos todo o âmbito da sua actividade, difficilmente podemos desagregar as várias modalidades do seu labor.

Tudo nele é Corpo e Alma. Artífice e Artista, numa integração total da intelligência do espirito e da acção. Assim, não sabemos o que mais admirar, se a sua enorme capacidade de artífice, se o intellectualismo e sensibilidade da sua Arte—o que o torna, como muito bem disse AMÉRICO CORTEZ PINTO—«O Pintor mais intellectual da sua geração».

Descer, pois, a analisar em pormenor a sua arte, parece-me inútil, de tal modo ela constitui um todo, fogo vivo em constante labareda que só se extingue no último momento da sua vida.

Quando se apercebe que vai Partir procura realizar o que lhe falta ainda fazer; para ficar bem marcada a sua passagem por este mundo que com tanta intensidade e com tanta intelligência soube viver.

A sua última exposição, os seus últimos quadros, são ainda o arrumar apressado do viajante que tem de partir com brevidade. Artista e artífice, numa digressão intelligentíssima e laboriosa através do tempo, detém-se, aqui e além, para procurar absorver toda a beleza transmitida por inúmeras gerações.

As épocas mais vivas da humanidade são filtradas pelo seu fino temperamento e pela sua rara sensibilidade; com que sabor ele descobre outras idades, outros tempos, e se faz contemporâneo de diversas épocas, sem deixar de ser do seu tempo!

Ele comprehende, ele adivinha, ele pensa, como ORTEGA e GASSET, que «o verdadeiro progresso reside na intensidade enorme com que nos apercebemos de meia dúzia de mistérios».

JOÃO CARLOS, como todos os poetas, leva a vida a procurar descobrir esses mistérios, e para tal, serve-se de todos os meios ao seu alcance: Da poesia, da prosa, da pintura, da escultura, da ciência.

Tudo lhe serve para esse fim desejado, assenhorear-se das coisas estranhas da vida, e com a enorme bagagem que adquiriu, vai partir para onde a sua ânsia inquieta e o seu subconsciente o arrastam.

Tendo esgotado e realizado tudo aquilo que ao seu destino era imposto, nada mais lhe resta do que partir. E Deus assim o quis.

LINO ANTÓNIO

NO MÊS DOS CRISÂNTEMOS PAGELA DE SAUDADE

O JOÃO CARLOS, JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES...
Não mais o teremos junto de nós, jamais voltaremos a ouvir a sua frase leve e fácil; os seus conceitos plenos de optimismo não mais dulcificarão, nem amortecerão nossas mágoas.

Partiu. Abandonou o *Claustro*, deixou-nos.

Deus, há semanas, após largo sofrimento de provação, chamou-o a Tribunal, ao Tribunal da Verdade. Era Novembro, acompanharam-o Amigos e não lhe faltaram flores.

Vimos lágrimas e ouvimos o ciclo de orações — e bem as mereceu, todos o sentimos.

Da misericórdia divina, esperamos terem sido útilmente recebidas e aceitas as contas prestadas pelo pecador de coração aberto e sensível, pelo crente-artista, pelo imaginário de milhentas facetas, pelo sentimental-doutor sem mácula que intensamente, multiplicando-se, desde menino-casado trabalhou para a Família; infatigavelmente mendigou mercês e favores, anos após anos, para Amigos, para o mundo de Amigos que de Ílhavo a Lisboa descobriu e conquistou.

Prendeu-os e manteve-os, em todas as hierarquias!

Conheci-o no Porto, não sei quando nem como. Atraiço-me já a memória e a neblina do tempo turva-me a visão. Apagaram-se datas e esfumaram-se factos. Mas vejo-o ainda — e vejo-o bem! — além, no *Excelsior*, coimbrão aureolado, numa tertúlia em que, se minguavam os escolares de medicina, seus companheiros de Faculdade, não faltavam jornalistas e artistas nem alguns jovens académicos com illusórias pretensões. Ouço-o, até, polarizando as conversas, cativando-nos, encantando-nos, com a audácia dos seus conceitos, o enciclopedismo dos seus conhecimentos e a mordacidade e chiste de algumas críticas... Críticas que a complacência do VASCO SANTA RITA — seu compadre, bom Amigo! — mesmo quando na cidade Invicta de empréstimo em missão difí-

cil, incompatível com a sua fina lhanza e estrutura sentimental, formalmente desculpava e paternalmente compreendia...

Foram-se trinta anos, embora para Ele o tempo não contasse; não corresse a areia na ampulheta para este jovem que a idade não alcançou. E tanto assim que, reencontrando-nos aqui, em Lisboa — desiludidos e eu vencido — depois de uma ausência que suplantou os três lustros, para além do natural abraço, talvez mais vivo, mais apertado, iniciámos qualquer diálogo, palestrámos, como se, na véspera, horas antes apenas, nos tivéssemos separado à porta do *Majestic*, de *A Brasileira* ou do *Excelsior*, respirando ainda o mesmo ar húmido do burgo tripeiro, possuídos dos mesmos erros moços e sem o matiz experiente de algumas brancas merecidas.

De tantos — relativamente, sem dúvida — de então, muitos estão em Lisboa, leio com frequência seus nomes, hoje ilustres, nos granéis dos jornais, em artigos de revistas, na portada de livros, assinando telas, esculpindo, mandando... Pois, que o chorassem e acompanhassem, dos românticos partícipes das idas e apagadas tertúlias nortenhas, agora imigrados na capital, sei de dois, vi dois, e Poetas! O EDUARDO SALGUEIRO e o JOSÉ RODRIGUES.

Não lhe negaram na hora extrema a sua amizade, deram-lhe desinteressada e viva presença.

Bons, mas só dois...

É triste!

Mas o *Claustro* não faltou, não!

Em plenário acorreu a S. João de Deus, ao Templo, para acto de remissão e de saudade: pouco lhe assistira na doença má, daninha.

Vínculos de um convívio na F. N. I. L., de mais de década, não podiam definitivamente quebrar-se, como vulgares e débeis liames, sem sofrimento.

Enlutado, humil, o *Claustro* compareceu na Igreja de S. João de Deus para a derradeira prece comum.

O gilvaz da dor marcou-nos — profundas marcas! — e trouxe-nos à memória a fragilidade da humana condição.

Alertou-nos.

O JOÃO CARLOS é o terceiro, o terceiro dos colaboradores da *Lanifícios* que a morte ceifa, a quem a Parca pressurosa corta o instável e disputado veio da vida. Em 1950, abriu brecha nas nossas escassas fileiras o VASCO SANTA RITA, fidalgo ímpar na generosidade e no aprumo, perdulário de saber sério, talento experimentado, correctíssimo camarada de ideais e um dos meus «Padrinhos» na vinda para a F. N. I. L.

Bom para todos, menos para Ele.

Depois — em 1958 —, sucedeu-lhe na ausência eterna, felizmente em resgate com Deus, o Dr. ANTÓNIO CARDOSO DE SAMPAIO E PINHO, o paternal Dr. PINHO, que distinguíamos com a deferência que a sua idade e conselho sagaz plenamente justificavam.

O JOÃO CARLOS — sob os ciprestes desde o mês dos crisântemos, falecido também no Outono-Inverno, na estação fria como os outros dois Amigos e companheiros, da *Lanifícios* —, mais feliz na morte que o VASCO SANTA RITA e o Dr. PINHO, foi a enterrar, e repousa ouvindo os cantares magos do mar que em menino o embalou — do mar seu ledo encanto de campino adoptivo, de arraiano honorário —, em chão sagrado da terra de Ílhavo, terra sua, dos seus maiores e camaradas da infância difícil. Regressou há duas quinzenas, em glória, senhor de nome e não de bens, ao berço natal; voltou lá para sempre, até ao Dia de Juízo, e a lugar onde uma memória — por mais simples, singela que seja — encontrará forte eco na saudade do transeunte — parente, amigo ou conterrâneo — que passará penitente para rezar, dedicar uma oração ao Cristão com quem privou, tratou ou de quem ouviu falar.

Ah! aí, por certo, terá nos dias próprios invocações piedosas e rogos por sua alma!

E nós, quantos de nós tornaremos, para definitivamente ficar, à Terra-Mãe, à Terra onde poderemos ter alguém que, de quando em quando, nos recorde, lamente ou chore?

Quantos de nós, Senhor, vamos aqui ficar, perdidos na Urbe que nos tentou e seduziu, nos arruína e sacrifica, e apenas viremos a ter, na campa rasa e uniforme, vulgar, do cemitério cidadão, um número e algumas letras inexpressivas na lousa regulamentar, geométrica, sem merecermos de quem passe, de quem nos ignorou a existência, mais que a esmola — e nem sempre o fará! — de uma breve e distraída prece?

Quantos, Senhor?

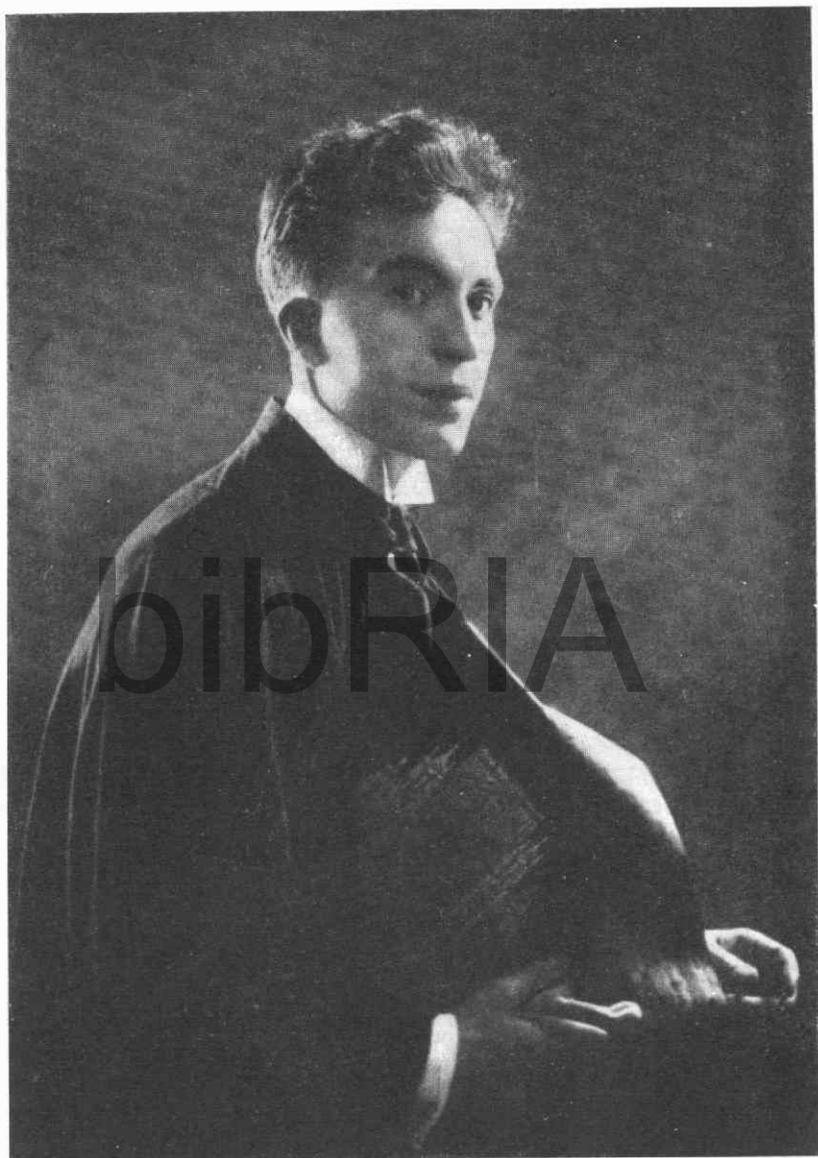
Aqui, para além dos íntimos, quem nos memorará? Quem nos visitará e chorará?

Só Deus, Deus o sabe!

Há brechas nas nossas fileiras de quatro ou seis recrutas e de um só Chefe: mas as brechas não se colmatam, permanecem. Os nossos Mortos, os nossos Camaradas de trincheira, vivem presentes na nossa estima e saudade. Vivem e viverão!

Amigos, até Josafat!

ALEXANDRE A. N. PINTO



JOÃO CARLOS, QUINTANISTA DE MEDICINA (1927)

ALGUNS PASSOS DA VIDA ACADÊMICA DO DR. JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES

A vida estritamente escolar de JOÃO CARLOS não foi vincada por qualquer sucesso excepcional.

Matriculado na Faculdade de Medicina de Coimbra, no ano lectivo de 1921-1922, veio a apresentar-se a exame de Histologia em 2 de Dezembro deste ano.

Como os cursos eram nessa época já bastante numerosos, em geral excedendo o cento de alunos, não me recordo do primeiro contacto que tive com ele.

Mas a lembrança que conservo do fugaz convívio desse ano lectivo em que também foi aluno de Anatomia, é a de um tímido, um pouco desorientado no *mare-magnum* dos estudos médicos e que só à Histologia prestou qualquer atenção...

Na verdade, por vários anos, o ambiente escolar, no primeiro ano da Faculdade de Medicina de Coimbra, era este: o Doutor GERALDINO BRITES, sábio histologista de renome internacional, mas professor exigente para além do normal e do conveniente, absorvia por tal forma os alunos que não era possível que estes repartissem algum tempo e algum esforço com a Anatomia.

Aliás, o pouco atraente e árduo labor que tal ciência requer, na opinião dos alunos, também se não compadece com trabalho leve ou minguado tempo.

Certo é que JOÃO CARLOS foi um estudante como muitos outros. Não mergulhando logo de princípio no estudo da Anatomia, foi adiando o esforço e iludindo o dever, sem lhe faltar inteiramente, pois foi-se apresentando a outros exames, Patologia Geral, Fisiologia, Química Fisiológica e até Farmacologia, antes de arrostar com o exame de Anatomia, o que só aconteceu em Março de 1926.

Mas neste ano lectivo e no seguinte, JOÃO CARLOS fez um esforço considerável, vindo a formar-se, pontualmente, em 22 de Julho de 1927.

Como a muitos outros que se arrastavam vários anos pelo Teatro-Anatómico, sem a coragem de uma decisão e com o temor de um esforço que se antevia incomportável, várias vezes o incitei a que apresentasse um trabalho qualquer que ele entendesse, mais fácil pela dissecação ou pelo estudo, sem a preocupação de dar logo de princípio uma lição impecável e reservando-se mais tarde, com melhor preparação e mais coragem, para maiores cometimentos.

Vencida a repugnância instintiva pelo cadáver, JOÃO CARLOS apresentou-se enfim, dando uma lição menos que modesta, pelos conhecimentos que exibiu, mas extraordinária pela dissecação, perfeita, escultural, que denunciava o verdadeiro Artista que ele era, e ainda, pelas irradiações e divagações para outros campos em que a cada passo se comprazia.

Era preciso, repetidas vezes, chamá-lo ao terreno concreto, objectivo, que pisávamos e enquanto me não convenci de que era aquele o seu pendor intelectual, olhava-o com a suspicaz ideia de que pretendia iludir a ignorância com os vãos da sua fantasia ecuménica.

Nesta altura regia eu a Anatomia Topográfica e estava encarregado, também, da maior parte dos trabalhos práticos de Anatomia Descritiva.

O Professor Catedrático, o grande Professor que foi o Doutor BASÍLIO FREIRE, dava as suas aulas teóricas e ouvia um ou outro aluno no Teatro-Anatómico.

Por forma que eu passava a minha vida no Laboratório de Anatomia, a acompanhar os alunos nos trabalhos de dissecação, a ouvi-los nas aulas práticas, a preparar e a leccionar as minhas aulas teóricas. E ainda sobrava tempo para um ou outro trabalho de investigação.

Os sucessos eram mais calmos, tudo se fazia mais devagar e o tempo, paradoxalmente, chegava para tudo. Agora é que, andando todo o mundo a correr, não há já tempo para coisa alguma.

Ora, sendo assim, eu lidava muito com os alunos e muitos tenho encontrado pela vida fora que têm saudades do tempo em que passaram pela Anatomia. JOÃO CARLOS, foi um deles.

A pouco e pouco fui compreendendo aquele rapaz um tanto esquivo, ganhando a sua confiança e quando se resolveu a estudar um pouco mais e se apresentou ao Doutor BASÍLIO FREIRE, foi já mais confiante e calmo que respondeu razoavelmente ao interrogatório que lhe foi feito.

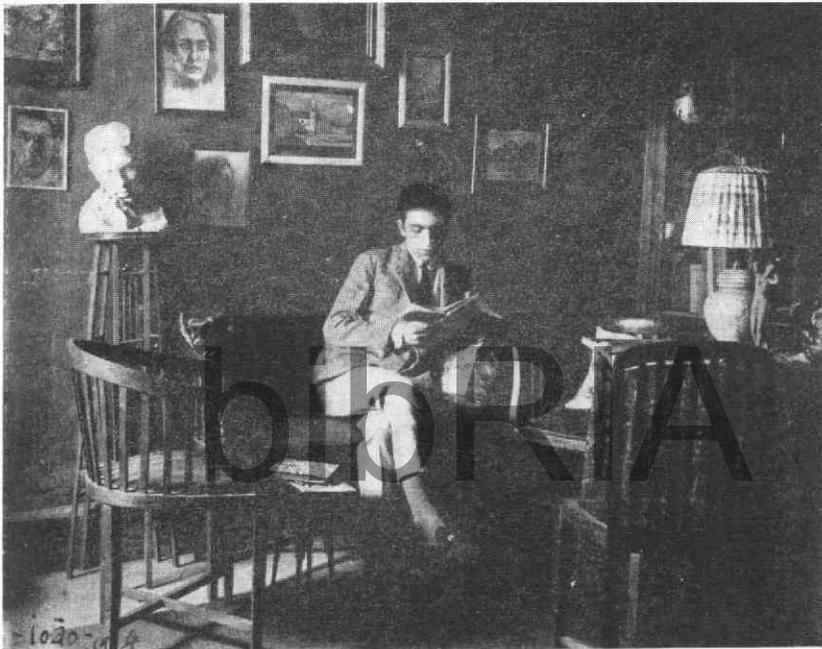
Tenho, no entanto, como recordação mais viva, certa lição prática que lhe ouvi acerca do coração e que ainda encontro registada na minha caderneta dos alunos de Anatomia Descritiva.

Foi no dia 26 de Junho de 1925. Apareceu voluntariamente, sem já ter qualquer obrigação, pois tinha a frequência feita e dissertou largamente sobre o assunto. Conhecia suficientemente as particularidades morfológicas do órgão, mas a tendência para se evadir do campo material lá o arrastou para o terreno mais

atraente do espírito, dando largas aos conhecimentos, no infinito campo psicológico, literário e artístico de que o coração pode ser objecto.

Confesso que o ouvi com deleite e que me surpreendeu a cultura vasta de aquele rapaz, modesto nas aparências e no saber formal, assim exibida com a maior naturalidade.

Comecei a provocar, eu próprio, noutros trabalhos ou em simples conversas, as manifestações do seu talento artístico.



INTERIOR DA CASA DE JOÃO CARLOS QUANDO ESTUDANTE
EM COIMBRA (CELAS)

Não sendo expansivo com toda a gente, era-o quando se sentia com um amigo que sinceramente o apreciava: e então a sua esfusiante graça derramava-se, em paradoxos inesperados, em comentários saborosos e trocadilhos cheios de bom humor.

Havia no seu olhar vivo, penetrante, lampejos de génio; mas por vezes também esse olhar tornava-se longínquo e quase inexpressivo.

Dos seus condiscípulos sei que foi sempre leal, excelente companheiro, mas pouco propenso à estúrdia académica, talvez também porque as suas condições materiais não eram de molde a desperdícios e futilidades.

Antes se recolhia nas suas leituras, nos escritos que de há muito cultivava e em criações artísticas, desenho e escultura ou gravura em madeira, conhecidas nessa época por poucos.

À medida que progredia no curso ia melhorando as suas classificações, que, começando modestamente pelo 10 da Histologia, foram até aos 15 valores na Clínica Médica.

Chegado ao último ano do curso, já notado pelos condiscípulos como colega capaz de arcar com a responsabilidade de escrever a peça para a récita de despedida, saiu-se admiravelmente da incumbência que unânimemente lhe cometeram.

Foi ela publicada com o mesmo título com que foi representada — *Fitas Doiradas, Ilusões Doiradas* — e acabei de a reler, com prazer e infinita saudade.

É cheia de beleza, de lirismo, de graça académica, da autêntica, irreverente, mas que não molesta e escrita em linguagem viva, perfeita, semeada de poesias, algumas denotando uma invulgar e cintilante inspiração.

Nela revivem factos e pessoas com tal calor e verdade que nos sentimos transportados a mais de 30 anos atrás.

O livro do ponto é apresentado da forma mais original. Uma quadra correspondente a cada nome e nessa breve composição está retratado, com fidelidade e com graça, cada um dos seus condiscípulos: são pois 51 quadras, não havendo para ele próprio senão um verso em que exclama... «não lhe gabo a paciência!».

Mas o que mais emociona nesta peça levada à cena por moços e escrita por JOÃO CARLOS é o alto fervor patriótico que a impregna e com que fecha.

É a Alma Académica que em cena proclama:— «A Alma Académica não é apenas o fado. É aquele sangue sempre rebelde e sempre generoso, mil vezes derramado pela Pátria e mil vezes dignificado pelo sacrificio...». «Abraçemo-nos todos, irmãos. E juremos fazer os nossos filhos ainda melhores do que nos fizemos a nós, para daqui a 20 anos, os que não-houverem de vez fechado os olhos, possam ver, num dia igual, erguida em apoteose esta Pátria querida que se chama PORTUGAL!».

E enquanto o pano caía *lentíssimamente*, ouvia-se o coro cantar

Esta é a ditosa Pátria minha amada,

* * *

Foi nessa altura que JOÃO CARLOS desenhou «A sábia confraria dos lentes de Medicina».

Desse desenho constam 17 Professores Catedráticos e um 1.º Assistente, encarregado de regência, que era eu.



« A SÁBIA CONFRARIA DOS LENTES DE MEDICINA »

(Desenho de João Carlos, de 1927)

O desenho é flagrante pela exactidão das parecenças com os visados e pelo attributo, mais ou menos epigramático, que quase todos ostentam, alusivo ao *ofício*.

Eu sou retratado como menino, com um fatinho à maruja, aliás de bigode que nessa altura usava, levado pela mão do Doutor BASÍLIO FREIRE; na minha mão esquerda vê-se um osso.

Quando vi o desenho pela primeira vez, senti-me honrado e satisfeito, por ser o único primeiro assistente que merecera ser representado, com os catedráticos, pelo lápis de JOÃO CARLOS, mas abstive-me de fazer quaisquer comentários, precisamente para não ferir susceptibilidades.

No entanto, alguns dias volvidos, sou procurado por JOÃO CARLOS, que, visivelmente preocupado, pretendia dar-me explicações sobre a representação que da minha pessoa fez no tal desenho.

Ouvi-o com curiosidade; afirmava-me ele, com o maior calor e sinceridade, que não tivera qualquer intuito de me apoucar ou amesquinhar, representando-me assim pequeno, menino, levado pela mão do Mestre; que tinha por mim a maior consideração, que gostava muito das minhas aulas, etc.

Alguém *inventara*, não sei com que intuito, que eu *dera muita sorte* com o desenho e que estava sentidíssimo com o Autor.

É claro que o tranquilizei. Disse-lhe que, ao contrário, me sentia orgulhoso de ser o único primeiro assistente ali representado, que o facto de me apresentar menino, também me era agradável por eu ser o mais novo de todos e finalmente que não renegava e antes me regosijava com o facto de ter entrado na Faculdade de Medicina pela mão dos meus Mestres e em especial do Doutor BASÍLIO FREIRE.

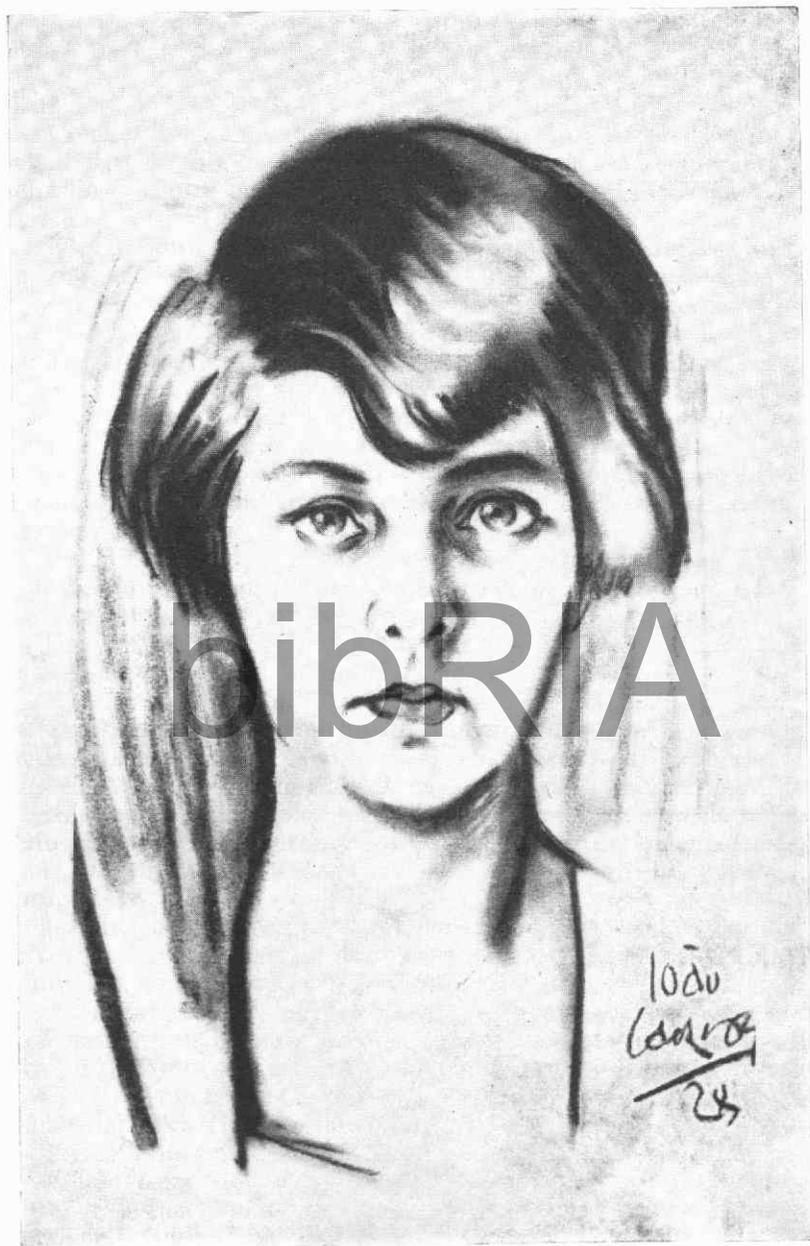
Acalmou-se; mas vi bem, no dardejar do seu olhar, a indignação que lhe sobreveio contra o promotor daquela intrigazinha e pude também, mais uma vez, avaliar a delicadeza de espírito do que se apresentava atormentado por haver alguém que o supuzesse capaz de ferir um amigo.

Tudo acabou num abraço que mais nos ligou na amizade já existente.

Algumas vezes entrou na minha casa e de uma delas, fez, a meu pedido, um retrato a sanguínea de minha Filha, então com 12 anos de idade. Eu tinha em mente apenas um desenho a lápis, simples, de pouco trabalho, pois não queria de modo algum importunar um amigo com uma solicitação que lhe pezasse.

Ao contrário do que temia, foi com alvoroço que acolheu o pedido e numa só sessão de poucos minutos executou a obra prima que me enternece de cada vez que a olho.

Conseguiu transmitir ao desenho uma expressão de doçura e de bondade tal, uma luminosidade ao olhar e um certo ar de melancolia tão vivo, que considero que só um grande Artista poderia exprimir em papel esses cambiantes da alma humana.



(RETRATO DE MINHA FILHA)

(Sanguineu. 1928)

bibRIA

* * *

Prende-se com a vida académica de JOÃO CARLOS o notável trabalho publicado em 1932 e que foi objecto de uma conferência, realizada no Porto em Abril de 1931, intitulado «*A Fisionomia da Morte*».

É o próprio Autor que na Nota final do opúsculo nos diz: «Quando entrei carreando materiais para este pequeno estudo agora remodelado, destinado então a tese de doutoramento a apresentar à Faculdade de Medicina de Coimbra (reforma de 1911) — entrava o ano de 1926 e o último do meu curso médico».

Refere então que com o fim de obter fotografias de certas máscaras mortuárias que deveriam existir no Instituto de Medicina Legal de Lisboa, se dirigiu ao Reitor da nossa Universidade, então o saudoso Prof. HENRIQUE DE VILHENA, para que intercedesse naquele sentido perante o Prof. AZEVEDO NEVES, Director do aludido serviço.

Publica também a resposta do Prof. VILHENA, datada de 8 de Julho de 1926, em que se diz não existirem, conforme a informação do Prof. AZEVEDO NEVES, as fotografias solicitadas.

Ora em 1930 o Prof. AZEVEDO NEVES fez em Bruxelas uma conferência sobre «A máscara do cadáver».

E como o trabalho de JOÃO CARLOS só foi impresso em 1932, houve por bem publicar este esclarecimento em defesa da sua prioridade, dizendo na sua gárrula forma... «não vá qualquer lembrar-se de que *onde estão galos de fama, que vão pintos lá fazer!*».

Não nos elucidá JOÃO CARLOS de que tal trabalho não lhe serviu já de tese de doutoramento, pela simples razão de tal exigência da reforma de 1911 ter sido derogada, justamente por essa época.

Foram por isso infrutíferas as buscas nos livros de registo da Universidade, referentes ao doutoramento de JOÃO CARLOS. Mas o trabalho concebido viu felizmente a luz da publicidade, com que, na altura, muito me regosijei e tive e tenho no maior apreço.

Sendo-me dedicado e a mais três colegas que muito prezei, todos já distantes também nas sombras da morte, guardo-o como um dos meus melhores pergaminhos e releio-o com a mesma admiração pela vasta cultura que ostenta e as observações, argutas, pertinentes e luminosas.

E não posso deixar de dar-lhe inteiramente razão, quando, contra a opinião, aliás autorizada, de AZEVEDO NEVES, JOÃO CARLOS nos afirma que «na maioria dos casos, o cadáver apresenta uma expressão *além* da serenidade, da calma do sono — se não quisermos deitar à conta de ingénuos ou de ignorantes tantos observadores do fenómeno, alguns de obra apetrechados de conhecimentos científicos».

O certo é que as próprias gravuras reproduzindo as fotografias das máscaras mortuárias, de MOUSINHO DE ALBUQUERQUE, SOARES DOS REIS, SOUSA VITERBO, SOUSA REFOIOS, JOÃO CHAGAS, ALEXANDRE HERCULANO, GUERRA JUNQUEIRO e outros mais, abonam a sua afirmação e é impressionante no seu sorriso a da afogada do Sena, a que JOÃO CARLOS, com a sua penetrante observação, rotula genialmente de «a anónima Gioconda da Morte».

* * *

As possibilidades de expressão artística de JOÃO CARLOS eram assombrosas.

A sua vida interior era uma labareda, que tinha de exteriorizar-se em lampejos de todas as tonalidades.

Essa maré-viva, esse tumultuar da sua ideação eclodia na expressão artística polivalente, em prosa, poesia e nas artes plásticas; em tudo JOÃO CARLOS exceluiu.

Na própria Medicina, o estudante banal da Faculdade, alcançou-se em breve ao fastígio de escritor médico de primeira plana.

Lembremos os seus artigos de vulgarização em que mostra uma cultura científica vasta, sempre ao par das últimas novidades, expressa em conselhos cheios de sabedoria e de bom-senso, em linguagem cristalina por onde perpassa a alacridade do seu espírito cintilante; recordemos também os artigos de fundo do «Jornal do Médico», um dos quais, extraordinário e pungente, parece ter sido a trágica ante-visão do seu trespassse — «A agonia dos dias contados».

* * *

Ficou sempre saudoso de Coimbra. Quando a vida o levou para a Capital, logo com outros amigos que também por cá passaram os tempos descuidados da vida académica, pensou em organizar sessões culturais em que o motivo principal era Coimbra e a sua Academia.

Entre os entusiastas convictos desse culto, salientava-se, com o alto prestígio do seu nome, AFONSO LOPES VIEIRA por quem JOÃO CARLOS tinha uma acrisolada veneração.

Penso até que depois de Coimbra e os seus anos escolares, com as irradiações incessantes do seu talento transbordante e omnímodo, exerceu sobre a sua formação intelectual a maior influência, essa amizade e convívio que se estabeleceram entre os dois grandes Artistas.

Em nossos encontros fortuitos nas minhas fugas a Lisboa, quase sempre em serviço da Universidade, JOÃO CARLOS nas suas conversas trazia sempre a terreiro LOPES VIEIRA.

Lembro-me de que uma vez ao entrar no comboio o encontrei; regressava da sua terra natal e trazia cuidadosamente embrulhada a miniatura de um barco moliceiro com que iria adornar a sua mesa de jantar à qual se deveria sentar, em dia próximo, o poeta LOPES VIEIRA. Ambos enamorados do mar, compraziam-se nos elementos decorativos que o recordassem...

Nas suas extraordinárias pinturas tantas vezes representou, com rara fidelidade e luminosa expressão, o seu grande Amigo.

Mas é o retrato escrito nas «*Jornadas de borda de água*» que nos apresenta AFONSO LOPES VIEIRA nas suas imensas coordenadas espirituais. A delicadeza, a sensibilidade, o amor ao belo, a bondade, o engenho poético, tudo é tratado e traduzido em termos da mais alta e requintada expressão.

Por forma que, nesta escassa dúzia de páginas, não fica apenas traçado um perfil psicológico, iluminado pelo superior talento de JOÃO CARLOS; é, também, a sua receptividade espiritual que transparece luminosamente, no apreço pelas virtudes e sentimentos que tão genialmente exprime e exalta.

Com LOPES VIEIRA se levou a efeito uma Quinzena de Coimbra em Lisboa e pode dizer-se que foi JOÃO CARLOS quem iniciou a série de palestras projectadas.

À sua conferência, brilhantíssima sob todos os aspectos, tive a honra de presidir, estando comigo na mesa o MARQUÊS DE RERIZ e o Coronel PINA LOPES. Realizou-se na noite de 13 de Março de 1939 e foi depois publicada no livro «*Fonte de Amores*».

Guardo dessa noite uma recordação vivíssima e as palavras que então proferi de introito à sua bela oração a Coimbra e ele quis que fossem o fecho do aludido livro, releio-as agora com infinita saudade.

Tive ainda o prazer de o abraçar na Universidade, sempre presente nas reuniões do seu Curso, onde disfrutava a amizade e o apreço de todos os condiscípulos; e a última vez que o encontrei, numa livraria em Lisboa, estava já muito doente. Mas continuou a trabalhar febrilmente.

Pobre JOÃO CARLOS!

Partiu para junto dos *meninos adormecidos*, esse que foi, como ele disse de LOPES VIEIRA, o maior dos Artistas, porque era todo Artista.

Coimbra, Penedo da Saudade, Novembro de 1961.

MAXIMINO CORREIA

bibRIA

e)—VIDA PROFISSIONAL E ARTÍSTICA

«Among illustrators, we should refer to JOÃO CARLOS for the sensitive beauty of his stylisation.»

The Studio, 20 Sept. 1937.

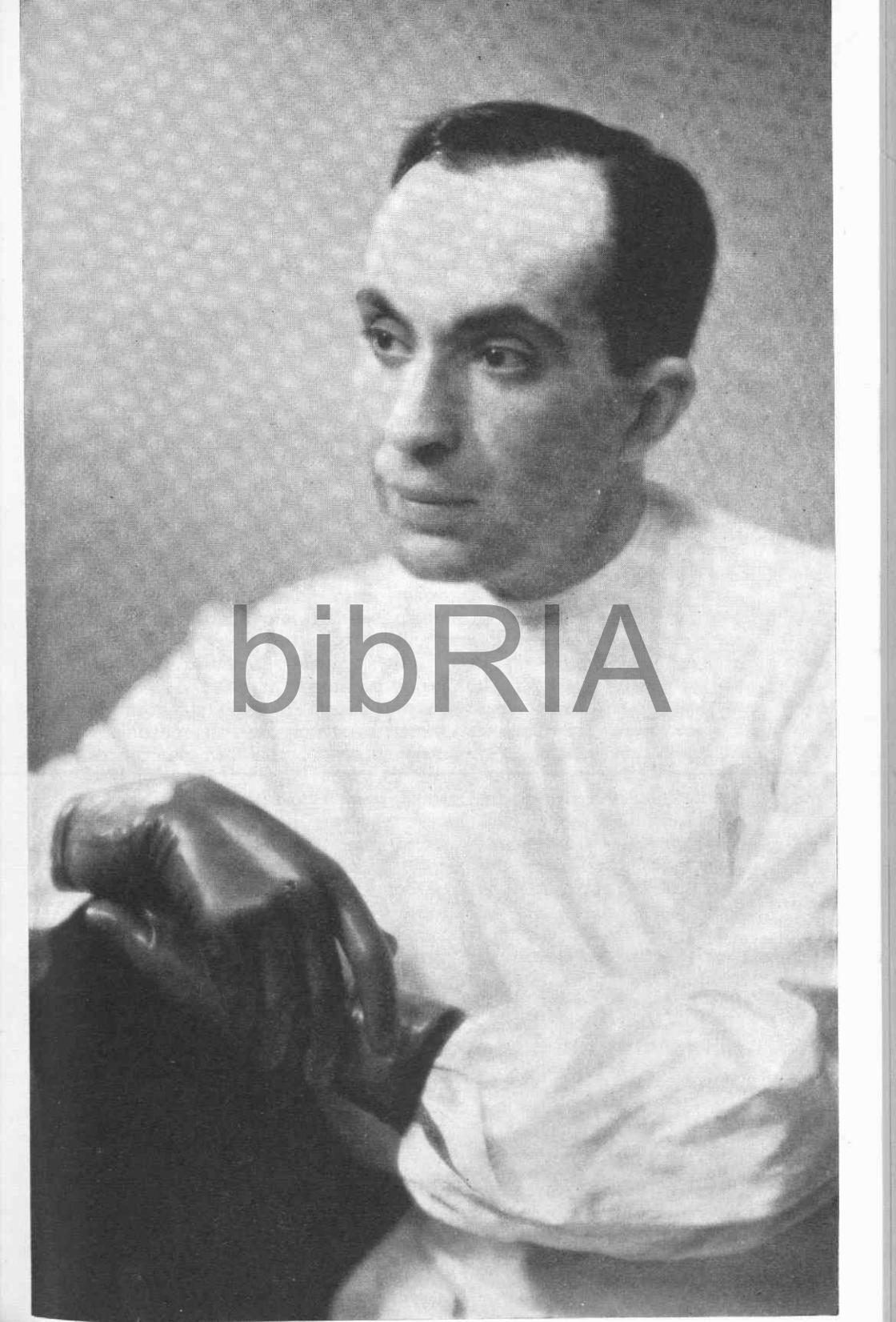
«Peu d'artistes sont plus que celui-ci lucides: et sans doute son métier de médecin l'aide puissamment dans cette anatomie de l'art: il travaille, tenant d'une main le crayon et de l'autre le scalpel et l'on ne sait pas quel est le scalpel, ou quel le crayon. Il est vêtu de sa blouse de docteur que ressemble à la blouse de travail des peintres et des sculpteurs. Ainsi, bien loin de se sentir «double», il se ressaisit dans une synthèse qui donne les plus heureux résultats.»

CHARLES OULMONT (Prefácio ao catálogo da Exposição no S. N. I., 1949).

.
*«Paraíso de jorna, o meu quinhão
Cavei-o todo, palmo a palmo, à enxada;
E não deu nada (nunca dava nada
Nem só raiz, quanto mais flor e grão!)»*
.

CELESTINO GOMES (Soneto de 1960).

bibRIA

A black and white photograph of a man with dark hair, wearing a white long-sleeved shirt and dark gloves. He is looking slightly to the left of the camera with a neutral expression. The background is a textured, light-colored wall. The word "bibRIA" is overlaid in the center of the image in a large, bold, sans-serif font.

bibRIA

bibRIA

JOÃO CARLOS, MÉDICO

Fotografia de MÁRIO NOVAIS; Lisboa, 1950

EM MEMÓRIA DO DR. JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES

PRESTAR culto à memória de JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES com ser acto de justiça é também exaltar elevadas e puras qualidades humanas. Julgo assistir-me particular autoridade para fazer esta afirmação, porque tive a felicidade de conhecer, de perto, essa figura singular de cultor da Ciência médica e da Arte e perfeito homem de bem.

A quando da execução do Plano de Educação Popular, foi-me dado ter como colaborador, nos aspectos relacionados com a educação sanitária, e noutros de carácter artístico, o Dr. JOÃO CARLOS. Se apreciei, então, o médico proficiente no estudo e resolução dos problemas ligados à difusão dos preceitos sobre higiene e defesa da saúde, e admirei o artista nas suas multimodas e pujantes faculdades de criação de Beleza, pude também surpreender, no homem, excepcionais atributos de carácter e de simpatia, sempre tocados daquela irradiante bondade própria dos corações de eleição.

Se, um dia, se fizer a história da Campanha Nacional contra o Analfabetismo, lançada pela legislação de 27 de Outubro de 1952, não poderá ser esquecida, sob pena de grave injustiça, a prestimosa e dedicada acção desenvolvida pelo Dr. JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES, na elaboração e aplicação dos programas relativos à prevenção das doenças.

É, pois e sobretudo, como principal responsável por esse Movimento Cultural, que me honro de render sentida homenagem a tão valiosa cooperação e de enaltecer nela o espírito de solidariedade cristã e a nobreza de alma de um bom e inolvidável Amigo.

Lisboa, 16 de Novembro de 1961.

HENRIQUE VEIGA DE MACEDO

CELESTINO GOMES

CLARO que sim! Também tenho uma pequena palavra a dizer em memória do admirável artista que foi o Dr. CELESTINO GOMES!

Não vou evocar, como tantos fizeram, a polivalência do seu espírito artístico. E não o faço porque estou convencido de que esse poliformismo era um conjunto de variantes de uma mesma imaginação, caracterizada por movimentos alados que se fixavam breves instantes.

As manifestações artísticas do Dr. CELESTINO GOMES eram instantâneas, nos quais o observador adivinhava as posições anteriores e previa as posições futuras.

Com a mesma facilidade e a mesma segurança lançava o artista ao papel, à tela e ao barro as suas ideias e emoções de determinado instante. Um instante em que a flecha voadora de Zeno de Elea se considera imóvel; uma espécie de imobilidade «contínua», como é o nosso presente, suspenso entre o passado e o futuro.

A forma e o colorido — mesmo quando preto sobre branco — aliavam-se nessas posições estáticas, paradoxalmente integradas num movimento.

Nenhum de nós, os que viemos aqui depor, duvida de que CELESTINO GOMES deixou uma obra, porquanto ainda não esquecemos este ou aquele desenho, este ou aquele trecho de prosa, saídos do mesmo lápis e da mesma inspiração. É que a memória dos homens não retém as produções perdidas num passado que não foi presente, que se esvai para se tornar futuro.

Lembramo-nos perfeitamente de alguns dos seus esboços, formados por trajectórias suspensas um instante, traços vigorosos que sintetizavam gestos.

Lembramo-nos de algumas pinturas onde a cor completava imagens sem volume.

Lembramo-nos de algumas crónicas, todas de linhas simples como os seus desenhos, onde ressaibos de ironia tentavam pudicamente esconder nos segundos planos uma bela erudição.

O pensamento do artista, a sua imaginação foram-nos transmitidos pela vista. Por isso a sua arte revestiu a forma de prosa, de pintura, de desenho, de cerâmica.

Apaixonado pelas artes do visível, o artista, quando a sua imaginação se perdia no irreal, dava às figuras dos sonhos uma impressionante consistência de vida que parecia traduzir uma ânsia de escapar à morte.

Como é para mim, por isso, grato poder evocar por momentos a obra criada e vivida por esse admirável artista que foi o Dr. CELESTINO GOMES!

F. LEITE PINTO

bibRIA

MAIS PERTO DE NÓS

CELESTINO GOMES foi uma das mais vivas personalidades da vida do espírito em Portugal, no nosso tempo. Verdadeira figura da Renascença, ele foi tudo, poeta, escultor, pintor, ceramista, ensaísta, homem de ciência, humorista — e foi tudo com uma prodigalidade, um brilho e uma dispersão excepcionais. A profusão e a riqueza dessas qualidades constituíram, durante anos, entre nós, um prodigioso fogo de artifício. O público tinha dificuldade em fixar, na sua admirável vertigem, qualquer dos aspectos dessa individualidade inquieta e em permanente renovação.

Num meio, como o nosso, onde a cultura é sempre preguiçosa e desconfiada, essa multiplicidade de títulos é ofuscante. É assim foi o destino deste singular e prodigioso talento, cujo poder de criação parecia inesgotável. A admiração portuguesa é que se esgota depressa e cansa-se, também depressa, de seguir os seus eleitos, quando eles vão mais depressa do que ela. No que diz respeito a consagrações do espírito, nós ainda andamos a 40 à hora. E CELESTINO GOMES viveu a 200 quilómetros de talento à hora.

Mas a Morte veio parar, a meio do caminho, a maravilhosa aventura dessa desconcertante carreira para a celebridade. E agora que a viagem triunfal parou, vê-se melhor, sem a lufa-lufa de acompanhar o desenrolar do seu génio, o conjunto duma obra que, em todos os aspectos, foi original e deslumbrante. E assim a Morte fá-lo viver, agora, mais perto de nós, mais semelhante a nós.

AUGUSTO DE CASTRO

O MÉDICO E O ARTISTA

CONHECI o Dr. JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES em 1934 quando concorriamos à Medicina Escolar.

Certo dia, o Professor SERRAS E SILVA, que presidia a esses concursos, depois de submeter um dos candidatos a exaustivo exame de Higiene voltou a interrogá-lo em Moral, sobre o conceito de honra.

Logo à primeira pergunta, porém, o examinador e o examinando foram insensivelmente levados a passar da Moral à Sociologia e à História, à Biologia, Psicologia, etc.

Estabeleceu-se assim entre o Mestre e o Discípulo uma animada controvérsia, em que o primeiro, embora naturalmente colocado em terreno falso, tentava defender o acerto da sua tese, e o segundo procurava sustentar a posição tomada.

A argumentação era cerrada e as razões e citações multiplicavam-se.

Como num duelo, as paradas e os toques sucediam-se, ora de um lado ora do outro, com uma vivacidade que não só parecia prender como surpreender todos.

Enfim, esse exame que devia durar um quarto de hora, «o tempo da praxe», prolongou-se de modo que foi preciso um dos membros do júri virar a ampulheta três vezes.

Em boa verdade, nem os interessados nem a assistência pareciam dar pelo caso se, por termo, o Professor SERRAS E SILVA, num gesto que todos apreciámos devidamente, se não desse por vencido.

Claro que o novo médico escolar foi muito felicitado pelos amigos, que naturalmente correram a abraçá-lo.

O Dr. JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES não o conhecia; mas, transbordante de entusiasmo, não se conteve e foi apresentar-se-lhe:

— O colega não me conhece, mas deixe-me dizer-lhe: o colega fez a melhor prova...

E, abraçando-o logo ali, de seguida, como se fosse também amigo velho, repetia:

— Fez uma prova como não se fez ainda...

Foi então que, por meu turno, reparci no JOÃO CARLOS, na sua expressão sincera, no seu olhar leal; e, sem querer, recordei a conhecida frase de PASCAL: «*Tu ne me chercherais pas si tu ne m'avais pas trouvé*».

As suas palavras, rápidas como os gestos, revelavam um carácter na aparência espontâneo mas intimamente decidido,



JOÃO CARLOS VISTO POR OLAVO DE EÇA LEAL
EM 1932

Desenho pertencente ao Museu Municipal de Ílhavo

uma formação sem dúvida muito sensível, mas superiormente cuidada.

Ao vê-lo depois, sempre que o observava, revia nele aquela mesma vibração interior que havia provocado tão momentânea e ponderada reacção. Obtive assim, como noção que, pela estra-

nheza causada, só pouco a pouco passa de duvidosa a certa, a convicção, ou antes, a prova de que tais «reflexas» lhe eram habituais e estavam na alma e no corpo tão entranhadas e ao mesmo tempo tão visíveis como esse seu privilegiado poder de concepção e de antecipação espiritual e a sua prodigiosa e requintada sensibilidade.

Um dia, já verdadeiros amigos, tentei encontrar-me com JOÃO CARLOS para lhe pedir que me auxiliasse a realizar um «*ex-libris*».

Em determinada altura da nossa conversa, quando me pareceu mais oportuno, mostrei-lhe o que tinha tentado desenhar; mas, o arranjo dos livros e o candieiro de azeite, que aceso tinha enquadrado no papel, não o deviam ter seduzido porque muito delicadamente mudou de assunto.

Passados momentos, contudo, voltei a insistir e ousei até pedir-lhe para fazer o que nesse meu pobre e estático desenho mais faltava: a nota, o traço, o imponderável que devia imprimir a tais linhas, com dificuldade projectadas a régua e esquadro, a ideia marcada na respectiva divisa.

— Mas, qual é essa divisa? — perguntou-me então à queimadura o JOÃO CARLOS — Aqui não vejo divisa alguma!...

— *Até ser dia* — respondi a meia voz, ao mesmo tempo que, já arrependido de tudo, tentava esconder o desenho.

Então, como se um relâmpago tivesse iluminado a sua maravilhosa imaginação, com os olhos vibrantes e uma expressão de mal contido e afectivo prazer, o JOÃO CARLOS numa reviravolta que reflectia espectacularmente a intensidade incrível da sua vida interior, grita-me, arrancando-me o papel das mãos:

— Não! Não! Dê-me esse desenho, que o seu «*ex-libris*» está feito. Eu vou arranjar-lho...

A ideia, exclusivamente a ideia, tinha-o dinamizado e resolvido a aceitar, finalmente, uma tarefa que, de outro modo, não parecia interessar-lhe, que momentos antes tinha recusado.

Estas e muitas outras atitudes, filhas do seu enraizado amor às virtudes superiores do espírito — extraordinária força que imperava nele de uma maneira quase instintiva — só a raros ocultavam a sua vincada e verdadeiramente inconfundível personalidade.

De facto, tanto nas suas gravuras como nos seus óleos, tanto nas obras como nas acções, a alma de JOÃO CARLOS parecia entregar-se toda — como se todas as suas cintilantes faculdades afectivas e intellectuais se tivessem reunido sob o alto designio de DEUS, e se tivessem identificado no estranho intento de fazerem dele *um singular Artista e um Médico invulgar*.

* * *

Natural de Ílhavo — povo para o qual o Mar é tudo —, de JOÃO CARLOS pode dizer-se que era em tudo parecido com o Mar. O olhar, que traduzia de uma maneira flagrante suas vir-

tudes e entendimento, logo denunciava o elevado expoente da sua vida interior, em constante renovação de ideias, em agitado e incessante movimento, como as águas do Mar...

Sobretudo, deixava transparecer toda a inquietação de um espírito ansioso de beleza e reflectia assim uma acuidade e uma susceptibilidade febril, um brilho especial só comparável ao daquelles que, de nascença, foram habituados à luz deslumbrante e irizada dessas mesmas águas.

Tal como o Mar ao retratar o Sol, nos seus olhos espelhava-se toda uma *teoria policromática de sentimentos*, dos sentimentos que lhe impregnavam a alma e trespassavam o coração: de bondade e caridade, de generosidade e piedade, de abnegação e sacrifício, de ilimitado amor ao próximo, ao trabalho, à verdade e à justiça...

Muito abertos, como os de um autêntico «Lobo do Mar» que vigilante necessita de estar sempre àlerta e correr pronto aos perigos que constantemente se avizinham e levantam, os olhos de JOÃO CARLOS pareciam também permanecer sempre atentos a servir o seu inacreditável poder de intuição, de previsão e de realização.

Os conceitos e as frases de JOÃO CARLOS — e JOÃO CARLOS escrevia tal qual falava — ressentiam-se igualmente dessa herança.

Até os atavios, que punha em suas trabalhadas e requintadas ilustrações, tinham o génio atávico, o jeito e o gosto da gente do Mar — qualquer coisa de semelhante ao arrendado da espuma que as ondas fazem ao espraiarem-se na areia...

A própria fala o traía; e, os gestos eram também, por vezes, rápidos e animados, como ondas de súbito alvoroçadas pelo vento...

E, que dizer de todo o seu infinito amor a DEUS e à VIRGEM? — da sua FÉ e Religião Católica? Acaso será preciso dar a conhecer a divisa do seu próprio «*ex-libris*»: — «*Ora vamos lá com DEUS*»? Acaso será necessário lembrar que JOÃO CARLOS consumiu os últimos dias da sua curta existência no sofrimento e paixão de não poder retocar novamente um dos seus quadros predilectos: o da imagem de NOSSA SENHORA DO MAR? Pois não é evidente que as suas orações foram aprendidas a ouvir a litania das ondas?...

Enfim, já dissemos que, «como água tranquila agitada por simples causa estranha que nela provocasse largo círculo de ondas», à mínima excitação, ao menor estímulo, o seu organismo parecia vibrar todo com extraordinária intensidade e reagir com incrível rapidez.

O facto não pode surpreender: como dizia BLAISE PASCAL «o Mar inteiro muda por uma pedra»... Por consequência, não admira que JOÃO CARLOS assim fôsse também...

Mas, se para sentir o *Artista* é preciso transportá-lo à sua Terra Natal, para compreender o *Médico* — a sua formação e evo-

lução, as suas naturais tendências ao sacerdócio e ao apostolado científico — isso, é ainda mais do que necessário, é indispensável — que *o Médico e o Artista eram nele inseparáveis*, tão inseparáveis como a Terra e o Mar em seu íntimo e permanente enlace...

* * *

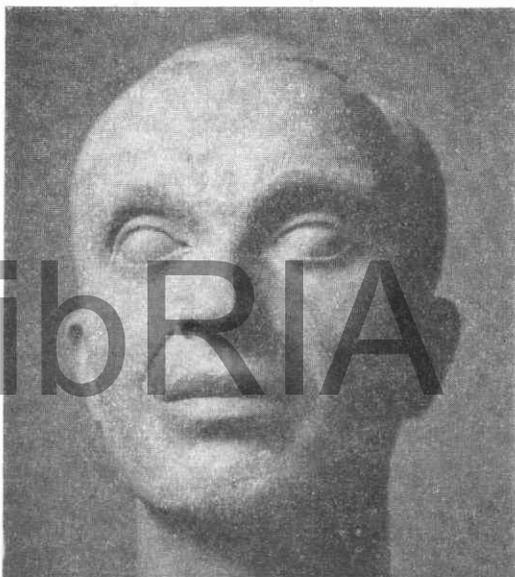
O Dr. JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES tentou sempre distinguir o Médico do Artista, assinando de modo diferente as obras de um e de outro; porém, pode dizer-se que semelhante conduta — certamente fundamentada em poderosas razões — só iludia uns quantos, desconhecidos ou desprevenidos.

Na realidade, é impossível afirmar qual deles era o mais conhecido e estimado, se o JOÃO CARLOS nos círculos estéticos e literários, se o Dr. CELESTINO GOMES nos centros científicos, e isto porque a simples presença e préstimo de ambos — tanto do *Médico* como do *Artista* — em qualquer desses meios não permitia a partilha, mas tão somente o apreço de tão excepcional talento.

Sem dúvida, conhecem-se muitos artistas que foram «médicos ignorados» mas, podem apontar-se, também, «Artistas desconhecidos» entre os mais notados Homens de ciência.

A propósito recorda-nos, por exemplo, esse génio incomparável que foi LOUIS PASTEUR, sábio universalmente conhecido e artista quase ignorado.

Pois bem, ao debruçar-se sobre a sua vida, um dos seus mais recentes biógrafos, JACQUES NICOLLE — descendente directo desse outro célebre investigador e desconhecido Homem de letras que foi CHARLES NICOLLE — começa, justamente, por lembrar o extraordinário poder de observação de PASTEUR, poder que lhe parece



JOÃO CARLOS EM 1948
BUSTO PELO ESCULTOR JOSÉ FARINHA

igualmente indispensável ao retratista para surpreender e fixar os traços principais de alguém com a devida semelhança; e, prosseguindo, afirma que LOUIS PASTEUR aos 13 anos de idade apenas manifestou inclinação para o desenho e que aos 17 anos pintou os retratos do pai e da mãe, entre outros que, ainda hoje, podem admirar-se no museu que é a sua Casa natal e no museu do Instituto Pasteur de Paris.

Por consequência, neste caso, que está longe de ser esporádico ou mesmo raro, o Sábio fez esquecer o Artista que o precedeu, ao invés do que vulgarmente acontece.

De qualquer forma, torna-se evidente que o Homem de ciência e o Artista se encontram presos por flagrantes e estreitos laços de afinidade espiritual entre os quais importa desde já sublinhar o superior motivo que os orienta e dinamiza na vida, que os conduz a lutar contra a ignorância e contra o sofrimento, pelo bem estar e felicidade humana.

No entanto, um verdadeiro e profundo abismo separa a ciência da arte:

«Ce que la lettre de la science tue, l'esprit de l'art le vivifie, et l'esprit de l'art c'est tout simplement l'amour, l'admiration naïve, passionnée, satisfaite de ce que les yeux voient, ne cherchant pas plus à l'approfondir qu'à l'embellir.»

escreveu R. DE LA SIZERANNE em «*La Religion de la Beauté*».

De facto, a ciência é exacta e fria. Contudo, não raro o coração dos Homens seduzidos por essa mesma ciência — continua a bater e a sentir...

Sem dúvida, do sábio exige-se principalmente um inteligente espírito de descoberta. Por outras palavras, o sábio precisa de ter um pensamento lógico, um raciocínio claro e demonstrativo, verdadeiramente cartesiano; necessita de usar com paciência e exactidão os métodos preferidos e de ter a independência de espírito suficiente para poder esperar com serenidade os resultados das investigações efectuadas; além disso, deve possuir uma imaginação inquieta e infatigável e, finalmente, uma curiosidade capaz de marchar de mãos dadas com essa outra faculdade que, no dizer de BOSSUET, «é mestra da vida prática»; o bom-senso, «o sentido do essencial e do acessório», «a intuição do possível e do certo».

Todavia, há sábios que não vivem somente para a ciência; há sábios que procuram revelar as suas convicções, os seus ideais, e aliciar pelo seu proselitismo, que se prestam a comunicar o seu fervoroso e abnegado entusiasmo pela cultura, a contagiar a sua transbordante paixão pelo ensino e que, em poucas palavras, manifestam a ardente ambição de servir a um tempo a ciência e a humanidade.

Pode mesmo dizer-se que, na maioria, os Homens de ciência não são grandes apenas pelo espírito, são admirados, sobretudo,

pelas virtudes de carácter. Impõem-se pela superioridade intelectual; mas, só comovem e prendem, impressionam e se tornam dignos de maior estima, pelas qualidades morais.

Ora, são precisamente estas virtudes da alma e aquelas faculdades intelectuais, que transformam os Homens de ciência em autênticos apóstolos do sofrimento humano e, por vezes, fazem deles outros tantos Artistas.

* * *

Logo que formado em Medicina, na certeza de que, como dizia o célebre investigador e analista que foi o Professor FERNAND VIDAL, «a missão do médico é, precipuamente, fazer obra prática», o Dr. CELESTINO GOMES cedo procurou fazer da sua profissão um verdadeiro sacerdócio e, com natural entusiasmo e cristã dedicação, prestou-se à auscultar e socorrer todos os doentes que dele se acercavam.

Depois, pouco a pouco, perante os casos clínicos os mais affitivos e graves, começou a verificar a inutilidade de grande número de conhecimentos, quer em relação à Arte de diagnosticar, quer relativamente à Arte de curar...

Quando este desacerto marcou na sua vida, revelam-no, ainda que passados alguns anos, as simples crónicas que, sob o sugestivo título «É bom poupar a saúde», publicou no «*Diário de Notícias*». Poucas escondem certa dose de cepticismo, certa ironia ou humorismo que, não representando embora descrença no porvir da ciência, leva naturalmente a duvidar do efeito de grande número de panaceias precedidas de larga propaganda e põe de sobreaviso quanto à tendência a sobreestimar o valor de certas descobertas prematuramente anunciadas...

Recorda-nos a propósito que certo dia, pelos 50 anos, PAUL GÉRALDY se encontrou com ANDRÉ MAUROIS e que este, ao pretender «faire le point sur leur vie», lhe perguntou:

- Que te interessou mais na vida?
- Amar, disse o autor do «*Toi et Moi*».
- O quê?
- Tudo!...
- E a ti?
- Compreender, respondeu MAUROIS.
- E que compreendeste?
- Nada!...

Conforme se verifica, o Dr. CELESTINO GOMES não entrou em semelhante diálogo, mas reproduzimo-lo convencidos de que a qualquer das interrogações teria dado idêntica resposta.

Na realidade, apesar de todas as dúvidas que lhe assaltaram o espírito — e, quase todos os homens cultos se tornam, cedo ou tarde, mais ou menos cépticos —, o seu exuberante e contagioso

entusiasmo, o seu constante e superior amor a tudo, nunca deixaram de manifestar-se, ou não fosse ele Médico e Artista...

Entretanto, os mais recentes progressos da Higiene despertavam a sua atenção. O campo da Medicina Preventiva parecia-lhe vasto e prometedor. Prevenir era melhor do que remediar; e a melhor forma de prevenir era educar. Lógicamente, a Medicina Escolar acabou por conquistá-lo.

Na prática, a sua acção como Médico escolar era essencialmente individual e, por consequência, bastante limitada. Além de tudo havia múltiplas causas de impedimento a circunscreverem essa mesma actividade. Em tais condições, apenas umas poucas dezenas de crianças podiam ser devidamente vigiadas, amparadas e orientadas. E o número das necessidades era enorme, tão grande como o menosprezo comum dos mais elementares princípios da Higiene. Era preciso agir, efectuar uma larga propaganda das principais normas de sanidade e procurar levar para o campo da Higiene o maior número possível de transviados...

A partir deste momento, a sua missão estava decidida.

Podia até continuar — como continuou — a interessar-se pela Medicina Pedagógica e, ao mesmo tempo, contribuir para essa campanha que tão imperativamente o chamava a nova missão — à missão que, por mais elevada, exige mais dotes de inteligência e de coração: ao apostolado.

Assim, aproveitando ao máximo as suas mais brilhantes faculdades de inteligência e múltiplas possibilidades artísticas, o Dr. CELESTINO GOMES começou a desenvolver uma actividade verdadeiramente febril, perante a qual não sabemos que mais admirar: se, no *Médico*, as inegáveis qualidades profissionais que o levaram do sacerdócio ao apostolado; se, no *Artista multimodo*, as assinaladas capacidades de observação e imaginação, de fixação e reprodução, de concepção e realização...

Primeiro, leccionando — e, como professor no Instituto de Serviço Social, deixou sentidas saudades; depois, fazendo conferências, fazendo-se ouvir na rádio e na televisão; e, finalmente, escrevendo para os jornais e publicando livros que demonstravam não só aturado estudo mas também profunda meditação e intuitivo bom-senso, o Dr. CELESTINO GOMES pôs tal empenho na vulgarização dos preceitos fundamentais da Higiene, interessou-se tanto por essa causa e interessou tanto os que o liam ou ouviam que, a muitos, deixou a impressão de dedicar-se exclusivamente à Medicina.

Quem o conhecia de perto — quem conhecia a força inalterável da sua formação interior — continuava a encontrá-lo como se, com ingénuo fervor e mal contido prazer, ele viesse de assistir à antecipada visão das suas próprias manifestações estéticas; continuava a ver trabalhar os olhos inquietos do Artista na modelação, no retoque, na fixação e correcção de um quadro, desenho ou escrito predilecto, como se de todo esse trabalho só os olhos,

que não já o pensamento e a imaginação, se pudessem encarregar: executar, guardar e reproduzir com inteira fidelidade.

E, ocupado por constantes e múltiplos afazeres—tão ocupado que parecia cioso do pouco tempo de que dispunha—o Dr. CELESTINO GOMES passava quase sempre de corrida pelos colegas, senão grangeando amigos, dando pelo menos a impressão de não se aperceber dos que, perante o seu carácter e acções ou realizações, perante o seu inegável talento, se julgavam de qualquer modo prejudicados.

«Para os que tudo sabem e desdenham — aconselhava o Dr. CELESTINO GOMES num dos seus últimos livros— passem o volume a outros», tal como ele passava sobre a inveja e as más línguas, que não sobre a ignorância e o sofrimento.

O Dr. JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES era de um mutismo estranho quando trabalhava e, apesar de gostar muito de conversar com os amigos, sabia ouvir. Na tonalidade nativa da sua fala e no a propósito das suas intervenções revelava-se, por vezes, de uma ingenuidade quase infantil — com a ingenuidade própria de um espírito ainda novo, dotado de uma imaginação fecunda e criadora.

Pelo comum o seu dinamismo, a exuberância das suas reacções, traduziam-se por expressões cheias de personalidade. Muitas vezes, como quando escrevia, virava do avesso certos conceitos e, sem os desacreditar completamente, imprimia-lhes um carácter relativo ou mesmo uma feição paradoxal para nos levar a pô-los de remissa ou a analisá-los com o devido cuidado.

Deste modo, descobrindo a verdade com o auxílio de uma simples palavra, frase ou argumento, quase sempre filiado em improvisadas mas fundamentadas razões e cheio de natural e inesperado bom humor, o Dr. CELESTINO GOMES deixava-nos, por vezes, perplexos e, geralmente, bem dispostos—que a ninguém permitia saborear—como era manifesto desejo de alguns que, às vezes, o rodeavam—o mau gosto das críticas acerbas, maldizentes ou destrutivas, nem tão pouco expôr, «por simples prazer de bota-abaixo», ideias paralisantes ou pessimistas.

* * *

Volto a recordar, em síntese, a vida do Dr. JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES, que a saudade insiste na lembrança do passado:

Criança ainda, logo deu mostras das mais fortes e instantes tendências da sua alma: das mensagens que trazia no pensamento e nas mãos...

Com Fé inabalável e persistente vontade, com uma inteligência rápida, clara e penetrante, cedo foi levado, pela sua curio-

sidade ardente e insaciável, a cultivar o espírito e a experimentar a têmpera da sua ingénita habilidade manual.

Depois, arrastado a estudos maiores pela caudalosa corrente do seu cristão humanismo, formou-se em Medicina, para logo em seguida, com apaixonado proselitismo, fazer dessa profissão, mais do que um simples sacerdócio, um autêntico apostolado.

Com uma imaginação extraordinária, servida por superior sensibilidade e excepcional talento, cedo sentiu também o poder das suas espantosas possibilidades de concepção e de realização estéticas e, dando largas à sua privilegiada originalidade tornou-se rapidamente um grande e indiscutível Artista.

Um Médico-artista?

Sim, as duas coisas, que o Homem de ciência, o escritor, o pintor e o poeta não são incompatíveis. Pelo contrário, vivem próximos, tão próximos que podem encontrar-se identificados num mesmo vulto — como o afirmava CHARLES NICOLLE, esse «*Artista ignorado*» a quem, por ter descoberto o modo como se transmitia o tifo exantemático e ter salvo assim milhões de vidas, foi concedido o Prémio Nobel da Medicina, 1926.

Um Médico-Artista: uma realidade que se fez sonho; um sonho que se tornou criador.

* * *
bibRiA

DANIEL DE STTAU MONTEIRO

JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES

O ARTISTA, O ESCRITOR E O MÉDICO

O Universo é o templo divino da Arte.
Encontramo-la disseminada em todo o mundo, desde as profundidades sombrias das grutas, até aos astros cintilantes do firmamento,

Pertence ao sábio desvendar os mistérios do orbe; cabe ao artista copiar-lhe a beleza.

O primeiro investiga a realidade; o segundo tenta imitá-la. A Arte sem verdade está de antemão condenada ao malogro. A sabedoria traduz esforço; a arte, a graça de Deus!

Votamos respeito aos cientistas, cantamos hinos aos conquistadores e tecemos encómios aos beneméritos. Admiramos nos primeiros a perseverança e o esforço; nos segundos, a intrepidez e a bravura; nos terceiros, a abnegação e a bondade. Aos artistas, todavia, consagramos ternura e amor.

Emanam das suas obras fluxos invisíveis que nos acordam no íntimo os mais puros enlevos da vida.

Uma estátua de MIGUEL ÂNGELO, um quadro de GOYA, um poema de TASSO ou uma partitura de MOZART acendem-nos na alma as emoções profundas do êxtase!

Homens nascidos para contemplarem o azul imarcessível dos Céus, vivem e morrem como idealistas. Sentem na própria carne as dores alheias e fremem-lhe na mente anseios dolorosos de justiça social, a reclamarem pão para todas as bocas, luz para todos os olhos e amor para todos os corações!

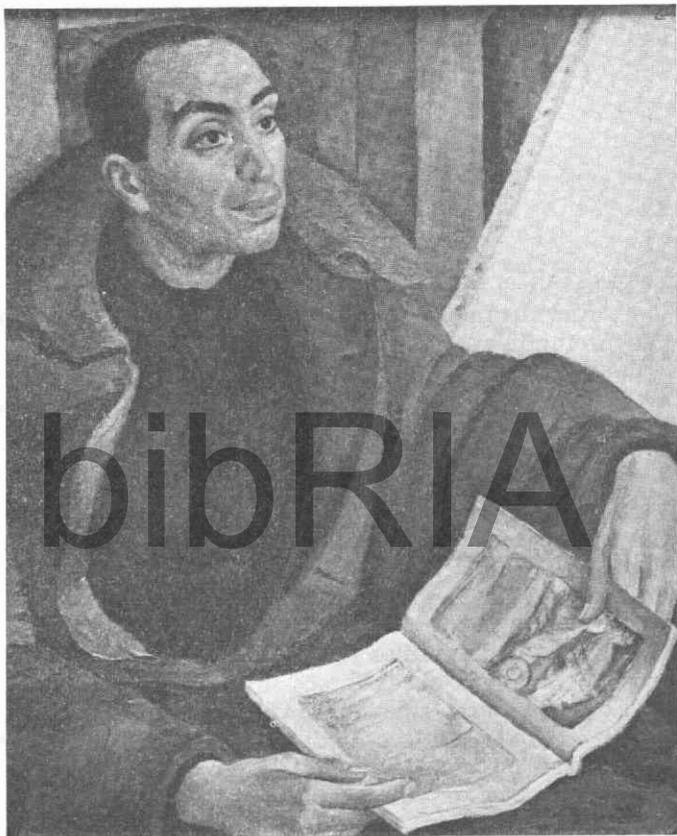
Guia-os, na alucinação da caminhada, o fulgor da beleza eterna. E acabam por cair, humildemente, nos braços de Deus!

Persistência, renúncia e paixão constituem atributos indispensáveis à conquista do triunfo na Arte. O desânimo, a cupidez e a indiferença jamais fizeram artistas.

O sonho que lhes acalenta a esperança torna-os amiúde incompreensíveis.

Buscam a inspiração no silêncio e habitam na cidade como se vivessem nos ermos. Amam o próximo e afastam-se dele!

Pretendem isolar-se num mundo à parte, onde ouçam melhor o eco de todos os prantos e vejam as cintilações de todas as estrelas. Atormenta-os a lição da história, que nos principia a ensinar, desde a infância, em crónicas de batalhas sucessivas, não



JOÃO CARLOS VISTO PELO PINTOR LUCIANO SANTOS (1946)

caber toda a humanidade na Terra. Aflige-os a presença do mal na natureza, e procuram derrotá-lo cultivando o Belo!

Legam aos vindouros riquezas sem par e morrem sem bens materiais. O destino costuma ser-lhes adverso: envolve-os nos hábitos coçados da penúria e ilumina-os com os clarões da glória.

JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES travou a luta árdua dos artistas e finou-se em pobreza.

O polimorfismo do seu talento invulgar tornou-o famoso em quase todos os campos onde dispendeu energias.

Cindiu-se, durante a vida, em duas personagens diferentes: JOÃO CARLOS é pintor, escultor e desenhista; CELESTINO GOMES é escritor, jornalista e médico!

Imprimiu a todas as manifestações da sua alma o cunho inconfundível do seu talento.

A existência, para JOÃO CARLOS, não foi apenas sonho: foi também pesadelo! Teve de sustentar combates, mas jamais ardeu em ira.

Alvejado várias vezes por despeitos de invejosos, soube sempre defender-se com galhardia.

Uma só vez conheceu o desalento. No apogeu da luta, entrou a doença a roubar-lhe as forças e a quebrar-lhe o ânimo. Quando a batalha acabou, confidenciou-me ainda apreensivo:

— Ia ficando sem pão! . . .

E li-lhe a mágoa nas rugas da frente, apesar de ter passado o perigo: era o fim a aproximar-se!

Inquieto, como é próprio dos sonhadores, irreverente como quantos atacam a mentira, e desassombrado como todos os que prezam a honra, sabia dobrar os joelhos diante de Deus e manter-se de pé diante dos homens.

CELESTINO GOMES, porém, não foi apenas artista: foi também médico. Conheci-lhe de perto, sobretudo, esta faceta.

Clínico de enfermos pobres, apolearam-lhe os nervos todas as agruras da profissão.

Tratava, principalmente, ferroviários e funcionários modestos. Homens de boa vontade, mas de vencimento exíguo, que lhe pagavam, em geral, com amizade e gratidão.

Surgiu-me, algumas vezes, no consultório, a acompanhar pacientes cujos sofrimentos requeriam cuidados de especialista. E jamais se limitava a apresentá-los: assistia ao exame do princípio ao fim, com sacrifício de tempo, considerando os mínimos pormenores da observação e corrigindo os informes imprecisos do doente.

Feito diagnóstico e instituído tratamento, seguia profissionalmente a evolução do caso e vinha trocar novas impressões comigo, quando a terapêutica resultava infrutífera.

Dedicava ao enfermo amor fraternal: confrangia-se com as suas dores e rejubilava com os seus alívios.

A medicina prática é ciência e arte, mas talvez mais arte que ciência. CELESTINO GOMES exercia-a com alma de artista!

Consagrou-lhe louvores a imprensa, quando lhe anunciou o trespasses. Meditemos na diversidade talentosa das aptidões deste homem dedicado à Arte e à Ciência, perguntando a nós próprios:

— Levou-o, realmente, a morte?!

E sentiremos o coração bradar-nos: não há morte sem esquecimento. Deixámos apenas de o ver, mas continua a viver entre nós. Está presente na obra que nos legou.

Venceu o tempo!

Continua a enternecer-nos com o cantar dos seus poemas, o fulgor da sua prosa, as lágrimas dos seus romances e a beleza das suas telas.

Viveu pela Arte e só a Arte é eterna. Tudo o mais está condenado ao esquecimento.

EVARISTO FRANCO

bibRIA

EM MEMÓRIA DE CELESTINO GOMES

NA Academia das Ciências de Lisboa em sessão de 3 de Maio de 1956 apresentei uma comunicação sobre «A Nobreza e utilidade da Medicina».

Ali citei nomes de médicos que se afastaram do campo da medicina e se notabilizaram nas *Artes*, na *Literatura*, na *Indústria*, na *Pintura*, na *Agricultura*, em missões *Geográficas*, na *Etnografia*, na *Política*, na *Filosofia*, etc., etc.

Raros, muito raros, souberam conciliar, em perfeita harmonia, o exercício da medicina com outras actividades sociais, elevando-se a posições de relevo em ambos os campos.

CELESTINO GOMES soube destacar-se no exercício da *Medicina Geral*, na *Higiene Escolar*, na *Pintura*, na *Escultura*, tendo-lhe sido conferidos vários prémios.

Na Imprensa notabilizou-se com a sua colaboração em Revistas nacionais e estrangeiras. Sob o título «*É bom poupar a saúde*» publicou artigos sensacionais no *Diário de Notícias*, que foram muito apreciados e eram sempre aguardados com interesse. Muitos foram reunidos em volume com grande repercussão.

CELESTINO GOMES, sempre diligente e encantador, deu-me valiosíssima colaboração em exposições sobre assuntos médicos, que promovi na Faculdade de Medicina de Lisboa, no Hospital de S. José e na Sociedade das Ciências Médicas. Louvores eu recebi que mais lhe cabiam a ele do que a mim.

Generosamente tornou-me quase seu familiar. Devo-lhe provas de estima que muito me enterneceram e jamais esquecerei o seu encantador convívio.

Pelo muito que lhe devo, CELESTINO GOMES continuará a viver no íntimo afectivo do meu coração, na minha memória auditiva e visual, nas dobras do meu cérebro, com permanente saudade e gratidão.

COSTA-SACADURA

MEMÓRIA



AUTO-RETRATO DE JOÃO CARLOS,
POR ELE GRAVADO EM MADEIRA (1930)

Ó Celestino Gomes,
vero ilhavense de perfil fenício,
— qu'ê das sedes, das fomes,
e da guerra fatal sem armistício?

Varou o barco
nas águas calmas da nossa ria, ao luar.
E a flecha do teu arco
Deus suspendeu-a no ar.

ALBERTO DE SERPA

CONTRIBUTOS PARA UMA INTERPRETAÇÃO DA OBRA DE JOÃO CARLOS

CREIO que ninguém, como os Artistas, é capaz de interpretar uma região e um ambiente humano. Há neles um sexto sentido que lhes permite captar as essências soterradas e descer a funduras abissais. Uma espécie de intuição, iluminada de pureza, lhes guia os passos e lhes vivifica as pesquisas e, muitas vezes, aquilo que resiste à percepção de uma ciência sistemática é por eles posto a céu aberto e assoalhado de uma luz de maravilha.

Mata-se, às vezes, um etnógrafo uma vida inteira a calcorear congostas e a elaborar fichas minuciosas e, ao cabo, deixa escapar dos dedos um filão de beleza que a pupila hiante de um artista vai surpreender no meio do cascalho envolvente, deixando-o à vista na sua inocência imaculada.

Felizes das terras que encontram a sua interpretação verdadeira por intermédio da inspiração de um poeta ou das tintas de um pintor, porque nada lhes poderá dar mais vincada perpetuidade do que uma obra de arte que lhes fixe a fisionomia verdadeira, desbridando-lhes os recessos da alma.

Quem conheceu JOÃO CARLOS, quem lhe seguiu, interessada e atentamente, a trajectória do seu trabalho, quem lhe conheceu a sua vivência puramente humana e a sua inquietação sôfrega de Artista, não pode deixar de topar, em todo o seu labor, com uma fidelidade à origem, sempre tocada de um lirismo carinhoso.

Realmente, JOÃO CARLOS foi homem fidelíssimo às raízes e profundamente ligado a elas. E como todos os homens enraizados, foi refractário a poluições estranhas e impermeável a deformações desfigurantes. Nada conseguia tocar-lhe no travejamento da sua estrutura psicológica e mantinha sempre uma resistência oclusiva a osmose adventícias que lhe punha a personalidade ao abrigo de qualquer diluição descaracterizadora.

Ílhavo medular, JOÃO CARLOS transporta essa qualidade dominante para todos os degraus que vai ocupando na sua carreira ascensional de Artista e na sua actividade de homem incorporado na sociedade.

Toda a sua obra plástica documenta esta constante da sua compleição humana e a própria ondulação, quase coreográfica, do seu traço, tem a certidão de nascimento arquivada nos quadris bailarinos das nossas peixeiras e tricanas maleáveis e na linha delgada, acrobática e flexível dos nossos pescadores e marnotos.

Os artistas são uma espécie de gente *sui generis*. Tocados de um condão de ver as coisas secretas para os olhos dos outros homens, dotados de um sentido apurado para registar emoções que só tocam a sensibilidade dos eleitos, conseguem realizar o milagre de trazer à tona a beleza oculta na profundidade das coisas e dos seres.

Um sensorio delicado e minucioso, capta pormenores na visão sincrética da natureza, soletrando-lhe as gradações e surpreendendo-lhe a intimidade.

A maravilha da criação artística — essa espécie de milagre que arranca da greda uma Vénus, da paleta uma visão do Apocalipse, dos sons uma «Nona Sinfonia» — é um milagre de transfiguração. O artista investe com a matéria bruta e informe e anima-a de movimento e de poesia; acaricia o barro estéril e frio e fecunda-o de uma vida quente e palpitante; mistura e distribui a gama cromática e faz surgir à frente dos nossos olhos o relevo e a perspectiva; e risca na brancura uns traços, diluindo contornos e esfumando distâncias, e pode surgir da sua mão o Pártenon.

Mas os artistas vivem no tempo e têm os pés fincados no espaço. E mesmo sem nos vincularmos a determinismos de fundamentação geográfica, coisa que não aceitamos com exclusividade mas que valorizamos numa medida em que não pode ser postergada, temos de aceitar que as influências do meio se fazem sentir.

Eu sei que as traves mestras da condição humana são as mesmas aqui e acolá; que, vistas bem as coisas, as dissemelhanças antropológicas são milimétricas e que o bípede pensante, com pequenas variantes de pormenor, é o mesmo em todas as latitudes. Simplesmente os nossos olhos dispõem de uma acuidade específica para valorizar esses infinitamente pequenos, hipertrofiando essas diferenças. Digam-me lá o que disserem os que medem estas coisas à régua e a compasso, creio que há um plano de clivagem que separa o transmontano do homem da beira mar. A imutabilidade dos montes da Beira, por exemplo, insula o homem numa contemplação interior e prende-o à terra com raízes vegetais; um cordão umbilical fixa-o à leiva encaminhando-o para a meditação metafísica das motivações das coisas e dos seres. Ao

contrário, o homem da beira-mar, libertos os pés dos socos montanhesees que estabilizam como peanhas, e fazendo equilíbrios coreográficos nos muros quase lineares das marinhas, desce menos às funduras mas é mais ágil e liberto. Por outro lado, envolvido por um panorama largo e de horizontes claros, dispõe de uma vocação muito mais virada para o sensorial, ficando escravo da cor e da forma e iluminado, por dentro, de uma luz doirada.

Duas maneiras tem o ambiente para influenciar o homem: ou o estigmatiza com uma condenação que o achata, ou o estimula com uma agressão que o solicita... No caso do homem daqui, salvo o devido respeito pelos eruditos a quem peço vénia, parece que as coisas se devem ter passado desta forma: no meio da água desordenada e informe e das dunas movediças e castradas, não teve outro remédio senão investir contra o meio, domesticando a água e fecundando a duna. E desta luta ficou com equimoses bem marcadas, mas também com a alegria do triunfo na alma, resultando esta gente anfíbia que hoje somos.

Pois JOÃO CARLOS levou nos neurónios esta herança, nos olhos fundos esta luz e esta cor e, no sangue quente, uma vocação de aventura quase marinheira.

Pródigo como um Senhor de pendão e caldeira, desbaratou, às mãos cheias, o talento, atirando-o às rebatinas em todos os sentidos. Fidelíssimo ao seu chão natal, não resistiu a virar-se para o pitoresco que serviu devotadamente, prejudicando até, talvez, a sua projecção futura e o sentido profundo da sua obra. Não há maneira de não se sentir no trabalho do artista uma corroboração etnográfica que se patenteia com a clareza suficiente para não precisar de grandes indagações. Mãos largas, como o foi, desperdiçou, amiúde, a sua vocação artística, vinculando-a a motivos que talvez a não merecessem.

O Doutor JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES, porque foi uma personalidade plurifacetada, cria dificuldades ao exegeta da sua obra que, ao encará-la, há-de fatalmente experimentar a sensação de quem se encontra numa encruzilhada de caminhos. Mas em todo o homem, e conseqüentemente em todo o artista, existe sempre um elemento nuclear à roda do qual se dispõem as várias facetas que o constituem. Ora eu creio não estar a marginar a verdade se disser que o elemento central de toda a conformação artística de JOÃO CARLOS reside no desenhista — desenhista que subsiste no pintor com uma nitidez radiográfica, que vive no prosador com uma flagrância evidente, sem falarmos já da sua presença no xilógrafo, no entalhador e no ceramista, por a esses aspectos ser o desenho inerente.

Nunca olho para uma pintura de JOÃO CARLOS que me não venha à lembrança um desenho colorido — tal a intensidade com que se patenteiam as linhas, se exprimem os contornos e se revelam os pormenores — dando ao quadro um não sei quê que me

faz lembrar iluminura. Na sua obra de pintor a linha nunca cede terreno em favor da mancha. E vem-me até à superfície da retentiva qualquer coisa lida na «*Filosofia da Arte*» do TAINÉ que fala nas civilizações de *la ligne* e de *la tache*, relacionando-as com a geografia e com o clima. Sem querer impor o *simile* como legítimo, anoto-o de passagem e sem a finalidade de vincular as



AUTO-RETRATO DE JOÃO CARLOS
1944

minhas considerações à nutrição do esteta oitocentista francês. Mas se, realmente, nos países de céu claro e de luz intensa predomina a linha, isto é, o desenho, a arquitectura e a estatuária, dado que nesses ambientes, cruamente iluminados, as coisas se recortam com nitidez, o nosso ambiente é de molde a justificar a obra de JOÃO CARLOS.

Porque a mancha, isto é, a pintura, desabrocharia, mais naturalmente, nos países de céu velado em que os contornos se esfumam — o que constitui a característica antípoda da nossa região.

JOÃO CARLOS desenhou com requintes de minúcia quase caprichosa, sem fugir a dificuldades e tirando partido dos mais pequenos pormenores: uma tapeçaria do chão, um damasco da parede, a talha de um móvel, o pano de um vestido, a renda de uma gola, tudo era rigorosamente anotado para caracterizar o ambiente onde as figuras humanas se mostravam ou se moviam.

Inspirando-se nas nossas gravuras do século XVII, ou indo buscar seiva às miniaturas góticas, tateando motivos nas capitulares dos Missais e nas iluminuras dos devocionários, os seus desenhos encantam pelo rigor e pela perfeição da técnica.

Mas, altura em que o seu lápis e o seu pincel eram tocados de poesia, era quando ondulava o tronco duma peixeira de Ílhavo, quando individualizava a musculatura dum pescador da Costa Nova, quando catava motivos decorativos na proa dum moliceiro, quando se auto-retratava, ainda menino, com a opa vermelha da Irmandade do Senhor, ao lado de seu avô, ou quando aparecia com um moinho de papel da romaria da Senhora da Saúde. Tinha Ílhavo no coração e a sua obra é a tradutora mais rica da nossa ambiência e da nossa etnografia.

Por isso merece a gratidão da gente da sua terra, da gente que o seu lápis e o seu pincel acarinharam numa obra perene de beleza e muitas vezes marcada de sentido humano.

E o ilustrador? Para mim é bom ilustrador aquele que sabe e é capaz de incorporar a ilustração no conteúdo do texto sem produzir contrastes agudos e chocantes. Para ilustrar não basta compreender, pela razão simples de que é preciso pulsar em uníssono com o espírito do autor que se vai interpretar. Para ilustrar é precisa uma adesão total às intenções da obra, de maneira que a colaboração artística fique ligada à alma do próprio texto.

Ora JOÃO CARLOS realizou, em grande medida, essa operação de simbiose com uma harmonia onde se não topa com um socalco e onde se não sente uma dissonância.

Estou a lembrar-me, ao escrever estas palavras, das suas ilustrações para uma edição da «*Farsa dos Físicos*» de Mestre GIL VICENTE e está a apetecer-me dizer que essas ilustrações são tão vicentinas como a farsa. O mesmo sentido do pitoresco, a mesma ironia com um pèzinho no sarcasmo, a mesma acuidade para descobrir o ridículo e a mesma força poderosa de comunicação e movimento, se lêem no texto e se vêem nos desenhos. O mesmo vicentismo, português de lei, salpicado de chacota e profuso de beliscões, se solettra nos versos de Mestre GIL e nos desenhos de JOÃO CARLOS, numa homogeneidade onde se não cata uma fissura.

De resto, a personalidade de JOÃO CARLOS, mesmo na sua vivência comum, se manifestava vibrátil e irónica perante o ridículo de certos costumes e pouco disposta à aceitação de convenções artificiais. Ria, alto e bom som, das sobrecasacas de conselheiro de todos os objectivismos artísticos e optava sempre pela camisola de pescador, que lhe deixava os movimentos livres para descobrir o anedótico.

Vicentino, escrevi eu, e creio não ter motivos para encolher ou desbastar a afirmação. Vicentino, sim, pelo seu amor solidário com o poder expressivo do nosso povo, quando desenha «*O Ilusionista*» e «*O Homem que leva bofetadas*», surpreendidos, vigorosamente, no elenco de um circo de saltimbancos, ou quando traduz «*O ciúme*» liquidado a cacete, ou, ainda, quando interpreta «*O Viúvo*», numa atmosfera saudosa e lírica, verdadeiramente sugada do cerné desta velha cepa portuguesa; vicentino, quando ilustra epigramas médicos, corroborando a sátira com felicíssimas traduções gráficas do jocoso e do picante; vicentino, quando não resiste a aproveitar uma lápide do chão, um azulejo do silhar, a folha de um livro aberto, ou qualquer outro pormenor da composição, para, num gesto irreverente, autenticar a obra com a sua sigla ou com a sua firma; vicentino, até, na sua conduta puramente humana, aproveitando o anedótico da vida e das pessoas com agudo sentido de humor, quando não de sarcasmo, e conservando sempre, pela vida fora, um riso aberto e ruidoso, sem confinações nem reticências, e uma acuidade específica para desenterrar o que a sociedade tem de farsa.

Às vezes apraz-me descer a certas funduras, reconhecendo, embora, que não disponho de grandes lupas de penetração.

Uma espécie de atracção do abismo solicita-me no caminho desta prospecção, sobretudo quando topo no caminho com uma personalidade como a de JOÃO CARLOS, onde se descobrem constâncias a que apetece pôr a raiz ao sol e pesquisar a seiva nutritiva.

Releve-se-me, pois, esta tentativa de descida ao subsolo da criação artística para tentar explicar certos problemas do Pintor, ou, ao menos, para justificar alguns caminhos trilhados pela sua vocação.

Como é sabido, o Artista foi essencialmente figurativo e a figura humana foi sempre a motivação nuclear da sua arte, como, de resto, o homem foi o campo de trabalho da sua profissão.

Como um VESÁLIO, que fosse mais desenhista do que anatómico, comprazia-se em transfigurar anatomias sem lhes perder o respeito, salientando aqui o peitoral de um moliceiro contraído num espasmo, além a pantorrilha de um pescador a fazer proeminência ou a comissurá caída de uma varina exausta de fadiga. Sacrificava à comunicação estética — e sem hesitação — a medida, sem nunca perverter a forma. Se era preciso hipertrofiar para



BIOGRAFIA

bibRIA

JOÃO CARLOS
«O HOMENZINHO» — 1955 —

Quadro pertencente actualmente ao Museu Municipal de Ílhavo

INTERPRETAÇÃO DA OBRA DE JOÃO CARLOS

exprimir, não tinha uma vacilação, mas a morfologia, essa, ficava impoluta de qualquer irreverência ou de qualquer atentado teratologizante. Se quantitativamente investia com as normas e com as canônicas, postergando craveiras e compassos de medição, qualitativamente não ousava tocar, nem ao de leve, na pureza harmoniosa do antropomórfico.



O «TI' BÍTARO» ARRAIS
XILOGRAVURA DE JOÃO CARLOS

(Do livro *Luar de Lágrimas*, 1924)

Sente-se que é o médico que se abeira do cavalete, adivinha-se que quem empunha os pincéis é o homem maravilhado pela perfeição somática do homem, o profissional incorporado dentro da vedação da fidelidade anatómica mais ortodoxa.

E assim cheguei onde pretendia chegar: ao Médico. Melhor dizendo: ao Médico-Artista, que nunca perdia a memória nítida da sua profissão.

A sua minúcia de observação, o seu cuidado em anotar pormenores, o seu rigor na avaliação das coisas pequenas — quer no desenho, quer na pintura — parecem-me de filiar, pelo menos em grande parte, no humus de uma educação científica que é minuciosa na indagação dos fenómenos e austera na formulação dos factos e que sonda, com o mesmo cuidado atento e desperto, os sinais maciçamente objectivos e os mais fugidios sintomas subjectivos.

Não é por acaso que do seu lápis as mímicas saem sincronizadas com a motivação afectiva que pretendem traduzir; não é por coincidência que a figuração de certas atitudes — que parecem especiosas — se patenteiam nos seus quadros, exibindo anatomias que parecem caprichosas, porque, ao contrário, elas visam a uma finalidade demonstrativa da correspondência de certas contracções e distorções, com um móbil de ordem psicológica.

Ser médico é uma coisa que vincula. Ser médico é uma coisa que estigmatiza o espírito e a mão.

Uma vida inteira a ouvir de confissão as desgraças e misérias do semelhante, uma vida totalmente ocupada a vasculhar intimidades psicológicas, a aparar na retentiva sudários de dor e a ver desnudar na nossa frente — libertos de pudor — os corpos e as almas, é coisa que deixa marcas no caminho.

Ora a obra de JOÃO CARLOS documenta, a nosso ver, e com nitidez, esta influência.

A harmonia maravilhosa da morfologia humana, a orquestração perfeitíssima da actividade funcional, a sinfonia incomparável da sua psicologia, não podem deixar de hipotecar o profissional da Medicina, mormente se ele for Artista ou, pelo menos, tiver a sensibilidade estética afinada.

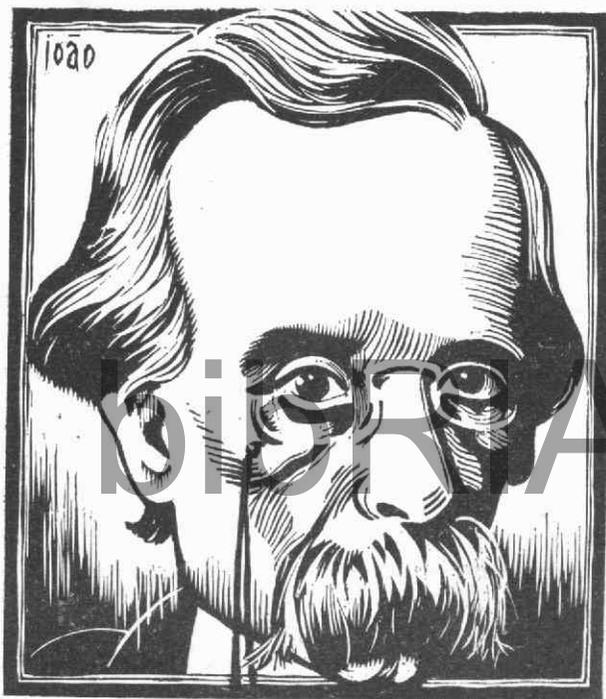
E, se a pintura é «coisa mental» como queria o VINCI, e até talvez por isso mesmo, não é de espantar que a formação científica do artista se destrince com suficiente flagrância no meio do mais rico contributo da emoção e justifique a asserção de que é com base numa formação científica, de cariz tipicamente descritivo, que JOÃO CARLOS ficou estabilizado no figurativo e que, mesmo quando esboça um passo para saltar de um realismo, embora estilizado, para uma ou outra tentativa no domínio surrealista, fique vinculado a um respeito firme pelo morfológico.

Estou a lembrar-me, ao escrever estas palavras, do seu quadro a que chamou «Tentação» e onde nem mesmo a ambiência onírica que envolve a composição foi capaz de frenar o espírito médico do autor que subsiste, com nitidez, na figura humana em que a cabeça é totalmente substituída por um olho de tamanho desproporcionado, mas rigorosamente apontado no desenho, e em que se patenteia à vista uma rede nervosa, subdividida até ao capilar, e que lembra um quadro mural de anatomia. Toda a tentação da carne, oculta por um muro mas em condições de

INTERPRETAÇÃO DA OBRA DE JOÃO CARLOS

quase ser adivinhada, está expressa naquele símbolo do olho esgaçado e dos nervos tensos e vibráteis.

Até parece que esta obra de JOÃO CARLOS, com sua pontinha de alucinação à BOSCH, obedece ao propósito de vir dar razão ao axiologista germânico MAX-SCHELER quando atribui ao espírito, como características específicas, a faculdade objectivante e a de se exprimir por símbolos.



CAMILO CASTELO BRANCO
XILOGRAVURA DE JOÃO CARLOS (1927)

Mas a multiforme actividade de JOÃO CARLOS nunca se satisfiz com uma única linguagem de expressão plástica, nem com um único caminho de comunicação estética.

Inquieto por natureza, sôfrego no trabalho por temperamento, botou mão de todos os alfabetos para traduzir a sua mensagem plástica. Sem consentir a disponibilidade a nenhuma matéria plástica, por muito estéril que se apresentasse, investe com a greda e tenta a cerâmica e a escultura; empunha a goiva, e atacando a madeira decididamente, faz-se entalhador, imaginário e xilógrafo de qualidade; atrai-o, mesmo, a beleza do mosaico

onde deixou exemplares nada falhos de curiosidade e de interesse.

Mas, não contente com isso, a própria actividade literária lhe solicita as atenções, quer utilizando a expressão em prosa, quer através da voz de um lirismo que já na sua obra plástica se revela com evidência.

Não foi, é claro, igualmente famoso em todos os caminhos que trilhou, mas em qualquer deles deixou vestígios indeléveis do seu rico dote de possibilidades. Como os artistas da Renascença, JOÃO CARLOS foi interessado por todas as rotas e sedento de todas as maneiras de significar beleza, e a sua personalidade é antípoda da do especialista confinado, que vive dentro de uma vedação como quem vive em regime prisional.

Assisti às suas primeiras tentativas de xilógrafo; vi como insculturava amorosamente as tabuinhas de buxo, impecavelmente desempenadas e talhadas numa esquadria perfeita; notei com que delicadeza navegava a folha afiada do seu canivete marginando os contornos do desenho, deixando, aqui e além, ilhas de sombra no meio do cerne escavado. Segui, atentamente, o aperfeiçoamento da técnica e a purificação do gosto; vi surgir algumas das gravuras mais expressivas e mais pessoais, gravuras em que o capricho do desenho já não tem dificuldades a vencer na transplantação para a tábuia virgem, que já nem precisava, imperativamente, de ser de buxo e que às vezes não passava, mesmo, de um tosco rectângulo de pinho plebeu.

A matéria nunca teve hostilidade capaz de meter medo à sua mão jeitosa e persistente e, em toda ela, topava com uma aceitação disponível que só as suas grandes qualidades de plástico sabiam descobrir. Por isso, nunca a negativa agressiva da substância constituiu impedimento a opor-se ao seu trabalho obstinado e toda a sua vida se queimou em holocausto à beleza que tão devotadamente serviu.

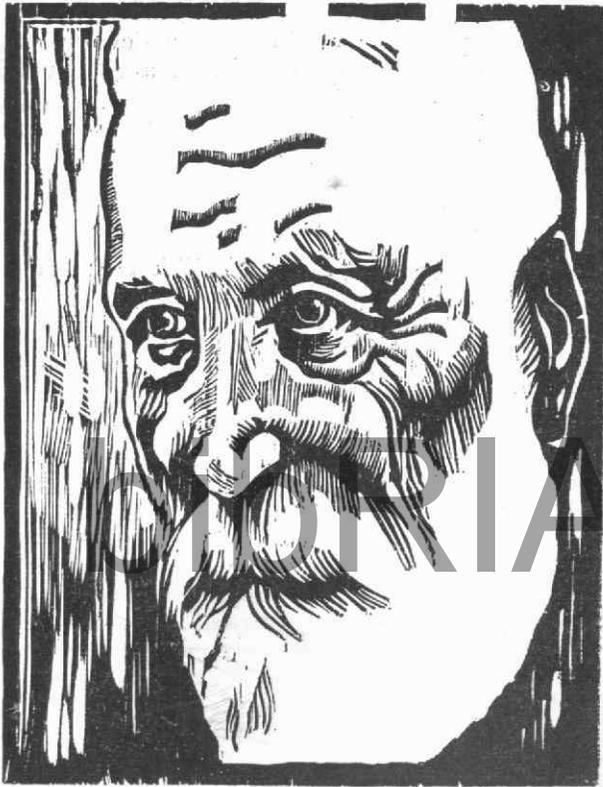
Deixou atrás de si um espólio empapado em suor e expresso numa Obra que, sejam quais forem as restrições que se lhe possam fazer pelo que às vezes tem de especioso e de subordinado ao puramente formal, deixa muito que colher nos domínios da imaginação, da fundura humana e, sobretudo, de um lirismo bem aparente e significativo.

Com o desaparecimento de JOÃO CARLOS a nossa região perdeu um tradutor nítido e carinhoso que, através de uma visão penetrante, colheu amorosamente o nosso filão etnográfico surpreendendo a beleza latente no interior das coisas e das próprias vivências espirituais do homem.

Simples panorâmica espectral da sua obra, este trabalho, não pretende descer a análises desfibrantes da sua criação plástica, nem creio que essa decomposição analítica fosse muito fecunda

INTERPRETAÇÃO DA OBRA DE JOÃO CARLOS

de descobertas nas minhas mãos desajeitadas. O meu escopo foi, precisamente, na profusão do seu extenso contributo artístico, descobrir as constâncias que lhe marcaram o rumo dentro de todas as linguagens de que se serviu, tateando os pontos de acordo que



620

João
Carlos
1924

ANATOLE FRANCE
XILOGRAVURA DE JOÃO CARLOS (1924)

se podem colher entre a sua compleição humana e a sua actualização de Artista.

Por outro lado, se tentássemos situar JOÃO CARLOS dentro de fronteiras de escola ou de coordenadas de vigência ou aptência, creio que muito teríamos de forçar as premissas para obter uma conclusão, o que não significa que consideremos o artista

indemne de influências e completamente isento de sugestões. Simplesmente, essas influências e essas sugestões têm de procurar-se em múltiplas origens de todos os pontos cardiais onde a sua pupila sondou qualquer manancial de beleza em que pudesse molhar o pincel, ou inspirar o lápis peregrino.

Mas isso levar-nos-ia longe, muito mais longe mesmo daquilo que a índole deste trabalho pode comportar como simples contributo para um preito que um devotado amigo do pintor organizou e para o qual solicitou a minha desvaliosa cooperação.

Vagos, 31 de Dezembro de 1961.

FREDERICO DE MOURA

bibRIA

JOÃO CARLOS OU O CÁOS HARMONIOSO

SE algum poeta soube — e pôde — combinar no poema o virtuosismo da arte com a autenticidade do próprio drama, se algum usou na palavra o excesso, em amargura e em paixão, brincando em desespero com a ambição das próprias ilusões, negando-as, limitando-as, ridicularizando-as, destruidor acerado de si mesmo no instante criador, esse poeta foi CELESTINO GOMES.

CELESTINO GOMES, que assinava os seus desenhos — as gravuras em madeira, o mosaico, a talha magnífica de comoção medieval, a torturada procura de cósmica intimidade que se tornava ramo, folha de árvore, corpo humano, nu e inocente, ou animal bravo — com o nome de JOÃO CARLOS.

Não sei de melhor elogio para um artista que este de se lhe reconhecer a autoria, mesmo sem assinatura.

Para além dos quadros que se encontram nos museus ou são pertença de particulares, as centenas de ilustrações que deixou em livros, em coleções de medicina — documentos brilhantes de um espírito que vivia suspenso entre as afinidades da literatura com a arte e com a ciência — eram a dádiva quotidiana que modestamente entregava, como se não se apercebesse da excelência das obras, a um público que as circulava sem surpresa, sentindo-as consagradas e portanto indiscutíveis.

A figuração dos seus traços era a revelação de uma espécie de íntima floresta, rica, estuante de seiva, onde nunca aparecia o vazio do cansaço, o esgotamento da repetição. A descida ao seu universo era o cenário imprevisto do *cáos harmonioso*.

Na poesia ele era, como já disse, o espectador da sua angústia, sem narcisismos nem delírios de grandeza — antes diminuindo a imaginárias personagens de ridícula sedução a simbólica dor que accionava o instante poético:

«Ergueram ferro os últimos navios.
Inda há boas viagens nas bandeiras;
e inda há fumo de cinza nas fogueiras
que pintaram a noite de arrepios.

Esvaziou-se a fila das cadeiras
no circo onde correram corropios;
aplausos que findaram assobios,
suor de covardias e canseiras...



RETRATO DE JOÃO CARLOS POR EDUARDO MALTA (1940)

Doidos cantam, às grades da enxovia,
soluços. (Impossível calma-ria).
Loucura, ou sonho, ou dor, seja o que for,

há-de rasgar o trapo do Disfarce,
e há-de quebrar-se o disco. Há-de calar-se!
... só tenho pena é da canção de amor...»

* * *

Passou pela vida constantemente deslumbrado. A sua dor, a sua ilusão, estiveram sempre deslumbradas. No estudo «*A Fisionomia da Morte*», trabalho de escultor, poeta e mágico, era o enamorado da Morte que se revelava. E foi em deslumbramento que se realizou sempre o artista plástico JOÃO CARLOS. Em amarga caricatura de si próprio, o poeta, o grande poeta CELESTINO GOMES.

AVENTESMA

Some-te da minha vista!
Tu, que te escondes em mim
p'ra te esconderes de mim
e a convencer-me de artista
me enxovalhas de Arlequim,
terrível ilusionista:
não me tires dos ouvidos
mãis fitas, pombos e gritos
de um carnaval de sentidos.

Estou farto de andar em ditos!
Bem basta o fraque amarelo
da independência e do orgulho
(ser inda mais como sou)
inútil elmo e castelo
— duros coletes de forças
gulosamente vestidos,
dandismo de tolo empenho...

Minha cabeça de entulho,
minha ambição de ser eu
— bilhete de última fila
(muita perca, pouco ganho) —
nojo de loas e incenso
de dizer tudo o que penso
de saber para onde vou.
Não, não me iludas a mim!

Quando me envergas o fraque
quando me crispas as mãos
p'ra não dar palmas de «claque»
gordas de Sancho e bom senso,
e sou rebelde e político
desespero e destempero,
és tu que falas por mim.
És tu que estás por detrás.

Não quero! (Ou quero?) Não quero!
Vade retro, Satanás.

* * *

Foi sempre um torturado da vida, não um enamorado da vida. Não a gozava; bebia-a até às mais profundas e estremeçadas fontes que a alimentam. Foi artista como raros: inteiro, inocente e enorme.

É dele a frase que bastas vezes repito e uso para os que vão chegando — duvidosos se a Arte é um banquete de dores ou de triunfos: «Terá que escolher entre o negar-se ou morrer na Cruz...»

Cabe nestas palavras o seu destino de grande artista, que nunca se negou.

NATÉRCIA FREIRE

bibRIA

UMA LUZ QUE SE EXTINGUIU

POR muito impiedosa que tal afirmação possa parecer, a verdade é que, encarada do ponto de vista biológico, social ou filosófico, a morte de certas pessoas é destituída de importância assinalável para a sociedade em que se inseriam e muito menos ainda para o mundo em que vegetavam. Apenas no aspecto familiar e numa perspectiva estritamente ego-cêntrica e sentimental deixam uma lacuna ou uma saudade que a Razão pura não preenche e a lembrança nunca apaga.

Isto acontece, temos de reconhecê-lo, com milhões de seres humanos, cujo existir sem autenticidade e beleza, cuja craveira moral e intelectual e cuja influência ecológica, de eterna e fecunda valorização recíproca quando conscientemente válida, se arrastam sempre desoladoramente abaixo de uma mediocridade tolerável.

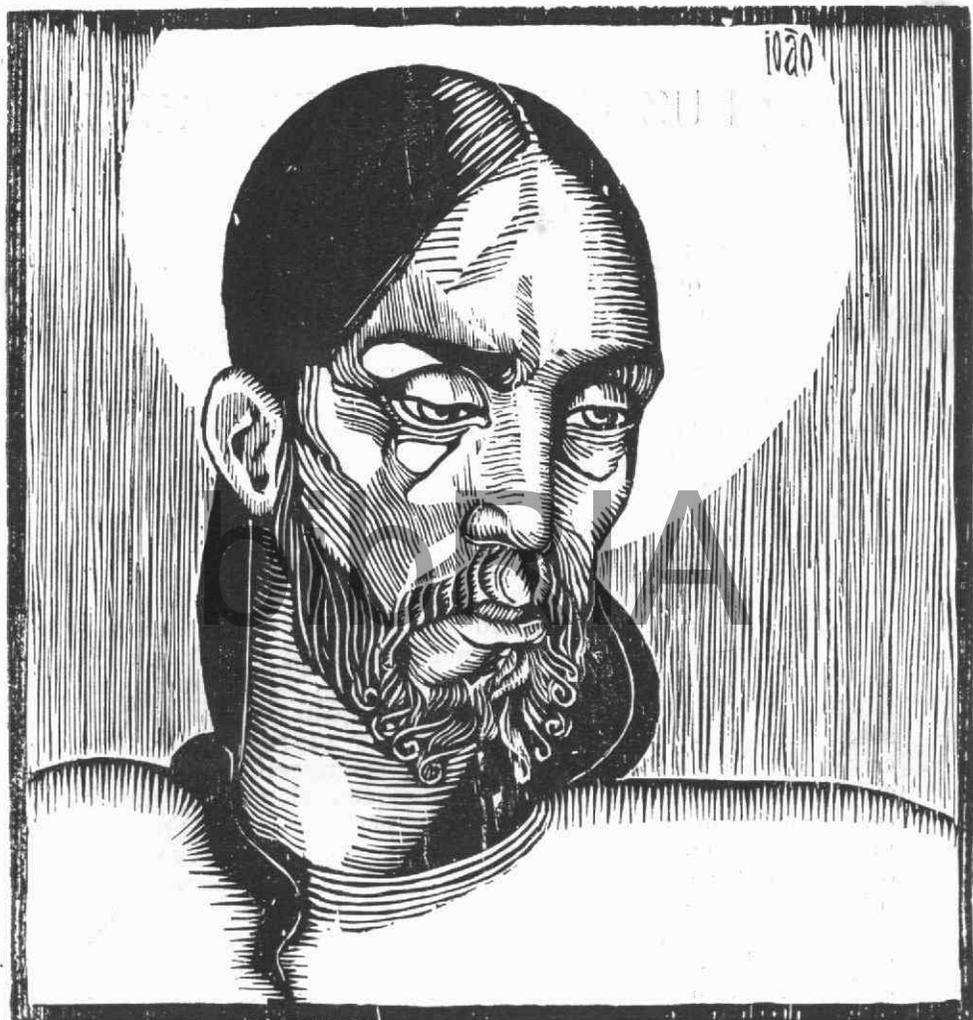
Mas quando um homem, ao morrer, deixa na vertigem da vida tumultuosa dos nossos dias um vácuo impressionante, uma aguda e dolorosa sensação colectiva de vazio, de frustração, de mágoa indelével — eu quase diria de uma injustiça perante a qual somos mesquinhamente impotentes —, sentimentos estes que transcendem em muito a dor, tão compreensível e respeitável, mas sem significado universalista, dos familiares que a ele se ligavam por especiais elos afectivos, então é porque desapareceu mais do que um simples chefe de família, um pai, um esposo, um irmão ou qualquer outro ente querido; é porque se extinguiu alguém que soube engrandecer e dignificar aquele escol que confere à Humanidade a categoria, o privilégio e a marca divina que a fazem pairar acima da triste e humilhante condição de mero aglomerado biológico, em vários aspectos idêntico ao da fauna que animalicamente se hostiliza em plena selva.

Para determinadas concepções políticas, éticas e religiosas, talvez os homens sejam todos iguais ou devam ser encarados como tal. Confesso, porém, que nunca me senti inclinado a pensar assim, porque isso repugna à minha inteligência, à minha sensibilidade e até à minha formação cristã, pois nem mesmo Cristo hesitou em expulsar os vendilhões do Templo.

Entre dois homens, biologicamente semelhantes, pode existir

a mesma diferença moral que separa um réptil de um santo, o mesmo abismo intelectual que destrinça um asno de um sábio.

Tanto basta para que me seja impossível contemplar com a mesma indiferença ou com equivalente amargura o acontecer in-



CABEÇA DE CRISTO — GRAVURA EM MADEIRA, DE JOÃO CARLOS (1929)

vitável da morte de estruturas similares mas fenomenològicamente tão opostas de seres humanos.

Por isso me doeu e me angustiou tão profundamente a perda definitiva e irreparável do convívio optimista, viril, honesto e caudaloso de JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES, meu amigo de longa

data, meu colega na Medicina, no jornalismo e nos devaneios inconformistas, meu colaborador de muitos anos no jornal que dirijo, meu companheiro espiritual nos momentos em que as nossas vidas atarefadas nos permitiam o exuberante prazer de contactarmos, meu camarada de todas as horas em que o seu apoio era amistosamente solicitado,—uma figura cimeira no nosso meio, sobretudo como artista criador.

Não quero nem posso, ao prestar homenagem à sua memória, precisamente no dia — 11 de Novembro — em que se completa um ano sobre a sua morte, falar de JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES como médico, poeta, escritor e artista; nem tão-pouco enaltecer a sua personalidade polimorfa, o seu talento de múltiplas e brilhantes facetas, a sua espantosa inquietação espiritual, o seu vigoroso e indomável temperamento, o seu intelectualismo inspirado e transbordante, a firme rectidão do seu carácter, a sua inata pureza de homem bom. Isso exigiria, pelo menos no que se refere aos seus predicados intelectuais, uma serenidade, uma objectividade e uma frieza crítica de que não me sinto ainda capaz.

Pretendo apenas, nestas pobres linhas, que ele me perdoaria se as lesse, com a sua ampla generosidade, vincar que a morte de JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES escureceu o panorama intelectual da nossa terra. Na realidade, não somos tão ricos de valores autênticos, não temos tantas luzes brilhando intensamente na cúpula da cultura e da arte e no areópago dos grandes espíritos lusíadas — que não nos apercebamos dolorosamente de uma zona de penumbra quando uma dessas luzes se apaga.

Para além de um corpo, pujante de energia, onde a vida deixou de palpitar, a morte de JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES foi uma luz vivíssima que se extinguiu, uma cortina negra que desceu sobre as ilusões de eternidade que no fundo acalentamos, um golpe cruel para os seus inúmeros amigos e admiradores.

Por isso, quando os seus olhos se fecharam para o repouso eterno, quando me convenci de que nunca mais olharia o seu olhar perscrutador, inquieto, alegre, eloquente, aquele olhar que irradiava comunicabilidade, avidez cultural e convicção límpida — fiquei com um durador e opressivo negrume na alma.

Agora, decorrido um ano desde essa hora enlutada, compreendo melhor que a sua luz espiritual não se extinguiu por completo e que, através da obra multiforme que nos legou, continuará a iluminar-nos com o mesmo fulgor — como o das estrelas desaparecidas — e continuará a transmitir-nos o mesmo arrebatamento artístico com que nos entusiasmava, durante muito mais tempo, durante um longo e significativo período, numa admiração que o seu talento privilegiado nos impôs e que sobreviverá à sua presença física neste perplexo e conturbado mundo.

ARMANDO POMBAL

O SURREALISMO NO ESPÍRITO DE JOÃO CARLOS

A personalidade de JOÃO CARLOS não admitia cânones artísticos. O dogma em Arte não existia para ele. Temperamento forte, insubmisso e irreverente, a criação era tudo na sua opulenta obra. Não que deixasse de reconhecer os estilos, escolas ou os processos estéticos, pois a todos compreendia, mas porque a sua sensibilidade e o seu espírito inovador viviam em outros domínios.

As suas inclinações, contudo, dirigiam-se directamente ao surrealismo. Lembra-me, aí por altura de 1925, quando ANDRÉ BRETON (o doutrinador do surrealismo) lançou o célebre «Manifesto», as reacções que tal movimento lhe suscitou. JOÃO CARLOS recebeu-o com alvoroço, visto as suas inquietações rondarem de há muito a filosofia do surrealismo, que desde APOLLINAIRE, o seu fundador, abria sulcos revolucionários, particularmente entre a gente nova.

O confronto entre a filosofia surrealista e o espírito de JOÃO CARLOS fornece, efectivamente, ensejo para uma dedução.

Segundo BRETON, o «surrealismo exprime, quer verbalmente, quer por escrito, o funcionamento real do pensar; é um estado do pensamento com ausência de qualquer fiscalização exercida pela razão. O surrealismo — acrescenta-se — é uma tentativa científica experimental, de exploração do inconsciente onde reside a sobre-realidade. O surrealismo tem, pois, a origem próxima numa constatação empírica, é, ao mesmo tempo, uma «experiência interior».

Quem conheceu JOÃO CARLOS e acompanhou as suas actividades intelectuais na Pedagogia, nas Letras, nas Ciências e nas Artes, não tem dificuldade em reconhecer que a sua obra partia de «uma experiência interior». O pedagogo, o escritor e o artista viviam no âmbito de um mundo interior. A sua obra, introspectiva, tinha expressão anímica, nascia no cérebro e constelava na alma e no coração.

Na exuberância do seu temperamento, tinha aparências de ferrabraz (aparências, apenas), quando estruturalmente era um sentimental, um humano, um homem bom. Conheço abundantes casos que redizem a convicção de que JOÃO CARLOS era um modelo de virtudes, que outros seus pares gostariam de possuir. Contudo, a sua mordacidade e iconoclastia, expressas em tom de vivacidade quente, quantas vezes induziam a um erro, supondo-o, efectivamente, diferente do que era!

JOÃO CARLOS — disse-mo muitas vezes — envergonhar-se-ia se não acompanhasse o pensamento de BAUDELAIRE: «É preciso estar-se embriagado para não se sentir o peso horrível do tempo».

Com efeito, o saudoso escritor e artista pertencia ao «seu tempo», que com ele marchava passo a passo, no mesmo ideário espiritual. E para se integrar na época em que vivia, a sua inteligência e o seu espírito não se conformavam com outra obra que não fosse a da profunda criação.

Não cabe na nótula do «In Memoriam» um ensaio sobre personalidade complexa como a de JOÃO CARLOS. Abarcaria um espaço incompatível e teria de ser firmado por um Mestre, qualidades que, infelizmente, não ousamos atribuir a nós.

Acentue-se, no entanto, que em toda a evolução da sua obra de desenhista, pintor, escultor, ceramista e mosaísta (aqui fica, em apontamento, a relação do seu espírito com o surrealismo) JOÃO CARLOS foi sempre igual a si próprio. Nunca quis vestir outra personalidade. Médico pelo coração, a sua dama, não obstante, era a Arte. Sentia-a e para ela vivia. Se não fosse um dileitante espiritual teria morrido rico. Tinha muito respeito a si próprio e à sua Arte e jamais se deixou arrastar pelo mercenarismo.

Conheci os seus primeiros passos e assisti à execução de uma das suas últimas obras, já quando a saúde se tornara precária. Através quase quatro décadas admirei-o (e louvei-o) nas suas realizações. Sempre hirto, com o aprumo dos grandes e a elegância dos modelos, procurava esclarecer-se e tornar-se (artisticamente) melhor, abrindo vastos horizontes a uma Arte da maior dignidade. Impressionista, dimensionista, surrealista, abstrato, clássico? De tudo um pouco, sem submissão, no entanto, a grilhetas.

A sua temática tinha profundidade humana. Inclinado para a gente do mar (não fosse ele de Ílhavo), que amorosidade envolviam as suas telas e que expressão interior se revelava nesse trabalho! «No sobrenatural existia a sua sensibilidade surreal», como sentenciavam os patriarcas do surrealismo.

Nos tipos da rua a alma bondosa do artista penetrava no âmago dos motivos. Que vida espiritual possuíam! Só STUART se aproximou de JOÃO CARLOS na humanidade para com os simples.

A Sociedade, através do seu lápis, dos seus pincéis e do seu cinzel, foi tocada pelo traço irónico do artista com elegância per-

cuciente que cortava, todavia, como lâmina. O seu humorismo, construído de verdade incontrovertida, lacerava fortemente nos trabalhos de maior profundidade artística, feitos de uma «experiência interior».

JOÃO CARLOS representava uma maioridade pictural que cabia no pensamento filosófico do surrealismo. Toda a sua obra séria e inconfundível fica como documento de alta valia no panorama das Artes Plásticas.

No álbum de pintura de JOÃO CARLOS coloquemos, em paridade, «*O Sono*», de ROUSSEAU; «*Uma pequena tragédia*», de MASSOU; ou a «*Mulher visível*», de SALVADOR DALI; e verifiquemos, na realidade, se na sua notável obra não há (pelas circunstâncias já aduzidas) revérberos espirituais do surrealismo, apesar do grande artista não pertencer a esta ou a outra escola vanguardista.

ALFREDO MARQUES

bibRIA

O «PRESEPIO»

«...De resto, creio que toda a obra de arte, como obra de beleza ou para o ser, tem de ser feita como quem faz uma boa acção e que, afinal, nos faz, sem fadiga, felizes por sermos homens.»

CELESTINO GOMES

O «*Presépio*» é uma criação admirável, e muito nossa, do singularíssimo talento artístico de JOÃO CARLOS.]

Tocado de fervoroso, ardente e sincero regionalismo, este notavel trabalho, de intensa vida interior, constitui, indubitavelmente, a mais sentida e elevada concepção estética de JOÃO CARLOS, no seu fecundo e acrisolado amor por toda essa bendita e luminosa região à beira-mar, e mormente, pela terra que lhe foi berço — Ílhavo.

O «*Presépio*», que se oferece à nossa contemplação no Museu Municipal de Ílhavo, é um comovente e maravilhoso trabalho de devoção bairrista, sintetizando, em figuras de primorosa e delicada estilização, toda a simplicidade e todo o fervor religioso do pescador ilhavense de antanho.

Nesta formosíssima tela, existem, consubstanciados, o Artista, sempre original e deliciosamente requintado, que foi JOÃO CARLOS, e a alma nostálgica do Poeta e do ilhavense apaixonado.

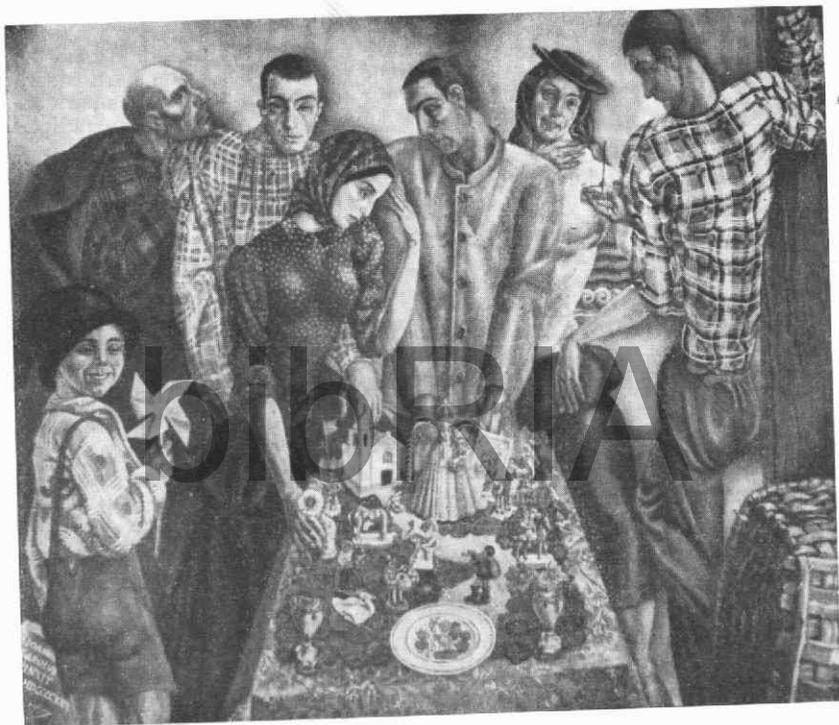
Ouçamo-lo:

*E Tu hás-de ser sempre o eterno Paraíso,
ó minha Terra-Santa, ó Terra-Prometida!...
Sorrindo, eu morrerei por Ti, se for preciso,
porque de Ti me veio o germen desta vida!*

JOÃO CARLOS trazia Ílhavo no coração. E o «*Presépio*», de forte sabor local, e onde tudo — almas e coisas — é nitidamente

ilhavense, não podia deixar de constituir uma perfeita e completa afirmação de si mesmo. Tudo o que havia de emotivo e de mais nobre em sua alma ali ficou, numa doce e enternecida evocação do passado.

Verdadeiro monumento de sentimentalidade bairrista, o «*Presépio*» é o mais íntimo, mais profundo e sincero trabalho, idealizado pelo talentoso Artista ilhavense.



O PRESÉPIO

— Pintura em tela, pertencente ao Museu Municipal de Ílhavo —

Pintar com devoção, é rezar. E o «*Presépio*», ideado e concebido pelo coração, foi pintado de alma ajoelhada e olhos húmidos de lágrimas...

O «*Presépio*» é uma oração!

Porto, Outubro de 1961.

AMÉRICO TELES

SINFONIA MUITO INCOMPLETA

CONHECI JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES há mais de vinte e cinco anos e acompanhei sempre, com o mais carinhoso interesse, a sua obra de poeta e de artista. Devo-lhe a ilustração de alguns dos meus livros e a fidelidade de uma afectuosa estima, que nunca sofreu qualquer esmorecimento.

Partilhei, muitas vezes, da alegria dos seus triunfos e ouvi-lhe confidências de angustiado, que procurei — era o meu dever de homem e de padre — atenuar com o bálsamo de uma palavra reconfortante e franca.

E habituei-me a ver no amigo uma espécie de companheiro de sonho.

O que mais me impressionava em JOÃO CARLOS era a porosidade da sua alma de menino em estado permanente de ternura e assombro perante as coisas belas da terra e do espírito. Os seus olhos, inquietos e arregalados, não mereciam que a Morte lhes fechasse tão cedo para sempre. Porque sabiam olhar, na vida de cada dia, o que a vida tinha de gratuita oferta lírica para as sensibilidades requintadas como a sua.

Podia o prosador das breves crónicas do «*É bom poupar a saúde*» dar a entender, a quem superficialmente o conhecesse, que a ironia, laivada de cepticismo, era o seu processo predilecto de dialogar com o público.

Para além, porém, das pontas de fogo com que a erudição do clínico denunciava certos aspectos especulativos da farmacopeia moderna, não era difícil descobrir o artista nato, intransigentemente fiel à sua vocação, mesmo quando parecia que só brincava com palavras. O que JOÃO CARLOS possuía como poucos era o segredo de, em problemas amargos ou secos, provocar a atenção de quem o lesse. Mas apontando os perigos de uma droga ou rindo-se das experiências dos últimos invencioneiros exóticos, nunca deixava de marcar a sua tendência instintiva para abrir as janelas do consultório por onde entrasse, sem ser por tubos de ensaio, o ar fresco da natureza.



VITÓRIA DO ANJO CONTRA O PECADO

Desenho de João Carlos (1940)

SINFONIA MUITO INCOMPLETA

Rabiscada a crónica de graciosa divulgação, com a despreensão de mero devaneio jornalístico, logo se debruçava sobre a brancura de uma tela ou de uma folha de cartolina, e então sim, era a sua alma inteirã que trabalhava, concentrada e amorosamente. Desaparecia o homem da rua, de andar nervoso, e surgia o monge, beneditinamente paciente, que gostava de ressuscitar, nas turbações do século XX, as canduras místicas da Idade-Média; João CARLOS devia ter por patrono Fra Angélico.

Era, entretanto, um iluminador ousado, que não temia a violência expressional, quando os temas pediam energia, desenvoltura, rasgo na intenção e no traço. O lírio e as asas da Anunciação não o impediam de desenhar o Baptista do Deserto com todas as rudezas de profeta hirsuto.

Dei-lhe um dia um volume de reproduções de DURER. DURER era também um dos seus mestres. DURER e o povo. O povo do mar. Filho de Ílhavo, tinha de arrastar consigo, agarrados aos dedos e ao pensamento, os sortilégios do litoral. Bem o fixou, ao retratá-lo, a visão psicológica de EDUARDO MALTA.

Há dois ou três anos alguém me falou na hipótese de uns vitrais para uma basílica de Lisboa. Indiquei o seu nome e ele soube-o.

Pois durante meses não passava uma semana em que não me telefonasse sobre o assunto, de tal maneira a ideia o absorvera. Não o ajudaram as circunstâncias. E abalou para o Outro-Mundo sem ser vitralista, como fora xilógrafo e poeta.

«*Sinfonia muito incompleta*» foi o título que escolhera para uma antologia dos seus poemas editada em 1958. Assim foi a sua vida; uma sinfonia de ritmos, de linhas e de cores, incompleta, muito incompleta, como todas as vidas de todos os que sonham até ao primeiro segundo da hora da Morte.

MOREIRA DAS NEVES

JOÃO, QUERIDO AMIGO

ESTAS singelas palavras são apenas modestíssimo tributo duma fraterna Amizade — o coração manda — pois nada pretendem acrescentar em louvor da Obra deixada por JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES. Outros, com seu poder



INTERIOR DA CASA DO ARTISTA EM LISBOA.
MESA EM QUE FREQUENTEMENTE TRABALHAVA

de análise de críticos competentes, sobre ela têm vindo a debruçar-se; e tenho para mim que muitos mais virão do vasto mundo das Artes e das Letras, libertos das limitações do tempo e do meio, não apenas para criticar mas para estudar e aprender—me-

lhor, para aprender e para sentir—a Verdade e a Justiça que são devidas à figura extraordinária deste Homem, figura omnimoda de intelectual, autêntico príncipe do espírito, sempre igual a si mesmo, quer como autor dum romance, dum artigo apressado ou duma poesia, quer desenhando, gravando madeira, formando mosaicos—ou simplesmente a conversar. Sempre o mesmo homem de excepção, simples e puro, tímido e por vezes quase ingénuo, antes um grande talento plurifacetado, de penetrante inteligência, que um homem de múltiplos talentos, pois continuamente se manteve fiel ao mesmo espírito, ao mesmo ideal e à mesma fé.

Meu querido «D. JOÃO»: de trinta e tal anos seguidos de íntimo convívio, ficou-me de ti, acima de tudo, uma saudade imensa, um enorme e incomparável vazio na vida. Sinto que alguma coisa de mim próprio morreu contigo, quando ficaste dormindo. E só Deus sabe como é infinitamente triste e doloroso recordar-te!

Estarreja, 11 de Novembro de 1961

ANTÓNIO MADUREIRA

bibRIA

JOÃO CARLOS

.

O Corpo e a Alma do Artista. — Como era o JOÃO CARLOS? Tal como sempre o vi e continuo a vê-lo agora, dava-nos a cada momento a impressão duma obra acabada de sair directamente das mãos de Deus.

A Máscara e o Olhar. — Na mobilidade e nos traços da sua máscara havia ainda como que um vestígio das dedadas que tivessem deixado presas à argila os movimentos da mão e dos dedos do Criador. E nos seus olhos a vibração e os reflexos por vezes alucinantes duma vida interior sempre em vivência, e de um desfilar de imagens da vida exterior sempre absorvidas: a agudeza de quem vê as formas visíveis e tenta penetrar o significado invisível das suas linhas; a ansiedade interrogativa de quem pretende surpreender algum aspecto inédito nas coisas totalmente vistas, e se encanta com a expressão material tanto das coisas animadas como das coisas inertes.

E com tudo isto, uma limpidez em que se encontrava, juntamente com a alma que Deus lhe deu, a transparência do Céu, e a palpação intranquila das estrelas. Olhos de menino e porventura de louco. A loucura de quem caminha pela vida teimando em vivê-la em ingenuidade e em beleza, e em ignorar a existência dos bárbaros.

A fala e o espírito. — No timbre da sua voz, na sua conversação:—imprevisto, esfusiante, paradoxal. Volúvel?—Sim. Com a volubilidade luminosa dum prisma que polarizasse não só a luz do Sol mas também a luz das estrelas e o mistério das sombras. E também os reflexos do mar volúvel;—aquele mar que desde menino lhe ficou sempre preso na alma como num búcio.

Não variam a cada momento as linhas, os contornos, os coloridos, as imagens das mesmas coisas sob a curva temporal da luz do mesmo Sol? Assim vibravam em aparências por vezes contraditórias as expressões da sua sensibilidade e da sua intelligen-

cia, iluminadas em incidências variáveis pela mesma luz do espírito.

Também a própria luz estável não é uma quietude, mas uma vibração. Porém a essência do seu espírito, tal como as formas da sua arte, era densa, exacta, polida e firme como as arestas luminosas da gema dum diamante.

Daí a impressionante unidade das linhas mestras do seu pensamento, donde resulta, em meio da diversidade cheia de imprevistos, uma personalidade tão nitidamente definida. Da mesma maneira, em todas as suas obras o cunho pessoal da sua arte dá-nos um vislumbre da sua imagem e é, mais do que o seu nome, a assinatura individual e o seu sinal de espírito.

Na inteligência o mesmo frescor, a mesma claridade do primitivo sopro do Senhor na alvorada matinal da Criação. Tudo lhe era espontâneo e fácil, nítido e exacto, como se o raciocínio fosse um recurso indirecto de que nunca precisasse de lançar mão para entender as dificuldades ou o mistério das coisas. Uma curiosidade infinita e um poder de criação febril.

.

O ultra formal realizado pela forma. Valor da linha.— Havia na habilidade extraordinária das suas mãos e no seu poder de fantasia, alguma coisa de prodigioso e de mágico. Porém, há em toda a sua obra a volúpia do difícil no que se refere ao domínio da técnica e à concretização definida da forma.

Se LING definiu como fim da ginástica o de fazer do corpo um instrumento ao serviço da alma, o Artista deve conceber a técnica de idêntica maneira como uma ginástica destinada a fazer da mão um instrumento expressivo da sensibilidade, da inteligência, e da forma.

A *forma* é o grande valor expressivo de JOÃO CARLOS. E exprime-a por todos os processos: a desenhar, a esculpir, a entalhar, a gravar e a modelar. E a pintar também:— Se bem que, apesar do valor dos seus óleos, não seja o manejo cromático das tintas na paleta e na tela o que impõe, a meu ver, a personalidade e a superioridade do artista criador que foi JOÃO CARLOS.

A culminância do Artista é-nos transmitida principalmente pela expressão da linha e do ponto, e portanto do branco e negro. E isto nos dá testemunho do amor à exactidão e nitidez da expressão plástica deste cultor das Belas-Artes. E é isto também o que denota a feição da sua inteligência na ânsia de dar expressão objectiva ao estro subjectivo dos seus sonhos.

Nada de *flo*, nada de impreciso existe nas suas composições. O artista bem sabia quanto de incapacidade verdadeira se esconde na sensação quase amorfa do *flo* a substituir a virilidade da linha e a nitidez da forma. Quanto de vazio mental na pintura que pretende abstrair da concretização do contorno

para se reduzir às sensações primárias e indeterminadas da superfície e da cor.

A Arte pela Arte. — Com a sensibilidade levada à mais preciosa das minúcias, e uma habilidade manual tão omnímoda e tão subtil que não tem par em nenhuma outra compleição de Artista, ninguém estaria mais fadado do que JOÃO CARLOS para fazer *Arte pela Arte*.

Na realidade porém, se ninguém foi mais capaz de sentir a beleza visual da Arte pela Arte, ninguém foi mais incapaz de se resumir a esse campo superficial do sensorialismo. E é isso o que tanto o diferencia de outros grandes Artistas com os quais possa ter certas afinidades de desenho.

Em grande parte dos seus trabalhos, a sensibilidade estética e a inteligência artística nem mesmo se podem julgar como elementos conjugados, mas antes substancialmente indiferenciados. A inteligência *vê* em Arte. Em todo o caso, é a inteligência e a consciência, isto é, a visão interior dos olhos e não a sua visão exterior, a *fons vitae*, o *primum movens* da alma.

Forma de trabalhar. — Como trabalhava JOÃO CARLOS?

Entregue à sua febre de criar, o artista transformava-se num *medium* trespassado pela claridade e pela energia do seu sonho, trabalhando entre a inspiração e a criação. Desde o início da obra isolava-se inteiramente do Mundo. Tudo desaparecia ao seu redor. Ficava sozinho. Ele com a sua arte, a sua inteligência e a sua cultura, a receber da inspiração poética o frêmito criador, e a realizar com a técnica a materialização espiritual da sua obra.

Então o artista, que no convívio dos amigos era tão exuberantemente animado e falador, cerrava os dentes num mutismo concentrado. Os olhos fixos, quase imóveis. Nem a presença dos amigos e dos artistas quebrava a concentração do seu isolamento. Não via mais nada que não fosse o desenvolvimento do quadro, cujas imagens as mãos lhe transportavam da sua visão interior para o papel ou para a tela. Dava-se de corpo e alma ao nascimento da obra de arte.

E assim foi até à morte. Obedecia integralmente e fidelissimamente ao seu destino. Trazia uma mensagem no coração, trazia uma mensagem nos olhos, trazia uma mensagem nas mãos. E cumpria-as com toda a vivência do seu espírito e do seu sangue.

A compor as suas últimas obras ocupara em Inglaterra, poucos meses antes de morrer, todo o tempo que lhe sobrava dos tratamentos a que fôra submeter-se. E esses trabalhos encheram uma exposição!

Já com a morte dentro de si, criava ainda, e com quanto frenesim! Erguia-se já quase exânime do leito para trabalhar aos poucos, sobre um banco, na grande tela da *Senhora do Mar*. E entre sucessivos esgotamentos repetia, a curtos intervalos, amparado e exausto, o caminho entre a tela e a cama.

Condensava as últimas energias para as converter em Arte. Queria andar mais depressa do que a Morte para fazer a sua última exposição, levando a sua mensagem o mais longe que pudesse. E conseguiu realizá-la, tendo quase à vista o seu próprio fim. Nesse intervalo de breves dias comunicava-me ainda a esperança de poder acabar o tríptico para que ele compusera a *Senhora do Mar*, cujo painel tencionava refazer mais definitivamente.

Foi esta a nossa última conversa. E ao recordá-la, estendo a mão para aquela imagem que se afastou dos meus olhos e em mim ficou presa, como tantas outras, a tão repetidas afinidades de espírito. E sinto no meu gesto, prolongado para além das dimensões do espaço e a varar o tempo, que os meus dedos tocam outra vez os seus, e me percorre um frémito de eternidade.

bib**RIA**
AMÉRICO CORTEZ PINTO

UM ARTISTA DE RAÇA, UMA ARTE DE SONHO

ARTE é predestinação. Não se fabrica a martelo, mas pode cultivar-se como flor maravilhosa. Os rouxinóis nascem cantores. JOÃO CARLOS nasceu artista — um grande artista de talento multiforme. Abraçou o seu destino com entusiasmo ardente mas lúcido — e deu-nos uma arte muito sua, ao mesmo tempo requintada e polivalente. Dele se pode dizer que nunca deixou de ser pintor quando escrevia, como nunca deixou de ser escritor quando desenhava ou pintava. Dois num só — e ambos caminharam unidos ao longo duma vida carregada e fecunda.

Desaparecido demasiado cedo, foi JOÃO CARLOS um artista singular.

Diferente dos mais, igual a si mesmo. Dir-se-ia um primitivo, com requintes de miniaturista e graças de poeta. Não se enfeudou a escolas, manteve sempre a sua altiva independência. Uns achavam a sua arte demasiado literária, outros demasiado subjectiva e caprichosa, mas ninguém ousaria negar-lhe a originalidade profunda, o vinco pessoal e inconfundível. Revolucionário na juventude, escandalizou os bonzos; mas depois pouco evoluiu, porque lhe interessava mais encontrar-se e realizar-se a si mesmo do que seguir as modas passageiras. Era um aristocrata solitário no redemoinho e no tumulto da república das artes.

Artista plástico de esquisita e aguda sensibilidade, que não teve mestres e se fez por si, era mais um ilustrador do que um pintor. E, no entanto, que deliciosas pinturas ele nos deixou, como esse «Auto-retrato» de 1927, em que nos surge o jovem médico no meio dos seus livros, ou o «Retrato da mulher do Artista», pouco anterior, com seu perfil de castelã medieva — estilizações elegantes e ricas de seiva, em cujas delicadas minúcias e em cujas tintas puras e vivas dir-se-ia remoçar como por encanto a arte dos velhos iluminadores. Dramático o duplo auto-retrato de 1955, intitulado «O homenzinho», em que JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES se desdobra no artista exuberante, descalço e de paleta em punho, e no homem de ciência circunspecto, de bata branca e braços cruzados. Ambos se degladiavam no seu ser como irmãos inimigos. JOÃO CARLOS não tinha tempo para ser

um e outro e sentia a vida fugir. Daí o sarcasmo risonho e cruel que perpassa nesta pintura. Nela sentimos já simplicidade maior na redução do tema às linhas essenciais, o que mais avulta ainda numa composição recente, a «Flor de plástico» (1960), de linhas sóbrias e contornos vincados, de desenho seguro e firme, sobre o qual flui um colorido álaçre.

Em todas estas obras se adivinha o grande ilustrador, atraído momentâneamente pelos prestígios da pintura de cavalete. E são afinal as suas ilustrações que mais longamente nos prendem os olhos e que melhor retratam o seu espírito inquieto e subtil. A tal respeito, escreveu AMÉRICO CORTEZ PINTO: «A culminância do artista é-nos transmitida sobretudo pela expressão da linha e do ponto, e portanto do branco e negro. E isto nos dá testemunho do amor à exactidão e nitidez da expressão plástica deste cultor das belas-artes. E é isto também que denota a feição da sua inteligência na ânsia de dar expressão objectiva ao esto subjectivo dos seus sonhos. Nada de «frou», nada de impreciso existe nas suas composições. O artista bem sabia quanto de incapacidade verdadeira se esconde na sensação quase amorfa do «frou» a substituir a virilidade da linha e a nitidez da forma». Nestas palavras certeiras se foca afinal a vocação irresistível do desenhador e ilustrador. Sim, do extraordinário e requintado ilustrador de gosto bizantino no adelgaçamento e no descarnado das formas, de jeito oriental na proliferação e no rendilhado dos ornatos. Ilustrações à pena como «O enterro de D. Inês», de estranho simbolismo na justaposição do trágico e do grotesco, como o «S. João Baptista», de sabor agreste e de expressão profunda, ou como o «Santo António Português» de suave lirismo lusíada, dão-lhe um lugar à parte no panorama da nossa arte contemporânea. Intencional no tratamento das figuras centrais, comprazia-se depois numa filigrana de pormenores que entontecem os olhos por sua opulência e fantasia.

O estro do decorador sobe ainda mais, se possível, nas ilustrações para o «Livro de Ester», em que o orientalismo dos próprios temas, tocado de volúpia, o leva a uma profusão de ornatos verdadeiramente asiática no seu aspecto global, mas harmoniosa e grácil na sua sábia ordenação.

As ilustrações de JOÃO CARLOS constituem pequenas histórias. Em cada uma delas se espelha o seu intelectualismo, o sentido cerebral da sua expressão plástica. Há, pois, que buscar nesse grafismo rendilhado e cheio de entrelinhas o significado profundo e por vezes oculto que o artista lhe quis dar. Aí se encontrará também a própria chave da arte de JOÃO CARLOS — complexa e cristalina ao mesmo tempo, historiada como um jarrão chinês, enternecida e leve como um cantar de amigo.

FERNANDO DE PAMPLONA

UM AMIGO SEMPRE PRESENTE

FALAR ou escrever sobre alguém que muito querido nos foi, de alguém cuja recordação nos acompanha pela vida fora, coada pelo véu das lágrimas que a saudade faz correr, de alguém que foi Alguém neste mundo de mediocridades baças e sem brilho, de alguém que deixou atrás de si, na concretização da sua vida tão depressa terminada, um rasto de Arte, daquela Arte que nasce da sensibilidade e do coração, é tarefa simultaneamente dolorosa e grata. Dolorosa pelo que nos recorda do desaparecimento do Amigo, grata pelo Amigo que podemos recordar.

Que posso eu dizer de JOÃO CARLOS? Tanto, e, ao mesmo tempo, tão pouco!

Tanto, porque a sua amizade persiste em mim como uma das coisas mais belas da minha vida, uma das coisas pelas quais a vida merece ser vivida. Tão pouco, porque tudo o que dissesse ou escrevesse dele seria necessariamente pouco, extremamente pouco.

Que outros, que menos talvez o conheceram e com ele privaram, falem da sua obra; que os Pontífices da Arte e da Literatura, os corifeus da Crítica, que em vida quase o desconheceram, venham agora anatomizar, dissecar as suas telas, os seus desenhos, as suas gravuras, os seus contos; venham agora mostrar, no seu plurifacetismo, o enorme talento de JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES. Eu aqui, só queria falar do seu coração, desse Coração enorme, onde cabia toda a humanidade num abraço fraterno de compreensão e Amor. Que outros falem do Artista, quiçá do médico; eu aqui só queria falar do Amigo!

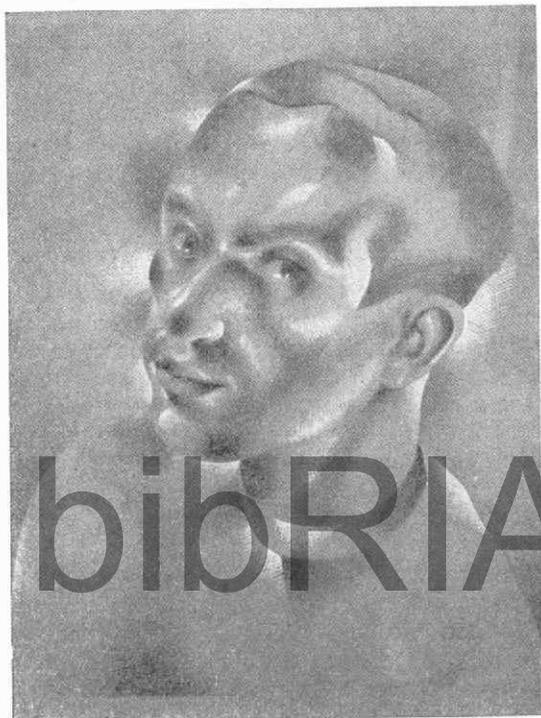
Mas, que posso eu dizer que não esteja já contida nesta palavra, Amigo?

Três pequeninas sílabas, cinco letras apenas que encerram todo um mundo! Quando JEAN-CHRISTOPHE encontra OLIVIER o seu coração só teve um brado, a sua boca só teve uma frase: «Tenho um Amigo!». Nesta frase exprimia tudo, todo o inex-

UM AMIGO SEMPRE PRESENTE

primível condicionado às limitações deste instrumento ainda imperfeito que é a palavra.

E Amigo sempre o foi CELESTINO GOMES. Amigo de sempre, agora na Eternidade à espera que reatemos o diálogo que a Morte



AUTO-RETRATO DE JOÃO CARLOS (1931)

cruelmente interrompeu. Amigo, cujo desaparecimento envolveu o meu coração nos crepes negros da saudade.

Com a alma imersa em dor, eu só posso agora dizer: *Tive um Amigo!*

Tomar, Novembro de 1961

D. JOSÉ PAIS DE ALMEIDA E SILVA

NOTAS PARA O PERFIL INTERIOR DE J. C. C. G.

NA vida nevrótica, fugidia e estésica de CELESTINO GOMES tudo estava feito e sempre tudo estava por fazer. Com efeito, em cada momento da sua privilegiada existencialidade tudo ia outra vez começar a ser, como se as coisas que tivessem existido até ali não mantivessem qualquer relação intrínseca com aquelas que a sua *vis* criadora iria engendrar então. O aparente paradoxo desta tarefa explica a fecunda imparidade da sua *maneira de ser artista* — que era nele a sua maneira de ser homem, com tal acentuação uma e outra entidade se confundiam nos atributos da sua actividade prometeica.

Curiosidade e originalidade eram a marca idiossincrásica deste espírito singularíssimo e portentoso que trabalhava em arte como o sangue trabalha nas torrentes da vida ou o filigranista nas magias da bigorna polida. Consequência lúdica: o jogo constante, cheio de exultações quase infantis, de encontrar a coisa nova (coisa tem aqui um valor de linha anatómica, hipnose fonética ou fosforescências de lapidário) através do seu ouvido poético ou das suas pupilas fervilhantes de menino genial; isto por um lado; e, por outro lado, a avidez mental inerente a um fragmento do cosmos sentindo-se movido pela ânsia de se integrar na geografia biológica de todas as restantes unidades parcelares. Deste duplo arranque temperamental nasceu um dia, na hora dos seus amores nupciais, a contextura nipónica dos versos do *Ó-Ai-San*, e anos mais tarde, nos embruxamentos orientais do seu lápis, os desenhos biográficos da Sulamite do *Cântico dos Cânticos*.

A expressão multiforme das suas faculdades não se limitava a um exercício de superfície, meramente espectacular, o que o obrigava, por impulso de autenticidade, a dar a cada matéria um sinal próprio capaz de bem determinar as responsabilidades individuais. Vieram assim as duas personalidades onomásticas: JOÃO CARLOS, nas artes plásticas; CELESTINO GOMES, na medicina e nas letras. Um refúgio nos heterónimos? Nada disso. Apenas

o gosto de uma cisão no tronco da unidade civil para outorgar a cada ramo a liberdade e os compromissos do seu comportamento público. Se o homem era intransigente nos actos que, embora de valor mínimo, ele defendia a pulso forte ou a gritos espadanantes, o intelectual recusava-se ao disfarce do que era nele função de predestino. Coragem daquilo que era em requinte, ciência, beleza e arte—porque o era do fundo autêntico do seu «eu».

Teremos que assinalar nos dons do seu carácter inamovível de homem da beira-oceano, duro às variações telúricas, o culto da lealdade—na honra e na amizade. Neste último sentimento, punha uma força votiva que ultrapassava o que se convencionou chamar dedicação fraternal. Um dia chamei-lhe a atenção para a frase que MAURICE MAETERLINCK—que ele desenhou e amou—pôs na boca do rei Arkël, do *Pelléas et Mélisande*: «Si j'étais Dieu, j'aurais pitié du cœur des hommes...» Entusiasmou-se, vindo ao encontro do conceito de ternura humana no mais alto grau expressional de beleza em que tenho esta passagem do poeta belga. O seu coração era de oiro, caldeado pela emoção dos cenários tétricos que o profissionalismo do clínico obrigava a contemplar. Éramos os dois ainda estudantes. Revistas literárias e amigos comuns falavam-nos reciprocamente da nossa «existência». Combinámos encontrarmo-nos. E uma tarde de Março—ele, saído da luz helénica da sua Ílhavo; eu, de Aveiro—o encontro teve lugar. Havia rescendências de primavera nas flores dos campos e jardins do solar onde o EÇA passava férias. Os dois celebrámos a coincidência do lugar, que parecia colocar a nossa amizade sob o signo estético do autor da *Correspondência de Fradique Mendes*. Os nossos entusiasmos juvenis ficaram para sempre sendo a aliança da idade adulta.

JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES foi artista até ao fim das suas possibilidades vitais. Numa clínica de Londres, a morte e a tensão emocional das coisas lutavam visceralmente, numa luta de clarividências e de superações, numa cavalgada trágica de Centauros—os Centauros que tinham enfeitado, desde menino, a sua maravilhosa imaginação de poeta. Com um braço estendido, onde a cirurgia abria incisões para contactar com o sangue—o seu sangue de aedo e semi-deus délfico—, o outro braço movia-se sobre telas e cartões onde a mão do Esteta-Mártir, num espantoso impulso de criar e recriar o seu mundo de formas impercíveis, se deleitava a traçar sortilégios como os deste quadro («Piquenique na relva»), de um modernismo fascinante, que tenho aqui diante de mim e que não posso contemplar sem que os olhos se me humedecem de lágrimas...

ANTÓNIO DE CÉRTIMA

JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES

MÉDICO, PINTOR DE ARTE,
POETA, NOVELISTA, CRONISTA

PREMATURAMENTE levado por um dos implacáveis males do século, desapareceu para sempre dentre nós, na pujança dum omnímodo talento, esse admirável espírito de artista que na república das Letras era CELESTINO GOMES e na das Artes Plásticas anódinamente JOÃO CARLOS.

Da sua profusa obra literária, de poeta, novelista, cronista, crítico de Arte, avultam como mais expressivos dos seus dons de lavrante da prosa e de cinzelador do verso, os seus volumes de líricas «*Soror Leonora*», «*Mal-Me-Quere*», «*Baladas para um Certo Olhar*», «*Ó-Ai-San*» e uma «*Sinfonia muito Incompleta*», os perturbadores romances e novelas «*Maria das Dores*», «*Como Naufragou o Centauro*», «*Sidónia*», «*Estrela de Fogo*», «*A Última Sereia*» e os livros de contos «*Luar de Lágrimas*» e «*Como Naufragou o Centauro e Outras Aventuras*», as crónicas de «*Fonte dos Amores*» e «*Jornadas de Borda d'Água*», os estudos e críticas de Arte «*Sobre o Atavismo*», «*Fisionomia da Morte*», «*A Expressão Meta-cromática da Pintura de Eduardo Malta*», «*O Sentido Poético na Pintura de Carlos Aguiar*», «*O Retrato de Camões*» e, como ensaísta e conferencista, um sem-número de palestras de temas médicos, alguns deles publicados semanalmente num grande jornal diário, sob as epígrafes de «*Prevenir e Remediar*», «*É bom poupar a Saúde*», «*Medicina, Higiene, Beleza*», «*Esta vida são dois dias*», «*Artistas conhecidos, Médicos ignorados*» e «*A Anatomia da Alegria e da Dor*». E além das suas primorosas traduções — do «*Triunfo da Morte*» de D'ANNUNZIO, d'«*A Floresta dos Enforcados*», de L. REBREANU, d'«*O Retrato do Perfeito Médico*», de H. J. HENRIQUES, o seu último trabalho no género, a monumental «*História da Medicina*» do grande Médico inglês KENNETH WALKER, foi patrioticamente valorizado pela sua vasta cultura de erudito com inúmeras anotações pessoais, em louvor do contributo português para o progresso da Ciência Médica.

Porque, além de poeta e novelista, CELESTINO GOMES era também profissionalmente, apaixonadamente, médico. Diplomado em 1927 pela Faculdade de Coimbra, mas imperiosamente solicitado pelo fervor do talento para todas as actividades do espírito, desde muito novo, ainda estudante, se dispersou pela poesia, pela novelística, pela crítica de Arte; e insatisfeito, não contente com esse esbanjamento espiritual, desde logo se aventurou também pelo domínio das Artes plásticas, como pintor, desenhador, gravador e até mesmo escultor.

Inúmeros são os seus trabalhos de pintura a óleo, alguns dos quais definitivamente consagrados numa Exposição em Paris em 1935, e outros, em lugar de honra, entre os melhores valores da sua época, no «Museu de Arte Contemporânea». Tanto em pintura, como em desenho, o seu traço rico, mordente, do melhor surto modernista, dava a medida do seu perdulário talento de criador de beleza, tão vigoroso e firme no galbo dos volumes plásticos, como enternecido e alado nas modelações da prosa e do verso. Inconformista e rebelde a todos os cânones e capelinhas, o seu estilo, o seu gosto era, em tudo, *peçoal e inconfundível*, sem que, por obra e graça da sua rara sensibilidade, decaísse jamais no absurdo, no grotesco, no artificioso e calculado destrambelho dos cabotinismos baratos. A originalidade pessoalíssima de todas as suas concepções sabia guardar sempre o equilíbrio e o aprumo, como pedra de toque da sua delicadeza e dignidade de artista.

Em várias revistas, páginas literárias, publicações avulsas, conferências, deixou a esmo, ano por ano, a marca imperecível do seu talento, pelo imprevisito, vivacidade, ineditismo dos seus apontamentos ou breves estudos. A maior parte desses estudos e ensaios, reunidos depois em volume, sob a epígrafe de «*Posição Crítica*», é verdadeiramente a sua obra póstuma, em que a sua vasta erudição e séria cultura se desdobram magnificamente, como um rico estofado de brocado, revelando numa admirável prosa de poeta a essência e os fundamentos críticos dos seus conceitos de estética, da sua filosofia da vida, da própria poesia da vida. A sua presença era sempre uma alegria e uma festa. Entrava sempre com ele uma lufada de mocidade e boémia de espírito que lhe ficara na alma de impenitente quintanista de Coimbra.

E, pois que já não mais lhe ouviremos o estridular das gargalhadas, prestemos-lhe aqui, comovidamente, à sua memória o nosso derradeiro preito de saudade, com o próprio treno de enternecida melancolia que, à memória dos seus mais queridos companheiros de estúrdia e juvenis ambições, deixou numa das páginas de «*Jornadas da Borda d'Água*»:

— «*Dormi, meus meninos, dormi!*», «*Carlos Cochofel, o principezinho do grupo*», «*José de Azevedo, máscara fina de donzela, nervos raros, ironia de aristocrata brincalhão*», «*o Lúcio, cardial*

diabo da tertúlia, terrível gozador de realismo e de azedumes, com a mais ácida das fialhices sempre na ponta da língua e o mais inocente sorriso nos olhitos achinezados», «Maurício de Almeida, escultor que amassava o seu barro e o seu pão com o suor do seu rosto, e um dia abalou para Paris, indo morrer de esfalfamento a desbastar pedra para outros» e «o Manuel Martins, também escultor, boémio, perdulário, tósco, malfeitão, mal vestido, com uma guedelha cheia de caspa e um coração cheio de ouro».

«Estão lá todos! Tão longe, da banda de lá do esquecimento, sem violetas nas sepulturas, que talvez já nem tenham, e todavia tão perto de mim, como se andassem comigo por aí algures! Dir-se-ia que as rimas que andam no ar—porque é mais que certo que andam—foram trazidas por eles e vêm encharcadas de lágrimas e recordações. Na verdade, faz tanta pena recordar!».

Assim já também JOÃO CARLOS dorme agora junto deles, ao luar, entre violetas, na perfeita paz dos justos e dos poetas, que às mãos cheias esbanjaram em orgias de espírito, de sonho e da música das rimas, a invejável riqueza de alma de que, ao nascer, as três Graças da fábula os dotaram.

bib**RIA**
CARLOS SELVAGEM

NA VIDA E NA QUIMERA

A PESAR do parentesco muito próximo, só de longe em longe via o JOÃO CARLOS; separava-nos um mundo de solicitações diferentes.

Alegrava-me, é certo, sempre que me chegavam os ecos dos seus êxitos de artista. Mas não me permitiam os deveres de uma vida absorvente acompanhá-lo de perto; nem as ausências frequentes me facilitavam um convívio que no íntimo me faltava, como se a sua presença preenchesse um vazio que se mantinha latente no meu espírito.

Gostava de ler e comentar as suas crónicas do «*Diário de Notícias*» pontificando conceitos e ditando a um público que o adorava, normas de bem viver e postulando uma arte fácil de ser feliz. E não raras vezes me surpreendia a estabelecer um cotejo entre as duas expressões, tão díspares do seu espírito; uma, a do artista inspirado que procurava realizar-se, percorrendo o áspero caminho das alturas, na inquietação e na angústia; a outra, a do médico que serenamente proclamava a inanidade das preocupações que nos atormentam, e que, em fórmulas simples, nos ensinava a dominá-las.

Paradoxalmente, se o médico sabia induzir nos leitores confiança e fé na sua filosofia, optimista e bem humorada, na permanente agitação, na actividade febril e aparentemente descontrolada em que se debatia e esgotava, em vão se procurava uma réstea de influência da sua catequese. Entre a essência dos conceitos que proclamava e a sua própria vida, era completo o desacordo—de onde se infere que os seus conselhos eram pura abstracção do espírito.

Quem uma vez privou com o JOÃO CARLOS, dificilmente poderia imaginá-lo a assumir perante a vida a atitude de descontrainda serenidade de que tão brilhantemente advogava os méritos; JOÃO CARLOS, pelo contrário, sempre se apresentou à observação dos amigos como um emotivo de sensibilidade exaltada.

Chego a supor que esta curiosa cruzada em que se lançara de pregar aos outros regras de bom senso e auto-domínio, teria

sido uma forma de se disciplinar, praticando periódicamente uma concentração em imagens plácidas e repousantes; de conseguir, por sugestão, umas tréguas que o libertassem da intensa nevrose que o consumia.

Se essa era a sua intenção, quer-me parecer que não foi grande o êxito.

De facto, bastava o estímulo de uma emoção, de um acontecimento, a evocação de uma obra de arte — um nada — para nele desencadear uma necessidade irreprimível de comunicação. E era frequente transfigurar-se, iluminado pelo fulgor de um entusiasmo transbordante. Nos raptos da sua oratória vibrante e apaixonada, colhia-se por vezes a impressão de que as palavras perseguiam, em corrida louca, ideias que lhe fugiam. Quero admitir que aquela exuberância era a manifestação visível, apaixonada, da sua ardente imaginação em busca de uma nova via, da forma de expressão mais bela e adequada para as suas ansiedades de artista.

O Dr. CELESTINO GOMES podia ter alcançado a fortuna e firmar facilmente a sua vida na estabilidade e na segurança; mas preferiu obedecer às imperiosas solicitações do seu espírito, viver intensamente no seu mundo de quimera e deixar em primeiro plano, na memória dos seus amigos, a imagem querida do JOÃO CARLOS — do artista. E teve razão, porque é essa que há-de perdurar através da sua obra na nossa recordação.

JOÃO CARLOS foi colhido nas malhas de uma doença grave, incurável. Estou hoje persuadido de que a fé que deixava transpirar durante os seus últimos meses de penoso sofrimento, na possibilidade de uma cura, não teria outro fim que não fosse o de dar alento e confiança à companheira querida da sua vida — o seu grande amor.

Nunca foi tão intensa a actividade do JOÃO CARLOS como no decurso do seu doloroso calvário. Vencendo um depauperamento físico em progresso inexorável, desenvolveu uma actividade sem par. Pressentia-se, na sua angustiada ansiedade, o trágico receio de não ter tempo de transmitir a derradeira mensagem.

Em regra, a doença prolongada deforma o espírito; é frequente que o amargor do sofrimento se desentranhe em atitudes de egoísmo e maldade. JOÃO CARLOS teve o raro privilégio de manter até ao último momento a sua bondade e gentileza e uma lucidez de maravilhosa acuidade; dir-se-ia que a aproximação da morte lhe estimulava, se é possível, a inteligência, e lhe afinava a sensibilidade e abria à sua prodigiosa imaginação mais amplos horizontes.

Já se sentia muito doente, quando fez a última visita a minha casa. É desse encontro que eu guardo uma recordação que se não esbate — pelo milagre da prodigiosa transformação que nele vi operar-se.

Entrou em minha casa exausto; era com penoso esforço que nos falava. No ambiente de uma saleta revestida de livros, aconchegada e íntima, o JOÃO CARLOS estimulado pela curiosidade da gente moça que o cercava, falou, discorreu sobre literatura e arte, comentou os seus filósofos favoritos — foi brilhante. A voz velada, foi adquirindo gradualmente volume e vibração — o espírito, por um milagre da vontade, dominara e galvanizara o pobre corpo enfraquecido. A ideia original contida no último livro em voga; o conteúdo estético ou a intenção subjacente no novo quadro ou na escultura abstracta que mais o impressionara; o conceito herético de um pensador; a doutrina de um iniciado ou a abstracção pura de um cientista, toda a manifestação do espírito, era motivo para nos abrir amplamente as portas do seu maravilhoso mundo interior. O projecto ainda mal esboçado do livro ou do quadro que imaginara, o último acontecimento de relevo no domínio da política, a pura exaltação de uma amizade, o intenso desejo de percorrer o mundo em busca de uma resposta aos seus anseios e dúvidas, tudo lhe era pretexto para extrair um conceito, uma ideia, uma nova harmonia.

Havia em JOÃO CARLOS um desejo intenso de comunicação, de dar-se inteiramente; essa a razão principal do seu encanto, da irresistível simpatia que sabia induzir em quantos o conheciam.

E sabia ouvir; era frequente incitar-me a que lhe contasse um ou outro episódio das minhas deambulações pelo mundo. Mas era certo que de narrador me tornava em auditor atento e encantado. Ele tinha o condão de transformar mágicamente, nos seus comentários, a descrição técnica, fria, de um monumento, de um acontecimento, dos costumes de um povo, num quadro colorido, animado de vida intensa.

Nessa noite, muito tarde, quando o JOÃO CARLOS saiu de minha casa, pressentimos-lhe o fim próximo. Estava exausto — fora o seu entusiasmo, estimulado pela receptividade do ambiente, que o galvanizara. Nos olhos da gente moça que o escutava enlevada, deixou uma névoa de tristeza e a pungente saudade do amigo que pela última vez os conduzira ao reino encantado da quimera.

Lisboa, 4/12/1961

JOSE RODRIGUES DOS SANTOS

TAMBÉM ERA POETA

HABITUÁMO-NOS comodamente a pensar que todo o português é um poeta. Com isso queremos, porventura, dizer muita coisa séria, justificar até o modo oculto da nossa cultura, mas também grande parte das vezes ansiamos apenas encontrar uma desculpa para a ineficácia do nosso pensar, isto é, do sentir e do agir que nos é verdadeiro.

Nessa convicção se encontram também os que entendem dever poetar, por não poderem ou não quererem tomar a sério a cultura da sua pátria. Passa então o longo cortejo dos frustrados, dos feitosos ou dos modestos cultores das letras que, se muitas vezes merecem compreensão e amparo, outras nos ofendem com a pretensão de ter ou fazer uma obra.

Estas palavras servem apenas para desculpar os que, conhecendo bem a personalidade de JOÃO CARLOS, portanto, admirando-a na arte de desenhar, na pintura e na escultura, estimando-a no convívio amável e esfuziante, apreciando-a na facilidade de se comunicar por escrito, poderiam legitimamente supor que a poesia de JOÃO CARLOS seria a tal fraqueza do português, a pecha ancestral.

Entre os que carecem dessa desculpa desejo eu o primeiro lugar por ter suscitado quando NATÉRCIA FREIRE me perguntou — conhece o poeta JOÃO CARLOS? — que ao juízo da escritora se sobrepunha a amizade e admiração por outros talentos do pintor morto.

Conheci, por virtude desta pergunta, a poesia de JOÃO CARLOS; e depois de a conhecer senti que tinha cometido aquele pecado de distração de que geralmente nos arrependemos quando a morte dos outros nos interroga sobre o juízo que fizemos deles.

JOÃO CARLOS também era poeta, diria mesmo tão poeta como artista plástico. Se tivesse atendido a este aspecto da sua personalidade, poderia ter reconhecido nela, enquanto convivíamos, o que hoje depois da sua morte reconheço. JOÃO CARLOS, o pintor, CELESTINO GOMES, o médico, o poeta, o escritor — eram um só: aquele homem afável, extremamente conversador, que ia de um para outro dos seus múltiplos afazeres, sempre com pressa e sempre devagar.

Depois de ler e sentir a sua poesia, recordei a pessoa, como se ela tivesse, de repente, assumido o penar do português de hoje vencendo e transfigurando poeticamente no seu oposto. O penar do português de hoje é o trabalho excessivo e multiforme. Pluralizamos a nossa personalidade para, quase sempre, a perder.

Ora, na poesia de JOÃO CARLOS, tanto como na pintura, a intranquilidade e angústia do tempo perdido ou a perder-se, serena e aquieta-se como se o rio caudaloso entrasse no grande corpo imóvel de um lago calmo.

A dor da nossa vida quotidiana lá está nos temas e até na forma dolorosamente contida, mas a recordação saudosa, a identificação com o cantar do povo (como AFONSO LOPES VIEIRA) a entrega à forma lúdica do soneto impecável, dão-nos a confiança, a alegria mesmo de o saber poeta apesar das circunstâncias perturbantes em que ele, como nós, vivemos.

Minha meninice quieta | saudade de mim em flor... | Minha discreta saleta | forrada a papel de cor — assim começa o poema da sua biografia; e a gente pergunta-se: como teria tido ele tempo interior para recordar a sua meninice quieta, ou tornar-se ingénuo com a meninice do povo, vendo-o sempre afanosamente no ritmo dos empregos e das tarefas diversas do dia a dia? Do mesmo modo nos interrogamos, admirando aqueles desenhos extremamente desenhados, bizantinamente desenhados, com que deliciava o nosso olhar.

Como teria tido tempo? A arte vem de um tempo que não é heterogéneo nem pode, portanto, ser pulverizado pelas circunstâncias.

O segredo da sua poesia, ou da sua vitória sobre o vazio espiritual do homem atarefado, prende-se à continuidade dessa meninice quieta. Nela está o espaço fechado (a recordação de certa sala) que a força do seu espírito impede que se divida. Nessa transferência intacta da pureza originária se processa a poesia de JOÃO CARLOS.

A evasão para o mundo oriental e a brusca adesão à grafia do futurismo, a que a geração artística o chamava, não cortam amarras com a matriz da infância, pelo contrário, atraem-na e dela fazem poesia, simultaneamente viva e serena, apressada e ociosa, múltipla e una como o olhar, a personalidade, do poeta.

AFONSO BOTELHO

JOÃO CARLOS E O ESTILO

A primeira imagem de Coimbra foi-me dada por JOÃO CARLOS. Recordo-me, como se fosse hoje, da forma como se encadeou na minha imaginação aquele desenho de JOÃO CARLOS, tão cheio de poesia e romantismo, já a definir um estilo, e que representava uma tricana e um estudante tendo como cenário a cidade de Coimbra, com a sua torre da Universidade banhada por reflexos de luar, que se desdobrava em tons azulíneos transparentes, dados por uma lua imensamente redonda — que incidia nas águas do Mondego, fazendo projectar as sombras misteriosas dos choupos e as silhuetas das coisas.

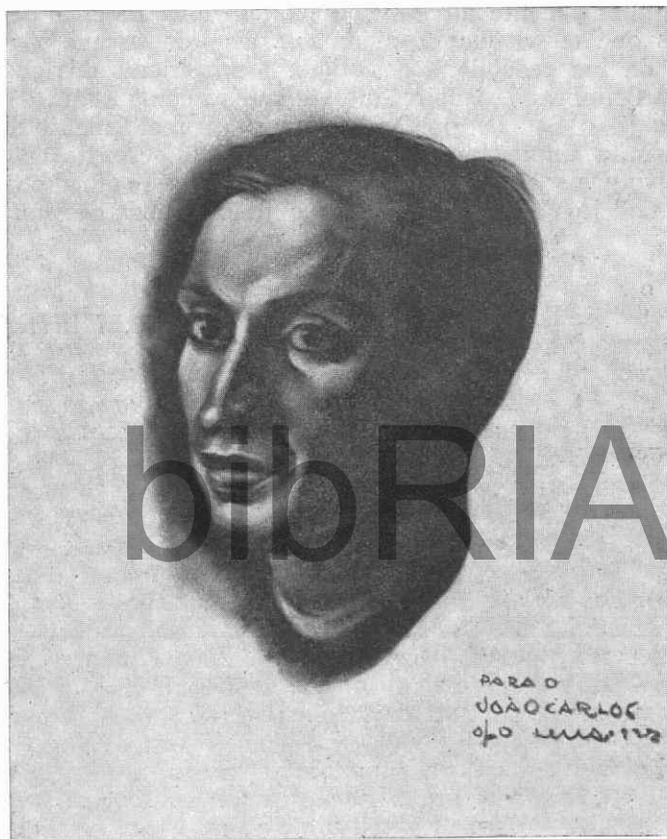
É com dupla saudade que neste momento recordamos a tão forte impressão que nos causou aquela excelente interpretação de Coimbra através do desenho magnífico de JOÃO CARLOS.

Então os nossos pensamentos levaram-nos para muito longe e a nossa imaginação sobre Coimbra foi ampliada de tal forma que ao contactar pela primeira vez com a cidade do Mondego era ainda aquele magnífico cenário de JOÃO CARLOS que perdurava no nosso espírito; as linhas graciosas da tricana, do estudante e da lua românticamente redonda. Mais tarde, quando a arte já começava a ser para nós um dos principais lenitivos, o nome de JOÃO CARLOS era então em Coimbra imensamente lembrado, como o estudante-artista que melhor soube interpretar o espírito da tão grata cidade universitária. Passados anos, quando em Lisboa tive então o prazer do convívio de JOÃO CARLOS, já o seu nome era consagrado como um dos artistas possuidores de um estilo mais definido. A forma ímpar como concebia os seus desenhos, onde a imaginação sempre prodigiosa organizava os espaços com um sentimento de poesia e lirismo invulgar, impondo-se como uma das personalidades mais delicadas dentro da difícil e superior arte que incontestavelmente é o desenho.

Os seus desenhos eram sempre realizados com uma intenção muito decorativa, em que as linhas eram transformadas em ritmos sucessivos de movimentos, dando ainda às figuras expressões poéticas, figuras em que o corpo quase se perdia para só aparecer a substância do essencial. JOÃO CARLOS aperfeiçoou de tal maneira

JOÃO CARLOS E O ESTILO

o seu estilo que os seus trabalhos não necessitavam de assinatura para que o espectador imediatamente soubesse quem era o seu autor. E quando um artista, neste tremendo labirinto das ideias estéticas, ganha um estilo, julgamos ter alcançado a meta mais importante: o descriminar uma personalidade, afinal o fim supremo



RETRATO DE JOÃO CARLOS
CARVÃO PELO PINTOR MANUEL LIMA

Pertença actual do Museu Municipal de Ílhavo

da arte. Se JOÃO CARLOS, como pintor, marcou presença expressiva e importante, também CELESTINO GOMES, como médico, poeta e escritor, marcou uma definida personalidade.

JOÃO CARLOS era um verdadeiro temperamento de artista e foi a arte que lhe deu ânimo e coragem para enfrentar tão estoiicamente a terrível doença que o retirou, fisicamente, do nosso convívio. Só a arte pode fazer destes milagres, só a arte, quando

sentida e vivida tão intensamente como JOÃO CARLOS a sentiu e viveu, nos dá então a sensação do eterno, desse eterno conquistado apenas pelos espíritos cujas vivências são realizadas em beleza e que sabem servir-se da realidade apenas como motivo de inspiração. E assim, nesta tarde outonal em que passo por Coimbra, eu deixo de ver a realidade objectiva da paisagem coimbrã, porque na minha mente surge-me aquele magnífico desenho de JOÃO CARLOS que eu vi quando ainda menino — da tricana, do estudante, da lua redonda e das sombras misteriosas dos choupos, afinal a Coimbra verdadeira, tão verdadeira como a fantasia estilista de JOÃO CARLOS, que ao transformar a realidade do motivo inspirador a impregnava com o seu espírito, espírito cada vez mais vivo nas suas comunicações plásticas. É este afinal o triunfo dos verdadeiros artistas, é assim que JOÃO CARLOS continua presente.

MÁRIO DE OLIVEIRA

bibRIA

EM LOUVOR DE JOÃO CARLOS

PARTIU para a Grande Viagem uma personalidade riquíssima que os nossos meios artísticos (há vários...) não estudaram com aquela sustentada e sensata atenção que transforma os actos de consciencialização cultural séria, competente e honesta, em sementes fecundas de cultura original.

Não me consta que a arte de JOÃO CARLOS tenha sido estudada com penetração e fôlego. A respeito dos seus desenhos ouvi, muitas vezes, as considerações mais superficiais e curtas, da boca de pessoas cuja posição activa na orgânica das diversas artes fazia prever comportamento mental muito diferente.

A atrofia da faculdade de imaginar, que as disciplinas formalistas predominantes no exercício actual das artes plásticas motivou, encaminha o artista e o crítico para a sobrestima imperativa do formal, com prejuízo total, ou quase, do complexo anímico que o gera. Tudo quanto seja elaboração de conceitos, emocionalidade dramática, intuições sentimentais, espirituais ou místicas, mesmo quando servido por linguagem precisa, madura, pessoal, e com raízes genuínas, autenticamente mergulhadas no «humus» humano do povo que habita Portugal, tudo isso nos deixa indiferentes! O que nos prende, domina, esmaga, são as «formas em si» (quanto mais vazias, melhor), provindas de onde quer que seja (especialmente de ambientes «soi disant» culturais prestigiosos) ainda que gratuitas, acéfalas, estéreis, especulativas, frívolas, infantis, inúteis, que também — e por isso as copiamos — nem sempre compreendemos na génese que as explica. A coroação desta tendência ingénua encontra-se na atribuição de prémios a obras portuguesas que exibem tristes decalques de obras estrangeiras, e são completamente destituídas de qualquer significado, a não ser o de lamentável abdicação dos dotes próprios de criação estética. (Grave problema, cada vez mais agudo, de prope-dêutica cultural). É, talvez, tal subserviência alheativa que nos inibe de compreender e amar personalidades ricas e humildes, como esta que usou o nome de JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES.

Dotado duma imaginação poderosa, fluente e vastamente informada, que lhe permitia resolver, sem uma hesitação, numa

sequência certa e deslumbrante, só equiparável à sábia elaboração onírica, problemas de conceptualização e composição artística, que grandes artistas treinados levam muitos dias, semanas, meses, a compor angustiosamente, este médico irrequieto e ocupadíssimo deixa uma obra de artista plástico digna de um estudo profundo e que é, muito provavelmente, motivo de orgulho para Portugal (já que não foi motivo de orgulho para ele, que bem modesto e desinteressado era).

Nem tudo, na obra de um artista, é feliz e válido. Na obra de JOÃO CARLOS (às vezes desenhada em viagens de carro eléctrico — como eu vi!), há, sem dúvida, debilidades... Mas há também a coragem de adoptar ideias demasiado grandes para a nossa pequenez pretenciosa... E há conquistas e directivas que transportam tradições antiquíssimas para futuras dilatações daquela inteligência que se não contenta com ilusões fáceis e tem fome de mais alguma coisa do que de cascas vazias. Com essa dimensão, bem se pode dizer, sem qualquer exagero, que JOÃO CARLOS mediu o universal e o eterno; e que ilustrou, exemplarmente, a atonia local, sobretudo quando isolamos esta na zona central do país, naquela região onde habita o fantasma de CAMÕES, o mar de Ílhavo, com suas preguiças rendilhadas e os seus dramas, e a saudade, a saudade que, em Coimbra, nos dilata para o espaço celeste, o amor juvenil que é já mistério da alma que nos consome. É preciso compreender toda esta problemática, para compreender o grande criador pessoalíssimo que foi JOÃO CARLOS.

Modalidade plástica em que seu espírito, sempre curioso, sempre operativo, trabalhou com apreciável resultado, foi na talha. Poucas pessoas conhecem essas obras notáveis que realizou a canivete. Belas peças de madeira, onde o Gótico e o Popular (no sentido vicentino) se casam num desentranhar imaginoso, livre, desenvolto, com dotes plásticos de escultor extraordinário. E, dentro disto, a inteligência, o pensamento, a poesia, a observação aguda e significativa. Os mesmos recursos de concepção e expressão que os seus desenhos denotam, mas aplicados à madeira, nobre e sólida. O papel, material pobre, não poderia comunicar-nos facilmente o mesmo sentimento de perenidade. No papel, o desenho a tinta da China reduz, quase sempre, um artista grande a simples ilustrador sem consequências. E a pintura como JOÃO CARLOS a queria fazer, requer um ofício e um exercício incompatíveis com as absorventes ocupações profissionais de que vivia.

Mas a obra realizada lá está. E talvez ocorra perguntar a quem faça um balanço crítico da sua obra: — Haverá, entre nós, muitos artistas com tais dotes? Estudem a sua obra e respondam... Verão que é uma pergunta terrível...

Às qualidades do artista plástico e do escritor somavam-se as qualidades do homem moral. Do companheiro. Do responsável. Nunca, a JOÃO CARLOS, ouvi qualquer comentário mal-

doso. Nunca cedeu ao despeito. A medida com que tudo media era sempre grande! Objectivo e honesto na apreciação de pessoas, actos e factos, era exuberante no elogio dos dignos e dos admiráveis, estivessem onde estivessem. O seu ideal político era o do carácter e do amor do próximo. Esse mesmo ideal humanista, que não podia ser sedentário em homem tão aguerrido, levou-o a intervenções corajosas cheias de perigo, com a consciência acesa a deslumbrá-lo, sem ver as inevitáveis reacções dos feridos nos seus interesses legítimos, cuja formação escolar não bastou para nutrir a honra e o rigor científico do verdadeiro sábio. Por isso o Dr. CELESTINO GOMES teve inimigos. Mas aqueles que conviveram com a sua irradiante e devotada pessoa e consideram o apuramento das qualidades superiores do espírito e o culto lúcido do bem como factores fundamentais de uma coexistência suportável neste mundo de limitações embaraçantes, não poderão esquecer o seu talento de ser humildemente grande artista e enormemente homem humilde.

CÂNDIDO COSTA PINTO

bibRIA

CELESTINO GOMES

... SÃO muitos e excelentes os médicos portugueses que, além da Medicina, se dão a actividades literárias e científicas, figurando entre os melhores dos seus cultores. Nesta galeria vasta e rica há, sem desprimor para os seus pares, um lugar distinto que pertence ao Dr. CELESTINO GOMES, porque exerceu cumulativamente três actividades, cada uma delas exigindo tempo e méritos: a Medicina, as Letras e a Pintura.

Conquanto o seu labor tenha sido digno do maior apreço em qualquer desses campos, é principalmente como escritor que o Dr. CELESTINO GOMES se tornou conhecido do grande público.

Colaborador assíduo dos grandes diários, mantendo durante anos secções permanentes, em breve o leitor se habituou a procurar naquela coluna noções, ideias, opiniões, comentários que lia com prazer, entendia sem esforço e guardava na memória como um fino retoque da cultura num retrato da realidade cotidiana.

Ávido de comunicação humana, infatigavelmente curioso de factos novos e novas ideias, abarcava os problemas num relance, accentuava-lhes o traço dominante e, depois, com uma bonomia um tudo nada irónica, dava-nos de forma singela as suas impressões.

Acatava a ciência sem a idolatrar, acompanhava o progresso médico sem se deixar deslumbrar pelas aparências da primeira hora, e mesmo quando acreditava, transparecia sempre, na solidez da crença, um resto de cautelosa dúvida científica. Acima das mensurações e achados de laboratório, o homem mantinha-se no seu espírito a suprema craveira de todos os fenómenos que lhe dizem respeito. Quaisquer que fossem as contingências da humana fraqueza e a sua humildade ante o brilho metálico, frio, por vezes aurifulgente, das descobertas científicas, o homem continuava a ser para o Dr. CELESTINO GOMES um fim em si mesmo, nunca um meio.

Talvez este humanismo remanescente da antiguidade clássica se possa aproximar daquele outro que IONESCO personaliza nos protagonistas de *O Rinoceronte*: enquanto uma sociedade inteira de homens se vai transformando em rinocerontes, uns por fatalidade, outros por snobismo, outros por curiosidade, e a maioria por medo de dar nas vistas, um só tem a coragem de querer continuar homem, protesta com veemência, e agarra-se desesperadamente à sua frágil condição humana, resistindo sem desfalecer ao exemplo avassalador da sociedade a que pertence.

.

AIRES DUARTE

bibRIA

JOÃO CARLOS, DESENHADOR DE EX-LIBRIS

O processo crítico que para julgamento da obra artística de JOÃO CARLOS a opinião pública esclarecida muito naturalmente desejará compulsar, não pode por enquanto considerar-se conclusivo, nem sequer suficientemente instruído.

Particularmente trabalhoso de instaurar, devido às múltiplas modalidades por essa mesma obra assumidas e à aparente volubilidade do artista, há que primeiramente procurar conhecer, e de forma tanto quanto possível exaustiva, tudo o que JOÃO CARLOS logrou produzir nos vários campos a que a latente inquietude do seu privilegiado espírito o conduzia; e, particularmente importante, a época e as condições gerais, até de lugar, a que o seu variado labor se encontra articulado.

Só então o «denominador comum» surgirá, e se poderá definir a estética pela qual o pensamento e a mão de JOÃO CARLOS sempre se nortearam, quer literariamente quer no campo artístico propriamente dito, se, como supomos, forem as mesmas as suas linhas estruturais.

Com pertinente observação, judiciosos comentadores se têm debruçado já sobre um ou outro conjunto, de momento, da obra plástica do artista, solicitados por exposições de trabalhos seus e, ultimamente, pelo sugestivo álbum de reproduções seleccionadas, póstumamente editado; mas existe ainda muito pormenor a ter em conta, aspectos geralmente não considerados e que, todavia, se não devem subestimar, embora o suficiente pareça estar dito.

O apontamento que se segue diz respeito a um desses pormenores a apensar ao processo em que tão valiosos depoimentos foram produzidos já, mas que terá de continuar aberto até, pelo menos, ao dia em que uma exposição retrospectiva de toda a sua obra permita encerrá-lo.

JOÃO CARLOS foi também desenhador de ex-libris e supomos não ter sido ainda anotada a forma como nesse especial sector, que tantos artistas tem tentado, ele trabalhou.

A expressão eminentemente simbólica — característica fundamental — dessas graciosas e significativas etiquetazinhas bíblioliterárias, que irradiam marcada intenção e procuram sempre interpretar personalidade, não podia deixar de interessar JOÃO CARLOS, artista todo inclinado à volúpia do pormenor e ao requinte da miniatura, comunicando, por natural temperamento, especial vibração a quanto desenhava ou escrevia.

Desde muito cedo ele próprio possuiu também o seu ex-libris pessoal, desenhado por CUNHA BARROS, moço artista aveirense de acentuada originalidade de traço:

— *enquadradas em esguio rectângulo que um filactério com as palavras ex-libris, em gótico, encima, duas mãos afuseladas erguem ao alto, em jeito ritual, um coração fumegante; na parte inferior do rectângulo, reservada à divisa, a legenda — Isto é o meu sangue — completa e explica o simbolismo da intencional marca bibliográfica do artista; em baixo, fora já dos traços que limitam a composição, o desenhador assina-a, entre duas pequenas cruces de Cristo, e data-a de MCMXX, ao que parece* (1).

O uso do ex-libris estava, por então, pouco vulgarizado e apenas, por assim dizer, bibliófilos de elevada categoria ou estetas de requintado gosto se davam ao luxo de marcar com insígnia pessoal os livros que possuíam; o corrente era a posição manual do nome do proprietário no rosto ou no ante-rosto da obra; só após o aparecimento do livrinho de ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO — *Ex-Libris* —, de 1925, integrado na extensa colecção de divulgação editada pelo *Diário de Notícias (Colecção Patrícia)* e ainda como reflexo da grande exposição de 1927, realizada pela Imprensa

(1) O ex-libris é impresso a preto e a encarnado, em zincogravura, e mede 15^{mm} na sua máxima largura (dada pelo filactério) por 49^{mm} de alto.

No *Catálogo geral da primeira exposição de «ex-libris» em Portugal*, realizada na Imprensa Nacional de Lisboa em 1927, regista-se o ex-libris de JOÃO CARLOS com a maior imprecisão: declarado anónimo na pág. 41, é simultaneamente dado como desenho dele próprio a pág. 225, e na lista de desenhadores das espécies expostas omite-se o nome de CUNHA BARROS, que de facto o desenhou e assina, como pudemos certificar-nos pelos vários exemplares que possuímos; a data é que se não consegue ler com exactidão, devido à má qualidade da zincogravura, afigurando-se-nos, contudo, ser, como acima dizemos, MCMXX.

A flagrante desorientação de 1927, que pela complexidade dos trabalhos da notável exposição de certo modo pode ser explicada, veio a encontrar estranho eco, mas agora sem justificação possível, na *Academia Portuguesa de Ex-Libris* (!) atribuindo-se a JOÃO CARLOS (n.º 19 do *Boletim* daquela instituição, de Janeiro de 1962) a autoria do ex-libris... *desenhado e assinado por CUNHA BARROS* (pág. 15).

O magazine *Civilização*, de Maio de 1936, referindo-se, em artigo de ANTÓNIO TEIXEIRA JACINTO JÚNIOR, ao 1.º ex-libris de JOÃO CARLOS, dava-o, contudo, acertadamente, como «desenhado por CUNHA BARROS» (pág. 33).

Nacional de Lisboa e que ficou marcando uma época na história do ex-libris em Portugal, é que o seu uso se generalizou, abrindo-se à sua especialíssima técnica artística as arrojadas perspectivas por onde veio a enveredar e a actualizar-se esteticamente.

Por errónea compreensão do intrínseco destino dum ex-libris e também do que seja marca de autor, ou de editor, que excluem em absoluto as rituais palavras *ex-libris*, referidas apenas às obras componentes duma biblioteca e nunca às obras escritas por um autor, aconteceu editarem-se livros a que se acrescentava o ex-libris do próprio autor, quer impresso no ante-rosto, quer, até, colado naquela ou noutra das primeiras páginas da obra; JOÃO CARLOS, então em plena juventude e deslumbramento de escritor, incorreu também no referido erro e editou os seus livrinhos «*Mal-me-quere*» (1921) e «*Maria das Dores*» (1922) colando em cada exemplar que pôs a circular o ex-libris para ele desenhado por CUNHA BARROS. Tudo estaria certo se lhe tem suprimido o filactério com a designação *ex-libris*, porque nesse caso ficaria a composição como sua marca de autor, apenas, e nenhum reparo haveria a fazer.

Isto mesmo veio JOÃO CARLOS a compreender e a pôr em prática, mais tarde, com o emblema que definitivamente elegeu e que até ao fim da sua vida o devia acompanhar: o pentalfa circundado pela legenda de origem e grafia popular—«*ORA BAMOS LA' CUM DEUS*».

Por ele descoberto no costado dum barco do alto «tatuado de arabescos e legendas», na borda do mar na Costa Nova, logo do seu expressivo simbolismo se enamorou, chegando depois a timbrar com o ingénuo desenho o seu papel de carta, as suas próprias folhas para receituário e alguns dos seus livros; recolhida a legenda no seu antigo conto *Sondemar o músico* (incorporado no livro *Luar de Lágrimas*, em 1924), encontramos-la pela primeira vez gráficamente associada ao pentalfa naquela sua importantíssima publicação *Os Motivos de Decoração Ilhavense*, editada em 1932, bem como na edição, desse mesmo ano, da sua conferência de 1931—*A fisiologia da Morte*—mas sei que já anteriormente havia utilizado legenda e desenho, de tal forma pela vida fora se mostrou sempre identificado com a expressiva fórmula popular de confiança e com a sua heterodoxa associação ao *signum Salomonis*, que assim a admitiu a mente simplista dos pescadores da Costa Nova.

Com essa divisa pessoal e marca de autor ⁽¹⁾, que aparece

(1) Erradamente JACINTO JÚNIOR (*loc. cit.*) apresenta como *ex-libris* esta marca de autor. Podemos asseverar que nunca JOÃO CARLOS a usou, assim desprovida de identificação específica, para reivindicar a propriedade de qualquer livro da sua biblioteca.

igualmente aplicada como *super-libros*, a seco e a ouro, nalgumas encadernações de *obras suas* na sua biblioteca, e até gravada em mobiliário que para si ele próprio fabricou, compôs JOÃO CARLOS, nos últimos tempos, o seu definitivo *ex-libris*, que fez zinco-gravar; não chegou, contudo, a apô-lo nos seus livros, pois no seu espólio se nos deparou a chapa tal como viera da oficina de gravura; imprimiu-se só então, e já hoje todos os livros de que se compunha a sua biblioteca se encontram enriquecidos com essa marca da presença espiritual do artista.

Exemplarmente concorde com a sua marca de autor e divisa pessoal, o *ex-libris* é composto pela associação referida do pentalfa com a legenda, tendo-lhe sido acrescentadas, ao alto, as palavras «LIVROS | DE (em caracteres desenhados ao gosto popular) e, noutra linha, «JOÃO CARLOS» (em caracteres de Imprensa); ao fundo da legenda, em intencional ligação por ela estabelecida, o resto do nome do artista, «CELESTINO GOMES» (em caracteres de Imprensa), associando desta forma e identificando (para quem o desconhecesse) os dois artistas que dentro dele vicejavam e que toda a vida ele diferenciou: — o desenhador e o escritor.

No decorrer temporal de um a outro destes dois extremos — o 1.º *ex-libris* que no início da sua vida de escritor desejou ter (e teve) e o que nos últimos anos para si próprio criteriosamente desenhou — balizas espaciais que bem evidenciam o seu interesse de sempre pela marca artística de posse, desenrola-se então uma produtividade *ex-librística* que sabemos ter sido grande mas que dificilmente agora se pode documentar na íntegra, pois a lamentável falta de catálogo geral dos *ex-libris* portugueses e a natural dispersão dos seus possuidores motivam o desconhecimento de muitas dessas espécies, que só por acaso e quando menos se espera aparecem fora das bibliotecas para que foram criadas.

Para mais, JOÃO CARLOS, perdulário dos seus trabalhos como quase todos os artistas, não arquivou *provas* dos desenhos que azia para gravura, nem deixou, sequer, relação de quanto desenhou; apareceram, sim, entre os seus papéis, três ou quatro *ex-libris* impressos e apontamentos para outros que se não sabe se chegaram a ser executados e, neste caso, para quem, pois lhes falta a indicação do possuidor; mas até desses meros esboços se infere que sempre o assunto o interessou, como era de esperar em tão requintado artista.

Coleccionador apaixonado que temos sido, de há longos anos, de marcas bibliográficas do mundo inteiro e de todas as categorias, da nossa coleção principalmente nos socorremos agora, ao procurar recensear o labor *ex-librístico* de JOÃO CARLOS; lográmos assim alinhar dezanove *ex-libris*, de autoria perfeitamente identificada; o índice do catálogo da primeira exposição de *ex-libris* em

Portugal, de 1927, que já acima citámos, regista o nome de JOÃO CARLOS como desenhador de 3 espécies expostas, mas erra em duas delas; atribui ao artista a autoria do ex-libris do Dr. MELO FERRARI, que todavia lhe não pertence, como pessoalmente nos foi assegurado pelo possuidor, e atribui-lhe também o seu próprio ex-libris, que é, inegavelmente, desenho de CUNHA BARROS, como dissemos; acerta apenas na autoria do ex-libris da Biblioteca Municipal de Coimbra, que é de 1925, ou seja, do período escolar de JOÃO CARLOS, época de que, aliás, provêm alguns outros por ele desenhados. Em compensação, omite-se, no índice referido, a autoria do ex-libris do Dr. JOSÉ PINTO LOUREIRO, registada, e bem, na relação geral de possuidores (pág. 48).

É curioso seguir, através dessas gravurinhas intencionais, *obrigadas a mote*, os processos artísticos do desenhador para a concretização gráfica da ideia, e por vezes também da legenda, à sua interpretação submetidas; do arranjo dado aos elementos que o seu distinto colega de Lisboa, Dr. DANIEL MONTEIRO, uma ocasião lhe transmitiu para o ex-libris que desejava (*um candieiro de azeite e a legenda «alé ser dia»*), já o seu possuidor expressivamente nos pôs ao corrente e a gravura que adiante se publica permite apreciar; também para o ex-libris que para nós quis desenharmos, em 1959, JOÃO CARLOS bondosamente se prestou a perscrutar admiravelmente, e a encenar, digamos assim, os elementos dispersos que nos aprazia ver reunidos nas folhas de guarda dos livros das nossas estantes.

*

O ex-libris, sendo, como é, destinado a uso exclusivo do bibliófilo, e constituindo, quando sincero, o reflexo psicológico da sua personalidade, tem, evidentemente, de ser idealizado pelo possuidor, limitando-se o artista, chamado a executá-lo, a dar-lhe forma e a concretizar o pensamento e as directrizes que se lhe ditam. O que sucede, e não poucas vezes, é tudo isso lhe ser transmitido de forma imprecisa, senão, mesmo, tumultuariamente, tantos os sentimentos e anseios a que se pretende dar representação conjunta. Criam-se situações delicadíssimas ao artista, para as quais não há solução capaz, daí resultando, amiúde, os híbridos incompreensíveis que em tantos ex-libris se nos deparam. E não apenas com os desenhadores portugueses, seja dito em abono da verdade.

Exemplo particularmente elucidativo das dificuldades em que por vezes o desenhador de ex-libris se vê para dar satisfação ao que menos pensadamente lhe é solicitado, é a requisitória que a JOÃO CARLOS um dia foi dirigida por um erudito e digno historiador de Arte, aliás, respeitabilíssimo, mas que sonhava um ex-libris... simplesmente impossível.

JOÃO CARLOS não o fez, evidentemente.

Mas porque na verdade o caso é curiosíssimo e ilustra superabundantemente quanto acima deixamos apontado, aqui se transcreve o pedido, omitindo-se apenas o nome do solicitante:

«29/XI/43.

Ex.^{mo} Snr. Dr. João Carlos Celestino Gomes

Meu Prezado Amigo

Trata-se do meu «Ex-Libris». Este assunto tem sido para mim uma verdadeira «ideia fixa» e escudado na sua tão amável aquiescência—quando da última vez estivemos em casa do Eng. (.) —venho agora concretizar um pouco a ideia para a gravura.

Declaro desde já que deposito no seu bom gosto e finíssima sensibilidade de Artista a mais lata confiança e que, portanto, fica o Meu Ex.^{mo} Amigo com toda aquela liberdade que eu reputo absolutamente necessária para toda e qualquer produção artística.

Apenas lhe direi, em breves e sintéticas frases, o que eu entendo pelo «leit-motiv» para um ex-libris que seja a minha marca bibliográfica.

Além do sacramental «Ex-Libris — (. . . nome do possuidor...)» gostaria que ostentasse uma divisa e essa é a que resume toda a minha aspiração e incentivo intelectual—

«SABER MAIS».

Quanto à parte puramente artística e iconográfica, chamemos-lhe assim, aqui vão uns lópicos que se ligam à minha personalidade:

Profissionalmente sou Técnico Têxtil e por gratidão para com a minha profissão material, e, igualmente por predilecção, dedico ao estudo dos tecidos artísticos uma atenção especial: O emblema material da minha profissão é o tear.

Espiritualmente considero-me, ou melhor, gostaria de me considerar um «renascentista», tendo a paixão dessa maravilhosa época em que a inteligência iniciou o seu caminho de libertação humanística. Mas, mais particularmente, o que me encanta são os primórdios da renascença, na arte: Giotto, Guirlandai, Boticelli, Dürer, Memling e Holbein...

Cristão, à maneira de Erasmo, adoro o prè-renascimento de um Gil Vicente ou o humanismo de S. Francisco d'Assis. Gostaria de ter sido companheiro de estúrdia de Camões ou privado com Voltaire... na irreverente coscuvilhice dos podres da Cúria e das Cortes.

Chega? Julgo que até é demais...

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Fico aguardando as suas notícias e um boneco cujo principal valor para mim residirá nas duas palavras: João Carlos.

*Os cumprimentos do que pede para ser considerado,
Muito admirador e Amigo certo»
(.....)*

Efectivamente, era demais... e o almejado *boneco* foi-se adiando, até definitivamente de parte a parte esquecer.

Mas para quem nunca tiver pensado em quanto é difícil a arte dum ex-librista consciente, cremos que de algum alcance terá sido o curioso exemplo que lhe apresentamos com a carta supra, que no espólio de JOÃO CARLOS se encontrou e nos foi confiada.

*

Os ex-libris desenhados por JOÃO CARLOS estão, por via de regra, assinados ou, ao menos, siglados; dos dezanove que lográmos recensear apenas um se apresenta desprovido de autoria, se exceptuarmos os dois que desenhou para sua esposa e o dele próprio: é o do cincasta HÉLIO MOURA; este, porém, já em 1934 aparece registado no *Arquivo Nacional de Ex-Libris* (II, 232) como criação de JOÃO CARLOS, e, além disso, o seu desenho é suficientemente característico, permitindo imediata identificação.

Elemento de grande importância, que muito de perto nos proporcionaria seguir a evolução da sua gramática artística de desenhador de ex-libris, seria a data da execução de cada um desses intencionais trabalhos; onze deles, porém, são inteiramente omissos a esse preciso respeito; mas como de todos possuímos outros elementos que nos permitem localizar a sua criação, torna-se possível elaborar alguns agrupamentos úteis; e assim, tere-mos então:

Período do Porto, ou seja, até 1921:

ex-libris da Poetisa D. TIBALDINA RODRIGUES DOS SANTOS MOTA;
ex-libris do Dr. TITO LÍVIO DOS SANTOS MOTA;
ex-libris do Poeta ALBERTO DE SERPA ESTEVES DE OLIVEIRA.

Período de Coimbra, de 1921 a 1927:

ex-libris de JOÃO DE MELO;
ex-libris de (...) SANTOS COELHO;
ex-libris da Biblioteca Municipal de Coimbra;
ex-libris do Dr. JOSÉ PINTO LOUREIRO;
ex-libris de JÚLIO VIDAL.

Período de Lisboa, de 1933 até final:

ex-libris do Dr. JOÃO ANTUNES;
ex-libris do cineasta HÉLIO MOURA;
ex-libris do Engenheiro HEITOR VALENTE;
ex-libris do Engenheiro HORÁCIO VALENTE;
ex-libris do Dr. ANTÓNIO DE CÉRTIMA;
dois ex-libris de D. SILVINA VALENTE CELESTINO GOMES;
ex-libris do próprio Dr. JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES;
ex-libris do Dr. DANIEL MONTEIRO;
ex-libris do Engenheiro SAMUEL SCHWARZ;
ex-libris do autor do presente apontamento.

Acompanharemos de sucinta explicação a reprodução que de cada um desses ex-libris passamos a dar. Todos eles são, tènicamente, zincogravuras; nenhum foi passado a gravura artística (madeira, talhe-doce ou água-forte, nem tão-pouco a litografia).

— Poetisa D. TIBALDINA RODRIGUES DOS SANTOS MOTA

Dentro duma oval, um braço nú ergue ao alto, com firmeza, um coração cercado por um halo de luz. Fora da oval, na parte superior, uma larga fita desenrola as palavras «Ex-libris» em grandes caracteres góticos.

Em baixo, fora da oval, a legenda «*Ecce lux mea*», também em gótico.

Impresso conjuntamente a duas cores: preto e encarnado.

S. d. (cerca de 1920).
29mm de largo por 51 de alto.



— Dr. TITO LÍVIO DOS SANTOS MOTA

No vão limitado por dois finos colunelos rematados por uma ogiva e sobre fundo encastrado de rectângulos de tracejado apertado, a chama duma vela, implantada em tocheiro de que apenas se vê a parte superior, alarga-se desenhando o perfil duma cabeça de mulher, voltado à esquerda. Fora da ogiva, ao alto, um filactério desenrolado diz «Ex=/libris» em caracteres góticos; e em baixo da composição, a legenda «ANIMA / MEA».

Impressão conjunta a duas cores: preto e encarnado.

S. d. (cerca de 1920). 12mm de largura máxima por 70 de alto.



— Poeta ALBERTO DE SERPA ESTEVES DE OLIVEIRA



Dum coração ardente elevam-se chamas que ao alto se juntam como duas mãos orantes. Um arco de ogiva acompanha graciosamente o gesto místico. Em remate exterior, as palavras «ex-libris» em caracteres góticos. Em baixo, dentro ainda da composição, a legenda «Do | coração», a encarnado. Fundo de lozangos, encanastrado, de tracejado miúdo.

Impresso a duas cores conjuntas: preto e encarnado, em papel amarelado.

S. d. Apôsto em 1924 num livrinho de quadras de ALBERTO DE SERPA, impresso em Ílhavo, na Tipografia da «Beira-Mar», mas de existência anterior.

17^{mm} de largura máxima, por 50 de alto.

*

— JOÃO DE MELO

Numa ventana de arco de volta inteira pende um coração como se fora um sino, montado em seu cabeçalho. Na parte exterior, ao alto, as palavras «Ex-libris» em caracteres góticos; em baixo, a legenda «AD... ME / AD... ALIOS» (*sic*).

Impresso a verde. Datado de 1924. 23^{mm} de largo por 50 de alto.



— (...) SANTOS COELHO

Rectângulo de fundo negro, dentro do qual se inscreve parte duma cabeça humana (a boca e o mento voluntarioso), de perfil voltado à esquerda, cortada por uma faixa branca com as palavras «Ex-libris» em caracteres góticos; por baixo, a legenda «VOLO» em grossas maiúsculas.

A identificação do possuidor, que não conseguimos determinar por completo, é-nos dada por alguns exemplares assinados, que possuímos.



Datado de 1924. 45^{mm} de largo por 57 de alto.

— BIBLIOTECA MUNICIPAL DE COIMBRA

Brasão de Coimbra na forma errônea que assumiu no século XIX, rematado por coroa de Duque; sobre esta, um grupo de livros irradia luz. Conjunto limitado por dupla oval, em cujo intervalo corre a legenda «BIBLIOTECA . . MUNICIPAL . . DE . COIMBRA».

Impresso originariamente a preto, e, pelo tempo adiante, em várias cores sobre papéis também de cor.

S. d. (1925). A Biblioteca foi inaugurada em 1923. Dois formatos: 39mm de largo por 58 de alto; e 52 por 75.



— Dr. JOSÉ PINTO LOUREIRO

Figura de homem musculado trepando a um rochedo no alto do qual um grupo de livros irradia luz intensa. Desenho inscrito em oval em cuja periferia exterior correm os versos dos *Lusiadas* (canto I, XI) ... «Da determinação que tês tomada, Nam tornes por detras pois he fraqueza Desistir-se da cousa começada», rematando ao fundo numa cartela com as iniciais P. L., dos apelidos do possuidor.

S. d. (1925). Dois formatos: 29mm de largo por 40 de alto; e 41 por 56.

Impresso a princípio a preto, e depois em várias cores sobre papéis também de cor.



— JÚLIO VIDAL

Galgo estendido por terra, de corpo voltado à direita, mas com a cabeça virada para o lado contrário; em terra, abaixo dele, a legenda «fidelis». Conjunto inscrito num rectângulo, fora do qual se lê, ao alto, «EX LIBRIS» e, em baixo, «DE JÚLIO VIDAL».

Um galgo deste preciso perfil e em igual posição encontra-se no desenho de JOÃO CARLOS para a colecção *A Medicina na Literatura Portuguesa*, N.º 12, ilustrando uma passagem do auto *El-Rei Seleuco*, de CAMÕES.

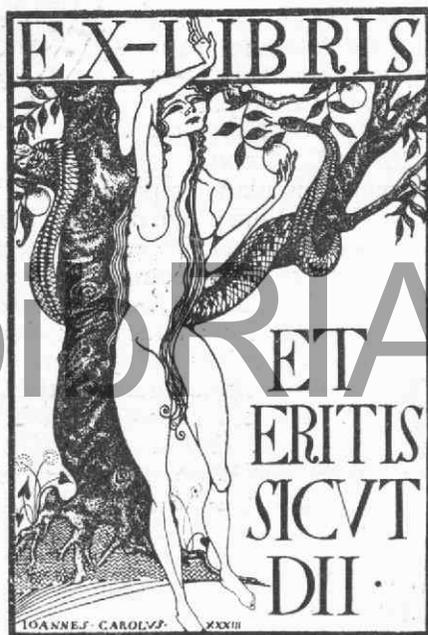
S. d. 49mm por 45.



*

— Dr. JOÃO ANTUNES

Encostada ao tronco anoso duma macieira, na qual se enroscava uma grossa gibóia de língua bífida, uma figura nua de mulher, muito estilizada, colhe com a mão esquerda uma maçã. Acima da composição, que um rectângulo envolve, grandes caracteres enunciam «EX-LIBRIS». No campo à direita, deixado livre pelo



desenho, a legenda em grandes caracteres também: «ET/ERITIS/SICVT/DII.» extraída do *Génese*, III, 5, e em alusão conhecida ao episódio da tentação no Paraíso Terrestre.

Ao presente ex-libris, documento importante — pela data nele exarada — da nova feição de desenho em que o artista por então abertamente se lançara e da qual viriam a resultar trabalhos de requintada execução, adiante voltaremos a referir-nos, nas considerações de conjunto com que encerraremos estes apontamentos.

Datado de 1933. Exemplares impressos a preto, por vezes autografados pelo possuidor, e outros a sépia em papel amarelo. 56^{mm} de largo por 83 de alto.

— Cineasta HÉLIO MOURA

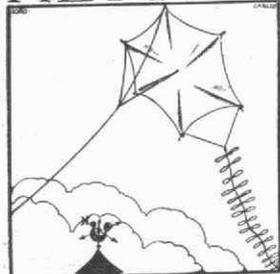
Uma águia de asas distendidas, garras abertas de unhas aduncas e a boca hiante, cabeça voltada à direita, paira entre as nuvens, muito acima de montes e de um castelo. Em baixo, dentro do rectângulo de duplo filete que limita o desenho, ao gosto de xilogravura, lê-se, em grandes caracteres góticos, «mais . além / Ex-libris. de / Helio . Moura».

Deve ser este um dos últimos desenhos que JOÃO CARLOS terá feito no género e recorda ainda a época de Coimbra, de que se conhecem estilizações afins.

S. d. (anterior a 1934).
60mm de largo por 108 de alto.



HEITOR



ON . VOUDRAIT . ÊTRE
PLUS . hAUT . Et . PLUS . fORT . QUE . SOI-MEME . »

— Engenheiro HEITOR VALENTE
Da expressiva legenda escolhida pelo possuidor «ON . VOUDRAIT . ÊTRE . PLUS . hAUT . Et . PLUS . fORT . QUE . SOI-MEME . » partiu JOÃO CARLOS para a composição de simplicidade extrema que se lhe sobrepõe: acima do catavento dum telhado pontegudo e das próprias nuvens, paira um grande «papagaio» infantil cujo cordel retesado o liga à terra. Ao alto do quadrado envolvente, o nome próprio do possuidor: «HEITOR».

S. d. (de 1932 a 1934). 37mm de largo por 54 de alto.

— Engenheiro HORÁCIO VALENTE

Sobre dois fortes traços ondedados, um barquinho de criança, talhado numa prancha de cortiça, e com uma vela encurvada, de papel, enfiada em mastro embandeirado, navega calmamente para a direita.



Por baixo daqueles dois traços ondedados, a legenda «BAO INDO q'Eu CÁ BÔ», tal como se encontra ainda hoje no painel da proa de barcos moliceiros da Ria de Aveiro. Em baixo, em grandes capitais, o nome do possuidor «HORA'CIO VALENTE».

Datado de 1935. 60^{mm} de largo por 59 de alto.

HORÁCIO VALENTE

— SILVINA VALENTE CELESTINO GOMES

Dentro duma ogiva rematada por uma cruz, dois símbolos contrastam: na base, um candeeiro de azeite que mal emite um ténue fio de luz; ao alto, grande estrela espalha os seus raios luminosos em todos os sentidos, fazendo baixar a sua luz até ao arranque da ogiva. A legenda «MAIS ALTO», sobre a qual assenta toda a composição, completa e dá apropriado sentido ao conjunto.

S. d. (1939). 19^{mm} de largo por 60 de alto. Impresso a azul celeste.



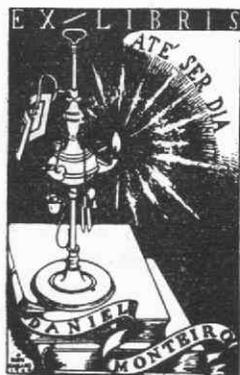
— Dr. DANIEL STTAU

MONTEIRO

Colocado sobre dois grossos livros, um candeeiro de azeite corta a escuridão da noite com fortes raios de luz que vão terminar numa zona clara onde se destaca a legenda «ATÉ SER DIA».

Ao alto da composição, as palavras «EX LIBRIS». Em baixo, no topo dos livros, um filactério com o nome do possuidor «DANIEL / MONTEIRO».

Datado de 1940. 31^{mm} de largo por 49 de alto.



— Engenheiro SAMUEL SCHWARZ

Hexalfa formado por dois triângulos equiláteros duplos, entrelaçados, exteriormente realçados com ornamentação ligeira de estilo gótico. No interior do hexágono resultante, uma letra hebraica foneticamente equivalente a S e a SCH, alusão directa à inicial de Salomão, que, por coincidência, é também a do nome e do apelido do possuidor do ex-libris. Conjunto inscrito numa circunferência de traço simples, fora da qual se lê, acima, em composição tipográfica, EX LIBRIS; e em baixo, «S. SCHWARZ».

S. d. (1942). 60mm de largo por 77 de alto.

Resultou este ex-libris da adaptação da chapa gravada para ilustração da capa da obra «Cântico / dos Cânticos / atribuído ao Rei Salomão / prefácio e tradução do / original hebraico / por Samuel Schwarz / Desenhos e nota final / de João Carlos / (emblema citado) / Lisboa — MCMXLII».

O facto de o nome do possuidor e a menção ex-librística aparecerem em caracteres tipográficos, de oficina, e não desenhados expressamente, leva-nos a crer que JOÃO CARLOS tenha sido alheio a esta adaptação; efectivamente, dadas as excelentes relações que o artista teve sempre com o Eng. SCHWARZ, e a parte notabilíssima que tomou na ilustração da obra acima referida, é evidente que JOÃO CARLOS não deixaria de desenhar em estilização adequada ao emblema as palavras com que o ex-libris se define, caso a intenção de aproveitar a chapa original lhe tivesse sido manifestada pelo possuidor.

Vem muito a propósito transcrever aqui as encomiásticas referências que às primorosas ilustrações de JOÃO CARLOS para aquela versão do *Cântico dos Cânticos* o Eng. SAMUEL SCHWARZ não duvida exarar no prefácio da sua edição:

... «não teríamos a ousadia de publicar uma nova versão se, para isso, ainda outra razão não houvesse, mais directa, qual seja a de apresentar à admiração dos amadores de arte as primorosas

EX LIBRIS



S. SCHWARZ

criações artísticas, inspiradas no *Cântico*, do desenhador português, nosso querido amigo JOÃO CARLOS, hábil artista, «doublé» de talentoso literato e de proficiente clínico.

Há em Portugal uma verdadeira tradição médico-literária, bastando citar os nomes de JÚLIO DINIZ, RICARDO JORGE, ANTÓNIO PATRÍCIO, HENRIQUE DE VILHENA, JÚLIO DANTAS, SILVA CARVALHO, SAMUEL MAIA, JAIME CORTESÃO, EGAS MONIZ, etc., pléiade dentro da qual o artista JOÃO CARLOS, o literato CELESTINO GOMES e o médico Dr. JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES já tem marcado o seu lugar.

Impressionado pelo encanto artístico e pelo orientalismo místico e decorativo do poema salomónico, brotaram da alma poética e da pena artística de JOÃO CARLOS uma série de belos desenhos tão tipicamente coevos, que se o desconhecido autor do *Cântico* soubesse manejar a pena de desenhador tão bem como a de poeta, não os teria feito de outra forma...

Lembrou-nos, em seguida, de, à imagem do que se fez em França com uma edição artística do *Cântico dos Cânticos* (1), dotar também a literatura portuguesa com uma obra semelhante, com a diferença, a favor da edição portuguesa, de que, ao passo que os desenhos e decorações da edição francesa, embora artística e gráficamente perfeitos, possuem um sabor mais parisiense do que hierosolimitano, os motivos picturais da presente edição portuguesa parecem integrados no ambiente e no «clima» da Palestina salomónica. Estes desenhos, para serem convenientemente editados, precisavam, na opinião do artista, de um texto que lhes servisse, por assim dizer, de moldura, texto que traduzisse, tão fielmente quanto possível, a rítmica genuína do original hebraico.

Metemos ombros a esta tarefa, difícil e ingrata, no desempenho da qual pusemos, à falta de engenho e arte, boa vontade, tendo como consolação o facto de que, dentro desta edição artística, a tradução é de somenos importância, servindo apenas para encher..., visto que a primeira plana nesta obra pertence à parte artística.» (Págs. 14-15).

Por sua vez, JOÃO CARLOS, que assina a nota final, esclarece: «Cleópatra, Belkiss, Sulamita! Tenho a certeza de que foram elas as primeiras. Tinha eu os meus doze anos e já estava apaixonado por estas mulheres de nomes cheios de Oriente como as pérolas, enquanto os rapazes da minha igualha e criação se deixavam tomar de amores pelas primeiras actrizes do cinema tão crianças como nós.

(1) «*Le Cantique des Cantiques, qui est sur Salomon*», traduit littéralement et remis à la scène par Jean de Bonnefon, a été joué pour la première fois à Paris le 22 Mai 1905. Illustration de F. Kupka.

Porquê? Tenho pensado nisso. E suponho que porque nenhuma destas tinha figura como a Bertini ou a Menichelli de olhos obscenos. Eu imaginava-as à minha vontade, vagas, incorpóreas, existindo apenas nas palavras bizarríssimas e cheias de sugestões dos seus perfumes infinitos, do kelbenath e do açafão, do nardo e do cinamomo, do incenso e da mirra, da cânfora, que mata o fogo do amor, e da mancenilha, que mata os que adormecem à sua sombra, coisas estranhas que eu ia cheirar nos frascos da farmácia do meu tio e que nem por cheirarem mal me desimaginavam.

Uma saudade doida dessas jornadas de sonho, talvez dos confins milenários do meu sangue fenício, sempre que pode, leva-me até Lá. E a minha Sulamitana nasceu um dia, no desejo terno do Rei-Sábio, à beira da tentação de amor das criaturas de Deus, cheia de asas castas de pombas brancas que são fiéis aos seus pombos, saudosa da saudade dos dromedários que se foram para o deserto e que talvez não voltem nunca mais...

Foi então que a rara sensibilidade do engenheiro SAMUEL SCHWARZ nos descobriu, a mim e a ela. Trazia todas as palavras que eu imaginara e nunca tinha ouvido na língua-inigualável. Os perfumes eram mais perfumes. E eu já podia continuar, como se apenas repetisse uma lição de côr. Demais eu entranhara o ambiente na minha desvairada imaginação. A Sulamitana dizia a cantiga das peixeirinhas da minha terra:

«Não sou bonita que espante
Nem feia que meta medo:
Sou trigueirinha engraçada...»

o seu amado era, como na velha cantiga de PAAY SOAREZ DE TAVEIROOS

...mia senhor *branca e vermelha*,

loiro como os varinos mais fenícios da minha terra, e até os nomes das flores, na língua original, eram a *shoshana* e o *nered*, tão parecidos à açucena e ao nardo do meu jardim familiar! Mas porque, enloilado e sófrego, quis pôr tudo isso, atabalhoadamente, nestes quadros, pensei que seria necessário explicar-lhes melhor, por palavras, a intenção. Ora, ainda aqui o génio do poema salomónico fez o milagre de beleza: escolhidos e intercalados no texto, folha sim, folha não, ei-los que acertam todos a dar-me esta surpresa inefável: ficam assim perfeitamente explicados!... (Págs. 83-84).

Para mais completa compreensão do emblema simbólico que ilustra a capa da obra e que o engenheiro SCHWARZ elegeu para seu ex-libris, não passe despercebido o precioso bordado do cochim

do *palanque nupcial de Salomão* (cap. III, vers. 10 — *Pág. 51 da versão citada*); é seu motivo central o hexalfa hebraico, rodeando, como no ex-libris de SCHWARZ, a letra simbólica: *do Rei Salomão e do requintado tradutor do formosíssimo poema* (1).

Tudo intencional, como em qualquer desenho de JOÃO CARLOS, por mais singelo que seja. Por isso estranhámos os caracteres tipográficos do ex-libris em causa.

E não passe também despercebida a indiscutível atracção que no espírito de JOÃO CARLOS, ansioso de compreensão e de curiosidade, exerciam os temas orientais, particularmente os hebraicos, com a empolgante cabalística salomónica.

Ele próprio confessa: «*Uma saudade doida dessas jornadas de sonho, talvez dos confins milenários do meu sangue fenício, sempre que pode leva-me até Lá*». (Nota final ao *Cântico dos Cânticos*, trad. de 1942).

Já em 1932, ao esboçar *Os motivos de Decoração ilhavense*, ele se impressiona com a magia do pentalfa, onde pretende ver a esquematização da *estrela do mar* (págs. 13 e 19).

Em 1939, no seu romance ribatejano *Signo de Toiro*, consegue intercalar estirado capítulo, revelador de muita leitura, onde se espria sobre a origem do sino-saimão, seu significado nas velhas civilizações orientais, detendo-se com evidente agrado em considerações sobre o povo de Israel e sobre a irradiação dos fenícios, que a tradição (com FESTUS AVIENUS) faz incidir na região do Vouga, não hesitando mesmo JOÃO CARLOS em registar a *arriscada tese*, que parece subscrever, de terem os fenícios fundado «*a colónia marítima de Elli-ab ou Elli-ub que depois seria Ílhavo...*» (pág. 122).

Em 1958, já a aproximar-se do prematuro fim que o inexorável Destino lhe havia traçado, insere ainda na magnífica miscelânea que intitulou *Posição crítica* o precioso estudo *Gramática Decorativa* e aí volta a dissertar sobre o pentalfa e o hexalfa, sua simbologia e fórmulas mágicas neles compreendidas.

Eram temas que encantavam a sua ardente imaginação, com eles se comprazendo no enalço da remota origem étnica, na miragem duma atávica e perdida pátria que a seus olhos deslumbrados ressurgia...

«JOÃO CARLOS foi sempre um pescador de Ílhavo irrequieto e sonhador, ao mesmo tempo nervoso e meditativo, que as ondas do mar da vida atiraram para Lisboa. No meio, porém, dos tumultos da cidade, era ainda a voz do litoral que ele ouvia e fazia ouvir.» (*Novidades*, 20 Nov. 1960).

(1) Também para o *Museu Luso-Hebraico de Tomar* JOÃO CARLOS desenhou um emblema cujo motivo central é o hexalfa formado por dois triângulos entrelaçados, como no ex-libris do Eng. SCHWARZ, e com caracteres hebraicos no hexágono interior. Rodeia o hexalfa o nome da instituição e a indicação . Portugal., em baixo, em caracteres estilizados.

— Dr. ANTÓNIO DE CÉRTIMA
 Duma calote do globo terráqueo onde se increveu a legenda «VIVERE EST DESIDERE» eleva-se, contra o firmamento profusamente estrelado, uma labareda que duas mãos erguidas, de finos dedos, acompanham. Fora do rectângulo em que se recorta a composição, ao alto, lê-se: «EX-LIBRIS».

S. d. Desenhado para adornar a 2.^a edição do livro do Dr. ANTÓNIO DE CÉRTIMA — *Bodas Helénicas*, de 1943. 47^{mm} de largo por 53 de alto. Impresso a azul em papel de bordos esfarpados.



— SILVINA VALENTE CELESTINO GOMES

Uma coroa de espinhos e amoras envolve o nome «SIL/*V*INA». Paralela e exteriormente à coroa, a legenda «*TANTA* SILVA* TANTA* AMORA*». Esta composição constituía o timbre do papel de carta da possuidora, esposa do artista. Últimamente, acrescentaram-se-lhe tipograficamente, em baixo, três linhas que dizem «EX-LIBRIS DE/SILVINA CELESTINO/GOMES».

S. d. (1955). 40^{mm} de largo por 52 de alto.



EX-LIBRIS DE
 SILVINA CELESTINO
 GOMES

— JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES

Já acima ficou explicada a génese deste expressivo ex-libris que bem traduz a paciente e permanente labuta, o trabalho resignado, que foram a vida inteira do artista e, ao mesmo tempo, o seu ideológico contacto de sempre com o povo simples da sua terra, fonte inesgotável de puras emoções de Arte e de sadios ideais.

S. d. A adaptação deste seu velho emblema a ex-libris, que pessoalmente não chegou a aplicar nos seus livros, como se disse, é dos últimos tempos da sua vida.

26^{mm} de largo por 44 de alto.



— «EX-BIBLIOTHECA | A. G. DA ROCHA MADAHIL», tal é a inscrição que identifica



o último ex-libris desenhado por JOÃO CARLOS, para o autor do presente apontamento. Símbolos, tornados clássicos, duma vida inteiramente consagrada a livros, quer profissional quer particularmente, neste ex-libris se reuniram: um códice aberto, uma estante de mesa (cópia da que o possuidor tem sobre a sua própria mesa de trabalho), uma encadernação armoriada com o «super-libros» de Rochas, Brandões, Vidais e Figueiredos (sua própria família paterna), tudo iluminado por uma serpentina de três lumes, em desenho de moderna estilização. Um rectângulo de duplo filete limita a composição, harmoniosa e bem proporcionada.

Datado de 1959. Impresso a preto sobre papel dourado.

Dois formatos ⁽¹⁾: 54^{mm} de largo por 78 de alto, e 85 por 120.

Dissemos acima que no espólio de JOÃO CARLOS se encontraram apontamentos para outros ex-libris, desconhecendo-se no entanto se terão sido executados e para quem.

Em vista a mais afortunadas pesquisas, aqui se registam igualmente esses esboços, meros apontamentos apenas:

1— Formando círculo em redor dumas lunetas de modelo antigo, com o alfa e o ómega no lugar das lentes, a legenda «* QUEM * TIVER * OLHOS * PARA * VER * Q̃ * VEJA ».

(1) No pitoresco *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, n.º 19, de Janeiro de 1962, a que atrás nos referimos já, é este nosso ex-libris reproduzido nas dimensões de 70^{mm} de largo por 102 de alto. Como os dez restantes ex-libris desenhados por JOÃO CARLOS, ali reproduzidos também, o são nas dimensões precisas dos respectivos originais, o colecionador será legitimamente levado a supor exacto o formato em que o nosso é apresentado, pois nada se diz em contrário.

Esse formato é, porém, pura fantasia da referida publicação e nunca teve existência, nem o seu possuidor jamais o aprovaria.

2—Um alvo, de quatro círculos concêntricos, e uma seta firmada no centro. Em baixo, a legenda «VOLO ET EO».

À margem, duas outras legendas que depois foram riscadas («*Tu podes assim tu queiras*» e «*Quem quere acertar, acerta*»).

3—Duas mãos estilizadas erguem uma hóstia sobre um cálix.

Na parte superior do quadrado envolvente, tem começo a legenda, que se continua na parte inferior: «O PÃO NOSSO DE CAD / A DIA NOS DAI HOJE».

Apontamento de sugestiva beleza, tendo indicadas as cores em que as respectivas peças deviam ser impressas.

*

Dir-se-á, porventura, que na obra artística de JOÃO CARLOS o desenho de ex-libris constitui uma parte mínima, a perder de vista no conjunto, a todos os títulos notável, dos trabalhos que nos legou. Numericamente, é possível. Como reflexo da sua ideologia, porém, e como exemplificação da forma pela qual a sua estética pessoal evolucionou, já assim não é, e esta série de desenhos (que só chegaram até nós na redução adequada ao especial fim para que foram criados, mas que, originariamente, foram traçados noutra escala) não pode deixar de ser considerada no estudo geral que à sua obra artística venha a ser dedicado.

Dentre os dezanove exemplares de ex-libris que nos foi possível reunir ⁽¹⁾ e aos quais forçosamente se têm de limitar as nossas considerações, avulta, em nosso entender, o grupo de inspiração etnográfica constituído pelo ex-libris desenhado para uso pessoal do artista, pelo mais recente dos dois de sua esposa, e pelos de seus cunhados HORÁCIO e HEITOR VALENTE.

Tanto pela característica feição popular colhida na decoração ilhavense ⁽²⁾ como pela própria escolha de motivos e respectiva atribuição individual, esses quatro desenhos de intencional e inteligente ligação à pátria comum aproximam-se grandemente da classificação que em ex-librismo se denomina *ex-libris falantes*.

⁽¹⁾ Até ao presente era de onze o número máximo de ex-libris apresentados como desenho de JOÃO CARLOS (*Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris* acima citado).

⁽²⁾ «Tão ricos que é um poder de Deus de elementos decorativos que temos — só o *barco do alto* e o *moliceiro* são um álbum inigualável, um figurino sem par aberto aos viciosos da Beleza, aos sensitivos — porque não temos uma arte *nossa*, tradicional?»

Assim se exprimia JOÃO CARLOS em 1931, abordando em conferência pública realizada em Ílhavo o aliciante tema *Os motivos de decoração ilhavense*, ideia pela qual toda a vida pugnou, aproveitando para os seus trabalhos quanto nos pescadores da Beira-Mar e nos moliceiros da Ria a sua retina e a sua sensibilidade regional encontravam de original e de emotivo.

Outro ex-libris ainda merece especial menção, e, porventura será, até, o melhor de quantos o privilegiado lápis do artista criou; queremos referir-nos ao ex-libris do Dr. JOÃO ANTUNES. Tema clássico, desde há séculos corporizado por artistas de todas as escolas e nacionalidades, e objecto também de numerosos ex-libris, JOÃO CARLOS conseguiu tratá-lo de forma pessoalíssima, dando à figura de Eva uma estilização inteiramente sua, a aproximar, por exemplo, da série de magníficas figuras por ele abertas em madeira para decoração de mobiliário de sua casa (actualmente um tanto disperso) e bem assim de numerosas gravuras em madeira que no álbum póstumamente publicado encontraram expressiva exemplificação.

Temos presente um exemplar do ex-libris que sobre igual tema um dos mais notáveis gravadores ex-libristas da actualidade na Europa — o Prof. STANISLAV KULLÁNEC, da Checoslováquia — gravou, a água-forte, para o grande coleccionador mundialmente conhecido, Engenheiro Dr. GIANNI MANTERO, de Itália; de acabamento mais fino e mais realista, assemelha-se, contudo, imenso ao desenhado por JOÃO CARLOS; está, porém, datado de 1949 e constitui o n.º 249 dos ex-libris desenhados por aquele artista; o de JOÃO CARLOS é muito anterior; tem, como vimos, a data de 1933, e pormenores há em que não é inferior ao do famoso professor checo, como, por exemplo, no tratamento dado à gibóia, que na árvore se enrosca.

Leve-se ainda em conta que o ex-libris desenhado para o Dr. JOÃO ANTUNES foi apenas reproduzido quimicamente, em simples zincogravura, ao passo que o do Dr. GIANNI MANTERO é uma esplêndida água-forte, processo este só por si suficiente para realçar e valorizar máximamente um desenho.

De desenho e execução muito mais simples, mas profundamente expressivo, é também o ex-libris do Dr. ANTÓNIO DE CÉRTIMA, que traduz, no paralelismo das chamas que se elevam aos céus e das mãos que as acompanham e com elas quase se confundem, a espiritual ambição humana em que a legenda VIVERE EST DESIDERE faz consistir a própria vida.

*

Nesta «parte mínima» (se de facto assim houver de ser considerada) da obra artística de JOÃO CARLOS, encontra-se pois, reflectida, quer-nos parecer, a própria linha evolutiva da sua gramática estética, e muito do seu pensamento estrutural, como da observação directa da presente série de desenhos é lícito concluir, se entretanto recordarmos os seus demais trabalhos e as épocas a que diz respeito cada um deles.

Proceda-se por igual seriação com os demais núcleos em que os seus trabalhos podem ser agrupados — *retrato, decoração, gravura, pintura de género, talha, cerâmica, romance, poesia, crítica, etc.* — e a justa admiração pelo ímpar talento deste homem extraordinário, que tanto honrou a sua terra e a geração a que pertenceu, firmar-se-á acima de escolas e de correntes artísticas de ocasião, reconhecendo-lhe o valor de perenidade que aos indiscutíveis artistas se confere.

Possam assim estas breves considerações concorrer, acima de tudo mais, para o reconhecimento da imperiosa necessidade que há de se organizar a exposição retrospectiva que preconizamos e que constituirá, podemos assegurá-lo, altíssima lição de Beleza e de coerência estética.

ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL

bibRIA

PÁGINAS DUM DIÁRIO

«A todos aqueles que sete vezes caíram nas pedras do caminho e outras sete se levantaram extenuados, mas com a mesma fé, para erguerem o trapo da sua cândida bandeira de artistas, acima da multidão.»

CELESTINO GOMES

... QUANDO recordamos a infância, o nosso pensamento fixa-se numa boneca, numa perrice, num brinquedo, numa surpresa feliz ou pungente dessa época despreocupada. No entanto, determinados sonhos repetidos, preferências de brincadeiras, medos, antipatias e paixões, tudo então inexplicável, toma um sentido de destino, de rumo a uma realidade. A atracção que eu sentia pelas casas abandonadas, o dó pelas mulheres sòzinhas, mesmo nos sítios de divertimentos, tão doentio que não conseguia afastar dele a minha atenção, eram, com certeza, uma secreta advertência.

A cidade dos meus pesadelos de criança, perdida da família, donde voltava sempre chorosa ao acordar, apareceu-me agora, num pesadelo maior, mais crescido com o tempo.

Foram certas todas as predestinações.

Londres, a que devia estar grata pelos meses de vida que te deu, pelo cuidado com que foste tratado — e não posso estar — Londres, é ainda agora a recordação do meu medo, do meu calvário.

Um ano antes, sob um sol de Setembro gelado, a caminho de Trafalgar Square, muito encostados um ao outro, prometíamos voltar no próximo ano. Vínhamos de Paris e, ao chegarmos ali, a calma e o ar provinciano da cidade cativaram-nos.

Só o cansaço dos pés nos dizia que as distâncias eram grandes, tão satisfeitos que não nos apercebíamos do malefício que envolvia os nossos projectos.

Quando voltámos no ano seguinte, por motivos tão diferentes dos que pensámos — meu Deus! — não serei capaz de definir

a impressão de horror, de pressentimentos, ao entrarmos no gabinete do Dr. Haddow, enquanto ele observava as plaquetas levadas de Lisboa e eu olhava pela janela ao lado direito um cemitério cinzento, sem inscrições nem flores! Voltei-me desesperada e tapei com o corpo a janela para tu não veres. Aquele frio gelatinoso que senti foi o começo dum tormento que não esqueceria nunca mais. Nem seria capaz de separar de Londres.

À noite, o António, quando voltou do Hospital, de saber o resultado da conferência, disse-te:

— Você tem de cá ficar umas seis semanas.

— Não fico mais de duas semanas, digo-lhe eu.

— Ó João, você vai perder esta única oportunidade? perguntou ele, já a medo, com receio que teimasses em vir para Portugal.

Eu, receando ouvir-te responder, como quando queria que comeses a carne que o médico mandava, essencial para recuperares forças: — que a coma ele. Antes quero morrer que comer isso — disse:

— Tu só fazes o que quiseses; ninguém te obrigará a ficar. Aliás, eu também preferia ir-me embora...

Deu o resultado que esperava e cedeste.

No dia seguinte o nosso amigo tomava o avião para Lisboa. Ao despedir-se — estávamos ainda deitados quando entrou no quarto — voltei-me para o lado da parede para que não me visses chorar, sem saber como iria entender-me sòzinha naquele país estranho, abandonada a todos os acontecimentos, presa da fatalidade e cheia de responsabilidades.

À tarde, ao voltar de umas compras urgentes, ali perto, abracei-me a ti a chorar num desespero.

— Eu compreendo, querida, não estás habituada a andar sòzinha, tens de ter coragem. Comigo nunca mais podes contar.

O quarto ficava no rés-do-chão. Uma janela larga dava para o saguão, onde passava de vez em quando um homem com os pés à altura da janela onde estava encostada uma secretária. Tu estavas sentado a desenhar, os pés estendidos sobre um banco, indefeso sem a minha presença. Na rua eu andava num sobresalto, pensando nos crimes com que os jornais especulavam, no homem do saguão que poderia matar-te para te roubar. Sabia que não poderias defender-te e ao entrar, ao ver-te vivo, foi aquela crise abafada pelas ruas, esforçando-me por não chorar, com medo que a minha fraqueza facilitasse a agressão que eu sentia em toda aquela gente. Meus hábitos de menina amimada iam-se transformando nas visitas a Granard House amparando-te, ou sòzinha, a saber os resultados das análises, nas corridas pelas ruas atrás dum táxi, molhada por uma chuva insólita que aparecia ao fim duma rua soalheira, desprevenida, naquele clima desconhecido e gelado, dum frio de morte que trazia comigo. Os lápis e cartolinas para trabalhos, que nem sempre conseguia a teu gosto,

eram a compensação mais desejada na tristeza da tua incapacidade física. Um dia em que te sentiste melhor, quiseste ir no «Under-Ground». Mas ao subir os degraus da escada ficaste tão cansado, que foi preciso amparar-te. E ao sairmos em South Kensington, já na rua, desmaiaste no meu ombro. Amparei-te enquanto explicava, não sei a quem, que precisava dum táxi. Uma rapariga foi chamá-lo, longe como sempre, e quando chegou ao pé de nós, dois senhores de côco, muito hirtos, entraram nele, enquanto eu gritava, desesperada: «Please, my husband is ill! Please!...» Mas eles olharam friamente, sem compreenderem o que eu dizia, nem a tua cabeça deitada no meu ombro, nem o apelo da rapariga inglesa.

—«I cannot help you. I am sorry». E também ela, apressada, acabada a sua contribuição de caridade, se foi. Se ao menos a morte, naquele momento, nos tivesse ajudado... Quanto eu a desejei! Já no Hospital, sentado num «maple», quando eu me dirigia para a porta, à procura do Dr. Galton, chamaste-me:

— Espera, senta-te aqui uns minutos enquanto eu descanso. Sabes? Se o meu colega Namora não matar a personagem do seu romance, que tem de morrer de leucemia, antes que eu morra, tenho já mais alguns sintomas a contar-lhe.

Quando me falou, naquela leitania perto do Instituto do Cancro, onde eu costumava esperar pelo resultado das análises, ficou muito admirado que eu soubesse a doença que tenho.

Esquecem-se de que sou médico, e às vezes sou eu que me deixo enganar; é mais cómodo.

— Estás a melhorar, foi do excesso do cansaço, o que aconteceu.

Levantei-me para falar com o médico, sem força moral para continuar aquela conversa dolorosa. Quando apareceu o Dr. Galton, quem acreditaria o que se tinha passado, ao ouvir-te falar-lhe com a tua habitual despreocupação!

Entre nós dois cresceu uma reserva. Delicadezas tão embaraçosas que quase não falávamos, evitando enganar-nos. Reserva que hoje lamento. Mas Deus andava longe dos nossos pensamentos e as conversas naquela altura sem a coragem na Sua fé, eram indecisas, melindrosas e inúteis. O silêncio era a nossa defesa e não sabíamos um do outro, como se estivéssemos ausentes do nosso destino.

Passámos em Londres o dia dos meus anos, num intenso nervosismo, com pena de mim, pelos anos que iriam repetir-se sem a tua presença. Não conseguia dominar-me. De manhã, tinhas-me dito: — Compra um bolo e festejamo-los aqui.

Irritou-te o meu choro e disseste-me:—Mas quem está doente, quem vai morrer, sou eu e não choro!

Talvez nunca tivesses adivinhado a certeza que eu tinha dessa fatalidade, a inibição de rezar, desde o princípio, como se uma força desconhecida me obrigasse a submeter-me a essa fatali-

dade sem remédio, decisão inexorável para a qual as preces seriam inúteis, porque o sentido que lhes punha era como que um suborno a Deus que eu não amava, na injustiça do teu sofrimento. Dentro do quarto, os dias eram cinzentos, tristes e nós tão calados que, no silêncio, o ruído do lápis riscando sobre a cartolina, desde as cinco horas da manhã, obrigava-me a tapar os ouvidos para não gritar, excitada por meses seguidos de insónias.

Perdida a espontaneidade do teu temperamento, dos pedaços de vida que entravam em casa contigo, crescia o meu constrangimento em falar, com receio de traír a obsessão dos meus pensamentos. E ao tentar descobrir os teus, enquanto trabalhavas, calado, não te reconhecia. Ainda hoje, perco longas horas a tentar descobrir o teu segredo, o segredo entre ti e a Morte, a ordem com que arrumaste as tuas decisões, os teus gostos, nesses meses. Que conversariam, tu e Ela, nas longas horas de trabalho, desenhando ou compondo poesias?



JOÃO CARLOS
MÁSCARA EM BRONZE FELO ESCULTOR
ANTÓNIO DUARTE (1950)

*«Comido o fruto da árvore vedada,
Por castigo de Deus suo o meu pão;
E a minha féria é a hora descansada
Em que o Senhor me há-de estender a mão.»*

Quando Ela chegou a apoderar-se do teu corpo, já tinham ambos, tu e Ela, em largas conversas, contado todos os segredos que eu não ouvi, porque Ela ocupava-te todo num fala-só de confidências com a Eternidade. Um dia — lembras-te? — num desânimo, disseste-me: — Só me custa morrer, por tu ficares.

E eu, como quem quer dar tudo o que tem e encontra uma só coisa e quer oferecê-la, respondi-te, como num pedido:— Se quiseres, vou contigo. É só tu dizeres, queres?

Sentiste que eu não oferecia para te enganar, mas por mim, também, para me libertar dum estado pior do que a morte e respondeste—Pronto. Não penses em tolices. Não debes pensar nisso.

Desde esse dia, acabaram-se as confidências comigo. As conversas foram sem importância, quase fúteis.

Continuavas entregue ao teu trabalho, à ansiedade de realizar os teus desejos, apontados num papel, antes da viagem a Londres, dando-te à paixão, que nunca te fatigou: Desenhar! A única que as tuas forças doentes permitiam e não largavas, resignado à falta de outras, ao prazer das actividades que te fugiam. As legendas cumpriam-se como profecias que tu próprio citaste, antecipadamente esclarecido:

... «rasga as mãos a cavar a sua geirazinha de Ilusão, até à exaustação»

«... Toda a obra de arte deve ser feita com sinceridade, como quem pratica uma boa acção»

Ao olhar-te tão magrinho, debruçado sobre o trabalho, pensava que estavas rezando orações de esforço, sinceridade e amor pela vida que te ia fugindo, cansada de ti, por lhe teres dado demasiado.

—A análise hoje tem mais linfócitos, talvez te esforces muito, devias descansar.

—Não tem nada que ver uma coisa com a outra. Ficas transformada, cada vez que vem o resultado duma análise. Isto é mesmo assim. Não pode ser o que nós desejamos.

Como era possível ficar tão indiferente, como se ouvisses falar de qualquer coisa banal! Nem a mão largava o lápis, nem a cabeça se erguia do papel, a não ser para afastá-la um pouco e, de mais longe, os olhos semi-cerrados, olhar o desenho. Passava por detrás da cadeira onde estavas sentado, pousava nos teus ombros de ossos as mãos muito leves, para não alterar o traço do lápis, e fugia para qualquer canto da casa, abafando o choro com o lenço que os dentes mordiam, desesperada da tua doença e da tua tranquilidade. Não recebias visitas, cioso do tempo que te faltava, aproveitando-o, desde as cinco da manhã às onze da noite, desde que regressámos de Londres, durante vinte dias seguidos:—«Sou como o cavador que ganha o seu pão e gosta do feliz suor do seu rosto».

Durante a noite, escutava, muito quieta, a tua respiração, numa angústia de sofrimento como se fosse eu que tivesse o teu corpo doente, destinado a um fim próximo, e tu, a inteligência e a lucidez do espírito são.

—Estás acordada?

—Estou. Precisas de alguma coisa? Ainda não são horas do remédio.

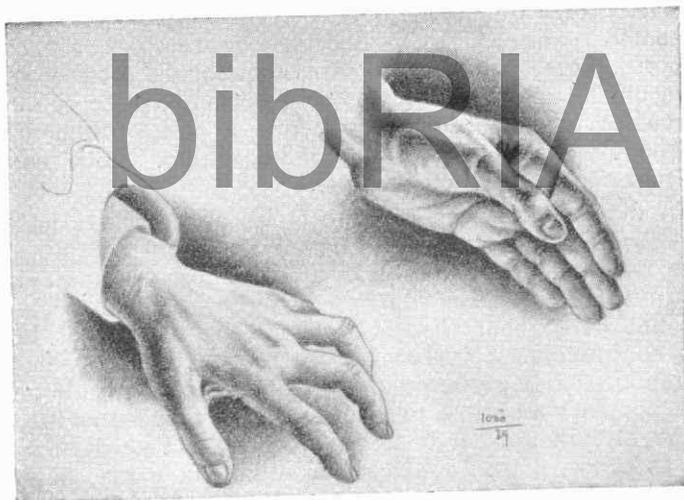
—Está bem, deixa lá isso. Queres ouvir uma poesia que tenho estado a pensar?

—Quero. Mas não dormes? Assim não descansas nada!

—Ouve lá isto, tenho muito tempo para descansar, como dizia o Padre Cruz, tenho a Eternidade.

Quando de alma em alvoroço
Com uma etiqueta ao pescoço
A hospedeira o levar
E o Guarda lhe perguntar
P'ra onde é que o menino vai,
Ela dirá pelo menino:
—é filho do sr. Zèzinho Celestino
e vai ter com o pai...

Quantas vezes desejei que houvesse alguém ao pé de nós, tanto medo sentia dessa eternidade sem ti, donde vinham essas



JOÃO CARLOS. ESTUDOS DA SUA MÃO ESQUERDA. 1959

poesias — epitáfios, do teu corpo magrinho, dos teus olhos inteligentes e lúcidos de que eu fugia com receio que vissem o meu medo estúpido, todo dos meus nervos, porque a alma andava refugiada na lembrança duma felicidade que iria perder, afastada de nós dois que já não lhe pertencíamos, irreconhecíveis naqueles dez meses à espera da morte.

Olho agora, demoradamente, o painel de Nossa Senhora do Mar. Recordo a luta de esforço sobre-humano gastando herói-

camente os dias roubados à vida que sabias tão curta já. Recordo, como se os estivesse vendo, os teus braços erguidos, esboçando os últimos rostos do friso das figuras do lado direito, o triângulo amarelento sobre a testa e o nariz, o primeiro alarme que vi na tua cara, no dia em que chegaste muito cansado.

De costas, os braços no ar, parece-me pedires socorro, um pouco de espera à morte, para a tua última vontade: a exposição.

A mão do teu avô pousada no teu ombro e na vara de juiz da irmandade que ambos seguram, ligação da infância que continuará num mundo além da morte — não sei se o pensaste ao desenhá-lo — era a esperança duma longevidade que também me falhou. Oiço o responso com que ele te adormecia em criança, contado por ti:

— «... alfinetes são amores... tenho tantas dores... por te ver ausente...»

E nem a mão de Nossa Senhora estendida para ti, no gesto de te ajudar, afastou o malefício da voz com que, da Eternidade, ele te chamou.

Consciente, calmamente, gostosamente, davas vida em troca do trabalho realizado! «Um destino cumprido com a mais gostosa obrigação!» Na mesa, a cabeça inclinada sobre o «Cerco» envolta em ligaduras a estancar a hemorragia, pedia-te que não continuasses porque te fazia mal, que a posição aumentava a perda de sangue. — «É só mais um bocadinho. Esta figura do viúvo não me sai como eu queria».

No dia seguinte, dia em que fazias anos, ficaste na cama, donde não te levantaste mais. Quando a hemorragia abrandou, pediste os guaches para retocar a «Promessa» — uma viúva a que eu servi de modelo, com um menino — o nosso Zé — oferecendo um barquinho. Exausto, lícido, vencido, mas lutando ainda, continuavas a trabalhar. Eu é que já não podia mais, aguentando só nas extremidades dos dedos uma atitude de serenidade pesada como uma montanha, a cair a todos os instantes. Não me atrevia a olhar-te nem pensar que ia perder-te. Desviava os olhos, baixando-os até à renda da cama, desenhada por ti, desde o nascimento à ressurreição, onde dois anjos seguram um coração com duas iniciais: «J. S.». A figura da Morte ficava quase encostada aos meus joelhos e fascinava-me de superstição. Fui buscar um alfinete e espetei-o a dobrar os dois lados da máscara, para afastar aquela atracção de tortura. — «Nunca estás quieta, não paras, andas num estado de nervos aflitivo! A tua mãe é uma mulher muito mais corajosa!»

Tinha perdido o meu pai havia quatro anos. Não perguntei porquê, não sabia falar, não podia fazer ou dizer qualquer coisa que não fosse estúpida e desastrada. Que falta Deus me fez! Tanta como tu me fazes agora.

—«Se alguém te disser que me iludi, não acredites. O que eu queria, ao menos, era um pouco mais de tempo, para acabar umas coisitas em que tinha pensado. As mãos, só, e um pouco de força para desenhar!»

Querido! Vai-me custar muito perdoar a Deus não te ter feito a vontade!

Mas na realidade desta dor imensa, dor muito maior do que a felicidade perdida, existe uma força inconsciente que me ajudará a realizar os teus desejos de ausente da vida e há-de convencer o Destino da inutilidade de tentar separar-nos, pois são para ti todas as minhas horas vivas e para mim, esperando-me, as horas da tua Eternidade.

SILVINA

bibRIA

bibRIA

f) — *NOTAS COMPLEMENTARES*

BIBLIOGRAFIA DE JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES
EXPOSIÇÕES DE TRABALHOS SEUS
SUAS RAÍZES FAMILIARES, EM CULTURA E ARTE

bibRIA

bibRIA

I — BIBLIOGRAFIA DE JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES

JOÃO CARLOS, ou CELESTINO GOMES como desde sempre ele preferiu rubricar a comunicação escrita que estabelecia com o Público, cedo começou a escrever.

Com satisfação evidente ele o afirmava, insistindo mesmo no pormenor; ao jornalista do *Século Ilustrado* que em 1944 o entrevistava, assim respondia ele, formulada a pergunta inicial: — *Porque escreve?*

— *«Sei lá porque escrevo! Ponto foi terem-me ensinado a ler e a escrever. Desde então, suponho, tive ideias» literárias. Aos sete anos, chorava com pena do «Fiel» do JEQUENO, que as crianças corriam à pedrada — do que eu tinha mais medo era dos garotos da rua que jogavam à pedra — e escrevia os meus primeiros versos, que minha tia conserva, pelo seu aniversário.*

Dessa data são, também, alguns desenhos e bordados da minha autoria. E aos doze — o meu primo TEODORO tem a colecção — saía regularmente o meu primeiro jornal, manuscrito e desenhado, de que nunca se esgotava a tiragem porque, sempre que aparecia leitor desajoso de possuir algum número, fazia-se mais um exemplar...

Ao mesmo tempo publicava, dactilografado por mim, o volume de versos chorosamente intitulado «Ais». Aos catorze, «O Nauta» publicava a minha fotografia, o mais imponente que era possível ao meu traje de académico do quarto ano do liceu, com a famosa legenda laudatória e o certificado da idade a que chamava «de ouro».

Depois publiquei, aos 16 anos, um jornal de que fui director ⁽¹⁾ e cujos desenhos e as próprias gravuras eram da minha autoria. E ainda não perdi o vício...» (*Século Ilustrado*, de 19 Fev. 1944).

Tudo isso lhe era grato recordar, e não apenas na intimidade do seu pensamento; assim, em 1949, em nova entrevista, desta

(1) «*A Piada — Quinzenário humorístico e de caricaturas*». Saíram 4 números, de 7 de Março de 1916 a 1 de Maio seguinte. Impresso em Ilhavo, na Tip. Moderna, de Ulisses F. Nação (nota de R. M.).

vez com o jornal *Novidades*, publicada no suplemento *Letras e Artes*, contava ele ao repórter:

«Aos oito anos, com o primeiro exame feito, eu exprimia já as minhas emoções pelas rimas verbais e pelo desenho».

«... Aos onze anos tive o meu jornal manuscrito e desenhado, de que ainda existe, em mãos amigas, uma colecção completa. E aos dezasseis abria as primeiras gravuras para o meu jornal impresso, de que saíram quatro números» (*Novidades*, de 27 de Março de 1949).

E a *O Primeiro de Janeiro*, em 4 de Dezembro de 1957, em entrevista que precedeu a sua exposição dessa época no Porto, declarava-se JOÃO CARLOS «fortemente atraído, desde menino, pela arte e pelas letras»...

Ao jornal ilustrado *Mundo*, que a sua casa enviara o repórter OLIVEIRA VIDAL a provocar-lhe declarações de artista, também JOÃO CARLOS diz:

«Aos dezasseis anos já fazia coisas pela *Fábrica da Vista Alegre*, representava com os meus amigos peças escritas por mim e que eu próprio ensaiava, decorava e caracterizava» (*Mundo*, 22 Fev. 1958).

E, nesse ano ainda, prefaciando a sua própria *Posição Crítica*, formalmente rememora a sua meninice de «criança sonhadora, com exame e versos feitos aos sete anos e profeta na sua terra aos catorze, com retrato de homenagem na gazeta local»; e transcreve, em nota:

«*O Naula*, de 1 de Abril de 1914: Um ilhavense principiante das letras em que dá bastantes esperanças. Debutou no nosso jornal, que o recebeu de bom agrado, como sempre recebe os novos simpáticos e inteligentes.»

Até ao fim da sua vida havia JOÃO CARLOS de assiduamente utilizar a Imprensa, quer regional quer diária, como meio de doutrinação, de vulgarização das suas ideias, expansões de alma e opiniões críticas. E era com verdadeira emoção, não apenas curiosidade — como pessoalmente poderíamos testemunhar, pois diversas vezes a tal respeito trocávamos impressões — que ele acompanhava a reacção do leitor às suas advertências aparentemente impertinentes, aos seus avisos, aos seus conceitos nem sempre compreendidos na salutar intenção que os animava.

E — excepção feita dum ou outro colega que se considerava mais fundamentado alvejado e de interessados que receavam diminuição em suas especulações — o Público era amigo de JOÃO CARLOS. Muito aqui se poderia aduzir em abono do que avançamos, se para tal fôra este o lugar apropriado!

Por jornais e revistas haveria assim de ficar uma boa parte do muito que escreveu, hoje difícil de reunir; e foi ainda por intermédio dum jornal, na campanha de propaganda do café, o último contacto que teve com o seu Público, nesse ano fatídico de 1960.

Com algumas das crónicas médicas do *Diário de Notícias* e do *Diário Popular* organizou JOÃO CARLOS seis volumes para os quais não teve dificuldade de maior em encontrar editor; e deixou preparada a edição de mais dois, igualmente de temas médicos que não perderam actualidade, e que muito convinha salvar.

De contos dos seus primeiros tempos e de poesias da mocidade resultaram da mesma forma alguns volumes que felizmente resgataram de ingrato esquecimento páginas e páginas do melhor quilate; mas são avultados ainda, mesmo assim, os seus inéditos e dispersos.

Conversar, escrever e desenhar, era a sua irreprimível vocação; e se alguém podia, com propriedade, atribuir-se a altiva máxima de TERÊNCIO, esse era JOÃO CARLOS; na plenitude da sua clara condição de Homem, a nada, na verdade, ele se considerava alheio, nem de nada, realmente, se alheava, antes, pelo contrário, tudo desejava abarcar e compreender. *Homo sum*...

A relação que a seguir damos das publicações periódicas onde sabemos ter ficado colaboração sua — e que, mau grado nosso, não será, positivamente, completa — dá bem ideia da dificuldade que há em acompanhar a caudalosa torrente deste incansável artista que, a si próprio se buscando sempre, em biográfica auto-crítica impiedosamente acabaria por dizer:

«Vivi a não ter vivido
de tolas ideias falsas
num mundo preconcebido.»

*Mudei
tanto de moda e de corte
dos jaquetões e das calças,
que nem sei no que fiquei...*»

(*Algibebe*. In: *Sinfonia muito incompleta*,
1959, pág. 180)

JOÃO CARLOS tanto se enaltecia como se minimizava: extremos da sua insatisfação, reflexo da luta de todos os dias no seu espírito inquieto, que chegava a julgar-se, apenas,

...«este Fulano qualquer,
(aquele pobre rapaz de Ilhavo
sem sorte, nem talentos,
nem nada)»...

(*Biografia*. In op. cit., 119).

ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Colaborou então JOÃO CARLOS, que sabemos, em:

<p>A B C</p> <p><i>Ação médica</i></p> <p><i>Alma Nova</i></p> <p><i>Beira-Mar</i></p> <p><i>Despertar (O)</i></p> <p><i>Diário de Lisboa</i></p> <p><i>Diário de Notícias</i></p> <p><i>Diário Popular</i></p> <p><i>Época (A)</i></p> <p><i>Gazeta de Canha</i></p> <p><i>Gazeta de Coimbra</i></p> <p><i>Gazeta do Sul</i></p> <p><i>Gente Nova</i></p> <p><i>Glórias de Ílhavo</i></p> <p><i>Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira</i></p> <p><i>Humanidade</i></p> <p><i>Humus</i></p> <p><i>Ideal (O) Vareiro</i></p> <p><i>Ilhavense (O)</i></p>	<p><i>Ilustração</i></p> <p><i>Ilustração Portuguesa</i></p> <p><i>Jornal da Tarde</i></p> <p><i>Jornal de Ílhavo</i></p> <p><i>Jornal de Notícias</i></p> <p><i>Jornal do Médico</i></p> <p><i>Magazine Bertrand</i></p> <p><i>Minha (A) Terra</i></p> <p><i>Misericórdia de Ílhavo</i></p> <p><i>Nauta (O)</i></p> <p><i>Novidades</i></p> <p><i>Piada (A)</i></p> <p><i>Presença</i></p> <p><i>Primeiro (O) de Janeiro</i></p> <p><i>Renascença</i></p> <p><i>República</i></p> <p><i>Século Ilustrado</i></p> <p><i>Sol</i></p> <p><i>Sucessos (Os)</i></p> <p><i>Voz (A)</i></p>
---	---

Na impossibilidade manifesta de indiciar, sequer, em que consistiu a colaboração de JOÃO CARLOS nas publicações periódicas acima relacionadas, verbetámos e alfabeticamente aqui apresentamos tudo o que nos apareceu com características de independência bibliográfica, qualquer que seja o seu volume. Empregámos também a maior diligência em incluir na presente bibliografia todos os catálogos das suas exposições, elementos de primacial importância para o estudo e o conhecimento da extensão da sua obra artística.

- *Arte (A) de não ser doente*
Fundão, 1956; 221 págs. — 3 inums. Capa ilustrada, do Autor.
- *Artistas conhecidos Médicos ignorados*
Conferência realizada na Faculdade de Medicina de Lisboa na noite de 18 de Abril de 1947
Lisboa, 1948; 44 págs. Capa ilustrada, do Autor.
- *Baladas para um certo olhar e outros Poemas escritos com a mesma ingénua intenção. Livro em o qual se recolhem os mui variados motivos que inspiraram o engenho do Autor (...)* *Obra ornada com muitas estampas gravadas em madeira por João Carlos e capa desenhada por Cândido Craveiro*
Ílhavo, 1925; 91 págs. — 5 inums.

— *Bibliografia Literária do Instituto Pasteur de Lisboa*

16 opúsculos (?) com sucintas notas biográficas de cada autor — todos médicos —, um excerto de livro seu, e capa ilustrada com retrato a duas cores, desenhado por JOÃO CARLOS; a coleção parece ser constituída pela seguinte forma:

1 — JÚLIO DINIZ. 2 — (.....) 3 — RODRIGO PAGANINO. 4 — JERÓNIMO DE MIRANDA. 5 — ANTÓNIO PATRÍCIO. 6 — CAMPOS MONTEIRO. 7 — MARCELINO MESQUITA. 8 — BRITO CAMACHO. 9 — TEIXEIRA DE QUEIROZ. 10 — JOAQUIM MARTINS TEIXEIRA DE CARVALHO. 11 — RICARDO JORGE. 12 — SILVA GAIO. 13 — JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS. 14 — RIBEIRO SANCHES. 15 — SOUSA VITERBO. 16 — MANUEL LARANJEIRA.

Com o n.º 14 também, para esta mesma série, possuímos capa ilustrada e biografia do Dr. ABEL SALAZAR, mas desprovida de excerto, não nos tendo sido possível averiguar se, de facto, tal fascículo chegou a ser impresso, ou se, por qualquer motivo, não passou de projecto, visto existir, com o n.º 14 da série, o opúsculo relativo a RIBEIRO SANCHES, e esse completo.

Lisboa, s. d. (de 1948, possivelmente, a 1954); número variável de págs. Capas ilustradas com retratos, pelo Autor.

— *Cântico dos Cânticos atribuído ao Rei Salomão*
Prefácio e tradução do original hebraico por Samuel Schwarz,
desenhos e nota final de João Carlos
 Lisboa, 1942; 112 págs. — 6 inums. Capa ilustrada.

— Há 2.ª ed., impressa no Rio de Janeiro em 1946, na qual se suprimiram o prefácio de SAMUEL SCHWARZ e a nota final de JOÃO CARLOS. Mantêm-se, todavia, 7 desenhos de página, de JOÃO CARLOS, e algumas vinhetas. Enquadramentos ornamentais de SAUL RASKIN. Impressão em cartolina, a cores. Edição muito rara em Portugal. 20 págs. inums. Capa ilustr. por SAUL RASKIN.

— *Carta para Coimbra*
 Coimbra, 1957; 4 págs. inums.

— *Como naufragou o Centauro*
 Ilhavo, 1924; 16 págs. Capa ilustrada com o retrato do Autor, em zincogravura.

— Há 2.ª ed. «com três madeiras originais de JOÃO CARLOS e um retrato do Autor por CÂNDIDO CRAVEIRO».
 Ilhavo, s. d. (1924); 20 págs. inums. Capa ilustrada com o retrato citado.

— *Como naufragou o «Centauro» e outras aventuras*
 Lisboa, 1943; 174 págs. — 2 inums. Capa ilustrada pelo Autor.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

- *Doença (A) e os doentes*
Lisboa, 1956; 152 págs. Ilustrações de JÚLIO GIL e capa do Autor. (Da colecção educativa da Campanha Nacional de Educação de adultos — série J, n.º 2).
- *Dez gravuras de João Carlos*
(Prefácio de CHARLES OULMONT).
Lisboa, s. d. (1937); 11 fls. inums. Capa ilustrada com o auto-retrato do Autor, grav. em mad.
- *É bom poupar a saúde*
Lisboa, 1953; 238 págs.—2 inums.; capa ilustrada pelo Autor.
- *Esquecida (A)*
(Novela)
Aveiro, 1920; 94 págs.
- *Esta vida são dois dias — Conselhos para a poupar*
Lisboa, s. d. (1949); 255 págs.—5 inums. Capa ilustrada.
- *Estrada (A) de fogo*
Lisboa, 1946; 216 págs.—3 inums. Capa ilustrada pelo Autor.
- *Exposição de Arte de Cândido Craveiro, Carlos Fragoso, Fausto Sampaio, João Carlos, Teodoro Craveiro*
Curia, 1922. S. l. n. d.; 8 págs. inums.
- *Exposição de João Carlos e José Rodrigues na Casa de Móveis da Granja de 22 de Novembro a 6 de Dezembro de 1936*
S. l. n. d.; 4 págs. inums.
- *Exposição de João Carlos no stúdio do S. P. N. Janeiro de 1942*
S. l. n. d.; 4 págs. inums. Capa ilustrada com auto-retrato do Autor, grav. em mad.
- *Exposição de João Carlos. Sala de Exposições do Secretariado Nacional de Informação. Palácio Foz. Maio 1957*
Lisboa, 1957; 4 págs. inums.
- *Exposição de João Carlos. Sala de Exposições do Secretariado Nacional da Informação. Palácio Foz. Outubro de 1960*
Lisboa, 1960; 4 págs. inums. Capa ilustrada pelo Autor.
- *Exposição de Pinturas dos amadores D. Silvina Ramalheira, Teodoro Craveiro e Celestino Gomes nos dias 28, 29 e 30 de Setembro de 1919 na Costa Nova*
Ílhavo, 1919; 4 págs. inums.

- *Exposição João Carlos. Lisboa 1934. Catálogo*
S. l. n. d.; 4 págs. inums.
- *Exposição João Carlos. Porto 1957*
Lisboa, 1957; 4 págs. inums.
- *Expressão (A) metacromática na pintura de Eduardo Malta*
Lisboa, 1937; 64 págs. inums. — 7 fls. de grav. extra-texto
com 13 retratos. Capa ilustrada com o retrato de ED. MALTA
pelo Autor.
- *Fisionomia (A) da morte. Conferência proferida na Sala nobre
da Companhia Portuguesa Editora, L.^{da}, do Porto, na noite
de 10-4-931. Capa desenhada por Cândido Craveiro*
Porto, 1932; 41 págs. — 3 inums. Ilustr.
- *Filas doiradas... ilusões doiradas... Revista em dois actos e
seis quadros, para despedida do V ano médico de 1926-1927*
Coimbra, 1927; 64 págs. — 16 de músicas, zincogravadas, da
autoria de D. JOSÉ PAIS DE ALMEIDA E SILVA. Capa ilustr.
pelo Autor.
- *Floresta (A) dos enforcados*
*Tradução de Celestino Gomes e Victor Buescu (do original de
LIVIU REBREANU)*
Lisboa, s. d.; 328 págs.
- *Fonte de Amores*
(Tem junto, no final, as palavras que, em apresentação do
Autor, o Prof. Doutor MAXIMINO CORREIA proferiu na conferên-
cia de 13-III-1939, em Lisboa, na qual foi lido o 1.^o trecho deste
volume, sob o título de *Coimbra, fonte de amores*).
- Montijo, s. d. (1940); 117 págs. — 3 inums. Capa ilustrada
por ALMADA NEGREIROS.
- *Homem (O) quer viver mais*
Porto, 1950; 219 págs. — 5 inums. Capa ilustrada pelo Autor.
- *Ilustrações de João Carlos nas salas de exposições do S. N. I.*
(Prefácio de CHARLES OULMONT).
Lisboa, 1949; 8 págs. inums. Capa ilustr. com retrato do
Autor por EDUARDO MALTA.
- *Ilustrações de João Carlos no estúdio do S. N. I. — Fevereiro
de 1944. Dois anos de actividades gráficas (1942 e 43)*
Lisboa, s. d.; 8 págs. inums. Capa ilustr. com auto-retrato
do Autor, grav. em mad.

ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

— *João Carlos*

S. l. n. d. (posterior a 1934); 12 págs. inums. de comentários à obra do Autor; texto em francês, ilustr. com 7 reproduções de trabalhos de JOÃO CARLOS e uma fotografia do artista com o Presidente Carmona «D'après le film: Portugal Artístico».

— *João Carlos*

(Álbum de reprodução de 87 trabalhos do Autor; prefácio do Dr. AMÉRICO CORTEZ PINTO ilustr. com 3 auto-retratos do artista e um desenho. Algumas das reproduções, a cores).

Lisboa, 1961; 15 págs.—44 fls. extra-texto nums. de 17 a 99 —4 inums.; em opúsculo à parte, 8 págs. inums. de «Adenda ao álbum de reproduções» (1).

— *João Carlos expõe. Porto 1931*

S. l. n. d. Folha solta ilustr. com o retrato do Autor por ARLINDO VICENTE, datado de 1923.

— 2.^a edição, s. l. n. d., ilustr. com auto-retrato do Autor, grav. em mad.

— *João Carlos expõe*

S. l. n. d.; 2 págs. inums. Capa ilustr. com o retrato do Autor pintado por CÂNDIDO CRAVEIRO.

— *João Carlos expõe. Lisboa, 1930*

S. l. n. d.; 21 págs. — 1 inum. (13 de apreciações críticas e 3 de catálogo). Capa ilustr. com auto-retrato, grav. em mad.

— *João Carlos expõe. Salão da Papelaria Progresso. Rua do Ouro, 153. Lisboa 1932*

S. l. n. d.; 4 págs. inums. Capa com auto-retrato do Autor, grav. em mad.

— *João Carlos no Salão Silva Porto. Janeiro de 1927*

S. l. n. d.; 16 págs. (10 de apreciações críticas e 1 de catálogo). Ilustr. com a reprodução do desenho intitulado «Capelinha. Gafanha», de grande interesse para documentar a evolução do estilo do Autor.

(1) O presente álbum, inteiramente delineado pelo Autor, que pôde ainda orientar a impressão das primeiras estampas, veio a ser concluído póstumamente, de harmonia com a *maquette* existente; como o Autor não deixou escritas as explicações que tencionava antepor às gravuras, foi o seu colega e íntimo amigo Dr. CORTEZ PINTO solicitado a apresentar ao Público a obra idealizada pelo artista, que não deixa, por esse facto, de pertencer, em rigor, à bibliografia de JOÃO CARLOS.

- *João Carlos peintre né là-bas au Portugal présente: (...)*
Paris, 1935.
S. l. n. d.; 1 fl. solta.
- *Jornadas de borda de água. Parábolas — Homens — Terras*
Lisboa, s. d. (1954; 200 págs. Capa ilustr. por SOBRAL.
- *Luar de lágrimas. Contos de (...) com vinte madeiras originais de João Carlos e capa de Cândido Craveiro*
Porto, s. d. (1924); 133 págs.—3 inums.
- *Mal-me-querer*
Aveiro, s. d. (1921); 44 págs.
- *Maratona (A) das novidades*
Coimbra, 1958; 206 págs.—2 inums. Capa ilustr. pelo Autor.
- *Maria das Dores*
Ílhavo, 1922; 57 págs.—1 inum.
- *Medicina, Higiene e Beleza*
Lisboa, 1939; 169 págs.—7 inums. Capa ilustr. pelo Autor.
- *Medicina (A) na Literatura Portuguesa*
Série de excertos, ilustrados por JOÃO CARLOS para o Instituto Pasteur de Lisboa, que não nos foi possível reunir na totalidade, desconhecendo como são constituídos os n.^{os} 1 a 8 e o 19. Apenas nos é possível identificar os n.^{os} 9—FIALHO DE ALMEIDA. 10—EL-REI D. DUARTE. 11—RUI DE PINA. 12—LUÍS DE CAMÕES. 13—MESTRE AFONSO. 14—GARCIA DE ORTA. 15—ALMEIDA GARRETT. 16—CAMILO CASTELO BRANCO. 17—MANUEL MARIA RODRIGUES. 18—ANTÓNIO NOBRE. 20—JOÃO DE DEUS. 21—OLIVEIRA MARTINS. 22—JOSÉ DURO. 23—CARLOS MALHEIRO DIAS. 24—Visconde de VILA-MOURA.
(Muitos dos desenhos encontram-se datados de 1944).
Lisboa, s. d. Cada excerto foi impresso no verso do desenho; por vezes há mais duas páginas de anúncios de especialidades farmacêuticas, inums.
- *Médicos (Os) e o café*
(Colaboração na colectânea organizada pela Junta de Exportação do café; os artigos de JOÃO CARLOS vêm aí assinados por CELESTINO GOMES, e os pseudónimos J. PEREIRA GOMES, VICENTE ERVANÁRIO, LEOPOLDINO S. PEDRO, J. PIRES BRANCO).
Lisboa, 1961; 4 págs. inums.—73-3 inums.
- *Modernos artistas portugueses — Carlos Aguiar*
Lisboa, 1939; 8 págs. inums., 8 fls. de gravs.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

— *Momentos da Medicina*

Série de gravuras coloridas tendo no verso o título e a indicação da autoria; conhecemos unicamente *A sangria, O cáustico, O clíster, As ventosas, A vacina, e A asepsia*, ignorando a extensão que a colecção terá tido.

S. l. n. d.; 1 fl. solta para cada estampa.

— *Motivos (Os) de decoração ilhavense. Esboço para uma arte regional lido no Teatro Municipal de Ílhavo na noite de 23-III-932*

Ílhavo, 1932; 29 págs. inums. Ilustr. Capa ilustr. pelo Autor.

— *Ó-Ai-San*

Versos de Celestino Gomes — Desenhos de João Carlos — capa de Cândido Craveiro

Porto, s. d. (1932); 85 págs. — 4 inums. (com um retrato do Autor por SILVINA V. GOMES).

— *Poetas de Coimbra. Recolha de algumas poesias coimbrãs de meio século de vida académica, compiladas por Silvina e Celestino Gomes, que ali também fizeram seus estudos*

Lisboa, 1939; 66 págs. — 6 inums. Capa ilustrada por CORREIA DIAS.

— *Posição Crítica*

Montijo, 1958; 235 págs. — inums. Capa ilustrada pelo Autor. Com uma caricatura do Autor por TEIXEIRA CABRAL.

— *Relação dos nomes que convierão: Inventário de obras feitas por deleite d'alma, Expostas para divulgar cores da Arte Portuguesa, com que vistosamente se esmaltaõ os jardins de Apollo e de Minerva. Catalogo em o qual se recolhem os muitos e variados motivos que inspiraraõ o Engenho do Author Pelo Escholar de Medicina Joaõ Carlos. Porto ano de MCMXXIII*

S. l. n. d. (Ílhavo); 4 págs. inums. Com o auto-retrato do Autor grav. em mad.

— *Signo de toiro — romance*

Porto, 1939; 182 págs. — 2 inums. Capa ilustrada pelo Autor.

— *Sinfonia muito incompleta*

Coimbra, 1958; 199 págs. — 1 inum. Com um retrato do Autor por EDUARDO MALTA.

— *Sobre o Atavismo*

Ílhavo, 1924; 22 págs. — 2 inums.

- *Soneto da saudade. Soneto da lembrança. Reunião do Curso Médico de 1921-1927, comemorando o 30.º Ano da sua Formação*
Coimbra, 1957; 4 págs. inums.
- *Soror Leonor. Quadro dramático, em verso*
Ílhavo, s. d. (1920); 16 págs. Capa ilustrada com uma fotografura.
- *Última (A) Sereia. Romance*
Lisboa, 1940; 181 págs. — 3 inums.
- *Voltaire na intimidade*
Tradução do original francês de CHARLES OULMONT.
Lisboa, s. d.; 233 págs.—7 inums. Capa ilustrada por JOÃO CARLOS.

*

Nas primeiras publicações de JOÃO CARLOS aparece indicada como obra sua a novela *Calvário*, de 1917, que *passado pouco o Autor eliminou da sua lista de obras publicadas*; verdadeiramente não se trata de um livro, e por essa razão se não inclui na presente bibliografia; *Calvário* foi publicada em folhetim do jornal ilhavense *Os Sucessos*, sem rosto próprio nem nenhuma das características de edição autónoma; pertence, pois, à colaboração dispersa do Autor, que nos não é possível, como acima dizemos, indiciar, tal a sua quantidade. Não se fez separata do referido folhetim.

A infatigável operosidade de JOÃO CARLOS e o seu pensamento sempre em ebulição, em solicitação constante, entremostravam-lhe perspectivas que a tirania da vida nem sempre permitia ver concretizadas; é extremamente curioso relacionar as obras por ele anunciadas para publicação próxima e que não chegaram a imprimir-se.

- EM POESIA, projectava ele sete volumes: *Sonho de Glória (versos à Pátria)*. *Encruzilhada. Névoa. Noites em claro. O Rabbi. Breviário de ouro. Bola-fora.*
- ROMANCES E NOVELAS: 2.ª edição de *A Esquecida. Iruchiko e outras novelas. A grande Labareda (signo de Sagitário). Balança. Memórias do Valete de copas. Rajada de dor.*
- TEATRO: *In hoc signo*. 2.ª edição de *Soror Leonor. Noite de Agoiro. Tormenta. Máquina.*

- ESTUDOS: — *A anatomia da alegria e da dor. Fisionomia e Grafística. Os jogos e as danças, ginástica tradicional. Estética e evolução da Arte.*
- TEMAS MÉDICOS: — *Prevenir e remediar. A agonia dos dias contados. No caminho de Esculápio.*
- MISCELÂNEA: — *Opus 32 (prosas várias). Palco rolante: histórias, terras, homens.*

Em entrevista ao *Diário Popular*, de 18 de Agosto de 1948, JOÃO CARLOS confidenciava um dos seus maiores anseios de escritor: *Gostaria de escrever um livro que fosse o retrato do amor humano, onde não enternecesse mais o amor dos lúlus de regaço do que a fome do semelhante, onde se não açulasse a impotência dos animais engaiolados nem das almas indefesas, onde a longa estrada dolorosa do Calvário dos homens que, por qualquer caminho, fizeram por levar a Humanidade para Jesus Cristo, não tivesse o trânsito regulado pelas baionetas do diabo — macadame para uns, pedregulhos para outros; onde o sonho não fosse proibido, como dizia, há dias, AVRÓXIO FERRO. Mas poucos escrevem o que querem escrever.*

Por mim, tenho-me encontrado sempre sozinho, desamparado, alheio ao resto, responsável perante Deus. Nunca pensei em agradecer ou desagradar, em ser Siegfriedo ou em choramingar o fado. Quero apenas não trair as integras hereditariedades do meu sangue — independente e generoso.

E falando dos trabalhos que trazia entre mãos, JOÃO CARLOS rematava proféticamente:

«Na gaveta, um monte de papelada que talvez nunca chegue a publicar-se. E enquanto há vida, há esperança.»

Como escreve?, perguntava-lhe o *Diário de Lisboa* em 15 de Julho de 1957.

— *Escrevo como e onde calha, ponto é que a ocasião e a disposição coincidam. Como, de costume, construo tudo mentalmente, pela rua, é só escrever depois nuns momentos de folga, como quem conta uma coisa que ouviu contar. O ruído exterior é-me, então, indiferente, pois quando trabalho jamais consigo ouvir o que se passa em volta, mesmo quando me falam directamente. Só faço emendas ao passar a limpo; mas de cada vez que copio faço sempre diferente, sem dar por isso.*

ROCHA MADAHIL

2 — EXPOSIÇÕES DE TRABALHOS SEUS

A comunicabilidade inata e irremediável que notoriamente constituía uma das mais vincadas características da maneira de ser de JOÃO CARLOS e constantemente o levava a procurar, por todos os modos e onde quer que se encontrasse, contacto com o Meio ambiente, forçosamente o havia de impelir, desde muito cedo também, a apresentar-se em público como artista plástico que sempre desejou ser e que exemplarmente foi.

Falador impenitente até à morte ⁽¹⁾, conferencista de grandes recursos ⁽²⁾—declamador, actor, mesmo, na juventude escolar—, romancista, poeta, doutrinador, os seus prolixos desenhos eram ainda manifestações da sua natural verborrquia; desenhava como falava, com exuberância, pormenor e alegria, não faltando nunca a propósito comentário de fina ironia a animar quer a conversa quer o desenho.

O próprio artista o reconhecia: «*Um crítico notou, ainda há pouco, haver em mim perfeita identidade entre o pintor e o homem que assina crónicas médicas: uma ironia, por vezes amarga, uma poesia um tanto caricatural (como toda a poesia)*». (Entrevista de *O Primeiro de Janeiro*, publicada a 4 Dez. 1957).

(Aludia, certamente, ao comentador artístico do *Diário de Notícias*, A. M. — ARTUR MACIEL? — que em 19 de Maio de 1957

(1) «Sou um falador incorrigível. Quando, aos 5 anos, o Paulo Namorado me tirou o primeiro retrato (*ó meus cabelos compridos / ó meus bibes, meus vestidos, / que sombra de mancinha / me traz de vós esquecidos?*) «fiquei a falar» por não me calar a tempo de ver sair o passarinho. Cada desenho dos meus é, por isso, sempre uma longa história. Apaixonei-me então pela ilustração, que me permite a imaginação mais divagativa.»

(JOÃO CARLOS, na entrevista concedida ao jornal *Novidades* e publicada em 27 de Março de 1949)

(2) Temos notícia de oito conferências por ele realizadas (Coimbra, Ílhavo, Leiria, Lisboa, Porto).

anotava, a propósito da exposição então aberta: «O traço de humor, salpicado de risonha ironia, que invariavelmente recheia as crónicas jornalísticas de CELESTINO GOMES, é o mesmo que aparece gravado nas obras plásticas de JOÃO CARLOS, a impregná-las de carácter e sabor. Este cunho essencial do seu temperamento encontra no desenho o campo mais próprio e aquele em que melhor o desenvolve»).

... «Sou, por temperamento, um ilustrador, um comentador. Tudo, para mim, é motivo de comentário: a poesia, a contemplação, a vida. A própria medicina. E ainda não consegui deixar de contar a minha anedota enquanto há superfície». (Entrevista citada, do Primeiro de Janeiro).

O sonho ardente que o consumia, a energia estuante que o abrasava, eram demasiado fortes para que JOÃO CARLOS se mantivesse em recolhimento, em vida interior, que para tantos outros artistas constitui insuperável delcete espiritual e lhes pauta a trajectória pela existência adiante.

Logo que tomou consciência das reais possibilidades artísticas com que a Natureza largamente o dotara — mais do que o estudo disciplinado, que verdadeiramente nunca fez — JOÃO CARLOS veio a Público mostrar os seus desenhos, as suas aguarelas e as suas guaches, a que mais tarde se seguiriam os seus óleos, xilogravuras, modelações e mosaicos.

De 1917 a 1960 podemos registar a sua presença em 24 exposições, na grande maioria individuais.

Assistimos, e sempre emocionados, a grande parte delas: nomeadamente, às que primeiro realizou e às dos últimos tempos.

Um jornal de 1959 — *A Cooperação* — dava a relação, quase completa, das exposições que JOÃO CARLOS realizara; com alguma precisão mais, socorrendo-nos de jornais de ocasião e dum apreciável conjunto de catálogos de obras expostas, que nos foi dado compulsar, lográmos organizar a curiosa relação que segue, tanto mais significativa quanto é certo que o próprio artista, no catálogo da sua exposição de 1930, intitulava 1.^a a exposição da Curia, de 1922, omitindo assim, que saibamos, quatro anteriores.

Que essas quatro primeiras exposições não fossem decisivas no destino artístico de JOÃO CARLOS, bem se compreende; sem grande projecção ambiente, pois realizaram-se em Ílhavo e na praia da Costa-Nova, em idade bastante juvenil ainda, nelas se haviam de forçosamente reflectir as naturais limitações de Lugar e de Meio; no entanto, de tudo isso se guardou memória e, tendo constituído autêntica revelação, seguida com evidente interesse, de certo modo esses primeiros contactos com o Público haverão concorrido, pelo menos, para animar o jovem pintor de então a prosseguir em busca do ideal já nessa remota época por ele entrevisto.

Extraír dos relatos das suas exposições o catálogo de quanto pela vida fora o artista se comprouve em apresentar ao Público,

seria concorrer eficazmente para a estruturação da futura exposição retrospectiva que preconizamos; a quem venha a tomar sobre os seus ombros tão delicado encargo, desde já assinalamos essa valiosa e imprescindível fonte de informação, pois ascendem a mais de 500 os trabalhos que ali ficaram registados; descontando, mesmo, aqueles que em mais de uma exposição foram exibidos, muito fica ainda para verbetar e procurar localizar.

Em 1917, tinha JOÃO CARLOS 18 anos, apresentou ele no Clube dos Novos, em *Ílhavo*, o seu primeiro núcleo de trabalhos; predominavam os retratos, e neles, já então, a semelhança; de resto, técnica rudimentar ainda, como se compreende; gratamente conservamos, dessa primeira exibição pública, o retrato de «*O Tí Sebastião da Grila*», em aguarela, com dedicatória de JOÃO CARLOS (*então ainda JOÃO CELESTINO GOMES...*) «como recordação da exposição do dia 2-IX-917».

Em Novembro do ano seguinte, volta JOÃO CARLOS a expor em *Ílhavo*.

Um ano depois (28 a 30 de Setembro), na Costa-Nova.

De 7 a 8 de Setembro de 1922, novamente na *Costa-Nova*; também dessa exposição conservamos com apreço uma ingénua aguarela da *barca de passagem na mota*, batida a Ria pela luz da Lua; técnica de tracejado paralelo, a encher os espaços, que o artista haveria de empregar durante largo tempo, com notório sucesso. Em Janeiro de 1927 ainda JOÃO CARLOS apresentava no Salão Silva Porto uma *capelinha da Gafanha* executada por este mesmo processo.

Em 1922 também, exposição na Curia.

Em 1923, no Salão da Sociedade de Belas Artes do *Porto*.

Em Março de 1925, na Biblioteca Municipal de *Coimbra*, com largo registo na Imprensa.

Em Janeiro de 1927, volta JOÃO CARLOS a expor no *Porto*, no Salão Silva Porto.

Nesse mesmo ano, em Junho, participa JOÃO CARLOS na exposição da Associação Académica de *Coimbra* (1.º Salão de Arte dos Estudantes da Universidade).

É de 1930 o primeiro contacto directo do artista com *Lisboa*, onde expõe nos salões da Liga Naval. Uma reportagem cinematográfica desta exposição foi projectada nos principais cinemas (*Novidades*, 27 de Março de 1949).

Em 1931, volta ao *Porto*, no Salão Silva Porto.

No ano seguinte, toma parte na Semana Ilhavense de Arte, destinada a criar ambiente para o actual Museu de *Ílhavo*, em cuja sede do concelho se realizou a exposição.

Em 1932, expõe na Papelaria Progresso, em *Lisboa*.

Um ano depois, novamente em *Lisboa*, na Casa da Imprensa.

E em 1935, senhor já de técnica segura, realiza JOÃO CARLOS a grande aspiração de todos os artistas e expõe em *Paris*, na Casa

de Portugal — o que já de si constituía uma consagração nacional — de 23 de Março a 3 de Abril ⁽¹⁾.

Em 1936, nova exposição em Lisboa, na Casa de Mobílias da Granja.

Três anos depois, expõe de novo na capital, na Casa das Beiras.

Seguem-se depois quatro exposições no Secretariado Nacional da Informação, em Lisboa, organismo que sempre acolheu com amizade o artista: 1942, 1944, 1949, 1957.

Em Julho de 1957, exposição em Lisboa também, na Galeria de Arte «Babel».

E volta ao Porto, pela última vez, em Dezembro desse frutuoso ano de 1957, expondo então no Coliseu do Porto.

Surge depois a pérfida doença que insidiosamente o foi minando, o tratamento em Londres, donde regressaria ansioso por novas realizações, de mais vasta projecção artística, e despede-se então do público que sempre o acompanhou com curiosidade e respeito, oferecendo-lhe no Secretariado Nacional da Informação essa extraordinária exposição de Outubro de 1960, que ele próprio já não pôde ver montada, pois igualmente se despedia da vida, que tanto amou sempre e da qual tanta saudade terá levado, insatisfeito pelo que lhe não foi dado realizar em Beleza e em comunicativa Emoção.

bibRIA

O juízo do Tempo, «eterno e lúcido crítico» a que ele próprio um dia entregou a obra do grande MALHOA (*Posição Crítica*, 159), acabará também por definir com precisão o perfil artístico de JOÃO CARLOS, fixando-lhe então, para os vindouros, as devidas proporções, relevo e côr.

Como determinante geral da sua obra plástica, são formais as declarações que por ele próprio nos foram transmitidas e que convém ter sempre presentes, ao tentar comentá-lo:

«Em cada um dos meus quadros eu procuro, como os antigos, dizer uma história, às vezes mesmo uma fábula com o seu conceito moral.

É preciso ao observador — ia a dizer, ao leitor — ler todos os pormenores, porque todos entram na história que ali se conta. Nenhum dos objectos está ali por estar, mas porque faz parte da narrativa.

(1) Já em 1931, em entrevista com EDUARDO SALGUEIRO (*Ilustração*, n.º 135, de 1 de Julho) JOÃO CARLOS confidenciava:

... «Entretanto dir-lhe-ei que a minha maior aspiração é continuar trabalhando, plásticamente, para realizar duas exposições: uma no Rio, outra em Paris.»

Apenas a de Paris, no entanto, se lhe tornou possível.

Essa coisa das maçãs em cima da mesa, do nú sentado e do nú de pé, da paisagenzinha mais romântica ou mais escangalhada, não me interessa. O estilo, é aquele em que sei trabalhar, o que sinto com a minha sinceridade. O resto, é tudo quanto surgiu ao contar o conto. Mesmo dentro do estrito sentido decorativo é certo que pode caber tudo, mas não é preciso sair do construtivo e do equilíbrio formal.» (Novidades, de 25 Jan. 1942).

A anotar ainda, como importante depoimento pessoal a fixar, o confessado condicionalismo pelo próprio artista imposto à sua potente imaginação criadora:

... «eu, que sou um avançado, que desejo o mais adiante do original (FEDEROWSKY, AMADEU DE SOUSA CARDOSO, SEURAT, FIJITA, etc.), sinto uma estranha veneração pelo Primitivismo—os BOTICELLI, VAN-EYCK, NENO GONÇALVES, DÉRER. Mas não bebo em nenhum; humilde como sou, receio turvar a água pura da nascente. Acho que pretender pintar à maneira de algum dos Grandes, é supor-se dotado das mesmas forças — é insultá-lo!»

(Ilustração, n.º 135, de 1 Jul. 1931; entrevista com EDUARDO SALGUEIRO).

ROCHA MADAHIL

bibRIA

3—SUAS RAÍZES FAMILIARES, EM CULTURA E ARTE

SEMPRE que a ocasião se proporcionava, quer falando quer escrevendo, JOÃO CARLOS aludia com prazer, talvez mesmo com certa pontinha de ufanía, às raízes que a sua decidida vocação artística e literária encontrava na ascendência paterna.

Descortinar as verdadeiras razões porque o fazia, que sentimentos o determinavam, a ele que tinha uma obra e que em si próprio possuía talento de sobejo para fazer esquecer o muito que porventura hereditariamente lhe pudesse ser apontado, já hoje se nos não afigura fácil de conseguir.

Humildade?

Generosidade?

Necessidade de justificar — a si próprio até — a razão porque seguiu os rumos que nortearam mais fundamente a sua vida, de preferência a outros para os quais profissionalmente se houvesse preparado?

Simples, mas lúcido impulso da *voz do sangue*, sentimento que nele tão poderosamente imperava?

Em todo o caso, sinal incontroverso da honesta capacidade de admiração que lhe era peculiar; jamais percebi nele, em circunstância alguma da sua vida, mesquinho sentimento de inveja a roê-lo; pelo contrário: não regateava encómios onde quer que encontrasse merecimentos. Crítico arguto, mas não demolidor sistemático.

Do que não há dúvida é de que, sempre que podia, JOÃO CARLOS intercalava na conversa, de viva voz ou por escrito, a referência, que incêgavelmente lhe era grata, à sua inserção cultural na cepa comum da ascendência paterna; eram «*O padrinho Arcebispo, o Tio Conselheiro | e meu Avô João Carlos, sábio e santo*» (da *Sinfonia muito incompleta* — pág. 22); também pelos «*escusos caminhos vicinais*» da Beira, «*troaram os bacamartes (...) da malta do João Brandão que meu tio-avô desterrou para a costa de África*» (*É bom poupar a saúde*, pág. 229); e CHARTIER-ROUSSEAU, famoso

mestre de pintura na fábrica da Vista-Alegre, comunicava um precioso caderno de receitas «ao seu mais querido e dotado discípulo, meu tio-avô Manuel Eduardo Pereira». (*Posição Crítica*, pág. 63). Em entrevista com EDUARDO SALGUEIRO, proclamava ele que «O Artista só, perante a sua época e o seu mundo-interior, eis o que é preciso, contando, é claro, com as manifestações atávicas latentes nesse mundo-interior» (*Ilustração*, n.º 135 de 1. VII. 1931). E ao *Diário Popular* (18 Ag. 1948) dizia JOÃO CARLOS, acentuando que nunca pensava em agradar ou desagradar: «quero apenas não traír as íntegras hereditariedades do meu sangue — independente e generoso».

Doutra vez, ao jornal *Novidades* (4 Dez. 1949) respondia por este modo à pergunta que o repórter lhe dirigira:—«Sendo médico, como é que JOÃO CARLOS assim se tem dedicado, com tanta devoção, à actividade artística?»:

—«Eu não escolhi nada. A arte não se escolhe senão como meio de confidência.

Aos oito anos, com o primeiro exame feito, eu exprimia já as minhas emoções pelas rimas verbais e pelo desenho. Lembro-me muito bem de ter desenhado toda a «Vida de Cristo» numa fita de papel (pautado!) que passava na abertura duma caixa, como um cosmorama. Meu Pai, amador de pintura, como toda a gente na minha terra, com seu tio, o velho Paz-Guerra, condenado pela perseguição política da Vista-Alegre a fazer presépios e calvários para a «Feira de Março», via, com temor, os meus anseios artísticos, como se fosse indício de um triste fadário. Felizmente, as notas que alcancei, em desenho, no Liceu, tiraram-no dos seus cuidados: nunca fui além dos 10 da tangente.

Aos onze anos tive o meu jornal manuscrito e desenhado, de que ainda existe, em mãos amigas, uma colecção completa. E aos dezasseis abria as primeiras gravuras para o meu jornal impresso, de que saíram 4 números. A medicina veio muito mais tarde, por desejo de meu Pai. A medicina e a farmácia eram tradição de família. A arte foi, pois, sempre o meu destino, a minha mais gostosa obrigação.»

—«No seu caso (volve o repórter) a dedicação pela arte gerou-se espontaneamente, ou considerava-a como fruto de qualquer reminiscência da sua família?»

—(.....) «eu não esqueço que, aos 14 anos, minha mãe me comprou uma caixa de tintas de óleo, com que generosamente pagou o meu primeiro quadro: um grande *Ecce Homo*.

Na minha família, onde sempre se procuraram as artes como meio de expressão, tenho, além dos patronos MANUEL EDUARDO PEREIRA e o imaginário GABRIEL DA BELA—o Gabriel Sardineiro— autor duma formosíssima *Mater Dolorosa*, DINIS GOMES, prosador e músico, ROCHA MADAHIL, polígrafo distinto, os pintores TEODORO e CÂNDIDO CRAVEIRO, e, mais distantes, os dois MAGALHÃES LIMA e D. JOÃO EVANGELISTA, Bispo de Aveiro.»

Ao jornal *O Primeiro de Janeiro*, que o entrevistou a propósito da última exposição que fez no Porto, também JOÃO CARLOS não faltou com a costumada evocação das faculdades artísticas da família, donde considerava provir-lhe atávico impulso e espiritual mandato:

... «a minha formação estética foi criada no Porto. Terminado o meu curso dos liceus em Aveiro, foi aí que frequentei os primeiros anos de Medicina, com maior aproveitamento emocional que profissional. Fortemente atraído, desde menino, pela arte e pelas letras, aliás hereditárias da minha família, aí comecei a aparecer pelos cenáculos artísticos e literários da época». (4 Dez. 1957).

E no prefácio do excelente volume onde reuniu os seus mais significativos dispersos de doutrinação e de crítica, datado dos últimos tempos (1958 — *Posição Crítica*), preciosas páginas auto-biográficas reafirmam o que toda a vida JOÃO CARLOS se sentiu na obrigação de proclamar, em delicada homenagem a seus maiores:

... «O pior é que alguns, por mal dos seus futuros pecados adultos, trazem já à nascença o pecado original da crítica no sangue: e o índice dela tem por isso de vir a aparecer, mais tarde ou mais cedo, em grammas na análise ou em borbulhas na cara.

Aos três anos, sem saber ainda ler, é claro, já eu recitava de fio a pavio o «Melro» e o «Fiel», chorando as mais comovidas lágrimas quando «as crianças o corriam à pedrada». E a verdade é que ninguém me ralhava por isso, nem me escreviam as cartas anónimas com que, muitos anos depois, me insultaram e à gramática por não ter pena «dos grandes monumentos que caíram e jamais tinham tido qualquer utilidade, mas de cada pequeno lar destruído, dos modestos retratos, dos móveis, dos álbuns, de mil e uma pequeninas e insignificantes coisas colecionadas com infinito amor pelos que se privam de tudo para terem alguma coisa.» (1)

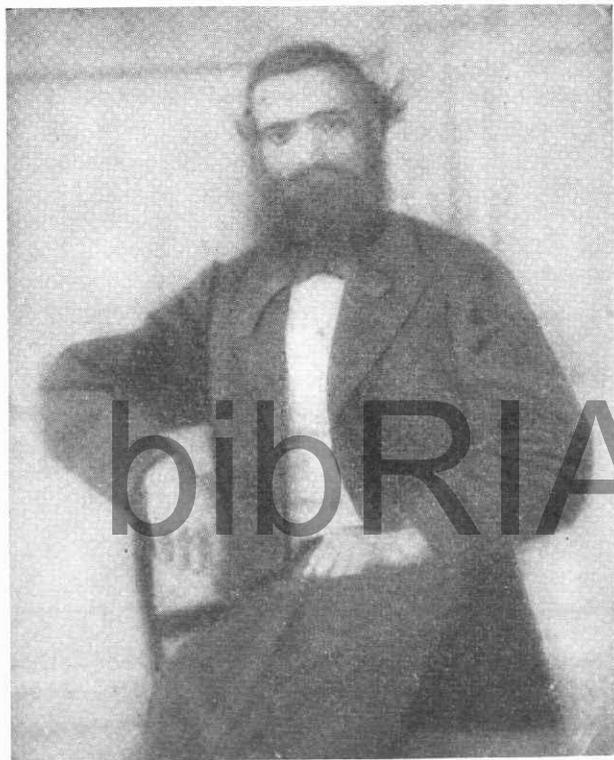
«Tudo levava a crer, mesmo sem esses beneméritos — e fantasistas — institutos de orientação profissional inventados mais tarde, que uma criança sonhadora, com exame e versos feitos aos sete anos e «profeta na sua terra» aos 14, com retrato de homenagem na gazeta local (2) sem jeito para jogar o calhau ou saltar o eixo, com medo da Luísa da Porteira e do António Cavão, uma tolinha, o outro bêbedo, que não faziam metade do mal que outros têm feito, não devia seguir as artes médicas — onde aliás o espírito crítico sempre tem sido por demais necessário.

Todavia, meu Pai, a mais perfeita vocação de santo que jamais conheci, sem outro amor na vida que não fosse o dos filhos, dos pás-

(1) «O Século Ilustrado de 19-11-1944.»

(2) «O Nauta», de 1-4-1914: «Um ilhavense principiante das letras, em que dá bastantes esperanças. Debutou no nosso jornal, que o recebeu de bom agrado, como sempre recebe os novos simpáticos e inteligentes».

saros e das flores, bondosa sombra franciscana no seu emprego de chefe de secretaria municipal de terceira classe, sabia bem, pela própria voz do mesmo sangue, que filho do seu sangue nunca saberia «governar a vida». Não foi por isso, pois, que quis fazer-me médico. Nem tão-pouco por vaidade — que só a teve pela linha de fio-de-prumo dos seus maiores, nossa gloriosa pobreza de um con-



JOÃO CARLOS GOMES DE OLIVEIRA VIDAL

selho de família de retratos desenhados com génio pelo tio Paz-Guerra, «o Padrinho Arcebispo, o tio Conselheiro, e meu avô João Carlos, sábio e santo».

Meu Pai sonhara, certamente (nunca mo disse, nem lho perguntei, mas a sua vida foi sempre toda um infantil sonhar-alto) dar à sua dinastia de Boticos, mais bons saradores que os médicos da terra e por isso senhores do eleitorado liberal de que meu trisavô, o farmacêutico OLIVEIRA VIDAL (1) transmitiu a primo-infecção a

(1) «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. XIX, pág. 417.»

meu bisavô, meu avô e meu tio, primogénito da Casa, todos farmacêuticos e todos com a mais decidida vocação das letras e das artes, um médico que continuasse a breve vida maravilhosa de JOÃO CARLOS GOMES, umas poucas de vezes premiado em competições botânicas internacionais, de quem se contavam as curas mais portentosas e por quem eu vi chorar — vi — um homem do povo, trinta e dois anos após a sua morte.

É certo que lhe fiz a vontade. Porém a intoxicação hipercrítica, familiar e irremediável, que meu Pai temia por experiência própria mas em que acreditava e se orgulhava com a sua alma de artista mortificada de receio por este mau-sadário da Arte, esta volúpia terrível da verticalidade, deu-me mais de uma vez incómodos sérios.»

*

Não era, realmente, sem razão, que JOÃO CARLOS ia buscar, desvanecido, ao escrínio das suas recordações pessoais, e a reminiscências do que tanta vez ouvira contar aos seus, todo esse patricio mundo de propícias sombras.

A dentro da sociedade local do século findo — por completo diferente da que presentemente prevalece, com valores, outrora insuspeitados, agora perfeitamente definidos e a dominar o panorama ilhavense, hoje com outras preocupações e outras perspectivas também — os GOMES DE OLIVEIRA VIDAL foram na verdade alguém e marcaram posição de relevo, quer na política, quer na administração directa do Município, quer ainda na vida cultural da Vila, que muito impulsionaram sempre.

Com inata propensão para a Música (que todos executavam) e para o Teatro, que anos antes encontrara no Dr. ANTÓNIO JOSÉ DA ROCHA (da secular família Rocha Fradinho, de Ílhavo também) um iniciador e entusiasta fervoroso, adquiriram os Gomes em sociedade um prédio antigo, optimamente situado, no Largo do Oitão, que adaptaram a casa de espectáculos, para substituição dum velho barracão de madeira onde anteriormente se representava (1), organizando uma companhia de que todos eles, e muitos dos seus filhos, participavam, sendo ensaiador do elenco JOÃO CARLOS GOMES, e, doutras vezes, o Padre AUGUSTO CARDOSO FIGUEIRA (2).

(1) MARQUES GOMES — *Conselheiro António José da Rocha. Perfil biográfico*; Aveiro, 1904; pág. 10.

(2) Tiveram início as obras de adaptação da nova casa em 20 de Janeiro de 1875. O prédio pertencera ao Capitão Manuel António Facão, da Ermida.

Ficaram memoráveis certas dessas récitas (*O Camões do Rossio*, com que o novo teatro se estreou, a 6. II. 1876, *A Graça de Deus*, *A Abnegação*, *Rainha Santa Isabel*, e outras), que jornais de Aveiro altamente elogiaram, vindo assistir a elas distintas famílias da própria cidade, como os Mendes Leites, e os Melos.

Era esplêndido o guarda-roupa, que parcialmente conhecemos, ainda, dezenas de anos depois, em mascaradas de Carnaval, bem como alguns cenários e o pano-de-boca (*Egas Moniz entregando-se ao Rei de Castela*) pintado tudo por MANUEL EDUARDO PEREIRA, e GABRIEL PEREIRA DA BELA, cunhados dos Gomes — o *Paz-Guerra* de saudosa memória, mestre de pintura de toda a gente de Ílhavo, como bem diz JOÃO CARLOS, e o «*Gabriel Sardinheiro*», das famosas esculturas da Igreja Matriz.

Acabou a boa harmonia dessa culta sociedade por volta de 1878, em consequência das lutas políticas com a Vista-Alegre; e após o sangrento incidente com o Padre Jacinto Tavares, capelão da fábrica, espancado na Praça pública na noite de 9 de Setembro daquele ano, acabada a festa popular da *entrega dos ramos*, o teatro só muito raramente abria as suas portas e apenas para receber qualquer grupo de fora que vinha dar espectáculo na terra.

Foram então, verdadeiramente, anos de luto para Ílhavo. Muitos anos mesmo. Ódios que ainda se não dissiparam por completo e a que o próprio JOÃO CARLOS alude, de relance, ao falar do pintor MANUEL EDUARDO PEREIRA, seu Tio-Avô por afinidade.

Por desforço contra a Vista-Alegre, cuja filarmónica faltara, à última hora, a recita de estreia do primitivo Teatro, na qual se havia comprometido a participar, tinham fundado, em 1836, o Dr. ANTÓNIO JOSÉ DA ROCHA e JOSÉ FERREIRA DA CUNHA E SOUSA, parente dos Gomes por afinidade, uma filarmónica privada da Vila, vindo organizá-la e regê-la o antigo maestro militar ANTÓNIO JOSÉ SOARES, que já em tempo regera a banda da fábrica da Vista-Alegre (1). Após vicissitudes várias, perdura ainda hoje aquela sociedade filarmónica — a chamada *Música Velha* — que na sua história regista dias de assinalada glória, alcançada em competições pelos arraiais do Distrito e mesmo de longes terras; sempre amparada pelos Gomes, que nela muito colaboraram, principalmente em solenidades de igreja, foi seu regente, por mais de uma vez, o farmacêutico DINIS GOMES, sobrinho de JOÃO CARLOS GOMES (filho do irmão Dionísio).

Memórias da terra (2) e livros de actas da Câmara Municipal registam a presença dos Gomes em todos os lances da história

(1) JOSÉ PEREIRA TAVARES, *Filarmónicas do Distrito (Arquivo do Distrito de Aveiro*, VIII, 104), e MARQUES GOMES, op. cit.

(2) Dicionário *Portugal*, de GUILHERME RODRIGUES e ESTEVES PEREIRA, s. vb. *Ílhavo*. OLIVEIRA VIDAL (José António de), e OLIVEIRA VIDAL (P.º José Cândido Gomes de).

de Ílhavo, desde que na Vila a família se fixou, nos primeiros anos do século XIX, até, pode dizer-se, à actualidade.

Vieram os *Oliveiras Vidais* do antigo concelho limítrofe, da Ermida, hoje extinto e incorporado no de Ílhavo, mas não lhes faltava aqui parentela Vidal, que os levava a entroncar, através dessa imensa família, espalhada por todo o Distrito (e até por fora dele) num certo «*André Vidal*, moço da câmara dos Reis D. João III e D. Sebastião, escudeiro fidalgo e Piloto servindo nos contos da Fazenda Real em Lisboa e em Aveiro».

Possuímos árvore completa desta ascendência, que liga igualmente com os ramos de Vagos, de Aveiro, de Eixo e de Águeda, bem como com muitos outros, de Coimbra, Lisboa, etc., organizada em 1943 pelo insigne genealogista D. FERNANDO TAVARES E TÁVORA e desenvolvida depois por nós em muitos pontos de interesse pessoal.

A associação onomástica OLIVEIRA VIDAL, verificada pela primeira vez na família, ao que parece, em JOSÉ ANTÓNIO DE OLIVEIRA VIDAL, provém do casamento dos avós maternos deste, o alferes *Diogo de Oliveira Amaral*, e *Maria Nunes Vidal*, ambos da Ermida; tiveram eles uma filha, de nome *Perpétua Nunes Vidal*, que casou com o farmacêutico daquele concelho, *João Nunes Fragoso*, vindo estes a ser os pais daquele JOSÉ ANTÓNIO DE OLIVEIRA VIDAL. Deste último, que em 6 de Novembro de 1807 fazia registar nos livros da Câmara de Ílhavo ⁽¹⁾ a sua carta de farmacêutico, alcançada a 6 de Maio desse mesmo ano na Escola Médica do Porto, proveio *Vitória Umbelina de Oliveira Vidal* (sua filha e de sua mulher Rosa Maria de Santa Joana, de Ílhavo), com quem veio a casar MANUEL JOSÉ GOMES, do vizinho concelho de Eixo e também farmacêutico em Ílhavo, com carta passada aos 4 de Setembro de 1834.

De *Manuel José Gomes* e de *Vitória Umbelina de Oliveira Vidal* nasceu então nos meados do século XIX a notável linha de irmãos de que a terra ainda hoje conserva grata memória, um dos quais viria a ser o avô do artista JOÃO CARLOS, aquele a quem este chamava «*sábio e santo*».

(1) «Aud.^a de vercação que fes o Juiz ordin.^o Ramos Vereadores e o Procurador actual de 7 de 9.^{bro} de 1807

N. Apresentou a sua Carta de Boticario Joze Ant.^o de oLivr.^a vidal asistente nesta v.^a p.^a uzar da dita Arte e na forma dela lhe deferio elle Juiz o Juramento dos Santos Evangelhos emCarregandolhe que bem e verdadeiramente uze da m.^{ma} Arte e elle debaixo do dito Juram.^{to} aSim o prometeo e aSignou

Joze An.^{to} d'Olivr.^a Vidal»

(*Livro de conferências da Câmara da Vila de Ílhavo, de 1806 e segs., fl. 40.* O registo tinha-se efectuado na véspera, como no verso da própria carta se lê).

Ainda por 1923 (*Campeão das Províncias*, de 10 de Março) o historiador aveirense MARQUES GOMES a ele se referia, dizendo:

«JOÃO CARLOS GOMES foi um dos homens de mais evidência na populosa e encantadora vila de Ílhavo, num período que se afasta de nós uns quarenta e cinco anos. Espírito lúcido e inteligência culta, foi em política um lutador, na sociedade um bom, e na família um exemplo. Foi ali durante muitos anos o chefe do partido progressista e um dos mais valiosos sustentáculos deste partido no distrito, por quem sacrificara tudo.

«Nascera em Ílhavo a 15 de Outubro de 1836 e foram seus pais a Senhora D. Vitória Umbelina de Oliveira Vidal e Manuel José Gomes. Tendo feito exame de instrução primária em 16 de Julho de 1844, estudou depois os restantes preparatórios para os cursos superiores, em que obteve as melhores classificações. Em Outubro de 1855 matriculou-se em Farmácia na Academia Politécnica do Porto, onde fez acto de Química em 1 de Julho de 1856, de Botânica em 26 de Junho, de Agricultura em 3 de Julho de 1857 e de Farmácia em 11 de Julho de 1859.

«Interesses de família e o amor que consagrava ao seu torrão natal, fizeram com que se estabelecesse em Ílhavo, onde viveu sempre.

«Em 1863 é eleito vereador da Câmara de Ílhavo, e em 24 de Fevereiro do mesmo ano nomeado Administrador do concelho, lugar que exerceu até 1865, voltando a desempenhar as mesmas funções em 1871 e 1877. Durante muitos anos serviu de presidente da comissão do recenseamento eleitoral e representou o seu concelho na Junta Geral do Distrito.

«Era estimadíssimo, e foi sempre grande, indisputável, a sua influência eleitoral. Ílhavo era a sua terra, o seu meio de acção, a sua existência, enfim.

«Vivia satisfeito quando o procuravam para propugnar por qualquer melhoramento de interesse local ou para acudir a alguma privação, pois o seu maior prazer era repartir com os pobres o produto do seu trabalho.

«Consolando uns, aconselhando outros e atendendo ao bem estar da sua terra e dos seus patrícios, estava bem, era feliz. Na vida íntima da família, ninguém mais afável e mais carinhoso; e na política, homem de acção e de conselho, partidário lealíssimo.

«A estas amabilíssimas qualidades juntava JOÃO CARLOS GOMES um entranhado amor pelos monumentos do passado da sua terra, fazendo demorados estudos de tudo que lhe dizia respeito, em épocas volvidas, como são, além doutros, os forais e os títulos de doação e posse obtidos pelos antigos donatários de Ílhavo.»...

Faltou a MARQUES GOMES dizer (e bem o podia ter feito!) que, devido à intransigência política com a Vista-Alegre, JOÃO

CARLOS GOMES teve de homiziar-se, para fugir à perseguição dos Pinto Bastos, vindo a passar inclemências e contraindo a tuberculose que passados poucos anos o vitimava. Foi seu companheiro o irmão ANTÓNIO CÂNDIDO; menos afortunado, faleceu este em pleno homízio, no ano de 1881, ao abandonar precipitadamente, em momento de perseguição, a casa onde se refugiara.



CARTA DE FARMACÊUTICO DE MANUEL JOSÉ GOMES (1834)

Um sobrinho deles, Manuel Gomes Craveiro, filho da irmã Cândida, enlouqueceu, criança ainda, nunca mais recobrando a lucidez: no seu repetido delírio, era a Vista-Alegre e a fuga dos Tios que constituíam a sua obsessão de todos os momentos...

JOÃO CARLOS GOMES e seus companheiros de pronúncia vieram a ser ilibados de culpa, inutilizando a pressão política que sobre o processo se exercia; e passados largos anos, já no presente século, um ilhavense, que ao tempo emigrara para o Brasil, vol-

tava à terra natal a terminar seus dias e confessava-se, passado já todo o perigo de pronúncia, autor do espancamento do P.^e Jacinto...

Era, porém, tarde. A família Gomes ficara destroçada e arruinada no final do século; daquela grande geração, apenas dois dos irmãos lograriam, mercê de trabalho aturado e corajoso, reorganizar a sua vida e encaminhar com razoável prosperidade os seus descendentes: *Dionísio* e *Cândida*.

A política ilhavense tomara também novos rumos, no presente século, é bom dizer-se.

Irmãos de *João Carlos Gomes* — o *Pai dos Pobres*, como em Ílhavo era conhecido — foram:

António Cândido, estabelecido com comércio e, ao mesmo tempo, Delegado dos Correios em Ílhavo desde 1864 (diploma de 18 Fev., existente em nosso arquivo de família) e Tesoureiro municipal desde 1859. *Com geração de interesse cultural.*

Dionísio Cândido, arrematante de rendas concelhias e sizas, escrivão, e, mais tarde, Tesoureiro municipal também. *Com geração de interesse cultural.*

José Cândido, arcepreste da freguesia da Glória de Aveiro, cônego honorário da Sé de Coimbra, professor do Seminário de Aveiro e Reitor do Liceu.

Luís Cândido, ajudante da farmácia de seu irmão João Carlos e, depois, da de seu sobrinho Dinis. *Sem geração.*

Cândida, que casou com José de Oliveira Craveiro, ourives, de Ovar. *Com geração de interesse cultural.*

Luísa Cândida dos Prazeres, que casou com o pintor Manuel Eduardo Pereira. *S. geração.*

Maria Vitória, que morreu solteira.

Rosa Cândida, que casou com o imaginário e pintor Gabriel Pereira da Bela. *S. geração.*

Dos cinco irmãos foi *João Carlos* o continuador da dinastia de farmacêuticos, iniciada, tanto quanto sabemos, com seu bisavô *João Nunes Fragoso*, da Ermida.

Seu filho mais velho, *Carlos*, seguiu a tradição familiar e, paralelamente a ele, seu primo *Dinis*, filho de *Dionísio*; ambos diplomados. Um sobrinho de *Dinis*, filho da irmã Rosalina (*Cândido Gomes Craveiro*, desenhador consciencioso e hábil caricaturista), diplomou-se igualmente como farmacêutico e vive ainda. Uma neta de *Dinis Gomes*, *Ilza Maria Gomes Vaz Craveiro*, continua a profissão, tendo-se diplomado em Coimbra, onde igualmente se diplomou *Alcina Gomes Madahil de Sousa Teles*, bisneta de *António Cândido Gomes de Oliveira Vidal*, um dos da grande geração dos Gomes de Ílhavo, que acima enumerámos; foi, esta, farmacêutica do Hospital da Universidade de Coimbra.

Sete gerações de farmacêuticos, portanto, até à data; não é sem razão que o povo de Ílhavo tem apelidado de «*Boticos*» toda a família Gomes...

Historiar o que foi a actuação desta família em prol da sua terra e as lutas que sustentou, por vezes com sacrifício da própria vida — como aconteceu aos irmãos António Cândido e João Carlos, atrás referidos, no final do século passado — ⁽¹⁾ contra prepotências políticas asfixiadoras ⁽²⁾, excederia em muito os razoáveis limites a que a presente nota tem de se circunscrever; mas



OS IRMÃOS GOMES EM 1875,
SEUS DOIS CUNHADOS E UM SOBRINHO

(Da esq. para a dir.: de pé, Luís Cândido, P.º José Cândido, António Cândido, João Carlos; sentados, Manuel Eduardo Pereira (marido de Luísa Cândida), Dionísio Cândido com seu sobrinho Manuel Gomes Craveiro, filho da irmã Cândida, e Gabriel Pereira da Bela (marido de Rosa Cândida).

um nome há que indissolúvelmente ficou integrado na moderna história local, de tal forma o progresso material de Ílhavo nos últimos tempos provém de iniciativas suas e do inegável desejo

(1) Veja-se: *Comarca de Aveiro — Agravo de injusta pronúncia interposto por JOÃO CARLOS GOMES, e outros d'Ílhavo*. Aveiro, Imprensa Aveirense, 1882; 40 págs.

(2) «A queda do absolutismo e a transformação por completo das velhas normas da administração pública, parecia que deviam abrir uma época de prosperidade e de melhoramentos para o antiquíssimo concelho

de bem servir que sempre o norteou; esse é o de DINIS GOMES, que durante mais de vinte anos consecutivos presidiu à administração municipal: farmacêutico respeitado, músico distinto, escritor regionalista de valor, polemista vigoroso, e animador dotado de audácia e de originalidade ⁽¹⁾. Na sua gerência de Presidente da Câmara se tornou realidade a instalação do *Museu Municipal (e de Etnografia Marítima)*, onde parte fundamental da obra de JOÃO CARLOS veio a ser recolhida em 1960 e 1961, em inteligente compreensão regional, factos esses que neste especial lugar não podiam deixar de ser, ao menos, recordados.

Estende-se a evocação familiar de JOÃO CARLOS ao «Padrinho Arcebispo», ao «Tio Conselheiro», aos irmãos «Magalhães Lima», ao «Bispo D. João Evangelista», etc.

É também pela linha de Vidais que a ascendência de JOÃO CARLOS entronca indirectamente na destas três últimas personagens, de conhecida craveira social e cultural: era natural de Vagos o pai de D. João Evangelista (*Norberto Ferreira Vidal*, filho de *José Ferreira Vidal* e de *D. Maria Ludovina*), do importante ramo de Vidais há séculos fixado naquela vila e da mesma proveniência dos Vidais de Ílhavo, Aveiro, Eixo e Águeda.

Com os irmãos Magalhães Lima, *netos de Sebastião Gonçalves de Figueiredo Lima*, de Eixo, e de sua mulher *Liberata Ludovina da Rosa Vidal* (filha de Vicente José da Rosa e de Luísa Inês Vidal), de Vagos, podia, remotamente também, aparentar-se JOÃO CARLOS através do trisavô *José António de Oliveira Vidal*; e com tantíssimas outras famílias de relevo, de cujas ligações aos seus Vidais ele nem sequer suspeitava, pois não era genealogista, limitando-se a reter os nomes a que em criança ouvia, acidentalmente, mais directas referências.

O «Padrinho Arcebispo» (Padrinho do Pai José Celestino, entenda-se, não de JOÃO CARLOS) era primo da avó paterna de JOÃO CARLOS (Joana Celestino Pereira do Bêu): *D. José António Pereira Bilhano*, arcebispo de Évora.

Quanto ao «Tio Conselheiro» que desterrou João Brandão para a costa de África (o Dr. *Manuel Celestino Emídio*, magistrado integérrimo, ao tempo juiz em Tábua), era igualmente por

de Ílhavo, logo ao constituir da nova ordem de cousas em 1834; porém tal não sucedeu. A antiga oligarquia dos capitães-mores, de triste memória, sucedeu o predomínio empolgante e o autoritarismo semi-feudal duma família poderosa, a quem, aliás, aquele concelho deve o estabelecimento ali dum dos mais importantes focos da indústria portuguesa, que quis em tudo e para tudo impor a sua vontade, e tornar-se o único centro de acção, tanto sob o ponto de vista económico como da política do concelho.» MARQUES GOMES, op. cit., pág. 9.

⁽¹⁾ De autoria sua, dois volumes, de *Costumes e gente de Ílhavo*; 1941 e 1948. Mas é extensa a sua colaboração dispersa.



ESCOLA MEDICINA FARMACIA DO PORTO.

VOS DIRECTOR E CONSELHO DA ESCOLA MEDICINA FARMACIA DO PORTO: Esmos nros, que
 JOÃO CARLOS GOMES, filho de Manoel José Gomes, natural de Ilheus, Baía de Todos os Santos, e de
 appromada e título de curso-prático, em conformidade da que interveem no Artigo 12 do Decreto de 1 de Dezembro de 1856, fez examinar os livros de Regimento, no dia 11 de Julho de 1859 e foi
 APROVADO PLENAMENTE. Pelo que o Medico habilitado para exercer a FARMACIA
 nros, tendo havido como Examinadores, que assistiu e escreveu. E para validade do mencionado processo, apresenta. Dado no Porto em 12 de Dezembro de 1859



O Director,

O Conselho Director,

ESCOLA DE MEDICINA E FARMACIA DO PORTO

sua avó Joana Celestino Pereira do Bêu que JOÃO CARLOS com ele aparentava.

Para justificar o parentesco alegado com a família Rocha



ANTÓNIO CÂNDIDO GOMES
DE OLIVEIRA VIDAL

Decoração Ilhavense, JOÃO CARLOS escrevia no ante-rostro do opúsculo:

«Ao primo (.....) o sapiente autor de (.....), nobre continuador duma família que fez grande a sua terra, com a muita estima e admiração de

Celestino Gomes.»

Implícita nos intencionais termos dessa dedicatória particular — nada convencional, portanto — encontrar-se-há, porventura, a explicação de tão repetidas alusões do artista àqueles que ele considerava as suas raízes familiares em matéria de Cultura e Arte, alusões que, esparsas por inúmeras páginas das suas obras e pelas múltiplas confidências a jornalistas que o entrevistavam,

Madahil bastava-lhe ascender a seu avô João Carlos; do irmão deste, *António Cândido*, casara a filha *Crisanta da Conceição* em 1889 com o Dr. *Manuel Maria da Rocha Vidal e Figueiredo Madahil*, vindo na descendência destes a juntar-se dois ramos de Vidais, ambos eles ligando há sete gerações, no século XVIII, na pessoa de *Isabel Vidal*, casada que foi com João Nunes, da Ermida. Por essa remota avó *Isabel Vidal* se chega ao *André Vidal* acima citado, no tempo de D. João III e D. Sebastião, que a ambos ele serviu.

*

outra coisa não eram, afinal, senão exteriorizações do entranhado amor que à sua terra natal ele sempre votou.

JOÃO CARLOS viajou, conviveu, conheceu terras e pessoas; do seu coração, porém, jamais se desvanecia a imagem de Ílhavo, para ele mais doce do que nenhuma outra ⁽¹⁾. Ílhavo era verdadeiramente o polo magnético da sua existência; acima de tudo e onde quer que estivesse, a sua terra surgia; para ela fazia convergir a síntese de todos os seus pensamentos e observações; toda a sua obra literária transborda de reminiscências de Ílhavo; e a parte mais representativa da sua obra artística, porventura a mais característica, até, é ainda aquela que às figuras da beira-mar e às ondas do seu litoral vai buscar tema, recorte e cor.

JOÃO CARLOS tornou-se assim, dentre os artistas plásticos e os escritores da sua geração, o mais acentuado exemplo de firme vinculação à mãe-pátria.

É por isso que no mesmo sentimento ele irmanava o torrão natal e as pessoas que no decurso dos tempos o serviram e que a seus olhos parecia terem-no engrandecido; evocar essas figuras era, para ele, portanto, evocar ainda a terra-mãe.

Aquilo a que poderíamos chamar a *linha de rumo* das suas concepções estéticas, podia mudar — e, de facto, algumas vezes mudou; o amor à sua terra, esse, não; JOÃO CARLOS permaneceu-lhe fiel até à morte: a poucos momentos de cerrar para sempre os olhos, ainda perguntava por companheiros da mocidade em Ílhavo, pela escola primária que lá frequentara...

Na admirável série de recordações pessoais que constituem as suas *Jornadas de Borda de Água*, de 1954, dir-se-ia que a ideia da morte e do seu destino final lhe ocupava já o espírito, deixando disposta, na última das narrativas — *Lisboa, missa de embarque* — a derradeira integração do seu próprio corpo com a terra que o vira nascer:

... «*Se Deus dá realmente a todos os homens um só lugar para nascer e todos para morrer, que me destine morrer aqui.*

E depois que eu repouse um momento numa das suas estações-término da Morte (...), repatriarem-me por conta dos fundos da Amizade, se ainda houver disso no mundo, mesmo despachado em 3.ª classe, para o chãozinho macio da minha terra à beira-mar...»

Deus ouviu o coração do Artista!

São das suas melhores páginas aquelas em que ele evoca, tocando-as de funda emoção, a sua infância caseira, as manhã-

(1) Em Veneza, no «xape-xape fresco e amoroso das gôndolas», logo a Costa-Nova surge, saudosa, diante de seus olhos. (*Jornadas de Borda de Água*; 1954).

zinhas claras da Ria, os poentes doirados da Beira-mar, as andanças trágico-marítimas dos homens de Ílhavo, as «ermidas sob azuis magoados».

Desde a ingénua novelazinha da sua juventude — *A Esquecida* — onde intercalou a movimentada página duma *largada* dos barcos do alto para o mar, que, anos passados, ampliaria em vigorosa água-forte para o artigo *Pescarias de Riba-Mar* (in *Fonte de Amores*), e desde o contexto do belo romancezinho de 1940 — *A última Sereia* —, tão ilhavense, tão da Costa-Nova da sua mocidade, onde avultam as páginas coloridas dos moliceiros da Ria e da meiga procissão da Senhora da Saúde com o andar do barquinho de S. Pedro, até às responsáveis reflexões da *Posição Crítica* (1958), surge, profundamente vincada, a admiração saudosa pela sua terra, na qual ele sempre voluntariamente se nos apresenta integrado, como resultante dum somatório de aptidões artísticas manifestadas ao longo de sucessivas gerações dos seus.

Nobre e elevado exemplo esse, de fidelidade à seiva forte das raízes étnicas e sociais, em que muito importa hoje meditar!

Ílhavo, a que JOÃO CARLOS chamou um dia «*minha terra branca, branca ondina que sempre surge à minha alma encaixilhada de saudade, tão longe (linda!) e tão aconchegadinha à memória como um retrato querido, como medalha de boa-sorte nunca engeitada nem perdida...*» (*Fonte de Amores*, de 1940), *Ílhavo* deve à memória da «mais espontânea e acabada compleição de Artista» aí desabrochada, a reunião, em cuidada antologia, das páginas regionais que enternecidamente JOÃO CARLOS lhe consagrou, em «*sonho de Ideal tecido à tua roda... | fio imenso de Luz que ainda não quebrei*». (*Oração à minha terra* — 1922).

ROCHA MADAHIL

g) — *EXCERTOS DOS INÉDITOS*
DE JOÃO CARLOS

bibRIA

bibRIA

(Do romance inacabado: *Signo da Balança*)

Para trás dos seis anos, a Gracinha só se lembrava, muito vagamente, dos pêlos molhados do bigode do pai, talvez da última ocasião em que a beijou. Tinha a impressão de que se escapulira, chorando, dos braços daquele homem de quem lhe ensinavam um doce nome sem significado: «pai»; «é o pai!»

E, mesmo assim, esta vaga recordação provinha certamente mais da sobreposição daquilo que às vezes lhe contava a mãe-Leocádia, ou a Josefa Rosa, e do retrato que então o pai tirou com ela ao colo, no pátio, com o vestidinho arrepanhado e os olhos muito espantados para o passarinho que havia de sair da máquina.

A mãe-Leocádia tratava-a com um grave mimo onde, aliás, não lhe faltava nada. Não era senhora de andar sempre a beijá-la, a fazer-lhe festas. Uma vez por dia, e não havia de ser quando vinha de brincar no jardim, com as mãos sujas de terra ou com o narizito por limpar, porque então não a deixava chegar ao pé dela, afastando-a com modo enfadado:

— Vá lavar a cara... Isso não são propósitos duma menina asseada...

Mas depois penteava-a, compunha-lhe o laçarote de fita no cabelo, dava-lhe passas e doce de ovos, ou a marmelada das tigelas que todos os dias iam para cima do telhado secar ao sol.

Já então passava a maior parte do dia em casa da D. Vitória, que morava porta com porta e para onde ia, volta e meia, às vezes mesmo sem ir de roda pela rua porque, sendo baixo o muro divisorio dos quintais, a professora puxava-a pelos bracitos e fazia-a saltar a vedação. O outro lado da vizinhança era o mistério: as Caetanas, mãe e filha, que pareciam da mesma idade, ambas sem homem, passando os dias a catar a cabeça uma da outra, ao sol, e os Caçaluços, vivendo do seu rebanho de cabras lanzudas, que todas as manhãzinhas abalavam para o Oiteiro e só voltavam ao anoitecer, numa núvem de pó. Peça de roupa

que ficasse a corar e desaparecesse de noite, estrago de fruta do jardim, era sempre para aquela banda que iam todas as suspeições. Desde que se entendia, que ouvia a Josefa Rosa a prègar contra os Caçaluços que devastavam os figos e as ameixas dos ramos que se debruçavam, carregadinhos, para além do muro eriçado de vidros de garrafa que se enchiam de estrelinhas ao sol.

Ao princípio a Gracinha só brincava com as outras meninas e com o Arlindinho, da idade dela, filho da D. Vitória. Mas o pequeno, muito socegadinho, sempre sentado no seu banquito ao pé das alunas da quarta classe, com o dobro da idade dele, não gostava das brincadeiras da Gracinha que só queria brincar aos navios e aos automóveis, empoleirada em cadeiras donde ele tinha medo de cair.

Quando queria explicar algum assunto mais difficil, a D. Vitória dizia para o filho e para a Gracinha:

— Vá lá: agora vão os dois brincar um bocadinho para o jardim.

Já o Arlindo sabia ler, e ainda ela era uma trapalhona. Dizia a primeira letra que lhe vinha à cabeça, a primeira palavra que calhava. O Arlindo emendava-a, mas tão timidamente como se tivesse medo dela. Arranjava-lhe trapinhos das chitas e das cambraias em que as meninas aprendiam labores, para vestir as bonecas, mas era coisa que não a entusiasmava nada. Agora era ele que se não despegava de junto dela, esperando as suas ordens para todas as brincadeiras e sempre com muito propósito como menino bem educado que era. Já sabiam ambos ler correctamente, e contas até de multiplicar e dividir por três algarismos. Mas embora tivessem cada vez mais que aprender às horas da aula, a D. Vitória, fiel à sua constante opinião de que não se deve apertar muito com as crianças para não as atrofiar, continuava a mandá-los de vez em quando:

— Vá lá: agora vão os dois brincar um bocadinho para o jardim.

Quando, aos nove anos, começaram a estudar a corografia e as ciências da natureza para o exame, já a Gracinha sabia tudo e virava do avesso a cabeça do Arlindo. Metia-se no quarto das fotografias do tio, onde estavam arrumadas, em álbuns, as imagens de todas as viagens dele pelo mundo. Devorava com os olhos todas aquelas vistas, bocadinho por bocadinho. E, no dia seguinte, interrogava o Arlindo:

— Tu sabes o que é Macau?

Ele respondia, todo voltado para ela, com os braços caídos como se estivesse a responder à lição:

— Macau é uma pequena península situada no extremo meridional da China, com uma área de 14.047 quilómetros quadrados e uma população de 157.000 habitantes, que desde 1557 faz parte do império português...

— Ai é? — dizia a Gracinha com ar de troça — E como é que tu sabes isso? Tu viste?

— Se eu vi? Tens cada uma! Como é que eu podia ver?

— Isso, podias. Como eu. No cais há um teatro chinês, com tabuletas ao alto cheias de gatafunhos, e um homem vestido de mulher, de unhas muito compridas, em cima dum palanque. Ao pé estão os barcos, com velas de esteira. Os pescadores, que têm uns olhinhos pequeninos de rato, vão à pesca de corais... tu já viste corais? Também não! A mãe-Leocádia tem uma pregadeira deles que trouxe o tio. Tem folhinhas e passarinhos. E dizem que dá cor à gente trazê-los ao pescoço. Porque será que estas coisas só as há lá tão longe? Às vezes penso que é tudo mentira. Gostava tanto de ir ver!

— E não tinhas medo?

— De quê? Alguém come a gente?

Então o Arlindinho, já espigado, maior que a Gracinha, calava-se muito calado e voltava para casa com a cabeça a arder. A D. Vitória deixava de tocar o seu MENDELSSOHN ou a *Declaration d'Amour* ao piano, e punha-lhe na testa rodelas de batata e panos com vinagre. Ninguém a tirava da sua de que devia ter sido alguma coisa do que o menino comera que lhe fizera mal. Lá para consigo, tornava as culpas à fruta verde, que levava cresta. Decididamente, aquelas crianças eram como o fã e o sol da segunda de dô maior: juntas com as outras da aula, uma harmonia perfeita, como Deus com os anjos, ré-fá-sol-si-ré-fá-sol; mas os dois sós, que insuportável dissonância!

Aos 10 anos, a Gracinha sem ter saído dali para parte nenhuma, sem ter visto outro horizonte além do muro das Caetanãs e as paredes da D. Vitória, era como se tivesse entrado na baía de Sidney, de Nagasaki, nas terras frias dos esquimós, nos portos ardentes de Alexandria e Port-Said. As paisagens e caras das fotografias do tio rodopiavam-lhe na cabeça como um designio de predestinação. Havia palmares silenciosos, de altos fustes em contra-luz, de leques como fogos de artifício quando rebentam em lumes, emaranhados no lumeluzir vegetal dos oásis, e *fjords* brancos, de fundas águas tranquilas de vaporzinhos de pintura de loiça; lapões pequenos, de guedelhas em borla, quase sem olhos nas faces de batata, abafados nas suas peles de foca mal curtidas, a preparar os *kayaks* para a caça, e negralhões espantados, quase nus, do Sudão, cheios de braceletes, a rir sem saber de quê; abutres pairando sobre as torres dos mortos, em Bangkok, e pombas de Veneza envolvendo de asas brancas os turistas de S. Marcos. E o que a comovia nas estampas do «Paulo e Virgínia» encadernado em percalina azul, não era a morte da pobre menina, mas o estranho mundo tropical de laca e oiro e a desvairada, a bela coragem inconsciente de Paulo atirando-se às ondas para a salvar. Se, ao recreio, quando jogavam à semana e ao aparta-cornelho, alguma vez se lembrassem de

brincar ao Paulo e Virgínia, ela queria ser o Paulo. Nem que tivesse de se ir atirar ao lagozinho do quintal para eles verem e ouvir depois a ralhação da mãe-Leocádia por aparecer encharcada!

O Arlindinho tinha febre todas as tardes. De noite sonhava alto, aos gritos, acordava a estrebuchar, cheio de medo. Havia quem desconfiasse daquilo ser doença apegadiça. A D. Vitória ralava-se. Todas as manhãs ia dar com ele numa sopa, alagado em suor. E acabou por acreditar — uma pessoa acaba por se fiar em tudo! — que era bruxedo. Bem se via que as bruxas chupavam o pequeno. Estava cada vez mais amarelinho. Uma cidra! Quando a ensinaram como havia de o desembruxar, pensou lá com Deus e consigo: se não fizer bem, mal também não faz. Não era remédio de engolir. Só o que era preciso era arranjar um Manuel e uma Maria. E trazer para ali uma tripeça.

A Gracinha ainda assistiu a um bocado da cena. Foi assim:

O Manuel Bítaro, um que atiçava os foguetes nas procissões e pedia, às segundas-feiras, para a Irmandade do Santíssimo, prestou-se a isso mais a Maria Rosa Nocha, que esfregava casas e tinha uma malha ruça numa sobancelha como se lhe tivesse caído lá o cloreto da barrela. Como as meninas não tinham ido à mestra, já de propósito, as cadeirinhas ficaram todas arrumadas em linha contra a parede, cada uma com a sua cesta de costura em cima. Tinham arredado para um canto a mesa do meio e a cadeira da D. Vitória e, no lugar dela, puseram a tripeça de lavar a roupa. Duas mulheres vestidas de preto estavam acocoradas ao pé da porta, não fosse alguém na rua estragar o esconjuro, e benziam-se de vez em quando. Era gente de muita confiança. Até lhes confiavam, quando havia casamento invejado, tomar conta da caixa das esmolas das Almas, para que ninguém ali deitasse moeda que fosse empecer a boa-sorte dos noivos. Sentados no chão, o Manuel Bítaro e a Maria Rosa, na posição em que a ti' Tourega fazia rede e o senhor Rogério, alfaiate, cosia os casacos, iam fazendo passar o Arlindinho, muito sério e obediente, de gatas por debaixo da tripeça. Se fosse a ele, não ia!

— Arlindo, quem te encalhou?

Ao que a Maria Nocha respondia com um pio trémulo de medo e responso:

— Uma alma perdida que por'í passou...

— Pois quem te encalhou te há-de desencalhar. — voltava o Manuel no seu tom morto de «esmola para o Santíssimo» — em nome de Deus e da Virge, toma lá, Maria...

E empurrava o Arlindinho, muito grave, por debaixo da tripeça.

— Deixa cá ver, Manel.

— Arlindinho, quem te encalhou?

— Uma alma perdida que por'í andou...

As mulheres de preto iam contando as vezes, pelos dedos: quatro, cinco, seis, rezando as avêmarias, os padrenossos e as glória-pater e agoirando a tarde morna e quieta. A Gracinha, que saltara o muro do quintal, entrara pé ante pé pela porta do pátio e assistira a tudo de olhos arregalados. Já não faltava senão uma vez para as sete e o Arlindo, tão passivo, a arrastar-se como um cachorrinho duma banda para a outra, eis senão quando dá com os olhos nela, fica transtornado, aos berros, num choro doído, a escabujar de raiva:

— Não quero! Não quero!

Atirava-se ao chão, batia a pés juntos como um possesso.

— Não queres, o quê, filho?

— Não quero!

Ele bem sabia que a Gracinha, se fosse a ele, também não queria.

Uma das mulherzinhas foi ao quintal apanhar uma esgalha de alecrim e benzeu o menino, três vezes a fio, por cima da testa, por cima dos olhos e por cima da boca, para o talhar e desacañar de todos os quebrantos de pragas rogadas, de maus olhados e de comidas enfeitiçadas. E de cada vez o pequeno esperniava mais para que o deixassem, no mesmo acesso de ira desabalada:

— Não quero! Não quero!

A D. Vitória estava interdita. Um menino tão bem educado! Se não havia de acreditar que lhe tinham feito mal! Mas acima de tudo era mãe, e mãe sem marido, que abalara para o Brasil havia sete anos e nunca mais dera notícias, diziam que ajuntado com outra.

Não sabia para o que criava o seu filho, mas havia de constatar a diligência para que nunca lhe faltasse nada. E ao vê-lo debulhado em lágrimas, cansado dos soluços que o despedaçavam, despediu toda aquela gente sem impaciência, mas com a sua carranca de mestra habituada a não aceitar resposta:

— Depois veremos o que se há-de fazer.

E para a Gracinha:

— A menina, agora, também vai para a sua casa.

O mal do Arlindinho era apenas a barafunda de tudo quanto a pequena lhe metia na cabeça: «Quando fizeres o exame, já ficas um homem e podes ir correr mundo. Quem me dera, a mim, ir também!» Coisas que faziam o menino tremer como varas verdes, pois nem queria pensar sequer em sair de casa, debaixo das saias da mãe. Correr mundo o quê? e de que tamanho era o mundo? Como havia ele de vir para casa à noite, se estivesse na Ásia ou na América? E depois, se apanhasse uma carga de água ou se lhe doesse a garganta, quem lhe mudava a roupa ou punha pachos de álcool no gongoço, com a sua bebidinha quente? Como é que havia quem gostasse de ir para longe de casa? Mas dizia que sim a tudo, sem coragem para a contrariar. Queria ser um homenzinho. A Gracinha dizia-lho constantemente, com as mãos nos

ombros dele e os olhos a vazá-lo lá até ao mais fundo da sua aflicção:

— Estás aqui, estás um homem. Um homem!

Chegava a meter-lhe medo. E depois, ele tinha ódio — não o dizia porque era pecado, mas tinha ódio — a essas terras todas da terra onde as pessoas se esquecem das casas onde se criaram ou onde deixaram a família. Parecia-lhe que aí o chão devia ser de outra cor e mais rijo, as folhas das árvores de vidro, tudo agressivo e febril. Mas dizia sempre que sim.

A Gracinha não tinha medo, era o capitão-pirata dum navio que havia de atravessar todos os mares, o andarilho de todos os desertos do sem-fim. Quando os circos ambulantes levantavam da praça, carregando os míseros taipais em carroças famintas e deixando montes de entulho e papéis sujos, ou quando os bandos de ciganos largavam para o seu fadário irremediável de vagabundos, a Gracinha ficava de olhos desabitados, sem meninas às janelas, terrivelmente saudosa, invejosa daqueles destinos de aventura:

— Quem me dera ir com eles!

Ir com aquela gente que desengonça as pernas e os braços aos meninos para os fazer trabalhar no trapézio e dar cambalhotas no chão? E cheirar a suor, de se lavar sem sabonete? Com certeza ela dizia aquilo só para o consumir.

— Sim! Sim! ir com eles! E os seus olhos estranhos eram janelas escancaradas a um vendaval.

O exame foi na Escola dos rapazes, com os quadros dos pesos e medidas, um mapa de Portugal e algumas estampas da História Pátria. As carteiras, castanhas de velhice, todas sujas de tinta roxa a transbordar dos tinteiros, mordorada, metálica como as conchas dos bichinhos da areia. Ao entrar, os meninos sentavam-se devagarinho para não fazerem barulho. Ao meio, à secretária onde estava a bola do mundo, dois senhores professores e a professora das meninas, com as meias a cair, cochichava como quem faz troça seja do que for. O quadro negro, cinzento de pó de giz, vedava como a porta dum inferno de aritmética a saída do salão. E o senhor do outro lado, de bigodes, fazia andar, distraído, a esfera terrestre. Agora é que eram elas, com aquele homem que não tinha medo de ser ele a fazer andar a bola do mundo!

O Arlindo sabia tudo: Gramática, dividir as orações, toda a matéria do programa. Era até para ficar distinto. Mas agoniava-o de morte a ideia de passar a ver-se de um momento para o outro, na rua ou no jardim, de cara a cara com a Gracinha a mandá-lo correr o mundo para lhe vir contar as cousas que ela ia desencantar nos retratos do tio que Deus haja. Mais valia ficar reprovado. O pior era o desgosto que isso dava, com certeza, à mãe: Que havia de ser da pobre senhora, sempre a impar

do coração, se sucedesse uma desgraça dessas? Ele nem queria lembrar-se!

Quando o chamaram à vez dele, o presidente nem para ele olhou. Estava a contar coisas que vira em França e Araganças. Gesticulava de vagar, com as unhas tratadas e anéis nos dedos. Parecia fazê-lo de propósito, para que lhos vissem bem. E se calhar eram falsos. Tinham cara disso. E de quando em quando, o reflexo da pedra, ao sol, fazia uma réstea fugaz que corria as paredes, os quadros de história, a medida de litro e os mares do mapa-mundo. Então o pequeno pensava: «Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia. Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil» e parecia-lhe que, de súbito, a ponta da América do Sul e a Península do Indústão se despegavam do globo, a chamá-lo, com dedos e até anéis, como a mão do presidente da mesa.

— Abra o livro na página cento e dezoito e leia.

— «O trecho do rio que eu tinha percorrido é extraordinariamente pitoresco nas suas margens, principalmente na esquerda, onde a vegetação atinge um enorme desenvolvimento.»

Era tal qual o que a Gracinha lhe dizia. Se ficasse reprovado já não teria de ir correr mundo como os capitães-piratas. E o pior ainda é que tinha um medo horrível das pistolas com pólvora a valer.

— «São gigantescos massiços de árvores, dum verde carregado e sombrio, onde a luz quase não penetra, e onde se desenvolvem, na meia obscuridade, os fetos, musgos e trepadeiras.»

Duma vez vira passar para a Farmácia o filho da Veríssima lavadeira, com a cara e as mãos escalavradas, encharcado num mar de sangue. Tinha feito uma espingarda com uma vareta de guarda-chuva amarrada com arames à sua coronha de tábua.

O Zuca Veríssimo andava sempre com aquilo à bandoleira, cheio de chança, a meter medo aos mais pequenos. Dava tiros! Tiros mesmo. Não era como as tira-balas de sabugueiro, nem mesmo como as espingardas de pressão de ar da feira de Março. Despejava-lhe pelo cano dentro aquele pó negro que trazia num polvorinho de cana, pendurado no botão dos suspensórios mais a ratoeira de arame de armar aos pardais. Punha-lhe uma bucha de trapo, apertava tudo muito bem, chegava-lhe um morrão ao ouvido e *paam!* era um estrondo de deitar uma casa abaixo. Fez isto um ror de vezes. Até que uma vez a espingarda espantifou-se toda e deixou-o como um sudário. Bem lhe tinham dito que o diabo disparou uma tranca. Mas também quem o mandou a ele andar a brincar com coisa de que o Nosso Senhor não gosta?

— Continue, menino.

Onde é que ele ia? Ah, sim:

— «De quando em quando, um afluente...»

Ficar bem! Que havia de ser dele! Nem queria olhar para o lado para não ver a Gracinha, sentada na última carteira da

frente, que viera também para o exame com a sua fita no cabelo e já ali estava toda despenteada e com o laço à banda.

— Ora bem: *pitoresco*. Que quer dizer pitoresco?

Começou a gaguejar. Olhava para um lado e para o outro, como um animalzinho medroso que não sabe por onde há-de fugir. E, sem querer, deu com os olhos nela. Tremia-lhe convulsamente na mão a caneta de cabo encarnado com o seu aparo de bico de papagaio. Mas devia ser de raiva: porque lhe deitou uns olhos capazes de o comer; e, de repente, cravou na carteira, com toda a força, o aparo de aço novinho em folha.

.

bibRIA

(Últimas poesias)

SONETO DA SAUDADE

(AOS NOSSOS VIVOS)

Cá estamos todos. Ah! Quem já soubesse
Antes de andar caminhos não andados,
Que isto de ter canseiras e cuidados,
Se é que encaneca, não nos envelhece . . .

Nem sequer, quem não aparece esquece;
E ao cabo de trinta anos, degredados,
Vimos, talvez, um pouquinho usados;
Mas nem parece, Amigos, nem parece!

Ó Coimbra, Rainha das Cidades,
Em que Gerais, em que Universidades
Se tira assim um curso de Ilusão?

Cá estamos outra vez na «flor da idade».
Somos os trintanistas da Saudade
Que vêm à aula da Recordação!

SONETO DA LEMBRANÇA

(AOS NOSSOS MORTOS)

É obra de bruxedo, ou só fortuito
Acaso, este real desassocêgo
Que quanto mais caminho menos chego
Como quem anda à volta de um circuito?

Por que ansiedade louca ou louco intuito
Sonho estar junto a ti, claro Mondego,
Naquele antigo «engano ledó e cego»
Que a Fortuna não quis durasse muito?

Meus Velhos Mestres! Camaradas! Quantos?
Sois, nessa outra Faculdade, os Santos
Que as minhas orações jamais esquecem.

Foi-se a casinha à minha espera em Celas!
E vós, na vossa clínica de estrelas,
A tratar os anjinhos que adoecem...

(Da reunião do curso em 1957)

GÉNESE

Abel, guardo o meu gado
e vivo, sem cão nem cajado,
na quieta mansidão da minha paz:
sou — Deus seja louvado! —
um bom-serás.

Porém Caim,
que mora com Abel dentro de mim
e roça o mato duro, e rasga a terra dura
tão virgem (e já mãe!) antes da primeira sementeira,
da primeira trincheira e da primeira sepultura,
com o suor do seu rosto
e o do pecado original do seu desgosto;
que, à noite, não tem sono, e olha as estrelas
na ânsia desesperada de entendê-las
(barafunda de sonhos sem começo nem fim)
enquanto o Abel de mim para mim
adormece antes delas;
rasga as mãos a cavar a sua geirazinha de Ilusão
até à exaustação!

Se sou bom, e inocente, e desambicionado
(sem cão e sem cajado)
porquê, meu Deus? Porquê, essa maninha (inútil) Tentação
te há-de fazer, Caim, matar a toda a hora o teu Irmão?

bibRIA

ESPECTÁCULO

Circo de lona e Herodes-p'ra-Pilatos,
(quem atou firme a minha corda lassa?)
faça o que faça — faça o que não faça,
ninguém vem ver os meus espalhafatos.

Em vão vesti de seda e talagarça;
em vão rufei tambor e bati pratos!
Tudo era Já! Não houve cães nem gatos
que não mijassem meu zarcão de farsa.

Em trapaças de arames e embaraços
(quem laçou fixe os nós dos meus baraços?)
enlearam-me os pulsos e os artelhos.

Arranquei pregos. Desmanchei nós-cegos.
Pobre de Cristo! E com tão bons empregos,
andar de Orate, a fazer rir espelhos!

REGRESSO DO FILHO PRÓDIGO

Comido o fruto da árvore vedada,
Por castigo de Deus suo o meu pão;
E a minha fêria é a hora descansada
Em que o Senhor me há-de estender a mão.

Paraíso de jorna, o meu quinhão
Cavei-o todo, palmo a palmo, à enxada;
E não deu nada (nunca dava nada:
Nem só raiz, quanto mais flor e grão!)

Ordens de Deus, quem é que sabe o código?
— Pam! pam! — Quem é? Diz que é o filho pródigo...
(Não façam boda! Chut! Basta de alarde!)

Deixem deitar o pobre ossinho-e-pele...
Que a Mãe inda está a pé à espera dele,
E o Pai não ralha por chegar tão tarde.

PAPAGAIO

Encho de dias o baú vazio
— roupas interiores p'rá Viagem —
e vou de graça, sem pagar passagem
nem sequer ir, que não há Mar nem Rio.

Talvez cigarra, foi-se embora o estio;
p'rálem do espelho sempre a mesma imagem,
e nem ânsia, nem medo, nem coragem;
só Tempo — bolor de anos — só bafo ...

Mar de pano pintado e água enxuta,
jangada de retrato à-la-minuta,
dizem que estou parecido — e nada é meu:

Ando p'ráqui, nem agressor nem vítima...
reles história trágico-marítima!
— nem sequer o Naufrágio aconteceu!

ALMANAQUE

Os anos não contam:

O outono tem pressa
de apagar a Imagem,
despida a folhagem
que era, ontem, promessa.

Os meses não contam:

p'ra que servem luas
de desejo aluado,
lume inapagado
noutras formas nuas?

Os dias não contam:

que importam os dias
de esperança e de espera
— sórdida quimera
das almas vazias?

As horas não contam:

de que vale a hora
de enlaçados dedos,
que importam segredos
de quem vai embora?

Que importa o minuto
de langor e orgasmo
cuspido a sarcasmo
de enxovalho enxuto?

Nem conta o amor,
nem a carne conta
quando o fel da afronta
quer ser mel de flor.

Se os anos não contam,
nem contam os meses,
nem contam os dias,
nem contam as horas,
nem paixão, nem carne,
nem amor, nem nada,
que é que conta, então?

TESTAMENTO

Carro com panos negros e doirados,
Não!
Nem enfadados; nem gatos-pingados;
Nem discurso retórico.
Um empregado de boné-de-pala
E o meu caixão, como outra qualquer mala,
Despachado, no furgão,
E sem um ai
Nem uma flor,
Ala! (Já agora quero ainda ser folclórico)
Lá vai o comboio, lá vai,
Lá vai ele a assobiar;
E lá vai este lindo amor
Morto — como se fosse para a vida militar . . .

UA/SD	
N.º	957
Data	23. NOV. 1979
Car.	



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

NO 1.º CENTENÁRIO DO FALECIMENTO

DE

JOSÉ ESTÊVÃO
COELHO DE MAGALHÃES

4 DE NOVEMBRO DE 1862—
—4 DE NOVEMBRO DE 1962

bibRIA

HOMENAGEM DO

ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO.



JOSÉ ESTÊVÃO COELHO DE MAGALHÃES

Da iconografia artística de José Estêvão, será talvez este retrato, existente no Liceu de Aveiro, e pintado a óleo por JOSÉ MARIA SALES, a mais antiga espécie

BAPTISMO E MORTE DE JOSÉ ESTÊVÃO

MANUEL Coelho de Magalhães, natural da vila da Feira, veio, no último quartel do século XVIII, residir na vila de Eixo, hoje extinta, para exercer o cargo de escrivão do almoxarifado da Casa de Bragança.

Aqui casou com D. Maria Angélica Ferreira de Abreu, natural desta vila, e tiveram dois filhos e três filhas todos lá nascidos.

O primogénito foi Luís Cipriano Coelho de Magalhães, nascido em 16 de Setembro de 1774, a quem o pai destinou a carreira de médico. E de facto, formou-se em medicina na Universidade de Coimbra em 1802: e iniciou a sua profissão em Eixo. Pouco tempo depois faleceu seu pai, e então o Dr. Luís Cipriano, em 1804, veio estabelecer a sua residência em Aveiro, e aqui a manteve até à data da sua morte, dia 17 de Março de 1857.

Exerceu a medicina com competência e dignidade, e tratou com notável desinteresse e carinho os pobres e crianças. Era estimado por toda a gente.

Algum tempo depois de ter fixado a sua residência em Aveiro, o Dr. Luís Cipriano aqui realizou o seu matrimónio com a aveirense Sr.^a D. Clara Miquelina de Azevedo, filha de Manuel da Costa Guimarães e de D. Ana Joaquina Rosa (1), considerados negociantes da praça de Aveiro.

Deste casamento nasceu em Aveiro, na freguesia da Senhora da Apresentação, no dia 26 de Dezembro de 1809, José Estêvão Coelho de Magalhães, que viria a ser um dos Grandes de Portugal: grande na heroicidade, no patriotismo, no talento, no saber, na política, no parlamento, na eloquência.

Só não foi grande na riqueza.

Honrou e fez progredir a sua terra natal e o seu país.

(1) O assento do baptismo de José Estêvão dá à sua avó materna o nome Ana Joaquina Rosa, mas FREITAS OLIVEIRA, na sua obra *José Estêvão*, Lisboa, 1863, chama-lhe Ana Joaquina Ribeiro da Costa.

O primeiro documento official referente a José Estêvão é o assento do seu baptismo que se realizou em Aveiro no dia 1 de Janeiro de 1810, na igreja matriz da freguesia da Senhora da Apresentação, conhecida por igreja de S. Gonçalo.

Foram padrinhos José Ribeiro de Azevedo Leitão e Luísa Teresa, tios maternos do baptisado. Foi celebrante o vigário Manuel Rodrigues Tavares de Araújo Taborda.

O assento do baptismo de José Estêvão encontra-se no Livro de Baptisados da freguesia da Senhora da Apresentação de 1765 até 1818, a pág. 235 verso, e está redigido nos seguintes termos que transcrevemos textualmente:

Em o 1.º de Janeiro de 1810 baptisei solememente e pús os Santos Óleos a José nascido a 26 de Dezembro de 1809 — filho de Luis Cipriano Coêlho de Mag.ês e de sua m.er Clara Miquelina de Azevedo; neto paterno de M.el Coêlho de Mag.ês, natural da Freg.ª de S. Nicolao, da Vila da Feira, e de sua m.er M.ª Angélica Ferr.ª de Abreu, n.ª da Freg.ª de S. Isidoro da villa d'Eixo: e materno de M.ª da Costa Guim.ês, n.ª da Freg.ª de S. Eulalia de Armil, Arcebispaço de Braga, e de sua m.er Anna Joaquina Rosa, n.ª da Freg.ª de S. Miguel, desta cidade. P. P. José Rib.º de Azevedo Leitão, e Luisa Theresa, tios maternos do m.º baptisado; de que fiz este assento. Aveiro.

O Vigr.º Manuel R.ºz Tav.ª de Arj.º Tab.ª

O apelido Estêvão ligado ao nome José provém do nome do santo que se celebrava no dia deste baptismo: *Santo Estêvão*, protomártir da Igreja.

Esta freguesia foi incorporada na da Vera Cruz em 1835.

Nasceu José Estêvão numa casa da Rua dos Mercadores, que pertencia a seus avós maternos e nela moravam. Na fachada desta casa mandou colocar a Câmara Municipal de Aveiro, no dia 15 de Julho de 1889, uma lápide comemorativa do nascimento de José Estêvão, contendo a seguinte inscrição:

Casa onde nasceu aos 26 de Dezembro de 1809 o grande tribuno parlamentar e benemerito cidadão portuguez José Estêvão Coelho de Magalhães.

Em honra de tão querida memoria mandou a Camara Municipal d'Aveiro fazer e collocar esta lapida, por deliberação tomada em sua sessão de 10 de Fevereiro de 1887.

De pouca idade ficou José Estêvão órfão de mãe, pois esta faleceu em Junho de 1822.

José Estêvão casou no Porto, em 7 de Junho de 1858, com a snr.ª D. Rita de Moura Miranda, filha do notável médico Custódio Luís de Miranda e de D. Margarida Miranda de Moura.

BAPTISMO E MORTE DE JOSÉ ESTÊVÃO

A 13 de Setembro de 1859 nasceu-lhes o primeiro filho ao qual puseram o nome de Luís Cipriano, e que veio a ser homem



Estátua de José Estêvão em Aveiro, inaugurada em 12 de Agosto de 1889.

A grade que cercava a estátua foi retirada em 1936 por deliberação da Câmara Municipal

notável com o nome de Luís de Magalhães. Faleceu no Porto em 14 de Dezembro de 1935.

ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Após uma vida de luta e cansada em prol do bem comum, José Estêvão faleceu inesperadamente em Lisboa, próximo da uma hora da madrugada do dia quatro de Novembro do ano de 1862, uma terça-feira. Esta triste ocorrência foi imediatamente comunicada por José Pedro de Barros Lima para a cidade do Porto a António Rodrigues Nunes, em telegrama, com o seguinte texto, que copiamos do original:

Estação Telegráfica
de
Porto
Dia 4 de Nov.º de 1862
Correspondencia p.ª
Recepção
N.º 18692

(Princípio da recepção
às 3^h 36^m.
Fim às 3^h 46^m.
Enviado ao seu desti-
natário às 3^h 56^m)...

Telegraphia Electrica
N.º 16706
Lx.ª 4 do corrente ás 2^h 15' da N.
Ill.º Sr. António Roiz Nunes
Porto
Texto

José Estêvão acaba de falecer d'um ataque cerebral. Foi uma grande desgraça. A Snr.ª D. Rita ainda o ignora por algumas horas. Custa-me muito ser eu quem lhe dê esta tristissima noticia e faço-o por dever d'amigo. Uma hora da madrugada.

José Pedro de Barros Lima

Diz MARQUES GOMES na sua obra *José Estêvão — Apontamentos para a sua biografia*, Porto, 1889, que a noticia da morte de José Estêvão foi transmitida pelo telégrafo para Aveiro por Rodrigues Sampaio, e acrescenta: — «A cidade ficara como fulminada, ao receber tão triste como inesperada nova. A dor dividia-se em todos os rostos e as lágrimas borbulhavam de muitos olhos. Os que politicamente o haviam combatido em vida eram os primeiros a pranteá-lo agora.»

José Estêvão tinha declarado em vida que desejava que o seu cadáver fosse sepultado em Aveiro junto do de seu pai.

Sua esposa satisfêz-lhe este desejo, e por isso o corpo do grande tribuno chegou a Aveiro no dia 16 de Maio de 1864 em um comboio especial, e foi sepultado no cemitério desta cidade.

FRANCISCO FERREIRA NEVES

AVEIRO E O 1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE JOSÉ ESTÊVÃO

EM o n.º 19 do *Arquivo* (Setembro de 1939, pág. 230 do vol. v), ao referirmo-nos aos festejos realizados por ocasião da inauguração da estátua de José Estêvão (11, 12 e 13 de Agosto de 1889), prometemos registar nesta revista as cerimónias comemorativas da passagem do 1.º centenário do nascimento do grande Aveirense.

Celebradas agora as comemorações do 1.º centenário do seu falecimento, é tempo de cumprir a promessa feita.

Para ilustração do leitor, bastará arquivar cinco dos papéis volantes que nessa altura foram distribuídos, por cuja leitura fará uma ideia do entusiasmo que os Aveirenses puseram nessa homenagem ao seu «patrono cívico», como há anos o designou o Dr. ALBERTO SOUTO.

Eis esses documentos:

I

«A TODOS OS CIDADÃOS DE AVEIRO

A grande Comissão organizadora das festas com que Aveiro se propõe comemorar o primeiro centenário do seu inolvidável cidadão José Estêvão Coelho de Magalhães deliberou que a sua comissão executiva se reúna todos os dias, das 8 às 9 da noite, no salão da Câmara Municipal, sendo convidados para assistirem a estas reuniões, sem distinção alguma de classe, crenças ou opiniões, todos os Aveirenses que, por um espontâneo e inato sentimento de sincero e verdadeiro patriotismo, se interessem em que estas festas correspondam, por um modo digno e elevado, à altíssima significação que lhes está indissolúvelmente ligada.

Têm por fim estas reuniões proporcionarem a todos os Avei-
renses o poderem concorrer com o seu esforço, actividade e tra-
balho para a boa e eficaz direcção e execução dos festejos a
realizar, trocando impressões, sugerindo ideias e indicando pro-
cessos de mais fácil e pronta execução, para o bom êxito do fim
que todos devem ter em vista.

Assim, com a boa vontade de todos, sem distinção alguma,
e com o seu concurso franco, sincero, leal e dedicado, espera a
Comissão que os bons filhos de Aveiro saberão tornar bem patente
a nítida compreensão que têm dos seus indeclináveis deveres
cívicos, correspondendo por um modo brilhante ao intenso e em-
polgante preito de affectuosa e sagrada veneração que lhes impõe
a gloriosa memória do seu mais grandioso concidadão.

E, como lhe é quase impossível dirigir um convite pessoal
a cada habitante de Aveiro, e para que lhe não possa por modo
algun ser imputada a mais leve ideia de menos atenção e consi-
deração seja por quem for, deliberou também a grande Comissão
recorrer à imprensa por meio do presente aviso, largamente dis-
tribuído por toda a cidade, para tornar bem público este convite
que dirige indistintamente a todos os Aveirenses, sem excepção
alguma.

Aveiro, 8 de Dezembro de 1909.

O Presidente da Grande Comissão,

Gustavo Ferreira Pinto Basto

(Tip. Minerva Central)

II

«CENTENÁRIO DE JOSÉ ESTÊVÃO

Ao Povo de Aveiro

No dia 26 do corrente realiza-se o primeiro centenário do
nascimento de José Estêvão.

Não é num retalho de papel que se pode fazer a história
desse homem, que teve a glória de ser o mais notável dos Avei-
renses.

Ninguém ignora nesta terra que ele demonstrou ser um des-
temido e heróico soldado da revolução liberal, tendo-se alistado,
em 1826 e 1828, no batalhão académico, seguindo toda a cam-
panha das ilhas; desembarcando na praia do Mindelo; entrando
na revolução de Setembro em 1836; promovendo a revolução
de 1844; tomando parte na revolução de 1846 e acompanhando

de alma e coração o movimento civilizador da regeneração em 1851, que implantou no país uma época de paz e progresso.

Eleito deputado em 1837, revelou-se desde logo um tribuno extraordinário; até à hora da sua morte ocupou sempre, com um brilho notabilíssimo, a sua cadeira na Câmara.

Foi no conceito dos seus contemporâneos, quer fossem amigos, inimigos ou antagonistas, o maior orador parlamentar português.

Nomeado professor de Economia Política da Escola Politécnica de Lisboa, as suas lições ficaram memoráveis pela lucidez e elevados conceitos, honrando o professorado.

Serviu com denodo e competência na arma de artilharia, enobrecendo pelas suas virtudes a classe militar.

Tendo-se formado em Direito, a sua passagem pelo foro deixou um rasto de luz, porque não só a sua eloquência era arrebatadora, mas porque a sua palavra defendia sempre causas nobilíssimas, pugnando no tribunal, como no parlamento e nos campos de batalha, pela justiça e pelos oprimidos.

Um só exemplo o demonstra. Em 1843, defendeu calorosamente e sinceramente o *Portugal Velho*, jornal miguelista, registando-se esse discurso como um dos mais empolgantes da sua larga carreira triunfal.

Como cidadão, nunca houve alma mais pura e acrisolada; como patriota, são lapidares a veemência e o aticismo desse discurso monumental sobre o aprisionamento da «Charles et Georges», quando verberou a ousadia da França; como chefe de família, as suas virtudes traduziam-se na maior dedicação e respeito pelo pai, na maior dedicação e carinho pelos irmãos e no maior enlevo e amizade pela esposa e filhos.

Como aveirense, o amor pela sua terra era nele um sentimento religioso, intenso, profundo e vasto, que o dominava e transfigurava completamente. — Entre outros melhoramentos, devemos-lhe a passagem do caminho-de-ferro e o Liceu Nacional.

O seu coração latejou sempre com energia em todas as crises políticas; a sua alma piedosa, caritativa e heróica pugnou indefectivelmente pelo bem, pela verdade e pelo belo.

Aveirenses! A 26 do corrente, nesse dia solene, urge que todas as pequeninas contendas partidárias se interrompam, fazendo tréguas os inevitáveis dissídios locais. Torna-se necessário que todos nós, batendo no peito com orgulho, proclamemos que somos conterrâneos do grande orador, com a mesma sobranceira com que os do antigo mundo latino se orgulhavam de serem *cidadãos romanos*.

Que cada casa embandeire; que cada frontaria ilumine e que, ao desfilar do cortejo, as colchas enfeitam as janelas e as flores desçam sobre os visitantes, sobre a família de José Estêvão e sobre as relíquias da Comissão da estátua erecta no Largo Municipal. Que esta unanimidade prove a nossa gratidão.

Não nos envergonhemos da nossa pobreza; tenhamos, porém, pejo de não acompanharmos os festejos, segundo os modestos recursos individuais.

Apelamos para os sentimentos generosos, dedicados, entusiastas e cavalheirescos dos nossos patrícios. Não precisamos recordar-lhes o seu dever e confiamos plenamente que, mais uma vez, Aveiro provará quanto preza a memória do mais célebre e estremecido de seus filhos.

Aveiro, 11 de Dezembro de 1909.

A Comissão dos festejos»

(Tip. Minerva Central)

III

«1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO
DE JOSÉ ESTÊVÃO COELHO DE MAGALHÃES

26-XII-1909

Parte do programa geral dos festejos, a realizar pelos institutos de Ensino do Distrito de Aveiro

1.º

No dia 26 de Dezembro do corrente ano, dia em que passa o centenário do nascimento de José Estêvão Coelho de Magalhães, todos os institutos oficiais de ensino desta cidade — Liceu Nacional, Escola Normal Primária, Escola Industrial *Fernando Caldeira*, Escolas Centrais Primárias dos dois sexos, Escolas Primárias do concelho de Aveiro e representações das Escolas do resto do Distrito —, incorporados no cortejo cívico de que fala o programa geral dos festejos, dirigir-se-ão às Escolas Centrais do sexo feminino e masculino, a fim de inaugurarem as lápides com os nomes de *Escola Central Luís Cipriano Coelho de Magalhães* e *Escola Central Manuel José Mendes Leite*, que se espera o Governo decrete, como foi pedido pelos professores, respectivamente para a primeira e segunda daquelas escolas.

Pedir-se-á a uma das Excelentíssimas Netas de Mendes Leite e ao Ex.^{mo} Conselheiro Luís de Magalhães para descobrirem, cada um, a lápide com o nome de seu Avô.

Ao passar o cortejo na Avenida Albano de Melo, a escola que se designar plantará no sítio que for marcado pela Ex.^{ma} Câmara Municipal a árvore do centenário, na qual um representante da

direcção do Núcleo Local da Liga Nacional de Instrução prenderá uma lâmina de cobre, tendo gravada a seguinte inscrição: 26-XII-1909. *Esta árvore, plantada pela escola de... que a sorte designou, perante a representação dos institutos de ensino do distrito de Aveiro, em comemoração do centenário de José Estêvão, fica entregue à guarda do público em geral e, mencionadamente, da mocidade das escolas.*

Neste dia, o Núcleo Local da Liga Nacional de Instrução distribuirá vestuário completo a 22 alunos do sexo masculino e 16 do feminino, das duas Escolas Centrais.

Durante o percurso do cortejo e por ocasião da inauguração das lápides e plantação da árvore, os orfeões do Liceu Nacional e das Escolas Centrais entoarão os hinos do Centenário, de José Estêvão e dos que sofreram pela Liberdade.

Durante o dia, estarão embandeirados os edifícios de todos os institutos de ensino e, à noite, iluminarão as suas fachadas.

O mesmo se pede que façam, neste dia, todas as escolas primárias do Distrito de Aveiro.

Os professores, alunos e as representações das escolas que aderirem a este programa deverão comparecer no Largo Municipal, junto do edifício do Liceu, 45 minutos antes da hora marcada para o cortejo cívico, a fim de, incorporados, seguirem para o lugar da formação do mesmo cortejo.

biblioteca

No dia 27, à hora que for designada no programa geral dos festejos, realizar-se-á, na sala da biblioteca do Liceu Nacional de Aveiro, com a representação das escolas, a inauguração da associação de professores e alunos do mesmo Liceu, denominada *Caixa Escolar José Estêvão Coelho de Magalhães* e, no átrio do edifício, a inauguração da lápide ali mandada colocar pelo Conselho Escolar, em comemoração do centenário e da iniciativa que o grande orador teve para a construção do mesmo edifício.

Para estes actos serão convidados as autoridades, funcionários, pessoas de representação e pais dos alunos.

Na noite deste dia ou, quando não seja possível, em data posteriormente designada, realizar-se-á no Teatro Aveirense um espectáculo em que tomarão parte as secções musical e de declamação da Caixa Escolar.

O produto líquido deste espectáculo será destinado à compra de uma taça de prata, que se denominará *Taça José Estêvão*, e que com autorização superior será disputada, anualmente, em concurso de exercícios desportivos entre alunos dos Liceus Nacionais.

Aveiro, 14 de Dezembro de 1909. »

IV

«PRIMEIRO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO
DE JOSÉ ESTÊVÃO

PROGRAMA DOS FESTEJOS EM AVEIRO

Dia 26 de Dezembro de 1909

Às 6 horas da manhã, alvorada com músicas, girândolas de foguetes e repiques de sinos em todas as torres da cidade.

Às 9 horas da manhã, bodo aos pobres no átrio do Liceu Nacional, oferecido pela *Sociedade Recreio Artístico*, com a assistência das autoridades, Câmara Municipal, associações locais, damas e cavalheiros convidados. Tocam durante o bodo, dentro do edifício, a banda de Infantaria 2, de Lisboa, e no Largo Municipal a de Caçadores 3, de Valença.

Às 11 horas da manhã, organizar-se-á, na parada do quartel de Infantaria 24, o cortejo cívico que, em homenagem à memória do grande cidadão, desfilará meia hora depois e conforme o programa respectivo pelas ruas da cidade, terminando no Largo Municipal, em frente da estátua.

Na passagem do cortejo

Ao meio-dia, e no Largo da Vera-Cruz, será descerrada a lápide que dá à escola desta freguesia o nome de Luís Cipriano Coelho de Magalhães, pelo seu neto o Conselheiro Ministro de Estado honorário, Luís de Magalhães.

À 1 hora da tarde, inauguração, no jardim da Praça do Comércio, onde em 16 de Maio de 1828 se levantou o primeiro grito de liberdade, dum obelisco erigido pelo *Clube dos Galitos* e comemorativo de todos os Aveirenses que sofreram e combateram pela Liberdade. Nessa ocasião, serão soltas algumas dezenas de pombas, portadoras de inscrições alusivas ao acto.

O obelisco será descerrado pelo Conselheiro Ministro de Estado honorário, o par do Reino José Estêvão de Moraes Sarmiento e pelo Dr. Joaquim de Melo Freitas, representantes directos de dois soldados da Liberdade.

Às 2 horas da tarde, inauguração, no Mercado do Peixe, duma lápide que dá àquele mercado o nome de José Estêvão.

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE JOSÉ ESTÊVÃO

Às 2 e meia horas da tarde, inauguração, na Escola Central da freguesia da Glória, duma lápide que dá àquela escola o nome de Manuel José Mendes Leite, que de 1826 a 1834, tanto se distinguuiu como glorioso voluntário académico e em 1852 fez abolir, como deputado, a pena de morte nos crimes políticos. A lápide será descerrada por um descendente do notável aveirense.

Às 3 horas da tarde, plantação, na Avenida Conselheiro Albano de Melo, da árvore do centenário por alunos de todas as escolas primárias do Distrito.

Às 4 horas, será deposta no pedestal da estátua de José Estêvão uma coroa de bronze, oferecida pela *Sociedade Recreio Artístico*, dispersando em seguida o cortejo, cujo programa especial será oportunamente distribuído.

À noite, se o tempo o permitir, a cidade iluminará, tocando a banda de Infantaria 2 no Largo Municipal, das 7 às 9 da noite; das 9 em diante, a banda de Caçadores 3 na Rua de José Estêvão; a de Infantaria 14, de Viseu, na Rua Direita; e a do 24, de Aveiro, na Praça do Comércio.

Dia 27 de Dezembro de 1909

Às 6 horas da manhã, as mesmas manifestações de regozijo como na véspera.

Às 10 horas da manhã, sairá do Largo Municipal um cortejo de piedosa romagem ao jazigo do grande tribuno, onde a Câmara Municipal de Aveiro deporá uma coroa de bronze como testemunho de reconhecimento dos munícipes aos serviços relevantes prestados pelo mais ilustre filho de Aveiro à Cidade, ao Concelho, ao Distrito e ao País. Assistirão ao acto todas as autoridades, convidados e corporações locais e de fora.

Ao meio-dia, com a assistência do orfeão académico local, inauguração, na sala da biblioteca do Liceu, da Caixa Escolar José Estêvão e descerramento, no átrio, de uma lápide indicando que aquele grandioso edifício é devido à iniciativa do grande cidadão aveirense.

Às 2 horas da tarde, grande festival no Jardim Público, em que tomarão parte as quatro bandas militares supra mencionadas, executando escolhidos trechos musicais, separadas e conjuntamente, como será designado nos programas do concerto.

Se o tempo o não permitir, o concerto marcado no Jardim efectuar-se-á no Teatro Aveirense, à mesma hora.

Às 7 e meia horas da noite, grande festival nocturno na Ria e Praça do Peixe, com o concurso das quatro bandas militares. Haverá deslumbrantes iluminações no Cais, Ria e Mercado do Peixe, com vistoso fogo do hábil pirotécnico José de Castro, de Viana do Castelo.»

(Tip. do «Campeão das Províncias»)

V

«FESTEJOS COMEMORATIVOS DO 1.º CENTENÁRIO
DO NASCIMENTO DE JOSÉ ESTÊVÃO

PROGRAMA DO CORTEJO CÍVICO
NO DIA 26 DE DEZEMBRO DE 1909

Disposições Gerais

1.º — O préstito formar-se-á na parada do quartel de Infantaria 24, pela ordem abaixo inscrita, que será indicada no local por meio de postes numerados.

Na colocação das diferentes corporações, dentro de cada grupo, salvo as conveniências da organização, seguir-se-á a ordem alfabética.

2.º — As pessoas e corporações que tiverem de figurar no cortejo entrarão na parada do quartel pelo portão de serviço do esquadro de Cavalaria 7, e o cortejo deverá sair, sucessivamente organizado, pelo portão principal do quartel de Infantaria 24.

3.º — O préstito desfilará pelas ruas de Sá, Carmo, Gravito, Vera-Cruz, José Estêvão, Entre-Pontes, Praça do Comércio, ruas do Cais, da Rainha, Praça do Peixe, rua do Sol, Largo da Apresentação, rua dos Mercadores, Largo de Luís Cipriano, ruas da Costeira, Direita, do Passeio, Avenida Conde de Águeda, e dispersará no Largo Municipal, desfilando em frente da estátua de José Estêvão.

4.º — Os diversos grupos procurarão conservar entre si uma distância não inferior a três metros.

5.º — O préstito formar-se-á às 11 horas da manhã, em ponto. Às 11 horas e 30 minutos, ocupando as corporações os seus respectivos lugares, será dado o sinal de desfilar, içando-se uma bandeira nacional no quartel de Infantaria 24 e por uma grândola de foguetes.

Ordem e formação da marcha

Um piquete de cavalaria.

1.º

- a) Câmara Municipal de Aveiro, com as suas insígnias e estandarte;
- b) Banda de música de Infantaria 2;
- c) Delegação das Municipalidades do País que se fizerem representar, com suas insígnias e estandartes;
- d) Empregados das secretarias e diversos pelouros das Municipalidades do País.

2.º

- a) Santa Casa da Misericórdia de Aveiro;
- b) Caixa Económica de Aveiro.

3.º

- a) Associação Comercial e Industrial de Aveiro e comerciantes de Aveiro;
- b) Empregados do Comércio.

4.º

Banda de música de Infantaria 14.

5.º

- a) Representação da Direcção do Asilo de S. João;
- b) Grémio Lusitano, de Lisboa;
- c) Outras Associações de fora de Aveiro que se fizerem representar para abrihantarem o cortejo.

6.º

Associações de classe de Aveiro: a) Associação dos Bateleiros; b) Associação dos Construtores Cívicos; c) Associação dos Lavradores; d) Associação de Socorros Mútuos das Classes Laboriosas.

Clubes de Aveiro: a) Centro Escolar Republicano; b) Clube Aveirense; c) Clube dos Galitos; d) Clube Mário Duarte; e) Sociedade Recreio Artístico.

Ranchos: a) Rancho Alegre Mocidade; b) Rancho das Olarias; c) Rancho de S. Martinho.

7.º

Banda de Infantaria 24.

8.º

- a) Pessoal da fábrica de cerâmica da Fonte Nova;
- b) Pessoal da fábrica de cerâmica dos Santos Mártires;
- c) Pessoal da fábrica de moagens dos Santos Mártires;
- d) Pessoal da fábrica de telha das Agrads;
- e) Pessoal da fábrica de porcelana da Vista Alegre, com a respectiva banda de música.

9.º

- a) Liga Naval de Ílhavo; b) Bombeiros Voluntários de Ílhavo; c) Associação dos Bombeiros Voluntários «Guilherme Gomes Fernandes»; d) Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, com a respectiva banda.

10.º

- a) — Escolas Centrais, compreendendo professores e alunos;
- b) — Restantes escolas do Concelho; c) — Corpo docente e alunos do Asilo-Escola Distrital; d) — Escola de Desenho Industrial;
- e) — Escola Normal de Habilitação para o Magistério Primário;
- f) — Estudantes das escolas superiores que se dignarem tomar parte no préstito; g) — Academia de Aveiro e Colégio Aveirense, com os professores respectivos; h) — Corpo docente do Liceu.

11.º

Representação dos poderes constitucionais da Nação—: Dignos Pares do Reino, do Distrito de Aveiro; Senhores Deputados pelo círculo de Aveiro; Titulares do Distrito de Aveiro; Governador Civil do Distrito e Secretário Geral; Comissão Distrital; Magistrados dos Tribunais Superiores; Magistrados dos Tribunais Judiciais e Administrativos; Conservador da Comarca.

12.º

Música Nova de Aveiro.

13.º

Agentes consulares estrangeiros; Comandante da Brigada; Capitão do Porto e oficialidade de Infantaria 10, de Cavalaria 7

e da Guarda Fiscal; oficiais reformados não arregimentados e licenciados da armada e do exército; autoridades e funcionalismo das diversas repartições e serviços públicos, compreendendo as do Correio, Fazenda distrital e concelhia, Obras Públicas, Administração do Concelho, Repartição Hidráulica, Alfândega e Selo.

14.º

a) Representantes da imprensa do País; b) Redacção dos jornais da cidade e correspondentes dos jornais do País; c) Quadros tipográficos dos seguintes jornais de Aveiro: 1.º—*Aveirense*; 2.º—*Beira-Mar*; 3.º—*Campeão das Províncias*; 4.º—*Correio de Aveiro*; 5.º—*Democrata*; 6.º—*Povo de Aveiro*; 7.º—*Progresso de Aveiro*; 8.º—*Sucessos*; 9.º—*Vitalidade*.

15.º

Banda Militar de Caçadores 3.

16.º

Representantes da família de José Estêvão.

17.º

Comissão do monumento erecto a 12 de Agosto de 1889, nesta cidade.

Piquete de cavalaria.»

(Tip Minerva Central)

JOSÉ TAVARES

JOSÉ ESTÊVÃO APRECIADO POR SEU FILHO

DOIS DISCURSOS
DO DR. LUIS DE MAGALHÃES

LUÍS DE MAGALHÃES, o autor das duas empolgantes peças oratórias que adiante se publicam e nas quais — como ele próprio afirmaria — ressalta em cada linha como a José Estêvão, seu egrégio progenitor, votou a mais fervente idolatria do seu coração e lhe consagrou permanente e apaixonada admiração, foi uma das mais salientes figuras do seu tempo, quer na vida pública quer como homem de letras.

Poeta, romancista, crítico, escritor político, jornalista doutrinário e de combate, individualidade de impecável distinção e de claras convicções, herdeiro de um nome aureolado, que inteiramente honrou, e lhe foi muito mais obrigação incentivante do que apanágio a usufruir, cultuou o pai como a um paradigma, na nobreza de atitudes, na larga tolerância de espírito, na isenção com que participou na acção pública, nos ideais perfilhados.

No discurso que proferiu no mês de Agosto de 1889, na altura da inauguração da estátua que Aveiro erguera à memória do seu mais dilecto filho, LUÍS DE MAGALHÃES rasgadamente, com o entusiasmo dos trinta anos sem desilusões, com a homenagem ao preiteado que lhe é tão fêrvidamente querido, evidencia inequivocamente a sua orientação política, na qual, mais constitucionalista, porventura, do que tradicionalista, rumaria invariavelmente.

Naquelle que pronunciou, volvidas duas décadas, na celebração do primeiro centenário do nascimento de José Estêvão, atingida a maturidade plena do homem de letras e do homem de Estado, — já então com a experiência, a responsabilidade e a nomeada de antigo ministro e escritor com projecção nacional, — reaparece e reafirma-se o adepto da mesma doutrina generosa, a par do consuma-lo artista da palavra que traça, nítido e flagrante, num cintilante relance, um dos mais expressivos e autênticos retratos do grande campeão dos princípios liberais que foi seu pai.

O nome de LUÍS DE MAGALHÃES, por um romance como *O Brasileiro Soares*, no que este revelara de mérito original no momento literário, tão rico de influências, fixado na nossa história literária, firma uma obra poética de grande relevo e beleza, iniciada com *Primeiros Versos*, pelos vinte anos, e que prosseguiria com *Odes e Canções*, *D. Sebastião*, *Cantos do Estio e do Outono*, *Frota de Sonhos*; subscreve ensaios reveladores de aguda penetração e ampla cultura; crónicas e artigos de variadas revistas e jornais, volumes de natureza política; imprime-se com o de EÇA DE QUEIRÓS no frontispício da *Revista de Portugal*; anda ligado em múltiplas circunstâncias aos vultos mais eminentes da vida nacional.

Na acção pública foi governador civil de Aveiro, deputado, ministro dos Negócios Estrangeiros no governo de João Franco, até este estadista entrar em ditadura, e sobraçou a mesma pasta na tentativa de restauração monárquica de 1909, destacando-se entre os elementos mais preponderantes, activos e devotados de alguns movimentos de opinião, morigeradores e reabilitadores do poder.

Amigo de muitas das mais eminentes figuras literárias e políticas das últimas décadas do século dezanove e do primeiro terço do actual, como OLIVEIRA MARTINS, — de cujos «grandes trabalhos fora testemunha e de quem muitas vezes fora o confidente» —, de ANTERO — e, segundo abalizada opinião, «mestre eminente *in ecclesiae antheriana*» —, de EÇA DE QUEIRÓS — que na sua quinta do Mosteiro encontrou o modelo para a Quinta de Refaldes da *Correspondência de Fradique* e em tantos passos lhe está estreitamente ligado —; de JUNQUEIRO — que lhe confia o exemplar corrigido da *Pátria* e de quem prefacia o poema póstumo *Prometeu Libertado* —; e BASÍLIO TELES — outro adversário político em quem as divergências de opinião não empanaram a recíproca estima —; e ANTÓNIO FEIJÓ, ALBERTO SAMPAIO, RAMALHO, JAIME DE MAGALHÃES LIMA e tantos outros, LUÍS DE MAGALHÃES é, no seu tempo, uma das cimeiras figuras nacionais, uma forte e irradiante personalidade admirada pelo talento e respeitada pela integridade de carácter, com múltiplos títulos à estima e ao preito dos seus contemporâneos e à memória das subseqüentes gerações.

Esse lisboeta de nascimento, preso ao Porto e suas imediações majatas por prolongados anos de residência continuada e os afectos daí provindos, sempre pelo coração e pelos indeléveis laços da genitura paterna se considerou aveirense e em Aveiro quis ser sepultado ao lado dos seus ascendentes — em Aveiro que numa espirituosa poesia, por onde perpassa em impressivas pinceladas uma plêiade de aveirenses ilustres dos fins de oitocentos, qualificaria de «terra como não há nem houve no mundo inteiro»; em Aveiro que deve à sua pena apurada algumas das mais belas páginas que se escreveram sobre as belezas singulares da sua paisagem lagunar, e os seus típicos costumes.

No próprio culto a José Estêvão — o patrono cívico da cidade, — nele de mais fundas raízes e seivas mais vivas e direc-

tas, decerto, LUÍS DE MAGALHÃES, saindo da ara familiar para as públicas demonstrações de devoção, é um aveirense, pois só um aveirense ou um filho, tão intensa e fielmente sentem e mantêm esse preito vitalício e inflexível, carinhoso e inspirador pela memória do grande tribuno do liberalismo.

Conhecidos apenas de excertos mais ou menos longos insertos na imprensa periódica do tempo, esses dois fulgurantes discursos constituem, assim, neste ensejo de comemoração do centenário da morte do inextinguível tribuno, o mais sentido, eloquente, significativo e lídimo tributo à memória do excelso aveirense.

Foi profundíssima a impressão que estes dois discursos causaram nos auditórios, que ficaram enlevados e empolgados. No sarau de 12 de Agosto de 1889, já depois de no cemitério de Aveiro terem usado da palavra os Drs. JOAQUIM DE MELO FREITAS e JAIME DE MAGALHÃES LIMA e o aveirógrafo MARQUES GOMES, ouviram-se alguns dos maiores oradores do tempo — SEBASTIÃO DE MAGALHÃES LIMA, JOSÉ DIAS FERREIRA, MANUEL DE ARRIAGA, e o maior de todos, ANTÓNIO CÂNDIDO, que o BARÃO DE CADORO apresentara.

Os altíssimos voos da eloquência que um jornal da época aponta na oração magistral e conhecida de ANTÓNIO CÂNDIDO não despertaram mais intensa vibração do que a proferida, a seguir, por LUÍS DE MAGALHÃES.

MANUEL DE ARRIAGA, ele mesmo também tribuno empolgante, num rasgo de entusiástico aplauso coroou-a com um espontâneo comentário que era a prova de apreço mais eloquente:

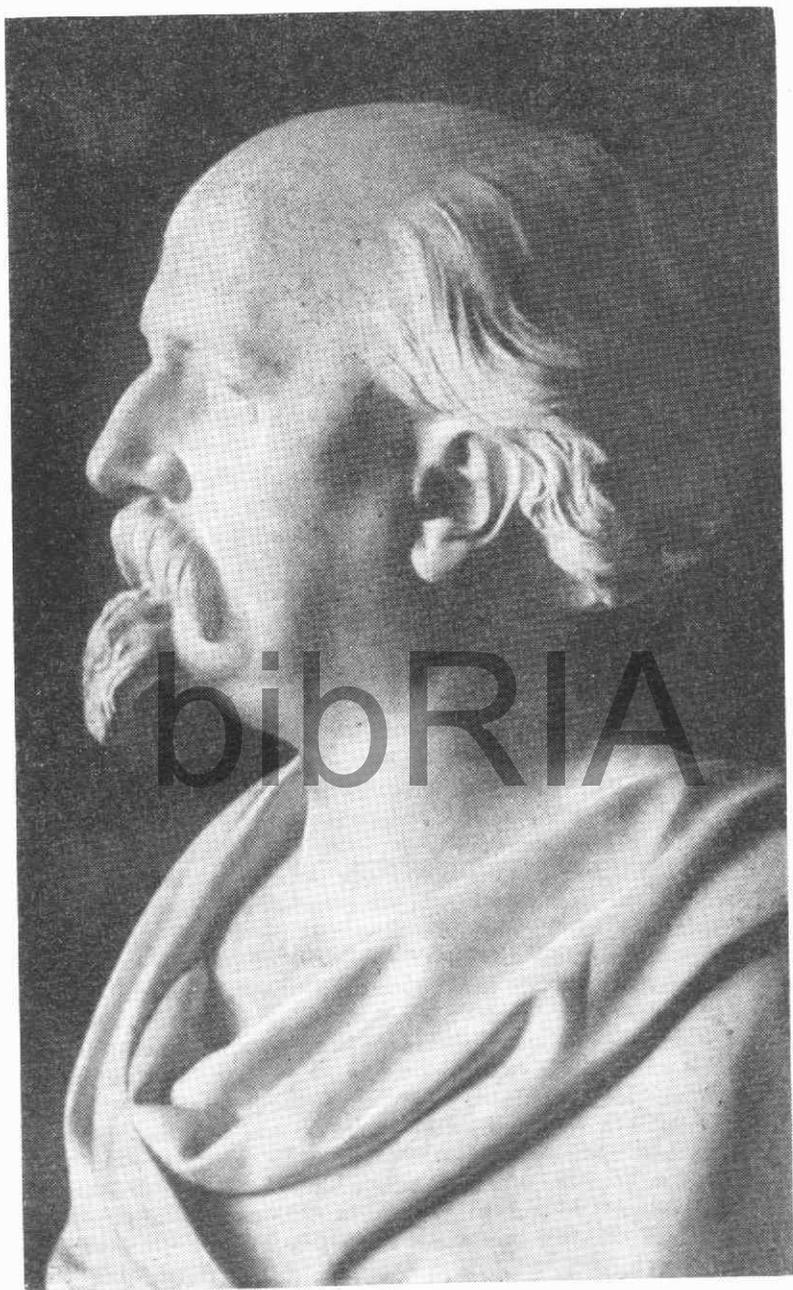
— «Mais um milagre de José Estêvão! — bradou — Produziu um orador.»

Em 1909, são ainda algumas das mais proeminentes figuras nacionais que se pronunciam nas homenagens ao grande paladino das liberdades públicas — o Dr. JOSÉ DE CASTRO, TEÓFILO BRAGA, EGAS MONIZ, MANUEL DE ARRIAGA, EUSÉBIO LEÃO, AGOSTINHO FORTES, ALEXANDRE BRAGA, em Lisboa; JOAQUIM DE MELO FREITAS, o CONDE DE ÁGUEDA, ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE, SEBASTIÃO e JAIME DE MAGALHÃES LIMA, e CUNHA-E-COSTA, em Aveiro.

No confronto com os demais discursos, alguns dos quais, como o de CUNHA-E-COSTA, ficaram memoráveis, o que, com a sua voz de tão belo timbre, evocando os aspectos mais salientes e caracterizadores da personalidade de seu pai, pronunciou LUÍS DE MAGALHÃES, foi na opinião de muitos que o escutaram, aquele que mais fundo impressionou a assistência.

O milagre de José Estêvão, que o futuro Presidente da República MANUEL DE ARRIAGA assinalara, provara-se de novo: — Produziu um orador.

EDUARDO CERQUEIRA



Busto de José Estêvão existente no Liceu de Aveiro
(Outro exemplar no Clube dos Galitos)
— Trabalho em gesso —

DISCURSO QUE O DR. LUÍS DE MAGALHÃES
PROFERIU EM AVEIRO, POR OCASIÃO
DA INAUGURAÇÃO DA ESTÁTUA DE JOSÉ ESTÊVÃO,
A 12 DE AGOSTO DE 1889

«Meus Senhores:

Obrigado! Por todos aqueles em quem corre o meu sangue e que usam o meu nome: obrigado! Que esta simples palavra vos diga tudo o que a minha alma sente e não sabe exprimir-vos doutra forma! Bem haja o povo grato e piedoso — que não esquece os seus grandes mortos! Bem hajam aqueles que assim exaltam os que lhe deram todo o seu coração e lhes dedicaram toda a sua vida! Bem hajam os que vieram de longe trazer a homenagem da sua palavra e o preito da sua veneração à memória do patriota *sans peur et sans reproche*, que já agora ficará na nossa história contemporânea como uma das mais altas personificações do civismo!

Meus Senhores! É este, decerto, um dos momentos mais solenes e mais excepcionais da minha vida. Mas é também — e sem dúvida alguma — um dos mais delicados e melindrosos.

Muitas vezes, ao sentir aproximar-se esta hora, eu perguntava a mim próprio, se em frente desta apoteose que tão de perto me tocava deveria falar, ou ficar silencioso. As conveniências, a minha situação especial, o temor de que alguém quisesse ver, na ousadia de erguer a voz à sombra deste monumento, estultas pretensões de retomar uma tradição que a própria grandeza do génio quebrou para todo o sempre — aconselhavam-me talvez uma discreta reserva. Mas, por outro lado, essa mesma situação especial determinava no meu espírito toda uma ordem de ideias e sentimentos, dos quais, — embora muito íntimos — eu não poderia, sem uma aparência de ingratidão, deixar de vir aqui fazer-vos a confissão plena e sincera — a vós, cujo amor e cuja memória souberam nobremente resistir, durante mais de um quarto de século, a esse fatal esquecimento que deixa apagar sobre o túmulo mais querido o nome mais idolatrado.

Meus Senhores! O meu coração fica desde este instante para convosco numa dívida igual àquela que acabais de saldar. Era preciso confessar-vos essa dívida: confessá-la bem alto e bem claro. Era preciso dizer-vos que fundas, vigorosas, e imperecíveis raízes me prendem a alma à alma deste povo e me prendem a vida a este solo — para mim três vezes sagrado. Era preciso dizer-vos como a cada dia que passa sobre a minha cabeça, a cada sonho de futuro que se ergue em visão no meu

espírito, a cada dor que me retalha o coração — o amor desta terra se revela em mim, impondo-se-me como um dever e oferecendo a toda a minha vida moral esse ponto de apoio insubstituível que se chama *uma pátria*. Era, enfim, preciso revelar-vos as angustiosas preocupações que despertam na minha consciência as responsabilidades do meu nome e a pesada herança que lhe anda adstrita, e mostrar-vos o quanto desejo satisfazer o grande legado de amor, de fraternidade e de dedicação que ela me impõe para convosco.

E aí tendes as razões por que eu julguei dever tomar a palavra nesta solenidade.

Falo a irmãos — porque o sois para mim. Esta festa é minha e vossa. É a festa da grande família aveirense — de que eu tenho a honra de fazer parte. Assim, tomai as minhas breves palavras como a confidência sincera, comovida, religiosa, dos mais altos sentimentos que o homem pode abrigar no seu coração: o sentimento da Família e o sentimento da Pátria.

É sempre com o peito transbordando das mais vivas emoções e repassado da mais profunda saudade que eu entro nesta adorada terra de Aveiro. Estão aqui as raízes da minha vida; vivem aqui as minhas tradições; encerram-se aqui as mais santas, as mais veneradas relíquias da minha íntima religião doméstica. Sinto bem que é esta a minha pátria; sinto bem que é este o meu berço civil; sinto bem que é este o meu lar.

Tudo aqui me fala ao coração. Em cada nome de família há para mim como que o legado de antigas amizades fraternas. Não há um canto, não há uma pedra da velha cidade, que me não segrede uma lembrança daqueles de quem venho. Parece-me vê-los errar como sombras, como imagens luminosas de um sonho, por estes sítios familiares que tantas vezes os contemplaram na plenitude da vida, cercados por essa auréola incomparável do amor e do respeito de uma população inteira. É com verdadeira piedade que eu aqui recolho da boca dos contemporâneos, as lendas, as pequenas histórias, os breves traços que me fornecem à imaginação os elementos por meio dos quais logro reconstituir essas figuras amadas — umas desconhecidas, outras apenas entrevistadas no vago e indeciso crepúsculo das recordações da primeira infância.

É neste fundo, neste meio, que eu evoco, com o mais íntimo encanto, a sacratíssima memória paterna. Lisboa — teatro dos seus triunfos parlamentares — foi a terra do seu génio. Mas Aveiro foi a terra do seu coração. Nunca a esqueceu! Nos dias de maior glória, a sua alma conservou-se voltada e aberta para este adorado torrão natal. Por ele trabalhou e lutou, procurando sempre inclui-lo na partilha de todos os benefícios do desenvolvimento moral e material do país. E, na grande agitação da sua vida, jogada à mercê das tempestades políticas — sempre de longe voltava o olhar para aqui, como um navegante para a calma enseada onde espera descansar e refazer-se dos trabalhos da viagem.

Ficaram por estes sítios vestígios da sua vida, pedaços da sua alma, como que uma impregnação de todo o seu ser — neste ar que ele primeiro respirou, nesta luz que primeiro feriu a sua retina, nestas ruas que o seu vulto atravessou tantas vezes, nestas praças onde a sua voz amada

ressou nas alegres palestras com os amigos, numa formosíssima natureza desta região que ele adorava, e que foi sempre um dos maiores encantos dos seus olhos e um dos mais inalteráveis amores da sua existência.

Foi aqui que passou a sua infância; foi aqui que o seu espírito desabrochou nos primeiros sonhos da mocidade; foi aqui que o seu coração bateu as primeiras pulsações de esse alto sentimento do amor da pátria, que parece haver-se tornado na estrela fatídica de toda a sua vida. Daqui partiu para as incertezas de um futuro, toldado pelas ameaças da procela revolucionária, já com o pensamento deslumbrado pela fascinação da vida pública e o peito refervendo nessas primeiras paixões políticas, tão vibrantes e profundas. Aqui voltou, findas as lutas civis, com a radiante alegria dos triunfadores e as mais alevantadas esperanças no sucesso das ideias, pelas quais empunhara a espada e ia agora soltar a sua voz — a sua voz predestinada para todas as glórias da eloquência! Aqui beijou pela derradeira vez a mão fria do seu velho pai, que estremeia e que via descer à sepultura, tranquilo, e sereno como um justo, no calmo resplendor da sua grande bondade e da sua acrisolada filantropia, entre as lágrimas sinceras de uma cidade coberta de luto. Aqui vinha desafogar o espírito das preocupações da política, curar as feridas da ingratidão dos homens e da desilusão das coisas, descansar das fadigas do combate de ontem e retemperar-se para o combate de amanhã. Aqui procurou fixar a família, fundando a casa: aqui preparava já em meia dúzia de jeiras, à borda do Oceano — imagem tão viva da sua alma! — o recanto pacífico onde mais tarde a sua velhice se extinguisse, na grande acalmção do amor da sua terra e na contemplação panteista da natureza! Aqui enfim, meus senhores, quando tanta vida, tanto génio, tanto amor se apagaram, inesperada e bruscamente, naquele poderoso organismo, veio ele buscar o repouso do túmulo, no recolhido campo-santo da mesma terra sobre a qual se embalara o seu berço!...

É por tudo isto, é por todas estas santíssimas memórias, que eu voto a Aveiro uma afeição profunda, resistente a todas as ausências e a todos os acasos da vida que me afastam do seu seio. Mas esta afeição duplica-a, centuplica-a hoje o grande e generoso acto que acabais de consumir. Venham os demais povos da família portuguesa aprender convosco como se afirma o sentimento da raça, honrando os seus grandes filhos! Vejam aqui os cépticos como se desmente essa lenda da ingratidão popular neste monumento e nestas festas, que saíram da alma do povo e se realiza à custa de espontâneos sacrifícios do povo! Meditemos todos no que significa esta apoteose, única talvez no nosso país, quase completamente desamparada de protecção oficial, — e representando o sentir e o querer decidido de uma população, cónscia dos seus deveres morais e da sua força cívica!

Bem haja, pois, tão nobre, tão generosa gente! A ela todo o meu coração, — que lhe entrego na grande e inolvidável hora em que o seu amor fez ressurgir no bronze, diante de meus olhos, a aparição amada de meu Pai, na suprema majestade do génio e da glória!

Mas esta festa, meus Senhores, não é para mim unicamente uma festa íntima, uma festa pessoal, uma festa de família. É também uma

festa para a minha alma de português e para a minha consciência de cidadão. Por isso permitam-me que, abstraindo da minha situação particular neste momento, eu me congratule com o povo de Aveiro por esta solene glorificação de civismo.

Nos tempos que vão correndo, esta consagração de um homem que no amor da pátria pôs a mira de toda a sua actividade política, que dos cofres do Estado apenas recebia o soldo de uma patente militar ganha no campo de batalha e o ordenado de uma cadeira de professor, obtida em concurso público — esta consagração de um homem que lutou vinte e cinco anos no parlamento e na imprensa com o exclusivo prestígio do seu talento e da sua hombridade, em prol de todas as nobres e generosas aspirações do seu tempo, e que terminou a sua vida pública na mesma cadeira de deputado em que a havia começado, sem a ambição do poder, sem a cobiça das grandezas, sem despeitos, sem invejas, com a simplicidade de quem cumpre um dever e se contenta com isso — esta consagração, meus Senhores, hoje, representa mais do que o reconhecimento de um povo e a apoteose de um homem de génio: — representa um forte e veemente protesto contra a decadência dos nossos costumes políticos e contra esse afrouxamento dos sentimentos sociais que a muitos se afigura o presságio e o sinal de uma catástrofe próxima.

Não há negá-lo: São tristes os dias que atravessamos. Dizem-no a melancolia dos grandes espíritos, a abstenção e retraimento dos grandes caracteres, a indiferença provada da nação, o aborto, o insucesso de todos os bons esforços individuais: — di-lo mais do que tudo a consciência de cada um, porque só a estupidez boçal ou o cinismo impudente podem hoje entoar hinos optimistas em frente do altar da Pátria.

A Pátria!... Que valor tem hoje para nós esta expressão, esta palavra sagrada, esta alta noção moral, que foi uma das mais poderosas molas do grande drama da História? Que nos diz ela ao pensamento? que nos diz ela ao coração? que sentimentos lhe tributamos? que sacrifícios lhe fazemos? de que dedicações a cercamos? quem arrisca por ela a sua vida e a sua fazenda? quem põe na estrada dos seus destinos o seu coração e a sua cabeça para que, sendo preciso, ela passe adiante, esmagando-os?

Foi tempo!... O utilitarismo moderno sorri cêpticamente destes sentimentos idealistas. Chama-se já abertamente *ingenuidade de nossos pais* a essas tradições de exaltação patriótica, de desinteresse cívico, de abnegação política! E contudo foi essa *ingenuidade* — santa ingenuidade! — que constituiu a grande força da geração liberal e é ainda hoje a sua mais pura glória. Foi essa ingenuidade o segredo das suas virtudes e do seu heroísmo; foi essa ingenuidade que fez aparecer na história da nossa revolução constitucional vultos como o de Fernandes Tomás, Mouzinho da Silveira, Passos Manuel, Mouzinho de Albuquerque, Sá da Bandeira, Herculano e o daquele que ides glorificar com esse monumento — plêiade de consciências intemeratas, de almas de uma grandeza estóica, que neste desnorteamento em que nos sentimos perdidos, nos fulgem de longe, com o seu exemplo, como uma constelação salvadora!

Ah! foi uma grande, uma heróica geração (perdoem-nos os *espíritos fortes!*) a geração desses ingénuos! A meio século de distância as suas

figuras tomam para nós proporções épicas. Parecem-nos lendas — essas vidas cheias de agitação e de febre, passadas entre perigos constantes, em sobressaltos contínuos, em lutas sem tréguas, sem a menor preocupação de interesse pessoal e com os olhos fitos nessa coisa vaga, sem preço, sem cotação, sem juro, sem benefícios materiais de espécie alguma — que se chama uma Ideia!

O meu coração vibra neste momento de não sei que inominados e estranhos sentimentos — quando penso que ainda me escutam algumas venerandas relíquias dessa geração, algumas testemunhas desses velhos e gloriosos dias, que à nossa alma abatida e fraca se afiguram como uma antiguidade homérica.

Revelai-nos a nós o vosso segredo, velhos *ingénuos*, companheiros dos heróis da epopeia liberal! Revelai-nos o segredo da vossa abnegação, da vossa crença, da vossa coragem, do vosso carácter inteiriço como o bronze! Dizei-nos como eram aquelas almas, como eram aqueles corações, que perdidas energias, que ignoradas fibras as constituíam e formavam! Dizei-nos como a vossa fé se não quebrantava ante as ameaças dos tiranos, as violências dos esbirros, o espectro da força de onde os cadáveres dos irmãos pendiam sinistramente; ante a tenacidade inexorável das perseguições; ante os ferros da masmorra e a solidão do segredo; ante as misérias, as saudades e as lágrimas do exílio! Dizei-nos como se sofriam as durezas da guerra, as fomes e as privações dos assédios, as balas e as baionetas dos inimigos, as brutalidades dos vencedores, os negros desalentos dos dias de derrota! Dizei-nos como era que, através de tudo isso, com a cabeça posta a prêmio, o barão pronto a receber-vos o pescoço, os bens confiscados, a família gemendo nas enxovias, homiziada ou batida a monte — e, bastando uma palavra de renúncia às crenças afirmadas, bastando depor aos pés do adversário a espada revoltada, para que todos os transes e todos os sofrimentos cessassem — essa palavra vos não saía dos lábios e essa espada continuava erguida na vossa mão!

Sim! dai essa lição tremenda a estes filhos degenerados que têm agravados os vícios do passado sem lhe imitar as virtudes. Dai-nos esta lição, que bem precisamos dela!

Moralista impenitente, eu creio que o que faz a verdadeira grandeza das nações não é a sua riqueza, a sua opulência, esses ouropéis da civilização material, essas pletoras de ouro, essa febre de negócios que, pondo a uma alta pressão a máquina económica, a faz, as mais das vezes, rebenotar na explosão formidável de uma crise ou de uma bancarrota. O que faz a grandeza das nações são justamente as mesmas qualidades que fazem grandes os homens: — é o carácter, o sentimento da justiça, a simplicidade de costumes e o amor do trabalho. Sempre na História os povos fortes são os povos simples e virtuosos: — é Esparta, é a austera Roma republicana, — é o Portugal dos reis de Avis. O civismo, a noção e o sentimento da unidade social que constituímos, a subalternização do interesse individual ao interesse superior da colectividade — é, por assim dizer, o rígido cimento que torna impenetráveis, na sua homogeneidade moral, essas pequenas mas resistentes massas políticas. É contra essa

força milagrosa de coesão que se embotam as espadas dos conquistadores: é ela que detém os Persas nas Termópilas, que salva Roma das mãos de Aníbal e que fez bater em retirada as mesnadas castelhanas no dia de Aljubarrota.

Foi essa grandeza que a *ingenuidade dos nossos pais* soube um momento restaurar na nossa história contemporânea. Depois, isso veio gradualmente apagando-se... Os sentimentos sociais definharam, morreram; e as palavras que os exprimiam passaram a soar vazio e acabaram por parecer ridículas no meio de uma sociedade que lhes havia esquecido a significação. Hoje o termo Pátria é um sinónimo de Orçamento. Amamo-la, estremecemos-la — pelas benesses que nos dispensa, pelos ordenados que nos paga, pelos lucros que nos dá. E isto proclama-se desassombadamente, como uma doutrina, como uma escola! O egoísmo mais desenfreado esfacela os restos da nossa unidade moral. De crenças — nem os vestígios! Os partidos são associações de interesses, dizem, nos seus momentos de franqueza, os próprios que neles militam. A política foi também fazer as suas genuflexões ante a estátua do Bezerro de Ouro: e os poucos crentes que voltam os olhos para o Sinai não vêm descer de lá, entre os relâmpagos e os trovões, o Moisés que nos há-de trazer as tábuas da nova Lei... A Finança açambarcou tudo. Há hoje, não só entre nós como em toda a parte, um quinto poder do Estado — e o mais poderoso de todos — que se pode chamar o *poder capitalista*. As suas secretarias são clandestinas, os seus decretos não aparecem na folha oficial, os seus funcionários não figuram nas listas civis — mas as suas misteriosas imposições cumprem-se à risca e as nações vivem sob o seu incontestado domínio. Enfermamos, como toda a Europa ocidental, desse morbo terrível da plutocracia. Os protestos rompem isolados, impotentes, perdidos logo na vozeria dos que aclamam um estado de coisas que os traz cheios e satisfeitos. E o velho idealismo liberal, com os seus belos sonhos de igualdade, em vez de rectificar os seus processos políticos, voltando-se para esse clarão de justiça que emerge do grande movimento socialista contemporâneo — o velho idealismo liberal rende-se lamentavelmente ao naturalismo económico triunfante e dominador, que eleva um trono aos mais fortes, e faz dos fracos e dos pequenos os escravos desta sociedade curvada à ferocíssima tirania do Milhão!

Que fazer contra esta torrente?... Torrente?! Antes o fosse! Antes o fosse, sim! turva, revolta, espumante, com todas as violências da anarquia e todas as epilepsias da revolução, com os uivos dos motins e os clarões dos incêndios, com a fuzilaria das barricadas e a tempestade das cóleras populares! Antes o fosse... mil vezes antes! — porque, ao menos, seria um sinal de vida, seria uma pulsação nas veias do país — e com ela poder-nos-ia sorrir a esperança de um renascimento e de uma nova idade! Que fazer não contra esta torrente — mas contra esta estagnação pútrida, onde fermentam as últimas energias políticas da nação, contra esta inércia, este abandono, esta letargia, este sono cataléptico de que parecemos não querer despertar?

Que fazer?... Chorar compungidamente sobre a tristeza destes tempos — e protestar sempre, sem tréguas, pela virtude, pelo civismo, pela

isenção contra todos os atentados à justiça, todas as faltas à lei suprema do dever, todas as prepotências, todos os erros que agravem a nossa situação moral e social; chorar como numa época da nossa história, idêntica à época actual, chorava o bom SÁ DE MIRANDA, quando via os primeiros sintomas da corrupção do Oriente conspurcando e amolecendo a austeridade do velho carácter português; chorar como CAMÕES chorou, quando ao trazer à Pátria, como uma coroa triunfal de bronze, a dádiva da sua imorredoura epopeia, a encontrou, como hoje, relaxada, decadente,

. metida
 No gosto da cobiça e na rudeza
 De uma austera, apagada e vil tristeza!

Estas lágrimas — já as choraram, em nossos dias, o coração de um PASSOS e de um HERCULANO, ambos procurando na paz da vida rural o esquecimento das suas desilusões e das suas mágoas de patriotas. Essas mesmas lágrimas chorá-las-ia *Ele* hoje, se a morte o não tem prostrado em plena vida, em plena força, quando aureolado por todos os prestígios que podem cercar um homem público, se lhe abria diante dos pés o caminho do Capitólio! Chorá-las-ia decerto... se é que as não chora na sepultura!

Mas não bastam prantos, não bastam alegrias! É preciso protestar — repito. Protestar é resistir. E a resistência é o heroísmo dos vencidos! Quando nada mais se salve — salve-se ao menos a honra! Ora a honra fica intacta desde que se mantenha numa nobre intransigência entre o meio dissoluto que condena. É preciso protestar, afirmando e provando a possibilidade de se atravessar sem mácula a vida pública. É preciso protestar, mostrando como se pode servir a Pátria unicamente por obediência a um puro dever moral. É preciso protestar com o exemplo do desinteresse, do sacrifício, da renúncia, da sinceridade nas palavras e da nímia honestidade nos actos. É preciso protestar, enfim, como o povo de Aveiro protesta agora, consagrando, nesta idade de interesses egoístas, a memória de um homem cuja grande alma só se abriu para os altos ideais da justiça e para os generosos sentimentos do bem do povo e do amor da Pátria!

Por este lado, o monumento que se vai amanhã inaugurar — não engrandece apenas o cidadão ilustre a quem é tributado. Engrandece também a briosa cidade que pôs como alicerce a esse pedestal o seu activo, o seu grato, o seu nobilíssimo coração!

Viva a cidade de Aveiro!»

DISCURSO QUE O DR. LUÍS DE MAGALHÃES
PROFERIU EM AVEIRO, POR OCASIÃO
DO CENTENÁRIO DE JOSÉ ESTÊVÃO,
A 26 DE DEZEMBRO DE 1909

«Sr. Presidente, Minhas Senhoras, Meus Senhores:

Há vinte anos já, aqui, neste mesmo lugar, eu tive a honra de vos exprimir, por mim e pelos meus, os sentimentos de gratidão indelével e de comovido enternecimento que o vosso ardente culto pela memória de meu Pai despertava nos nossos corações. Ao cabo de um longo e tenacíssimo esforço, em que todas as classes se uniram para o mesmo elevado fim, mas no qual, nem no entusiasmo, nem nos sacrifícios, foi menor a parte deste bom e laborioso povo — a cidade de Aveiro realizava, finalmente, o seu grande sonho, de orgulho cívico: ver erguida numa das suas praças, fundida no bronze imorredouro e glorificador, a imagem do seu filho mais querido, do seu filho mais ilustre.

Vinte anos vão passados sobre esse dia de apoteose! E alguns daqueles que a ela assistiram e de quem eu vos traduzi então o reconhecimento, alguns daqueles que foram das suas e das minhas mais idolatradas afeições (perdoai-me esta lembrança íntima que, neste momento, não posso apartar da intensa e complexa emoção que me domina!...) dormem já, a seu lado, o bom e sereno sono do túmulo, nessa modesta jazida fúnebre, onde amanhã iremos em devota romagem, e que, se é para vós como que o Panteon, onde repousa o vosso Santo e o vosso Herói, é para mim um relicário de amor, urna cinerária, que guarda o pó sagrado de tantos corações que eu adorei, adoro, e hei-de adorar até que o meu nela seja por sua vez encerrado, tão piedosamente como eles o foram!

Vinte anos vão passados, e estamos de novo aqui, unidos na mesma devoção, dominados pela mesma idolatria! É que, bons e queridos amigos, o vosso coração é desses corações raros — que não sabem esquecer! É que vós, com um nobre instinto moral, fizestes da sua personalidade como que o vosso padroeiro cívico, como que o vosso génio tutelar, e de geração em geração sabeis manter acendrado e vivo esse culto que, se é para a sua memória a suprema consagração, é para vós um título de honra, de que legitimamente vos podeis ufanar.

Mas, hoje, o nosso agradecimento não é apenas para vós, aveirenses! É para todo o país, porque é de todo ele esta festa de que nós aqui realizamos uma das celebrações. Em face da memória ilustre, que é como

o brasão moral da vossa terra, todas as bandeiras, todas as signas partidárias se inclinam com respeito, rendendo homenagem a duas coisas que não têm, que não podem ter partido: o génio e o carácter! A todos, pois, os que aqui, ou em qualquer outro ponto do país, se reunam hoje para aclamar, com sincero amor e sincero entusiasmo, esta memória para mim sagrada, deste lugar envio a saudação reconhecida que devemos aos que nos acompanham nos melhores e mais íntimos sentimentos do nosso coração.

E, ditas estas palavras, meus senhores, cumprida esta grata obrigação, eu deveria talvez calar-me e dar por finda a minha interferência nesta cerimónia comemorativa. Porque, bem o compreendeis, não me cumpria a mim, neste momento e nesta solenidade, dizer-vos da vida e feitos daquele de quem tão grandes e belos espíritos acabam de fazer surgir diante de vossos olhos, com o poder maravilhoso do talento e a magia da eloquência, o vulto grandioso e dominador. Tal intento, da minha parte, poderá, com razão, parecer indiscreto e descabido. E será, além disso, inútil, bem inútil, ir fazer de novo, mediocre, pálida e apagadamente o que outros fizeram já com tanto brilho, tanto relevo e tanta superioridade.

Mas, desde que a vossa indulgência para comigo me quis honrar com o encargo de unir, aqui, a minha pobre voz à dos homens ilustres que escolheste para celebrarem a glória desse nome, que parece ser para a vossa adoração, como era para a dos antigos o da sua divindade tópica — eu não poderei eximir-me a dizer mais algumas palavras (muito breves, todavia), para corresponder, meus amigos, à vossa merecida gentileza.

Para isso, porém, preciso de infligir uma grande violência ao meu espírito e ao meu coração. Preciso de esquecer os laços que me unem àquele que vós glorificais. Preciso de tornar-me surdo à voz do sangue, tão imperativa e soberana. Preciso de fazer com que a este nome: *José Estêvão*, não vibrem todas as fibras do meu ser, toda a minha carne, todos os meus nervos, toda a minha alma. Preciso de pôr-me fora de mim mesmo, subtrair-me à minha própria natureza, exilar por um momento do meu peito as minhas maiores afeições, dar ao meu cérebro uma plena independência de juízos, libertando-o da influência de todas as idolatrias, de todos os fanatismos da religião familiar.

Consegui-lo-ei? É o que se vai ver. Sobre vós, porém, meus amigos, descarrego desde já a responsabilidade do provável insucesso desta arriscada e temerária empresa.

Meus Senhores, quando eu medito nesta vida, de cujo primeiro dia hoje celebramos o centenário, quando eu medito nesta existência relativamente curta, porque pouco passou de meio século, mas tão intensamente vivida, toda uma série de visões desfila diante dos meus olhos, desde esse alegre Natal em que ele veio ao mundo, a dois passos daqui, na austera casa de sua Avó, entre a enternecida felicidade da Mãe e as primeiras esperanças, os primeiros sonhos de ambição e de orgulho paterno (tão completamente realizados depois!) do homem venerando, do boníssimo e santíssimo homem que foi seu Pai — até à hora de luto e dor,

luto e dor de um país inteiro, em que uns poucos de milhares de cidadãos de todas as classes e condições, ricos e pobres, nobres e plebeus, ministros de Estado e simples operários, crentes e livres-pensadores, amigos e adversários políticos, numa multidão promíscua, em que todas as categorias se nivelaram e fundiram na unidade igualitária do mesmo sofrimento, levaram a braço, pelas ruas da cidade, melancólica e dorida, o esquife onde ia o seu cadáver, a relíquia do Cidadão exemplar, do Cidadão *sans peur et sans reproche*, unguído das lágrimas mais saudosas, sagrado para a immortalidade pelo amor de todo um povo, pelo reconhecimento de toda uma nação!

Vejo a sua infância e a sua adolescência, passadas entre os carinhos do lar, desabrochando já numa eclosão de puros sentimentos e nobres aspirações sob a influência do espírito lucidíssimo e das virtudes incomparáveis do seu adorado Pai; sim, vejo-o aqui, *menino e moço*, recebendo das impressões desta admirável paisagem — da amplidão destas campinas verdejantes e planturosas, destes canais fugitivos na sua extensa perspectiva rectilínea e desta imensa laguna da Ria, de tão variados e cambiantes aspectos; destas lindas marinhas, onde a neve immaculada dos montes de sal — do sal, símbolo da graça ática que tão finamente temperou a sua eloquência! —, onde essa neve immaculada põe em redor não sei que tons de candidez e de virgínia frescura; desse perfil soberbo das cordilheiras da Beira, que de longe parecem encarar, por sobre estas planícies, a vastidão do Oceano, como duas majestades que com majestade se contemplam; desse mesmo Oceano, cuja grandeza revoltada, cuja beleza convulsiva, ele tão profundamente sentiu e exprimiu num dos mais vibrantes trechos dessa ode patriótica, que é o discurso de *Charles et Georges* — vejo-o, digo, recebendo das impressões desta paisagem, essa transfusão espiritual de beleza, esse influxo estético e moral, que para sempre lhe vinculará aqui a sua alma de artista e de poeta; e recebendo ainda do nascente affecto dos seus patricios, que foram meus amigos, os vossos pais e os vossos avós, essa atracção de humanidade, essa inclinação social, esse primeiro nó dos laços colectivos, que haviam de fazer dele o grande cidadão e o grande patriota, ante o qual a posteridade já dobra, reverente, o joelho.

Vejo-o, depois, em Coimbra, na atmosfera inflamada de entusiasmo de uma mocidade que via aproximar-se a hora de intervir nos destinos do país, deslumbrada pelo sonho radiante da liberdade, incitado pelos mais generosos estímulos cívicos, deixar os livros, agarrar arrebatadamente o pesado fuzil de pederneira, e, com os seus irmãos de armas, receber, aos dezoito anos, no primeiro revés e na primeira decepção, essa ténpera de estoicismo e de inflexível coragem, que só o infortúnio é capaz de dar ao carácter, tornando-o invulnerável como uma coiraza de bronze. Vejo-o na triste retirada para a Galiza e no áspero caminho do exílio, atravessar descalço, e os pés em sangue, a ingrata terra estrangeira! Vejo-o na sua desolação de desterrado, como o mármore genial do nosso grande e infeliz estatuário, os braços inertes, a alma corroída de saudades, o espírito perdido nas incertezas, cada vez maiores do seu destino, olhar com melancolia, do frio e nevoento refúgio de Plymouth, esse vasto

mar, para além do qual lhe ficavam a pátria, a família, e todos os seus amores, e todos os seus sonhos, e todas as suas esperanças!

Vejo-o mais tarde, vindo do Arquipélago heróico, onde começara a Ilíada libertadora, avistar, numa radiante manhã de Julho, entre lágrimas de intensa emoção, as nossas verdejantes costas do Norte; vejo-o saltar nas areias dessa praia de Pampelido, que eu tantas vezes visito evocando este comovente episódio da sua vida, vejo-o a saltar ali, com o coração a bater de fé e de reccios; vejo-o avançar sobre a cidade, arrastando, com os seus camaradas, os pesados canhões pelos velhos caminhos quase intransitáveis, e aí, em meio de uma praça, súbita, inesperadamente, descobrir entre a multidão o vulto querido e adorado de seu Pai, de quem, havia quatro anos, mal sabia, e, com o maior grito de alma estrangulado na garganta pela comoção, cair-lhe nos braços, face contra face, peito contra peito, lágrimas santas misturadas na mais patética, mais inexprimível, mais louca e delirante das felicidades!

E vejo-o agora na hora suprema da sua vida de soldado. Vejo-o na Serra, na lendária Serra, entre o sibilar das balas, o troar dos canhões, o estalar da metralha, o retinir das espadas e das baionetas, cruzando-se às vezes já sobre os peitoris das baterias; vejo-o aí haver-se com tal bravura e tal serenidade, que a Torre e Espada lhe desabrocha no peito como uma flor de glória, não já concedida pelo arbítrio justiceiro de um chefe, mas posta ali (suprema e inigualável honra!) pelas mãos dos próprios camaradas que, num voto unânime e por um acto colectivo e espontâneo, o proclamavam assim o bravo dos bravos! Vejo-o na Flecha dos Mortos, nesse terrível reduto, cujo nome só por si é um pregão de heroísmo, vejo-o impávido e audaz, entre os seus vinte soldados, caídos a seu lado, mortos ou feridos, esperar de morrão aceso, ao pé da sua peça — a esposa heróica do artilheiro nessas núpcias de morte e de glória, que são as batalhas! — esperar ao pé dela a entrada dos inimigos na bateria, que já não podia defender, queimar com o morrão, num gesto violento e provocador, as barbas do comandante da força, e retirar sob um chuva de balas, para logo voltar com reforços e reaver, à arma branca, numa carga furiosa, a posição um momento perdida!

Mas o cenário muda agora de repente. Já não são os campos de batalha, juncados de cadáveres, rubros de sangue, fumegantes de ruínas; já não são as muralhas das fortalezas, rasgando-se em brechas formidáveis sob as lufadas de ferro e fogo da metralha. Não. Agora é a sala de um Congresso, onde essa geração, que veio dos sofrimentos e misérias do exílio e dos triunfos de cinco anos de lutas gloriosas, vai tomar nas suas mãos o destino do regime que o seu valor e o seu civismo acabavam de fundar. E, então, não menos belo, não menos intrépido, não menos vibrante de entusiasmo, o seu vulto aparece a meus olhos, nobre, radiante, varonil, dominador, aureolado pelo halo divino do talento, em toda a majestade da grandeza tribunícia. Vejo tuzilar-lhe o olhar ardente na face pálida de iluminado; vejo os meneios nervosos da sua bela cabeça, o fulgor da sua larga fronte, o ofegar do peito, o palpitar das narinas, a imponência das atitudes, a empolgante fascinação do gesto. Oiço a sua voz, a sua bela voz, de tantas e tão variadas notas, como afirmam todos

aqueles que o escutaram, ora vibrante e estrídula como um grito de água real, ora cheia, profunda, sonora como um rugido de leão, ora arrebatada e impetuosa como uma rajada de vendaval, ora cantante e cristalina como um rumor de águas numa fresca levada...

E, assombrado, contemplo-o nessa tribuna como num pedestal de glória, a proclamar e a defender, com irresistível eloquência, todos os seus princípios, todos os artigos de fé do seu credo político. — A liberdade, primeiro, — a liberdade de que ele foi, entre nós, como face a face, no parlamento lhe disse PASSOS MANUEL, «o mais estrénuo defensor», a liberdade de que ele foi o paladino intemerato, o campeador invencível; essa pura liberdade, primeiro dos direitos morais do homem, que era na sua alma, não um sentimento faccioso e estreito, não uma cega e virulenta paixão sectária, mas uma nobre, uma generosa aspiração do espírito, reivindicando a sua plena independência em face de todos os problemas do Universo, da Consciência ou da Vida Social, e um largo e ardente sonho humanitário, um direito novo fraternal e justiceiro, cujos benefícios e regalias ele, na sua imensa tolerância, sempre afirmada em palavras e confirmada em actos, como na defesa do *Portugal Velho*, queria que, sem excepções, que seriam um ilogismo, uma contradição fundamental da doutrina, se estendesse a todas as convicções e a todas as crenças, a todos os princípios políticos e a todas as reservas confessionais! — A justiça, enlevo supremo das grandes almas, pedra de toque de todo o carácter, sentimento em que a serenidade austera da razão se funde maravilhosamente com a piedade humana, — a justiça, pedra angular de toda a vida social, timbre, honra e dever dos que guiam as sociedades, garantia e direito de todos os que a constituem, — a justiça, guarda vigilante da ordem, defensora dos fracos, libertadora dos oprimidos, demolidora dos privilégios, niveladora das classes, — a justiça, a bússola firme e segura desse norte de igualdade, para onde a civilização política avança na viagem da História, — a justiça que o inspirou em todos os seus actos, o guiou em toda a sua vida e foi para a sua alma aquela *fome e sede* bem-aventuradas, de que o Cristo, num profundo pensamento, só prometia aos homens a plena saciedade no seu reino idealmente perfeito! — O patriotismo, que, com a sua fé de cristão sincero e o seu amor da família, constituía os três grandes cultos do seu coração, o tríptico das suas devoções mais profundas; — o patriotismo, que era nele uma síntese de amores, de intensos e puros amores: o amor desta bela e boa terra portuguesa, a que o seu coração se sentia preso por tantas e tão fortes raízes, o amor dos seus concidadãos, a quem o uniam o seu poderoso sentimento cívico e todos os nexos ancestrais de sangue e de raça, o amor das nossas tradições históricas, do nosso assombroso passado, tão cheio de frémito heróico, com que mais de uma vez palpitará a sua alma de soldado; — o patriotismo, que na sua boca de ouro vibrava em verdadeiros cantos de epopeia, retumbante e ardente como um fragor de refrega, sonoros e triunfais como um hino de vitória! — O civismo, essa religião grandiosa do dever social, em cujas *tábuas da lei* se inscreveu, como mandamentos supremos, o altruísmo na sua forma colectiva, o sacrificio individual, a abnegação, o desinteresse, a honestidade inconcussa, o zelo da causa

pública, código austero de que a sua vida de cidadão foi um exemplo de admirável cumprimento estrito, que o levou aos riscos da guerra, às misérias e às lágrimas da expatiação e o fez manter-se, até ao fim da sua carreira, tão isenta de honrarias e proventos como a começara, tendo apenas no peito o seu colar da Torre e Espada, no braço os seus galões de oficial e uma cadeira no magistério, conquistada também, como um trofeu de vitória, numa luta em que o seu talento ficara vencedor. — O progresso, o progresso material e moral, o progresso indicador da civilização dos povos, de que ele se constituiu um dos mais fervorosos apóstolos, quando, após tantos anos de guerras civis, de querelas partidárias, de conflitos de doutrina, que imobilizaram toda a energia produtiva do país, e travaram a roda do seu desenvolvimento económico e social, se convenceu de que as fórmulas não tinham, só por si, o poder mágico de educar o povo, de fomentar o trabalho, de criar riqueza, de fazer circular produtos, de difundir a instrução em todos os seus ramos, de equilibrar os interesses das classes segundo os justos princípios da democracia social!...

Vejo ainda...

Mas — basta! Esta evocação já vos parecerá longa de mais, atropelada e confusa. E eu temo bem que ela tenha sido mais nociva do que útil ao meu propósito, que era o de dar-vos, numa visão rápida, a síntese da sua grande vida, tal como eu a vejo e contemplo na minha pura admiração de homem, e fora do âmbito mais reservado da piedade filial.

Este quadro, porém, tão mal esboçado, tão impreciso de linhas, tão empastado de cores, este esboço, este resumo da sua vida, visava a um fim: o poder tirar dele uma conclusão de moralista. Lembro-me de, há vinte anos, vos ter dito, aqui mesmo, que, em política, eu era, sobretudo, um moralista. Sou-o ainda hoje: sou-o hoje mais do que nunca! Estes vinte anos, com a sua árdua experiência, as suas muitas lições dos homens e das coisas, os seus desenganos, as suas responsabilidades, arreigaram mais profundamente no meu espirito este critério. Já mal sei ver os homens de outra forma ou por outro prisma. Já mal distingo as extremas das suas classes, no retalhado campo social. Já mal enxergo os emblemas litúrgicos dos seus cultos e os guiões de combate das suas falanges políticas.

Quase que só vejo espíritos e só vejo almas!

Ora, através dessa vida, meus Senhores, o que eu descortino, o que eu sinto, o que eu palpo, numa espécie de misterioso contacto psíquico, é uma das maiores, das mais puras, das mais nobres, das mais generosas almas que palpitarão em peitos portugueses.

Porque, para mim, o génio e o heroísmo, quando os não divinizam a grandeza moral e um elevado sentimento de humanidade, são no homem altos, brilhantes, sublimes predicados, sim, mas elementos insuficientes, incompletos, para constituírem, íntegra, plena e global, deixo-me assim dizer, a personalidade humana. Em todas as figuras históricas, mesmo as mais grandiosas, há sempre um não sei quê de imperfeito, sente-se como que uma falha, semelhante à moeda que não dá, ao toque, o timbre característico do ouro de lei — quando nelas não

achamos, distintas ou confundidas, a austeridade severa do carácter e esse *doce leite da bondade humana*, como lhe chama o ilustre pensador inglês, esse poder de emoção, de benevolência, de filantropia, de amor, enfim, que torna os grandes homens não só admirados, mas amados também.

Admiração, amor, — êxtase do espírito, êxtase do coração: eis a imortalidade! Mas na admiração pode deixar de haver amor; ao passo que o amor, esse, é já em si mesmo uma verdadeira admiração. E quem não amou os homens, poderá ter deles todas as consagrações, que uma alta individualidade impõe aos contemporâneos e aos vindouros, mas nunca terá esse amor, que lhes não soube dar!

Admiramos o Infante de Sagres, admiramos o Príncipe Perfeito, admiramos Vasco da Gama e o *terribil* Albuquerque. Mas o egoísmo do visionário, a duplicidade insidiosa do político, a dureza inclemente e a desumanidade truculenta dos conquistadores cerram-lhes os nossos corações. Deslumbra-nos a sua glória, assombram-nos o seu génio e a sua força, orgulhamo-nos dos seus grandes nomes; mas não os amamos, não os podemos amar!

Mas Nun'Álvares, no seu heroísmo cândido, na pureza mística da sua alma, na sua humildade, que o levou ao claustro, quando o seu braço já não era preciso à pátria; mas o Infante D. Pedro, o austero Regente, o cavalheiresco vencido de Alfaroqueira, espelho de incomparáveis virtudes, maravilha de honra, de lealdade, de justiça, de valor; mas Camões, que, na sua agitada vida, iluminada pelo génio, coroada pelo heroísmo, sagrada pelo infortúnio e pela dor, pôs em tudo o seu grande e ardente coração, amando com igual intensidade patética a Mulher, a Pátria e a glória — ah! estes, sim, estes têm em nós um culto perfeito, têm no altar das nossas almas uma plena e completa adoração!

Meus Senhores, é esta mesma adoração, íntegra e sem reservas, que em vós, que no País inteiro, tem a memória do homem de quem celebramos o centenário natalício. E é esse, entre os muitos sinais da sua grandeza, um dos maiores, dos mais irrecusáveis. Não lhe faltou o génio, não lhe faltou o valor — e os loiros, que cingem a fronte dos inspirados e dos bravos, ficam bem na sua, tão nobre e tão bela. Mas o que, tanto como esses títulos, enaltece o seu nome, avoluma o seu vulto, é a magnanimidade do seu nobilíssimo coração: são as suas virtudes de homem e de cidadão, a sua bondade, a sua cordialidade, a sua lealdade, a sua inteireza, a sua honradez, a sua abnegação, a sinceridade das suas convicções, o ardor da sua fé política, a austeridade do seu intemerato civismo.

Sim, é tudo isto que, junto à eloquência fulgurante do tribuno e à valentia do soldado, torna enorme, avassaladora, empolgante e verdadeiramente adorável a sua figura — essa grande sombra de Além-túmulo, que parece ressuscitar à evocação do nosso amor e pairar agora aqui sobre nós, para que o seu coração sinta ainda uma vez, bem vivos e palpítantes, a doce carícia dos nossos affectos, a santa unção das nossas saudades, o calor do vosso entusiasmo, que em vida foram para ele incitamento para tanta luta, prémio de tantos esforços, alívio para as suas maiores dores! »



José Estêvão Coelho de Magalhães

(Reprodução dum litografia muito popularizada no século
passado, feita sobre desenho de C. V. LEAL)

APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DAS RELAÇÕES DE JOSÉ ESTÊVÃO COM ÍLHAVO

DO vivo interesse que aos problemas da região lagunar José Estêvão sempre consagrou e do carinho com que os acompanhava, pondo ao serviço da sua solução o peso da decidida influência política e social que do seu nome irradiava, muito se tem escrito já; ao glorioso tribuno ficaram indelevelmente averbadas iniciativas fundamentais para o desenvolvimento económico e social, não apenas de Aveiro, mas de toda a zona que para a cidade naturalmente converge e dela é, a vários títulos, subsidiária.

Ílhavo, a dois passos da cidade, não podia deixar de merecer a José Estêvão interesse e simpatia. Ali casara seu irmão, o Dr. António Augusto Coelho de Magalhães, com D. Camila Augusta de Oliveira, que «*pertencia à família dos Oliveiras e Mourões, de Ílhavo, mencionados entre os amigos dedicados de José Estêvão*», como informa LUÍS DE MAGALHÃES no carinhoso estudo consagrado a seu pai e recentemente publicado, na íntegra, na honestíssima colectânea editada pela comissão do centenário da morte do tribuno (1).

Ao enumerar os «*velhos e fieis amigos*» de seu pai, não esquece LUÍS DE MAGALHÃES, além daqueles Oliveiras e Mourões, (2) de Ílhavo, «*o santo Arcebispo Bilhano, seu velho mestre de latim*», os *Alcoforados*, os *Ferreiras Pintos*, e *Manuel Ferreira*.

Precisamente deste Manuel Ferreira (Manuel António Ferreira, de seu nome completo) traçou DINIS GOMES na saborosa

(1) *José Estêvão — Estudo e Colectânea. Edição da Comissão do Centenário*, 1962.

(2) Em 1860 era tabelião em Ílhavo Francisco José de Oliveira Mourão.

narrativa que intitulou *Recordações emotivas* e que inseriu no volume II dos seus apreciados *Costumes e gente de Ílhavo*, vivo perfil de bom recorte literário e acentuado interesse histórico regional.

Manuel António Ferreira, muito ligado, politicamente, aos Gomes de Oliveira Vidal, de Ílhavo, que então detinham a supremacia política na vila, comandara uma Companhia do Batalhão de Ílhavo e Vista-Alegre na acção militar de Valpaços, sob a chefia do General Sá da Bandeira, regressando à sua casa com merecida fama de valentia e lealdade.

«Pelos seus relevantes serviços públicos», escreve DINIS GOMES, «foi, algum tempo depois, nomeado escrivão da Câmara Municipal de Ílhavo».

DINIS GOMES anota ainda que no Museu Municipal de Ílhavo se encontram duas pistolas que José Estêvão oferecera ao «seu grande amigo» Manuel António Ferreira e «algumas cartas autógrafas escritas pelo notável tribuno» àquele ilhavense (*op. cit.*, p. 96).

São três as referidas cartas, e devemos considerá-las como parte do lote de seis que em 1882 esteve patente na Exposição Distrital de Aveiro promovida pelo Grémio Moderno, averbado sob o n.º 483 do respectivo catálogo (*«Seis cartas autographas de José Estêvão. Sr. Manoel Antonio Ferreira — Ílhavo»*).

Das restantes três é actualmente desconhecido o paradeiro.

O par de pistolas mencionado por DINIS GOMES esteve igualmente naquela importante exposição distrital, referindo-as o catálogo a pág. 29.

Na sua manifesta e correntia simplicidade, as três cartas do Museu Municipal de Ílhavo documentam o indiscutível interesse de José Estêvão pela região; são todas de 1862; duas de Março e uma de Julho. Nesse preciso ano viria a falecer, como é sabido, o maior amigo que a cidade e a região jamais conheceram, e que ao seu compadre Manuel António Ferreira acentuava:

«A minha política quando não pode ir mais longe, não perde ocasião de alcançar algum benefício para os meus contemporâneos.»

Aqui se publicam na íntegra esses valiosos documentos, cuja anotação completa só se tornaria possível mediante demoradas investigações em arquivos ministeriais presentemente de acesso pouco fácil por falta de organização das respectivas colecções (1). A todo o tempo serão bem-vindos quaisquer esclarecimentos que entretanto se consigam.

(1) Em especial, o arquivo do antigo Ministério do Reino, mal instalado, e onde só por obséquio pessoal se podem realizar sondagens.

RELAÇÕES DE JOSÉ ESTÊVAO COM ÍLHAVO

O teor das cartas é como segue:

Amigo

Já se deu com o seu recommendado.

Está com praça no Regimento de Lançeiros.

Os documentos estão na mão do filho do Faustino da Gama, em cuja quinta elle trabalhava. Vamos juntos cuidar no livramento do rapaz.

No regimento de lanceiros gostam muito d'elle. O commandante há-de fazer diligencias para o não largar, mas não terá outro remedio.

Parece-me que já lho disse, mas não se perde nada em repetir que o Supplente a Escrivão de fazenda desse Concelho foi despachado p.^a o de Albergaria, com o fim de ser transferido para o d'Ilhavo. Diga isto ao nosso amigo prior; dê lembranças á sua familia, e a todos os amigos, e adeos. Não lhe digo nada de politica; porque nada sei. Isto anda por tal modo enredado e intrigado, que o meu gosto era ver-me na Costa do Prado.

Amigo —

23/3/62

Jose Estevaõ

(No sobrescrito: *Correio d'Aveiro. Ill.^{mo} Sr: Manoel Antonio Ferreira, Ilhavo Carimbo de Lisboa, de 24-3-62).*

Amigo

Diga ao Joaquim Marques que recebi a sua carta, e diga-me como lhe hei-de dirigir a resposta. Não sei se é para Ilhavo, ou se pôde ser mesmo para o Paço, ou p.^a a Aldeia onde elle reside, cujo nome ignoro.

O filho do Alberto não precisava de recommendações de ninguém, nem mesmo as do pai p.^a eu o attender. Elle vem aqui, ou vinha d'antes, frequentemente; agora já se me apresentou, e creia que eu por todos os princípios desejo obsequiar os Pintos Bastos, porque sou deveras Amigo d'elles.

Escreverei ao Silverio a respeito do Agostinho de Brito; mas eu não sei nada há 8 dias da estrada do Bóco. Hontem tive uma carta do Visconde da Luz, a pedir que lhe fosse falar sobre aquelles negocios. Amanhã é que hei-de ir.

Em q.^{to} ao P.^o Brito, não me recordo ter recebido carta d'elle, senão á muito tempo, mas eu escrevo-lhe p.^a a semana, e não há nada q̃ eu deseje tanto, que é fazer alguma coisa a esse P.^o, a quem tenho mesmo affecto.

Diga-me alguma coisa da Ponte d'Ilhavo.

A minha politica q.^{da} não pode ir mais longe, não perde occasião d' alcançar algum beneficio p.^a os meus conterraneos.

Esta occasião não me parece má para isso; desejava que viesse a estudos das obras que projectamos, e que vão p.^a diante as que estão decretadas.

Faça lembranças a todos os amigos, e diga ao nosso caro Milhano (sic) que me prometteram a transferencia do Escrivão de Fazenda d'Albergaria para Ovar.

Lembranças aos seus, e abraços a todos os amigos. Um beijo ao afilhado.

Amigo sincero e Obrg.^o
José Estevão

30/3/62.

(No sobrescrito: Correio d'Aveiro. Ill.^{mo} Sr. Manoel Antonio Ferreira Ilhavo
Carimbo de Lisboa, de 31-3-62).

bibRIA

Amigo

Recebi a sua.

O negocio do Conselho d'estado está recommendadissimo, e vigiadissimo. Por ora ainda não foi á mão do conselheiro em que eu mais confio.

Dê-me noticias da ponte. Fica fora d'agua este verão? Seria bom que assim acontecesse.

Da estrada p.^a Aveiro podia eu tambem fazer alguma coisa. Façam pelo menos algumas expropriações. Estrada, a respeito da qual há algum começo d'execução, é sempre acabada.

O Duarte de Vagos, mandou-me uma representação a pedir-me uma estrada d'Aveiro á Figueira. N'esta estrada fica incluída a de Ilhavo a Aveiro. Entreguei hoje a representação, e espero que dessem ordem para os estudos.

Para a sessão que vem conto que esta estrada seja Contemplada; decretada ella, a d'Ilhavo, faz-se d'envolta, concorrendo os povos com pouco, ou muito.

Mas se houver alguma coisa feita na d'Ilhavo; mais facil será obter, o prolongamento para a Figueira.

RELAÇÕES DE JOSÉ ESTÊVÃO COM ÍLHAVO

Tome pois tento n'isto, e proceda em conformidade q.^{ta} fôr possível.

Dê lembranças á comadre, e beijos ao afilhado. O Luiz está melhor, e a Rita não vai mal, mas não vai este anno para a provincia; Eu é que não sei se lá darei uma chegada.

Amigo c
José Estevao

8/7/62.

(No sobrescrito: *Correio d'Aveiro* Ill.^{mo} Sr. Manoel Antonio Ferreira Ilhavo
Carimbo de Lisboa, de 9-7-62).

Documentos da pequena política local (recuperação dum mancebo incorporado já no Regimento de Lanceiros, nomeação dum Escrivão de Fazenda, fora outras alusões menos concretas), mas documentos também de construtiva política regional, de elevado alcance social (*estrada do Boco, estrada de Ílhavo a Aveiro* incluída no traçado da *estrada de Aveiro à Figueira da Foz*, e uma *ponte em Ílhavo*, pelo andamento de cujas obras JOSÉ ESTÊVÃO muito se interessava e que logicamente se depreende ser a ponte de Ílhavo para a Gafanha).

Era a concretização do seu programa político, ao inteiro serviço da sua terra: *quando não podia ir mais longe, não perdia ocasião de alcançar algum beneficio para os seus conterrâneos*, dizia JOSÉ ESTÊVÃO ao compadre amigo Manuel Ferreira, para o qual não faltavam expressões de carinhosa amizade, reveladoras da intimidade e da estima que entre as respectivas famílias existiam.

Termina a primeira das três cartas agora trazidas a público por uma expressão de especial significado para Ílhavo e para o conhecimento dos sentimentos mais íntimos do grande corifeu da política portuguesa do seu tempo, que intensamente viveu: *«Não lhe digo nada de politica; porque nada sei. Isto anda por tal modo enredado e intrigado, que o meu gosto era ver-me na Costa do Prado»*.

A *Costa do Prado*, como o leitor sabe, era a ridente Costa Nova, onde JOSÉ ESTÊVÃO comprara a Manuel de Moura Marinho, de Viseu, o palheiro por este ali construído, cerca de 1840, e ainda hoje existente, após sucessivas remodelações, pertença ininterrupta da família do tribuno, que o considerava ideal refúgio da agitação política em que a sua vida se consumia.

...todos os anos, durante dois ou três meses, íamos habitar o nosso Palheiro da Costa Nova, junto à Barra de Aveiro, essa inte-

ressante casita de madeira, de que os seus gostos de ordem e de arranjo caseiro tinham feito um home modesto mas cheio de conforto, e que, ao casar-se, doou a minha mãe, para lhe dar, dizia-lhe, o que mais estimava dentre o pouco que possuía».

...«Do pequeno terraço, que se estendia na frente da casa, olhara embevecido, com a sua estesia de poeta, a admirável paisagem da ria, cruzada de centenas de barcos, orlada na outra margem pelos



José Estêvão, sua Esposa e seu filho Luís

campos e pinhais da Gafanha, dominada ao fundo por toda a imensa linha de serras que vão do vale do Douro ao vale do Mondego, das montanhas de Arouca às vertentes ocidentais da Louzã».

(LUÍS DE MAGALHÃES, *Estudo — Meu Pai*;
Colectânea cit., p. 16 e 17).

Nem pelo facto de muito conhecido ser nos dispensamos de pensar aqui o formosíssimo soneto em que LUÍS DE MAGALHÃES magistralmente evoca a doce paz que do famoso *palheiro* da Costa Nova benêficamente decorria, retemperando o agitado coração de

RELAÇÕES DE JOSÉ ESTÊVÃO COM ÍLHAVO

seu egrégio pai; é uma verdadeira pérola da antologia literária ilhavense, e como tal nestas páginas votivas o arquivamos também:

EVOCACÃO

*Destes ocasos d'oiro e deste cerúleo mar,
Desta mesma risonha e plácida paisagem,
Quantas vezes, meu Pai, a luminosa imagem
Se reflectiu no teu embevecido olhar!*

*Era aqui, nesta paz, que vinhas descansar,
Refazer, para a luta, as forças e a coragem,
Vendo a planície verde ao fundo e, sob a aragem,
Branças, no azul da Ria, as velas deslizar...*

*Por isso o coração aqui me prende assim!
E, da saudade, quando, ao remorder acerbo,
Tua figura evoco e ressuscito em mim,*

*Vejo-te errar na praia — emocionante engano! —
Buscando a inspiração do teu ardente verbo
No esplendor do Infinito e o tumultuar do Oceano!*

(in *Frota de Sonhos*)

Ao espiritual interesse de José Estêvão pela Costa Nova e pelo seu *palheiro*, vieram acrescentar-se também interesses de mais prosaica natureza; o Decreto de 31 de Dezembro de 1853 desanexara do concelho de Ovar «o lugar da Gafanha e a parte da costa do sul da barra, que pertence à Freguesia de Ovar» e incorporara esses imensos areais no concelho de Ílhavo; em 24 de Outubro de 1855, novo Decreto confirmava definitivamente, para efeitos judiciais e administrativos, aquela desanexação de Ovar e correlativa transferência para o concelho de Ílhavo.

Pormenorizámos, a págs. 128 e seguintes da nossa *Etnografia e História — Bases para a organização do Museu Municipal de Ílhavo*, a inclusão da Gafanha neste concelho.

Como o cordão litoral se processara de Norte para Sul e o concelho de Ovar confinava, a Sul, com o Oceano primitivamente e depois com a Ria, as suas extremas por aquele lado iam sucessivamente baixando, mercê das forças naturais que chegaram, como é sabido, a fechar por completo o cordão litoral. A área de Ovar veio por esse facto a entestar com Vagos, o que deu lugar a não poucas contrariedades de ordem administrativa e judicial.

Tornava-se indispensável regular as coisas convenientemente, distribuindo pelos concelhos confinantes os novos areais que em sucessivos séculos as correntes marítimas haviam acumulado a Sul de Ovar.

Nesse sentido providenciaram os Decretos de 31 de Dezembro de 1853 e de 24 de Outubro de 1855, passando o concelho de Ílhavo a entestar, a Poente, com o Atlântico, assim como o de Aveiro, que anexou a costa de S. Jacinto.

Areais não aproveitados então, por escassez de população que os agricultasse, eram, contudo, uma riqueza em perspectiva e disso mesmo se apercebeu José Estêvão, já então proprietário do *palheiro* tão conhecido, um dos primeiros que na Costa Nova se construíram.

Aforou então à Câmara Municipal de Ílhavo o baldio inulto constituído por larga extensão de areias para o Norte e Poente



O *palheiro* de José Estêvão na Costa Nova, no seu aspecto actual

(Reprodução da zincogravura de pág. 267 do livro *Eça em Verdemilho e a sua vida*, do Dr. ANTÓNIO LEBRE; Aveiro, 1962)

da propriedade que já possuía junto ao *palheiro*, a troco do *foro* anual de 1250 reis, pagos nos cofres do Município no dia 30 de Junho.

Lavrou-se a escritura definitiva a 20 de Dezembro de 1860, tendo o contrato sido confirmado por acórdão do Conselho do Distrito e ressaltando-se direitos de passagem em zonas demarcadas, e mais cláusulas julgadas convenientes.

Intervieram nas diversas diligências muitos dos seus amigos políticos de Ílhavo, entre os quais, como não podia deixar de ser, os Gomes de Oliveira Vidal.

Possuímos cópia da escritura de 20 de Dezembro, documento que supomos inédito e não destituído de interesse, razões pelas quais a seguir a publicamos.

RELAÇÕES DE JOSÉ ESTEVÃO COM ÍLHAVO

Já no presente século, foi o aforamento litigiado, mas, não dispondo nós, de momento, de elementos que nos permitissem historiar o caso e ir além de quanto deixamos dito, limitamos a estes meros apontamentos a nossa contribuição de ilhavense para a memória de quem tanto pugnou pelo engrandecimento de Aveiro e da região que a cerca, na qual a vila de Ílhavo imediatamente se integra.

Escritura de empraçamento que faz a Camara Municipal do concelho de Ilhavo aos Excelentissimos José Estevão Coelho de Magalhães e mulher Dona Rita de Miranda Magalhães da cidade de Aveiro

Saibam quantos este público instrumento de escritura de empraçamento ou como em direito melhor lugar haja e dizer-se possa virem que no ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e oitocentos e sessenta, aos vinte dias do mês de Dezembro do dito ano nesta vila de Ilhavo e Paços do concelho dela, na Sala das Sessões Municipais deste concelho, aonde eu tabelião vim chamado pelos membros deste município para o caso do presente instrumento; aqui sendo presentes em pessoas de uma parte o Corpo Municipal deste concelho constituído nas pessoas do Presidente — José Gonçalves dos Anjos — Vice-Presidente, Manuel António Ramos Loureiro — Fiscal, José de Oliveira Craveiro — Vogais, Manuel Nunes da Fonseca e João António Ferreira e da outra o Padre José Simões Chuva como procurador dos Excelentissimos aforantes José Estevão Coelho de Magalhães e mulher Dona Rita de Miranda Magalhães como mostrou pela procuração que neste acto me apresentou e ao diante vai copiada e fica em meu poder e cartório; e sendo todos os próprios de mim tabelião reconhecidos e das testemunhas deste instrumento que tão bem reconheço, do que dou fé. E logo pelos membros que formam o Corpo Municipal deste concelho me foi dito, que no sítio da Costa Nova para o lado da Barra de Aveiro existia uma porção de areal inculto, e que pertencia aos baldios públicos deste concelho, mas que no estado em que se achava de nenhum proveito era para o município deste concelho; e por isso eles membros desta Câmara tinham resolvido dá-lo de aforamento a quem maior foro oferecesse, para cujo fim tinham mandado medir e demarcar o referido terreno, e arbitrar-lhe o foro por louvados e precedendo editais tinham posto em praça aquele aforamento, sendo o lanço do maior foro dado pelo segundo outorgante, o Excelentíssimo José Estevão Coelho de Magalhães, o qual ofereceu o foro de mil e duzentos e cinquenta reis pago nos Cofres do Município no dia trinta de Junho de cada ano e laudémio da quarentena. Que em virtude desta arrematação fora aquele empraçamento confirmado pelo conselho de distrito, como consta do alvará de licença que o Reverendo Procurador

do arrematante neste acto apresenta com a procuração, o que tudo é do teor seguinte:

— PROCURAÇÃO — José Estevão Coelho de Magalhães, tenente-coronel de Artilharia, e Bacharel formado pela Universidade de Coimbra et cetera e minha mulher Dona Rita de Miranda Magalhães. Pela presente constituimos nosso bastante procurador o Padre José Simões Chuva da vila de Ilhavo para que em nosso nome possa outorgar e assinar uma escritura de aforamento em fiteusim perpétuo de uma porção de baldio sito na Costa Nova do Prado, que tomamos a Câmara do concelho de Ilhavo pelo foro anual de mil e duzentos e cinquenta reis e laudémio de quarentena com as demarcações e condições constantes do alvará de licença que na escritura será copiado. E tudo o que pelo dito procurador for feito neste sentido o havemos por firme e valioso por nossas pessoas e bens. Aveiro, vinte de Dezembro de mil oitocentos e sessenta. José Estevão Coelho de Magalhães. Dopa Rita Coelho de Magalhães. Reconheço as duas assinaturas supra. Aveiro, vinte de Dezembro de mil e oitocentos e sessenta — lugar do sinal público — em testemunho de verdade. O Tabelião João António de Morais.

= ALVARÁ DE CONFIRMAÇÃO DE AFORAMENTO = José Ferreira da Cunha e Sousa Secretário Geral servindo de Governador Civil do Distrito de Aveiro por Sua Magestade fidelíssima, a quem Deus guarde. — Faço saber que por José Estevão Coelho de Magalhães, natural desta cidade de Aveiro, foi tomado de aforamento em fiteusim perpétuo a Câmara Municipal do concelho de Ilhavo por auto de arrematação em praça pública no primeiro de Maio deste ano e pelo foro anual de mil e duzentos e cinquenta reis metal e laudémio de quarentena, um terreno de areal baldio, sito entre a Costa Nova do Prado, e o paredão da barra desta mesma cidade, cuja extensão e confrontação são as seguintes: — Tem pelo lado do sul duzentos e quarenta metros de largura, partindo a linha de demarcação por este lado, de um ponto, onde se cravou uma estaca, ao nascente da extrema, pelo mesmo lado do sul, da Cerca ou Tapada, que já aí possui, junto do seu palheiro, ou casa de habitação no tempo dos banhos, o dito José Estevão Coelho de Magalhães, a qual Cerca, assim como a dita casa de habitação e mais pertencas ficam dentro da dita demarcação; e fixado aquele ponto por forma tal, que sendo o vértice de um ângulo formado pelas linhas de demarcação do sul, e do nascente, corra a primeira pela extrema da dita tapada, e se prolonguem para poente na mesma direcção dela até à dita extensão de duzentos e quarenta metros, e vá a segunda a do nascente, pela frente da casa de habitação, recta até à extremidade nascente, norte da dita tapada, ou Cerca, correndo paralela à extrema do átrio que se acha na frente do palheiro principal ou de habitação e passando a distância de dois metros dessa extrema do dito átrio: pelo poente tem de comprimento trezentos e quinze

metros e setenta centímetros, em linha recta, partindo do poente onde finda a linha do lado do sul, e seguindo em direitura a barra, por modo que passe a um metro de distância da extremidade nascente de uma obra de alvenaria, que serviu de base a uma pirâmide ou guarita de madeira, que em tempo existiu ao sul da barra, para servir de sinal aos navegantes, findando a dita linha à distância de cinquenta metros da extremidade sul do paredão da barra; pelo nascente não foi medido este terreno, mas é demarcado pela forma seguinte: partindo do lado do sul, do ponto já indicado quando se tratou da demarcação por esse lado, e vindo em recta pela frente da propriedade do dito José Estevão, como já fica dito, paralela a linha da extremidade do átrio fronteiro ou palheiro principal ou de habitação na distância de dois metros dessa extremidade e até ao fim da mesma propriedade, aí deixa a linha de ser recta, e se vai prolongando para o norte, acompanhando todas as sinuosidades ou ângulos reentrantes e salientes da margem da Ria, até parar à distância de trinta metros da extremidade Sul do paredão da barra, ficando entre esta linha e a dita margem da Ria, em preamar, um espaço de dez metros de largura em todo o comprimento, para estrada pública, serviço de pesca, de pequenas redes, que na mesma ria pescam, caminho de Sirga, e para todos os mais usos públicos, com declaração porém de que por constar que por este lado do Nascente, e já perto do paredão, há um terreno, que se diz ser de propriedade particular, se entende que fica de fora da demarcação deste aforamento, esse terreno que se mostra particular, devendo na parte, que com ele confinar o terreno aforado, ficar entre um e outro, a dita estrada de dois metros de largura, por forma que a comunicação da Costa Nova para a Barra pela margem do rio não seja interrompida, e pelo norte se limita o dito terreno por uma linha recta tirada dos pontos onde por esse lado findam as linhas do nascente e poente, a saber: esta a cinquenta e aquela a trinta metros do paredão da barra. Sendo obrigado ele enfiteuta a pagar anualmente o foro já dito de mil e duzentos e cinquenta reis metal no dia trinta de Junho de cada ano na Tesouraria da Câmara Municipal de Ilhavo, livre de qualquer tributo, ou onus presente ou futuro; a não impedir o embarque e desembarque assim como a pesca na margem do Rio; a assinar escritura pública deste aforamento, de que será entregue um traslado à Câmara, e à sua custa com declaração de que o foro só começa a correr depois de feita essa escritura, e tomada por ele enfiteuta posse do terreno aforado; a deixar para serventia pública, duas, ou três estradas de seis metros de largura cada uma ao través do dito terreno, que deem comunicação da Ria para a beira do mar, conforme a Câmara parecer necessário e nos pontos que entre ela, e o dito enfiteuta for convenicionado, devendo consignar-se na escritura, tanto os locais como o número dessas estradas, que serão como dito fica, duas ou três, conforme parecer necessário e a distâncias convenientes. E obrigando-se a Câmara pela sua parte a não vedar ao Enfiteuta o ingresso na propriedade aforada de quanto for necessário para o fabrico dela,

mantendo-o no livre uso da mesma propriedade para dela dispôr como entender em conformidade com as leis, que regulam semelhantes contratos. E por quanto se mostra do processo acharem-se cumpridas todas as solenidades, que as leis preservam para tais actos, sendo o mesmo processo apresentado em conselho de distrito na Sessão de onze de Agosto último, atendendo o tribunal às informações havidas sobre a utilidade e conveniência deste aforamento, o aprovou por seu Acordão tomado na mesma Sessão, cujo teor é o seguinte:

= ACORDÃO = Aforamento de uma porção de Areal baldio no sítio da Costa Nova do Prado, concelho de Ilhavo, entre o último palheiro da mesma Costa ao norte e o paredão da barra desta cidade; feito a José Estevão Coelho de Magalhães desta mesma cidade, pela Câmara Municipal do Concelho da dita Vila de Ilhavo, por auto de arrematação do primeiro de Maio deste ano, pela quantia anual de mil e duzentos e cinquenta reis de foro anual, e com laudêmio de quarentena, com as demais condições constantes do dito auto de arrematação.

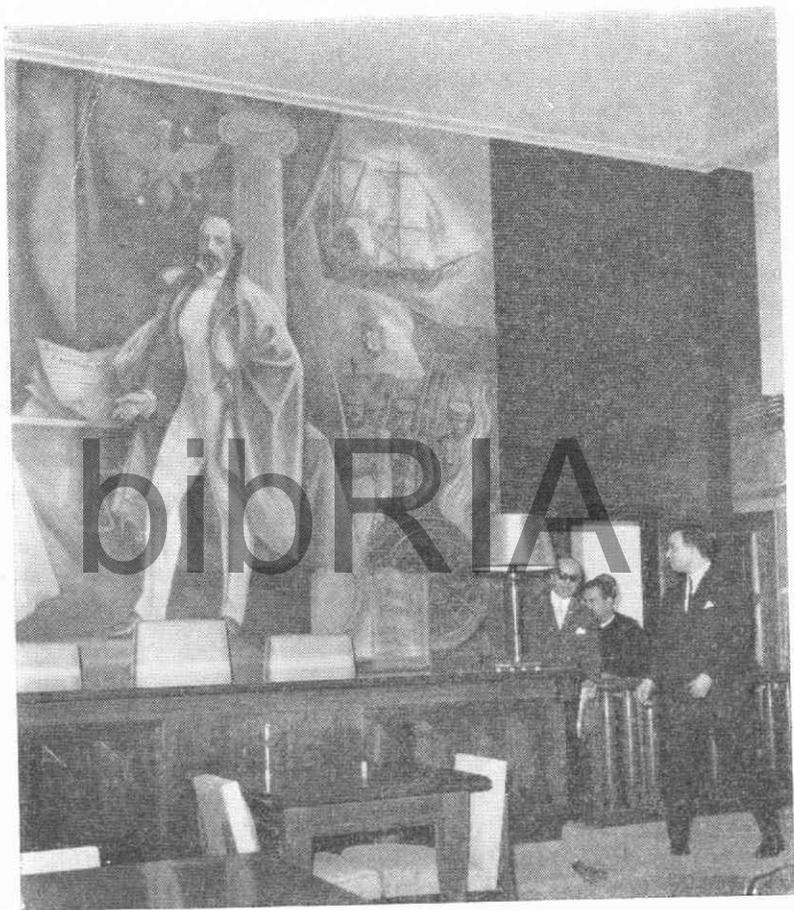
— Acordam os do Conselho do Distrito, que aprovam o mesmo aforamento, por se mostrar do processo que foram cumpridas todas as solenidades legais, e ser de vantagem pública este contrato; devendo passar-se Alvará de confirmação, pagar os direitos devidos. M. J. Mendes Leite. Bento de Magalhães. Milício. Gomes. Silva Tavares.

Em cumprimento do mesmo Acordão, mandei passar o presente, pelo qual hei o dito aforamento por confirmado, para surtir todos os seus efeitos legais. Vai por mim assinado e selado com o selo das Armas Reais deste Governo Civil. Paguei de direitos de Mercê em confirmação do contrato, nos termos do decreto com força de lei de trinta e um de Dezembro de mil oitocentos e trinta e seis, a quantia de dois mil reis, seis dígito — A seis centos — centos reis de cinco por cento adicionais e mil e duzentos e sessenta reis para amortização de notas como mostrou por um recibo em forma — Número três de dois do corrente, passado na Repartição de Fazenda do concelho desta cidade. Governo Civil do Distrito de Aveiro aos três dias do mês de Setembro do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e sessenta. José Ferreira da Cunha e Sousa. Registrado no livro competente. Governo Civil de Aveiro três de Setembro de mil oitocentos e sessenta. Francisco Pereira Peixoto de Queiroz = Primeiro official = Estava o selo das Armas do Governo Civil e competentemente rubricado. = Não continha mais a dita procuração que fica em meu poder e cartório e a ela me reporto, nem o Alvará de licença ao qual igualmente me reporto nas mãos do apresentante que de como o recebeu aqui assina. E copiado assim fielmente, que tornei a entregar, continuaram os membros da Câmara dizendo, que pela presente escritura davam de emprazamento em fiteusim perpétuo aos sobreditos Excelentíssimos José Estevão Coelho de Magalhães e mulher Dona Rita de Miranda Magalhães para eles e seus herdeiros o sobredito Areal inculto, medido, confrontado

e demarcado no Alvará de licença pelo foro anual de mil e duzentos e cinquenta reis a pagar no dia trinta de Junho de cada ano nos Cofres do Município de Ilhavo sem quebra nem diminuição, à custa e risco dos foreiros e das vendas se pagará à Senhoria o laudémio da quarentena do preço e com a condição que no referido Areal deixarão além do caminho pela margem da Ria, mais dois caminhos para o serviço dos povos do mar para o rio, e deste para o mar, cada um da largura de seis metros distante do paredão mil e quarenta metros, e o segundo distante do primeiro quinhentos metros. E com estas condições a Câmara desde já cede e transfere nos sobreditos foreiros todo o domínio, acção e posse que no referido terreno tinha podendo do mesmo tomar posse com autoridade de justiça ou sem ela, e enquanto a não tomar a Câmara se considera possuidora em nome deles ficando outrossim os mesmos foreiros obrigados a dar à Câmara um traslado desta escritura à custa deles. E logo pelo referido Padre procurador dos foreiros foi dito que em nome dos Excelentíssimos seus constituintes aceitava o presente emprazamento com todas as cláusulas e condições que ficam declaradas por ser essa a forma do seu contrato, e se obrigava ao pagamento dos foros e mais condições a que tudo sujeitava as pessoas e bens de seus Excelentíssimos constituintes em geral e em especial as melhoras do terreno emprazado. Assim o disseram, quiseram, estipularam, outorgaram e aceitaram e eu como pessoa pública tudo lhe outorguei, estipulei e aceitei tanto quanto devo e posso em razão do meu officio, a bem dos presentes e ausentes a que pertencer possa; a que tudo foram testemunhas presenciais, Manuel José Gomes, casado, bolicário e o Padre José Cândido Gomes de Oliveira Vidal, que aqui vão assinar com os referidos outorgantes depois deste lhe ser lido por mim Francisco José de Oliveira Mourão, Tabelião que o escrevi e assinei em público e raso. O Presidente José Gonçalves dos Anjos. O Vice-Presidente Manuel António Ramos de Loureiro. O Fiscal, José de Oliveira Craveiro. O Vogal Manuel Nunes da Fonseca. O Vogal João António Ferreira. Como procurador e como recebedor do próprio José Simões Chuva. Manuel José Gomes. José Cândido Gomes de Oliveira Vidal. Em testemunho (sinal do Tabelião) de verdade. O Tabelião Francisco José de Oliveira Mourão. Grátis registro grátis.

Como nas cerimónias da inauguração da estátua, que a devoção do povo de Aveiro lhe ergueu, seu filho haveria de recordar, «aqui preparava já, em meia dúzia de jeiras, à beira do Oceano — imagem tão viva da sua alma! — o recanto pacífico onde mais tarde a sua velhice se extinguisse, na grande acalmação do amor da sua terra e na contemplação panteísta da natureza!»

A. G. DA ROCHA MADAHIL



José Estêvão no *fresco* pintado por Mestre MARTINS BARATA
para o Palácio da Justiça, de Aveiro, em 1982

I.º CENTENÁRIO DO FALECIMENTO DE JOSÉ ESTÊVÃO

(4 DE NOVEMBRO DE 1862 — 4 DE NOVEMBRO DE 1962)

A — ORGANIZAÇÃO DO PROGRAMA DAS COMEMORAÇÕES

F OI o Clube dos Galitos a primeira entidade que se dispôs a comemorar o 1.º aniversário do falecimento de José Estêvão.

Essa resolução foi tomada em sessão da Assembleia Geral de 18 de Dezembro de 1961, por proposta do presidente da Direcção (Dr. Mário Gaioso Henriques), datada de 14 de Outubro, a qual já merecera a aprovação unânime do Conselho Geral, em sua sessão de 30 do mesmo mês.

Mas a Câmara Municipal de Aveiro, da digna presidência do sr. Eng.º Henrique de Mascarenhas, em sessão de 10 de Novembro daquele ano resolveu tomar essa iniciativa, «em âmbito municipal», e desse trabalho encarregou, em 19 de Janeiro de 1962, a Comissão Municipal de Cultura, assim constituída: *Presidente* — Dr. Orlando de Oliveira, reitor do Liceu; *Vogais* — Monsenhor Aníbal Marques Ramos; Drs. Álvaro da Silva Sampaio, Luís Regala de Figueiredo e António Manuel Gonçalves, director do Museu; e Carlos Aleluia, João Artur Trindade Salgueiro e José Pereira Tavares.

As reuniões desta Comissão fizeram-se nos Paços do Concelho (dias 6 e 15 de Fevereiro, 26 de Março, 11 de Agosto, 3 de Outubro e 2 de Novembro) e no Liceu (dias 19 e 23 de Outubro).

Na sessão de 15 de Fevereiro, a que, por convite, assistiu o Presidente da Direcção do Clube dos Galitos, a Comissão patrocinou os números que aquela instituição delineara, e foi, em geral, sempre à volta deles que girou a sua actuação.

ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Em 13 de Outubro foi tornado público nos jornais de Aveiro o seguinte programa:

«COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DE JOSÉ ESTÊVÃO

A Comissão Municipal de Cultura, incumbida de promover, em âmbito municipal, a comemoração do centenário da morte do insigne aveirense José Estêvão Coelho de Magalhães, vem desde há tempos trabalhando no sentido de realizar um programa comemorativo que não desmereça do muito apreço e da alta veneração que todos os aveirenses nutrem pela memória do que se pretende homenagear.

Com a afirmação deste desejo da Comissão, de dignificar o mais possível a lembrança do aveirense que tão alto elevou o nome da sua terra, informa-se ainda que, desde o primeiro momento, a mesma Comissão deliberou ter sempre presentes três pontos fundamentais na sua actuação:

- 1.º — Trabalhar de modo a honrar o mais possível a figura de José Estêvão, procurando que a sua personalidade seja tratada com a maior fidelidade, em relação ao que efectivamente ele foi em vida;
- 2.º — Proceder em tudo com o completo acordo e a mais franca colaboração da Ex.^{ma} Família do ilustre Tribuno;
- 3.º — Contar, para a realização de todo o programa, com o mais franco e vivo entusiasmo da população aveirense, das suas associações e grupos representativos, para, com a sua presença e com a sua dedicação à carinhosa lembrança do egrégio José Estêvão, se associarem interessadamente às comemorações que nos propomos realizar, com o programa seguinte:

Dia 3 de Novembro de 1962, sábado:

às 16 horas, abertura de uma exposição bio-biblio-iconográfica, numa sala do Museu Regional de Aveiro;

às 19 horas, inauguração da iluminação da estátua de José Estêvão, sita na Praça da República;

Dia 4 de Novembro de 1962, domingo:

às 11 horas, romagem ao cemitério, com visita à capela-jazigo de José Estêvão e celebração de missa de sufrágio;

às 15 horas, descerramento de uma lápide junto da estátua de José Estêvão, seguida de sessão solene no Teatro Aveirense.

*

Além dos actos referidos neste programa, realizar-se-á mais o seguinte:

— Publicação de um estudo sobre José Estêvão, da autoria de seu filho, Conselheiro Luís de Magalhães, com uma colectânea de trabalhos do insigne aveirense ⁽¹⁾;

— Publicação de um número especial da revista «Arquivo do Distrito de Aveiro», dedicado a José Estêvão;

— Emissão de um selo comemorativo do centenário, pela Administração-Geral dos CTT.

NOTAS: A exposição bio-biblio-iconográfica será realizada com tudo o que possa conseguir-se e a Comissão agradece com reconhecimento a colaboração que possa ser-lhe trazida por todos os que possuem material a expor e queiram emprestá-lo para o efeito. Estão especialmente encarregados de realizar esta exposição os srs. Dr. Álvaro da Silva Sampaio, Dr. António Manuel Gonçalves e Dr. José Pereira Tavares, a quem poderão ser confiados os objectos com que se deseja contribuir.

A iluminação da estátua, a inaugurar no dia 3 de Novembro, será instalada para funcionar com carácter permanente.

Para a romagem ao jazigo, a concentração faz-se na avenida que conduz ao portão do cemitério.

A lápide a colocar junto da estátua contém uma inscrição da autoria do sr. Dr. Luís Regala e está a ser executada pelo sr. Escultor Mário Truta.

Para a sessão solene prevê-se o programa que segue:

- a) — Discurso do sr. Presidente da Câmara Municipal;
- b) — Discurso do sr. Ministro Dr. Augusto de Castro, aveirense dos mais ilustres e prestigiosos;
- c) — Agradecimento da Ex.^{ma} Sr.^a D. Joana Inês de Lemos Coelho de Magalhães, em nome da Família de José Estêvão.

A publicação com o estudo e colectânea está organizada e conta-se que seja posta em circulação na data das comemorações.

O número especial do «Arquivo do Distrito de Aveiro» e o selo comemorativo serão distribuídos logo que possível.

Câmara Municipal de Aveiro, 11 de Outubro de 1962

A Comissão Municipal de Cultura»

(1) O volume *José Estêvão — Estudo e Colectânea* —, de 200 páginas e cujos primeiros exemplares apareceram no dia 5 de Novembro, foi prefaciado e criteriosamente organizado por Monsenhor Aníbal Ramos. O *Estudo* é o escrito que em 1909 o Dr. Luís de Magalhães preparara para a edição dos *Discursos*, mas de que só aproveitou o último capítulo.

Na reunião da Comissão realizada no Liceu no dia 19 do mesmo mês, os únicos vogais presentes (Carlos Aleluia e José Tavares) revelaram que a resolução, aliás não tomada em qualquer sessão, de a concentração da romagem se fazer à entrada do cemitério, tinha provocado grande descontentamento na cidade, e o segundo propôs que esta se fizesse no Largo da Estação e se convidasse o Dr. Francisco do Vale Guimarães a proferir um discurso na altura da chegada do cortejo ao cemitério.

Tendo feito o convite, o Presidente da Comissão, na reunião realizada no Liceu no dia 23 de Outubro, informou os vogais presentes (Drs. Álvaro Sampaio, António Gonçalves e José Tavares) de que o Dr. Vale Guimarães o aceitara, mas que o mesmo entendia dever ser pronunciado o discurso junto da estátua de José Estêvão, à passagem da romagem, antes ou depois da inauguração da lápide.

Ficou então organizado novo programa, apenas diferente do anterior no respeitante ao cortejo, que se organizaria junto do Mercado Municipal, e na distribuição dos diferentes números.

No dia imediato, foi tornado público o programa definitivo, largamente espalhado na cidade:

«CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO
COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA MORTE
DE JOSÉ ESTÊVÃO COELHO DE MAGALHÃES

A Comissão encarregada pela Câmara Municipal de Aveiro de realizar as comemorações do Centenário da Morte de José Estêvão Coelho de Magalhães, anunciou, em tempo, o seu melhor propósito de o fazer condecoradamente, depois de assim ter deliberado, na sua primeira reunião efectuada em Fevereiro do ano corrente.

Depois de muitas diligências e preocupações, organizou um programa que foi publicado nos jornais locais do dia 13 deste mês.

Esse programa, elaborado com prudente cuidado e com os elementos de que a Comissão Municipal até então dispunha, mereceu reparos da população aveirense, nomeadamente no que se referia ao cortejo cívico, desde sempre programado. Como o desejo desta Comissão Municipal foi sempre o de trabalhar em harmonia com toda a população interessada, aceitaram-se as sugestões apresentadas e foi resolvido dar a esse cortejo uma amplitude maior, compatível com o desejo geral de nela se poderem incorporar e manifestar o seu civismo, numa grande homenagem à memória do insigne aveirense que tanto contribuiu para o prestígio e engrandecimento da sua terra.

CENTENÁRIO DO FALECIMENTO DE JOSÉ ESTÊVÃO

Deste modo, aumentando-se a extensão do cortejo cívico, justificava-se que nele se incluisse um discurso de exaltação à memória de José Estêvão, para o que foi convidado o Ex.^{mo} Senhor Dr. Francisco José Rodrigues do Vale Guimarães que, gentilssimamente, aceitou; e, ainda pelas razões expostas, tornou-se impraticável a realização do cortejo no dia e hora já mencionados. De tudo o que fica exposto resultou a necessidade de remodelar o programa que, em definitivo, fica estabelecido como segue:

DIA 3 — 14 horas — Cortejo cívico de romagem ao Cemitério Central;

17 ¹/₂ horas — Inauguração da iluminação da estátua de José Estêvão;

DIA 4 — 11 ¹/₂ horas — Abertura da exposição bio-bíbio-iconográfica, no Museu Regional;

15 horas — Sessão Solene no Teatro Aveirense.

Por este meio é convidada a população de Aveiro, quer por si, quer pelas suas agremiações representativas, a participar nas várias rubricas deste programa, dando às comemorações o brilho e o entusiasmo da sua muita admiração pela memória do grande aveirense que se homenageia.

A concentração do cortejo faz-se às 14 horas no Largo do Mercado, devendo as deputações das agremiações e organismos representativos fazer-se acompanhar dos seus estandartes. O desfile inicia-se às 14 ¹/₂ horas, passando pela Rua do Engenheiro Silvério Pereira da Silva, Avenida Doutor Lourenço Peixinho, Ponte Praça, Rua de Coimbra e Praça da República, aonde se fará nova concentração. Uma vez concluída essa concentração, só os porta-estandartes se devem deslocar para rodear a estátua de José Estêvão.

Neste momento, será descerrada a lápide comemorativa oferecida pela Câmara Municipal de Aveiro, e proferido um discurso de homenagem a José Estêvão, pelo Ex.^{mo} Senhor Dr. Francisco do Vale Guimarães.

Terminados estes actos, o cortejo prosseguirá com a mesma ordem, pelas ruas de Gustavo Ferreira Pinto Basto, Capitão Sousa Pizarro, Miguel Bombarda, Santa Joana e Batalhão de Caçadores 10, até ao Cemitério Central. Segue-se o desfile dentro do Cemitério, de modo a que todo o cortejo passe junto da porta do Jazigo-Capela onde repousam os restos mortais de José Estêvão. Terminado este desfile, será rezada Missa de Sufrágio.

Findo este acto, será inaugurada a iluminação da estátua, na Praça da República.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

A exposição bio-biblio-iconográfica, a inaugurar no dia 4, pelas 11 ¹/₂, estará aberta durante 15 dias, podendo continuar além desse período se a afluência de visitantes o justificar (1).

Pede-se aos organismos representativos o obséquo de emprestarem os respectivos estandartes, para com eles se engalanar o Teatro Aveirense, durante a Sessão Solene.

Solicita-se ainda aos ocupantes dos prédios situados nas ruas do percurso do cortejo, que coloquem colchas nas janelas, à passagem do mesmo cortejo.

Aveiro, 24 de Outubro de 1962.

A Comissão das Comemorações»

B — PRINCIPAIS DISCURSOS

1 — DISCURSO DO DR. FRANCISCO DO VALE GUIMARÃES (2)

«Se é verdade aquilo em que acredito, José Estêvão está a ouvir-me. Sabe assim das razões que me forçaram a aceitar, à última hora, a tarefa ingente de falar dele, ao abrir as comemorações centenárias; sabe que tive de vencer-me para aqui estar neste momento e na circunstância, pois tudo me dizia — inteligência e sentido de medida — que não devia cometer esta temeridade. Principalmente por respeito a Ele e também porque sobre Ele já depuseram, e sem poderem ser igualados, todos os que no decorrer de cem anos ascenderam à galeria dos magos da oratória.

Muitos deles proferiram seus discursos aqui, na nossa terra, aqui mesmo, à sombra protectora e inspiradora desta bela estátua, em que, como uma vez escrevi, movimento e pujança viril se unem para lhe dar alta expressividade, estátua que os aveirenses, embebidos nas ideias do Tribuno e tomados de veneração, reconhecimento e amor, ergueram há setenta anos, penosa mas alegremente. Esses sentimentos, vividos em plenitude pelos nossos maiores, têm-se transmitido de geração em geração

(1) Com efeito, a exposição esteve patente ao público por muito mais tempo.

(2) Proferido junto da estátua de José Estêvão. Estavam presentes as quatro netas do grande Aveirense — D. Margarida, D. Joana Inês, D. Maria da Conceição e D. Maria José. Foi esta quem, no final da oração do Dr. Vale Guimarães, descerrou a lápide comemorativa, na qual se lê: *A José Estêvão Coelho de Magalhães — no centenário da sua morte — homenagem do povo de Aveiro e seu município. 1862-1962.*

e são hoje tão firmes e conscientes como foram ontem, e dizem por si da actualidade de José Estêvão e do seu ideário.

Ele sabe do meu constrangimento — que é quase vergonha. Mas conhece a sinceridade da minha admiração pelo que foi e pelo que fez.

Conhece a minha viva simpatia pelos seus ideais e a influência que exerceram na minha formação cívica, ideais por que se bateu — correndo todos os riscos, da intriga vil à cabeça a prêmio, e consentindo em todos os sacrifícios, da tortura física e da fome às saudades da Família e da Pátria, grandes amores da sua vida — ideais por que se bateu, dizia, até ao heroísmo nos campos de batalha, até ao fascínio na Imprensa, até à ênfase na tribuna.

Ele sabe da minha sinceridade. E porque foi profundamente tolerante e generoso, compreensivo e humano, estou certo da sua absolvição.



Aspecto da Praça da República, na altura em que discursava
o Dr. Vale Guimarães

É o que me dá serenidade e coragem, me anima e me estimula a erguer a voz fraca e paupérrima para o rememorar aos aveirenses e com todos dizer-lhe neste dia:

— Foste o maior Dom da nossa terra e dela permaneces a maior Glória.

Aveirenses:

O património espiritual de um povo integra, a par dos feitos notáveis, das tradições, da ascensão civilizadora ou cultural, os homens que pela acção ou pelo talento foram obreiros ou mentores da sua fisionomia histórica.

José Estêvão foi obreiro e mentor — o mais eficiente e aberto, o mais avisado e clarividente.

Ficou na História como Orador. A oratória em todos os tempos representou a summa dignidade da expressão falada. Arte complexa, implicando virtudes de eleição — do poder dialéctico à cultura, da capacidade imaginativa à força convincente, da prontidão do raciocínio à sua immediata elocução, do saber dizer à ênfase oratória, da dicção vibrante e máscula e majestosa à não menos viril e imponente presença física.

A convergência de tantos atributos é graça de que só raros participam. A História o comprova.

José Estêvão occupou lugar entre os maiores do Mundo.

O preclaro aveirense e grande advogado Cunha e Costa, num dos arroubos oratórios que o celebrizaram, ao perorar no centenário natalício, figurou no Olimpo magna assembleia dos deuses da palavra, da antiguidade clássica aos nossos dias, presidida por José Estêvão. Todos eles, em frases formosíssimas, lhe prestaram homenagem e todos ficaram suspensos e rendidos quando, ao encerrar a sessão, Cunha e Costa faz o Tribuno declamar o passo mais empolgante do discurso de *Charles et Georges*.

Outro aveirense, também illustre, respeitado e temido em todo Portugal, com soma de meritórios serviços à terra, Homem Cristo, cujo centenário do nascimento ocorreu há três anos sem que, inexplicavelmente, os aveirenses, como desejavam, pudessem distingui-lo com a consagração a que tem jus — e nessa aspiração conungavam mesmo muitos dos que podiam guardar ressentimento —, esse extraordinário polemista, com a imensa autoridade da sua erudição histórica, apelidou-o do maior orador do Mundo após a Revolução Francesa.

Muitos chamaram-lhe o Demóstenes português. E, quando prematura e inesperadamente se fina, a Câmara dos Deputados unânimemente deliberou que a sua cadeira ficasse revestida de crepes por oito dias — caso único na História, como único também é o ter votado a construção de uma estátua, a colocar, como aconteceu, frente ao Palácio de S. Bento, para lembrar ter sido Ele o maior daquele cenáculo. Foi há anos retirada essa estátua para o interior do Palácio, por motivo de obras. Legitimamente se espera regresse ao seu lugar de honra, o único que lhe convém. E inegavelmente é este o momento próprio.

Foi assim na oratória José Estêvão; mas também nos seus discursos, nos seus artigos, nas suas polémicas, nos seus manifestos eleitorais ressuma o homem de princípios e o doutrinário que se reconhece e confessa como tal em muitos passos.

Eu e Eduardo Cerqueira vimos há longos meses a seleccionar, para os trazer a lume numa edição comemorativa, discursos que até ao presente se encontram esquecidos no Diário das Sessões (e contam-se às centenas), proferidos a propósito das pequenas e grandes coisas do dia-a-dia da vida política e administrativa do País. A sua leitura permitiu-nos experienciar, muito mais do que os discursos incluídos nas edições de 1878 e 1909, à parte a validade intemporal das suas concepções (não é esta agora a questão), o que há de permanente, no sentido de coerência ou integração numa estrutura básica que informa todos os aspectos do seu pensamento nos mais variados campos — do político ao sociológico, pas-



Estátua de José Estêvão Coelho de Magalhães inaugurada em Lisboa, no Largo fronteiro ao Parlamento, a 4 de Maio de 1876, de face voltada para aquele edifício.

Na remodelação que o referido Largo e o próprio Palácio sofreram, desde 1935, foi o monumento retirado da praça pública e colocado no jardim interior para onde deitam as traseiras do antigo Convento de S. Bento.

Pouco tempo depois, era a estátua removida daquele jardim e recolhida dentro do próprio edifício, ao fundo do grande corredor de acesso, no rés do chão, onde presentemente se encontra.

Entre os vários protestos que a propósito se esboçaram, conta-se o de ROCHA MARTINS, no artigo que em 11-IX-1934 publicou sob o título de

Vultos e Sombras — A estátua de José Estêvão, quando se anunciava a transferência do monumento para o jardim interior do Palácio:

— «José Estêvão Coelho de Magalhães, relegado para as traseiras do Parlamento, equivaleria descer de um altar santo de devoção nacional.»

... «Águias não se guardam em gaiolas; dentro delas até as próprias corujas entristecem. É ali em frente do Parlamento, o sítio próprio para celebrar José Estêvão.»

... «Edificou-se o monumento; o seu lugar deve ser sagrado.»

(Nota do A. D. A.)

sando pelo económico e administrativo. É como se Ele, vivendo uma constante necessidade de identificação consigo próprio, se encontrasse a si mesmo em cada juízo expresso.

Impressiona, na verdade, por um lado, a segurança, equilíbrio, visão e acendrado patriotismo com que abordava as grandes questões nacionais, a forma como dominava a História e a ela ia buscar orientação para as soluções que preconizava e, por outro lado, a inteira fidelidade ao corpo de doutrina que formava o seu ideário. Dentro deste espírito de sujeição ao seu pensamento político, José Estêvão não ascendeu às cadeiras do País — Ele que conquistou a cátedra universitária, em competição com o consagrado economista Eugénio de Almeida — porque nunca admitiu transigências aos princípios que eram seus, como nunca poupou à mais rude crítica os governos, mesmo os saídos do seu próprio partido, sempre que se desviavam, o que era quase regra, dos objectivos do seu programa. Daí sentar-se normalmente na bancada da opposição, indiferente ao fascínio do Poder e às sugestões das boas situações, sem se dobrar mesmo perante a violência e a intriga e sem maldizer a apertada mediania em que viveu e morreu. Mas a sua pobreza de bens materiais foi largamente compensada pela riqueza da herança espiritual que legou aos vindouros e que o tempo não consome, válida hoje como ontem, válida hoje como amanhã.

Ele próprio se fez arauto das gerações futuras, quando expressou a sua participação integral e a sua fé nos sentimentos da juventude, independentemente de se immanar com ela na idade cronológica.

Disse Ele:

«Pertengo à seita da mocidade — a essa seita que se socorre sem se ver comunicar e que se comunica sem se corresponder, a essa seita cujos símbolos são os próprios sinais da juventude, cujos estatutos são os puros sentimentos da natureza, seita a que a Europa deve tudo que tem de grandeza, de civilização e de liberdade — seita cujos princípios eu defenderei sempre, mesmo depois de as câs me alvejarem na cabeça.»

Orador, político, doutrinário, professor, advogado e oficial do exército, condecorado com dois graus da *Torre e Espada de valor, lealdade e mérito*, pela bravura e ciência militar nos sucessivos combates em que tomou parte na luta pela liberdade — fundador de asilos e de outras obras de assistência, José Estêvão empolgou a Nação inteira.

Toda ela o conhecia e admirava e respeitava. E, agradecida, colocou o seu nome em centenas de ruas e praças de cidades, de vilas e de aldeias. Poucos portugueses, póstumamente, terão recebido tantas provas de gratidão, tantas e tão significativas e espontâneas homenagens, na sua maior parte providas das classes populares — as que mais e melhor o compreenderam, o seguiram e o veneraram.

Nesta terra de Aveiro, o seu retrato, em fotografia e em desenho e em gravura e sobretudo em louça decorativa, ocupava lugar de honra em

centenas de casas, mormente nesses inconfundíveis lares dos nossos pescadores, marnotos e mercantéis, como vi ainda em criança e tanto impressionou o meu espírito em formação.

Espero que as fábricas aveirenses da especialidade, tão impregnadas de aveirismo — e o aveirismo já o disse e escrevi algumas vezes e agora repito, integra no seu conteúdo ideológico os ideais de José Estêvão — aspero que as *Fábricas Aleluia*, honra de Aveiro e com especial projecção na sua vida social, artística e cultural; *Ártibus*, outra que ilustra e dá fama à terra; *Faianças de S. Roque*, tão característica e apreciada, — comemorem este centenário, lançando no mercado, a preços populares, louça decorativa com a effigie do imortal Aveirense. Será essa mais uma homenagem, revestida aliás de especial significado.

Aveirenses:

O Mundo Ocidental já este século sustentou duas guerras na defesa dos grandes princípios que entroncam em Cristo. Recente e presentemente tem corrido e corre o risco de se envolver em novas contendas, porque o *homem* está mais uma vez ameaçado — por doutrina que contém em si o gérmen duma afrontosa tirania.

Pois bem: os princípios por que se bate o Ocidente, agora como nas duas últimas guerras, são precisamente aqueles por que há cem anos lutou José Estêvão.

Há duas semanas proclamava o presidente Kennedy:

«O preço da liberdade foi sempre muito caro.»

Este pensamento faz-nos voltar ao Tribuna que conheceu bem na sua própria carne o preço elevado da liberdade.

Foi ele, portanto, arauto de uma doutrina eterna. E dela foi progeiro, enobrecido por alto sentido de equilibrio, perfeita consciência e medida de responsabilidade.

Apesar da sua fogosidade, do seu ímpeto oratório, escapando-se-lhe as palavras em caudalosa corrente quantas vezes sem a possibilidade de as controlar, em momento algum da sua agitada vida pública foi demagogico ou deu largas a ressentimentos. São de rara nobreza — lição magnífica que aproveitaria a tantos em todas as épocas — atitudes suas, como a de suspender um discurso só por lhe ter parecido ouvir, no parlamento, aplausos das galerias, como a de se não recusar a avistar-se com o Duque de Saldanha em momento delicado da vida nacional — com o Duque de Saldanha que, como o próprio José Estêvão confessa num dos seus manifestos aos eleitores de Aveiro, o perseguira e «nenhum sofrimento da minha carreira política me custara tanto como essa perseguição».

E que dizer da defesa do «Portugal Velho», órgão absolutista, acusado do crime de abuso de liberdade de Imprensa e que Ele defende, vestindo a sua toga de advogado? Proferiu, então, discurso que é edificante exemplo da pureza e sinceridade dos seus princípios e da nobreza do sentimento de tolerância que cultivou no mais elevado grau. Nunca pregou a subversão, a indisciplina e a desordem. E, no discurso sobre a maneira de combater as conspirações, recomenda que as armas para as sufocar só sejam entregues àqueles cidadãos que dêem garantias de bom uso delas.

É uma constante da sua vida o entranhado amor à liberdade e à ordem. Problema ainda hoje delicado em todo o Mundo e que tanto tem prendido a atenção de filósofos e políticos, Ele o equacionou há mais de cem anos em termos lapidares, num dos seus discursos sobre a criação da Câmara dos Pares:

«Porque eu não conheço a liberdade sem ordem, nem ordem sem liberdade, infelizes de nós se esta diversidade de tendências fosse real e verdadeira.»

E mais adiante, como que profeticamente, proclama:

«Temo que a liberdade se desacredite no nosso país, e que, quando procurarmos o povo português, o achemos entregue ou à inacção da indiferença ou ao frenesim da anarquia. De qualquer destas desgraças não há-de a responsabilidade cair sobre mim.»

Também nos aspectos económicos e sociais os pontos de vista de José Estêvão têm perfeita actualidade:

«A propriedade é o primeiro elemento da civilização e a mais forte coluna da liberdade.»

Disse isto, depois de confessar a sua pobreza, mas logo a seguir acrescenta:

«Fortalecer um privilégio com a propriedade, isso razoável é; mas fortalecer a propriedade com o privilégio, é inútil e perigoso.»

E a seguir:

«Se se pretende estabilizar um corpo, que, cercado de privilégio se esforce sempre por conservar no país as instituições que lho garantem, já se vê que esta estabilidade é um verdadeiro sacrificio das massas. O sacrificio das massas é tirania.»

Advoga o equilíbrio social quando sustenta e prevê que a classe média tende para absorver todas as outras e que

«Por uma lei constante, a democracia marcha à conquista de todas as instituições sociais»,

outra questão que o Ocidente debate sem se afastar dos termos em que Ele a apresentou.

Com estas rápidas alusões ao pensamento político, económico e social de José Estêvão, pretendi comprovar a afirmação anterior de que é ainda pelo seu ideário que o mundo civilizado, o mundo cristão a que Portugal pertence, luta e sofre e não desarma porque tem a consciência de que, se abrandasse a vigilância, seria presa da perversão, do direito da força, do mais grosseiro materialismo.

Aveirenses:

Ao lado da figura nacional esteve sempre em José Estêvão o homem de Aveiro. Esta sua e nossa terra acompanhou-o em todos os momentos. No seu coração e na sua inteligência ela vivia na primeira fila das suas preocupações.

Sonhou-a em grande. Com a visão rasgada dos homens superiores, viu nela as potencialidades precisas para ser um dos principais centros económicos de Portugal. Mas era indispensável dotá-la dos meios que lhe permitissem realizar o seu próprio progresso. Daí a sua luta de gigante pela construção do Porto de Mar. Daí a sua campanha, única pelo vigor e persistência que lhe emprestou, a favor da passagem da linha férrea pela cidade, quando o projecto da Companhia a traçava muito afastada de Aveiro. Campanha memorável essa em que não afrouxou quando lhe ofereceram cem contos — hoje muitos milhares — para renunciar a ela. Venceu. Mas não viu nem uma nem outra dessas obras vitais. Foi, porém, já pelo caminho-de-ferro, que o seu corpo veio de Lisboa para aqui, onde o receberam os seus contemporâneos em soluços de dor e desespero.

Deve assim a nossa terra a José Estêvão o abrir das grandes coordenadas que a transformaram no que é hoje e no que virá a ser amanhã — ainda maior, ainda mais rica, ainda mais progressiva, ainda mais livre, ainda mais independente.

Ao lado destes grandes serviços, muitos outros constam do rol de José Estêvão. Recordo apenas a estrada para a Costa Nova — a primeira e até ao presente a única rasgada pelo meio da Ria, e o Liceu, o Liceu que durante quase um século o teve como patrono.

Foi sempre, em todos os momentos, e em todas as circunstâncias, o Aveirense.

Ele próprio, em manifesto dirigido aos eleitores de Aveiro, ainda hoje verdadeiro modelo, expressão eloquente do seu grande carácter, dizia:

«Os títulos em que fundo a minha candidatura são a inocência da minha vida política, e a minha constante dedicação pelas coisas da nossa terra.»

Aveirenses:

De quanto disse é legítimo concluir que não é um centenário de morte aquele que estamos a comemorar.

Ao contrário, festeja-se alguém que, agigantando-se, transcendeu a própria «Bios», a vida no seu sentido biológico.

Crema-lo vivo, vivo na lição patriótica, cívica e humana que a todos deu; vivo na pureza dos seus ideais e das suas acções; vivo na sua coerência e na sua subordinação ao direito e à justiça. Vivo, a ensinar-nos a amar mais ainda a nossa Aveiro e por seu intermédio a Pátria, que desejamos una, íntegra e perene.

A pedir-nos, a todo o momento, que amemos mais ainda a tolerância, a generosidade, a paz, a ordem e a liberdade.

Tenho dito.»

2 — DISCURSO DO DR. AUGUSTO DE CASTRO (1)

O sr. dr. AUGUSTO DE CASTRO começou o seu discurso por justificar a insistência com que procurou recusar-se à accitação do honroso convite para usar da palavra naquela sessão comemorativa, pois, a seu ver, só um tribuno poderia enaltecer dignamente, pelo prestígio da eloquência, a gloriosa memória desse que foi o grande tribuno romântico de Portugal, o mais fulgurante dos oradores portugueses de todos os tempos.

Depois de definir a Eloquência e lembrar, numa síntese magnífica, como a faculdade especial de receptividade e de repercussão, que faz da palavra humana um instrumento criador e musical de imagens e emoções, é um produto das primeiras vibrações para sempre geradas na alma, o orador acentuou a circunstância de a persistência do convite lhe ter recordado as suas obrigações de filho espiritual daquela região. E evocando seus antepassados, linhagem de homens que ilustraram Aveiro; evocando tudo — disse — «o que, nas primeiras imagens da minha vida, me liga em amor, em saudade e em filial enlevo a estes horizontes, onde, numa capela florida de aldeia, aprendi a amar Deus com modéstia, a Pátria com orgulho e a Vida com alegria»; declarando obedecer às razões sentimentais que mais fundo calam no espírito, o sr. dr. AUGUSTO DE CASTRO afirmou:

«Eu posso compreender o que, no génio e na alma de José Estêvão, pertence ao génio, à natureza e à alma da terra aveirense, porque colhi essas imagens, como ele, na inspiração e no culto da minha infância. Esse passado nele foi uma floresta; em mim, foi apenas canteiro dum pequeno jardim. E é em nome desse passado — Aveiro dos meus primeiros anos, Aveiro da aldeia em que fui criado, Aveiro dos meus pais e meus avós —, é em nome dessas raízes do coração e dessa herança que venho aqui hoje falar.»

(1) A mesa da sessão solene, por trás da qual se viam a bandeira do Município e os estandartes de várias colectividades locais e concelhias, foi assim constituída:

Presidente — Dr. António Fernando Marques, gov rna'or civil. À sua direita, D. Joana Inês de Lemos Coelho de Magalhães, neta de José Estêvão; Dr. António Rodrigues, presidente da Junta Distrital; Coronel Álvaro Salgado, comandante militar; e Comandante Amândio Pires Cabral, capitão do porto de Aveiro; à esquerda, Eng. Henrique de Mascarenhas, presidente da Câmara; Dr. Augusto de Castro; Coronel Evangelista Barreto, comandante de Infantaria 10; e Dr. Orlando de Oliveira, reitor do Liceu e presidente da Comissão Municipal de Cultura.

Em lugar de honra, Monsenhor Aníbal Marques Ramos, representante da Diocese.

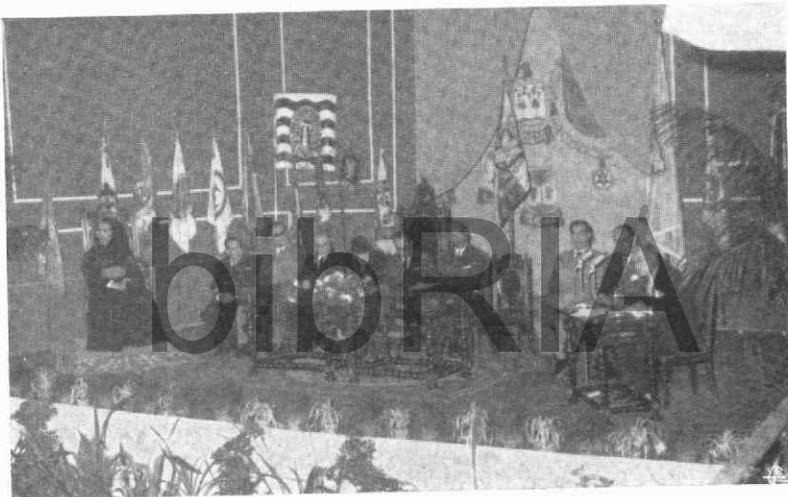
Aberta a sessão, falou o Presidente da Câmara, que, tendo dirigido saudações às entidades presentes e à família de José Estêvão e tendo justificado e historiado a organização das comemorações, fez a apresentação do Dr. Augusto de Castro, cuja valiosa colaboração agradeceu.

CENTENÁRIO DO FALECIMENTO DE JOSÉ ESTÊVÃO

O ORADOR É A PALAVRA E É O HOMEM.
E É COM O HOMEM QUE A MAGIA DA PALAVRA
FALADA VIVE E MORRE

Prosseguindo, o sr. dr. AUGUSTO DE CASTRO disse:

« José Estêvão foi a voz impetuosa, fremente, lírica—vendaval, clarão, rubra chama, doce harmonia—de tudo quanto nesta inquieta, fulgurante alma da luminosa região aveirense, paisagem de açudes, de marés, de pinhais, de socalcos, de vinhedos, murmurantes sombras e apoteose, verde e viva, de planície, de salgueiros, de ribeiros, de praias—de tudo quanto neste clima e nesta paisagem é expressão da natureza, graça, fogo, rudes



Aspecto da mesa da sessão solene, no Teatro Aveirense,
na ocasião em que falava o Dr. Augusto de Castro

campos, seiva da terra, claros montes, rugido do mar, extensão de areais e colinas—, de tudo quanto no florido, por vezes encapelado e ardente, horizonte de Aveiro é glória e batalha de luz, feitiço de água, paixão, sinfonia e deslumbramento de cor, claridade musical e empolgante do Espaço.

Por todos os títulos do nascimento, das origens familiares, do sangue e da vocação, José Estêvão foi um aveirense, e até à morte ficou português de Aveiro, como a eloquência de Mirabeau foi sempre a imagem e o espelho das areias e dos abismos do Loire em que nasceu, como António Cândido bebeu nas fontes e nas cascatas do Marão essa poesia da contemplação e a majestade da distância, que foram o dom supremo da sua eloquência.»

E acrescentou:

«A glória de um grande orador é efémera — porque a sua projecção, feita de actualidade e de prestígio, viva e momentânea, é feita de um conjunto de qualidades, de dons pessoais de presença, de sugestão verbal, em que, desde a emoção da palavra até aos efeitos da dicção e do gesto, desde o fulgor do texto até ao calor da inspiração, tudo se associa para o prodígio da criação viva da eloquência.

A oratória é, de todas as formas literárias ou estéticas, a única que, como uma fonte, borbulha, fio de água que corre, torrente que se precipita, dando a ilusão de brotar e nascer à nossa vista, e se perde e morre no eco passageiro da sua própria gestação — maravilha de transmutação, de irradiação e de fusão humanas.

Íntegra, actual, só a memória dos contemporâneos a perpetua. Um discurso — não é apenas o tema e a oração — é também o orador. Como a fama dos grandes actores, a imortalidade da palavra falada só se repercute através dos auditórios e da lembrança dos seus contemporâneos. O discurso publicado constitui sempre uma pálida e incompleta reprodução do milagre da sua criação e da vibração humana que o gerou. Há uma fonogenia na voz, como há uma misteriosa fotogenia física. Briand empolgava as assembleias de Genebra, falando numa língua que uma grande parte dos seus auditores não percebia.

A voz do cantor como a do tribuno possui estranhos segredos emotivos, inexplicáveis sortilégios psíquicos que ultrapassam todos os valores e todas as escalas do som e todos os recursos da harmonia da palavra. E, além da impressão, quase plástica, da voz, há, no mecanismo da eloquência, uma verdadeira irradiação da figura e da presença do orador, a evocação e a sugestão do gesto, todo o palco e cenário, que são também instintivos instrumentos de prestígio oratório.

A posteridade de Demóstenes ou de Cícero pertence a uma tradição só indirecta e reflexa. Nenhum de nós ouviu Garrett, ouviu Passos Manuel, ouviu Bossuet. Ler o padre António Vieira não pode ser comparável a tê-lo ouvido. Eu ainda ouvi António Cândido, ainda ouvi António José de Almeida, José de Alpoim, João Arroio, João Franco, Alexandre Braga, Leonarado Coimbra, que foram grandes oradores do meu tempo, e ainda posso ouvir Cunha Leal, derradeiro abencerragem dessa tradição oratória. E conservo essa impressão tanto na memória do meu espírito como na memória dos meus olhos e dos meus ouvidos. Não posso separar nenhuma dessas representações e imagens. O orador é a palavra — e é o homem. E é com o homem que a magia da palavra falada vive e morre.

EVOCÇÃO DO GÉNIO ORATÓRIO DE JOSÉ ESTÊVÃO

É impossível evocar o génio oratório de José Estêvão apenas pelo texto literário de algumas das monumentais peças oratórias que estão reunidas nas colectâneas dos seus discursos. A palavra escrita não pode transmitir a vibração ardente e viva, torrente sobre-humana do empol-

gante génio verbal, como uma labareda que tremula, cresce, se transforma em relâmpago e tempestade, se espraia, ondula como um fogacho de luz, se precipita em clarão, se alonga, cresce, se apaga no horizonte e morre em cinza, ainda incandescente e palpitante.

É preciso ressuscitar o tribuno, a sua figura tocada pela auréola do milagre criador. É preciso, pela imaginação, reviver a apoteose, o momento emotivo de que a palavra foi apenas o esplendor e o eco; recriar o cenário, a comunicação psíquica que produziram o incêndio, a explosão de que o orador foi apenas o prolongamento e a centelha.

É preciso, quando se recorda José Estêvão, ressuscitar aquela tarde célebre de 13 de Fevereiro de 1840, quando o orador entrou na sala do Parlamento para responder a Garrett, que falara na véspera.

José Estêvão tinha 31 anos. O seu grande renome ia apenas começar. Garrett era, sob o manto do seu esplendor literário, então no apogeu, o maior orador da Câmara. A palavra de José Estêvão começa com um murmúrio, toma asas, ressoa na sala ainda fremente da oração de Garrett, na véspera. À expectativa segue-se a surpresa, o entusiasmo. Ao mármore do génio do autor de «D. Branca» e das «Viagens na Minha Terra» segue-se a palavra, já moldada em bronze, do novo tribuno, que trazia da chama dos areais e das colinas da sua terra natal o rubro e sonoro ardor. A sala ouve-o e aclama-o, Garrett abraça-o. Nascera em Portugal a maior voz do seu tempo.

É impossível falar de José Estêvão sem ressurgir também a memória dessa tarde histórica em que, na sala de sessões do Parlamento português, se viu erguer-se a figura majestosa do grande orador e pedir a palavra para pronunciar o seu célebre discurso do Porto Pireu. A soberba cabeça do tribuno, o seu olhar, em que perpassavam por vezes lampejos de águia, tinha o fulgor dos grandes lances humanos. Mais do que um homem que se erguia, era uma força da natureza irrompendo, dominadora, uma grande vaga rolando, abatendo-se, prenúncio da tempestade que se avizinha. Adivinha-se na sua frente iluminada o clarão ardente da inspiração. E José Estêvão começa a oração sublime, que parece evocar o génio de Demóstenes.

Raras vezes a nobre palavra portuguesa teve, mesmo na boca de Vieira, acertos e apóstrofes mais nobres. É, primeiro, o elogio da «ordem»:

«Não há outro poder na Terra senão a ordem». «Quem abateu os mares, quem enfrentou os ventos, quem fez singrar os escaleres, quem deu a mão ao soldado para saltar em terra, quem tangeu os clarins, quem limpou o fuzil, quem fez rodar o canhão?».

E segue-se a visão esplêndida do Pireu, a visão do país no princípio do século XIX, a invasão francesa quando «a flor da nossa juventude, o ouro dos nossos cofres, a paz dos nossos campos, a gala das nossas cidades, o sangue dos nossos soldados, a devoção dos nossos povos se empenhavam na destruição do poder colossal do imperador. Sabido é como a Inglaterra considerava pouco esses esforços, depreciava o valor desses sacrifícios e caluniava a gentileza das nossas armas?...».

As apóstrofes imortais desse discurso, traçando, na História, o cortejo das ingratidões, das ruínas, das perfídias dum momento nacional, ficarão, na vida portuguesa, como um dos mais fulgurantes clarões da eloquência de todos os tempos.

Mas o mais dramático momento da palavra de José Estêvão terá sido, sem dúvida, a fulgurante oração pronunciada em 1857, quando do episódio nacional do «Charles et Georges». A história deste lance, que atingiu a consciência do País e feriu profundamente a dignidade e a soberania nacionais, é conhecida. Um navio português aprisionara nas águas de Moçambique um navio francês, «Charles et Georges», que se preparava para recolher e transportar um carregamento de negros. De acordo com o Tratado para a abolição do comércio da escravatura, assinado entre a França, Inglaterra e Portugal, no caso do aprisionamento dum navio empregado no tráfico de escravos, o navio apreendido fica propriedade do Governo aprisionador. O Governo de Moçambique, considerando boa presa, segundo a lei internacional, o «Charles et Georges», remeteu-o para Lisboa, com todos os documentos do processo. A França de Napoleão III reagiu, reclamando contra a legitimidade do acto português e, num movimento de insultuosa arrogância, mandou ao Tejo uma unidade da sua esquadra arriar a nossa bandeira e, desprezando os nossos direitos, retornar, em plenas águas territoriais portuguesas, a posse do navio.

A afronta atingiu em cheio os bríos nacionais. E foi o verbo vingador de José Estêvão que levantou a injúria, atacando violentamente a França:

«A águia imperial — disse — enfadada da sua força de inação, saudosa de aventuras, ávida de glória, veio do seu ninho de pedra, desses penhascos artificiais de Cherburgo, até às margens do Tejo, só guarnecidas da sua natural beleza e de venerandas recordações; e veio aqui (grande e nobre façanha!) repor a bandeira francesa em um navio de onde nós a havíamos arrancado para que não continuasse a manchar-se, cobrindo o tráfico de escravatura.»

José Estêvão havia de morrer cinco anos depois. Essa monumental peça oratória foi quase o testamento nacional do seu génio. Pela voz do tribuno, ainda húmida das lágrimas e sufocada pela dor recente da morte de Luís Cipriano, seu pai, falou a velha alma de Portugal, denunciando ao mundo a felonía e o ultraje. Essa voz que, se ainda pudesse fazer-se ouvir, saberia hoje, diante dos ataques e das injustiças, mais uma vez lançados e desencadeados na hora nacional que atravessamos, ser a grande intérprete da honra e dos direitos de Portugal — essa voz azorrague, veemência e dor —, foi buscar às sombras e às energias do Passado a força, o ímpeto e a amargura da alma portuguesa temperada em todas as provas da História. Era quase o canto do cisne, e esse canto dolorido, fremente, ferido, vibrou, naquela assembleia do Parlamento, como o clamor, a vingadora expiação da Raça.

É dessa admirável oração, que o bronze e o mármore da palavra

esculpiram, a famosa passagem que, à distância de 105 anos, nos surge ainda como um clássico monumento de ressoante grandeza literária:

«As ondas tocadas da tempestade batem furiosamente no penhasco que as assoberba. Nesta lida, atropelam-se, amontoam-se; sobem umas sobre as outras e repetem assim os ataques; redobram os arremessos, até que galgam a altura onde a resistência as levou e, de lá, fatigadas e desfeitas em espuma, caem no mar de onde saíram, no mar de onde eram, no mar que lhes derá a força, no mar em que se tornam. O mar é a humanidade, como ele larga, vasta, imensa; como ele, querendo sempre saltar fora das suas barreiras, fugir às leis que a dominam e, voltando sempre, apesar da sua inquietação, aos princípios da harmonia natural a que perpétuamente está sujeita e para conservar os quais foi criada. E, serenada a tempestade, que resta dos penhascos em que as ondas já não batem, que o mar apenas roça, que já não atraem as nossas vistas pela luta que sobre eles se travava?».

E a palavra do grande português interroga tristemente:

«Onde estamos nós? Onde está a França que nós conhecíamos? Choremos todos por ela, que o nosso pranto é pela civilização!».

«O nosso pranto é pela civilização» — dizia José Estêvão. E a elegia do tribuno podíamos repeti-la hoje: «...o nosso pranto é pela civilização».

LIBERDADE E PÁTRIA

Sempre atentamente escutado, o sr. dr. AUGUSTO DE CASTRO prosseguiu o seu discurso traçando o grande quadro evocativo das origens que moldaram a inteligência e a vida de José Estêvão e as circunstâncias que as criaram e as conduziram, definindo a época de exaltação nacional, de febre cívica, de fervor literário em que se integraram a vida e o génio do tribuno. E acentuando que a Liberdade e a Pátria foram os grandes estímulos, os ideais quase exclusivos desse período da História — o quadro generoso, romanesco e dramático em que se formaram as gerações do início do século XIX, a que José Estêvão pertenceu —, afirmou:

«Apesar de todos os percalços, de todas as sombras, dos erros e das quimeras dessas gerações, é impossível deixar de as considerar hoje, na distância que nos separa, sem nos inclinarmos diante da inspiração e da estatura dos homens e, no meio das vicissitudes dos factos e dos conflitos, perante a grandeza das ilusões, das intenções e dos combates.

Se a liberdade por que eles se bateram foi por vezes apaixonada e mais verbal do que profunda e consciente, os homens que encarnavam essa liberdade sabiam bater-se — e sabiam respeitar-se. Quando Passos Manuel defendia José Estêvão, seu adversário; quando José Estêvão vinha espontaneamente apoiar, numa hora difícil, a candidatura e a figura de Garrett, seu émulo e seu rival na tribuna e nas ambições parlamentares,

as refregas, as oposições, por vezes ardentes e injustas, mas nunca mesquinhas, os contrastes das ideias e dos homens iluminavam-se duma tolerância e duma compreensão humanas, de que o tempo nos fez perder o exemplo e a grandeza.

Nesse ambiente de excessos, em que as ideias se batiam de capa e espada, José Estêvão foi, a par dum grande homem — e esse pertence à memória e ao património da Nação —, aquilo que CARLYLE considerava mais difficil ainda, «um homem». E esse, na sua simplicidade humana, pertence, não me cansarei de o repetir, à região em que o seu carácter se formou, que foi seu lar, em que fundou família, em que veio ao Mundo e onde para sempre repousa.»

Insistindo em que Aveiro foi o cenário da vida de José Estêvão, o sr. dr. AUGUSTO DE CASTRO declarou mais adiante:

«Foi aqui, nesta paisagem salina, verde e arcaia, batida pela luz crua do dia e pela música dos pinhais e das várzeas de oiro, paisagem de poentes de água e de maresia, que ele ensaiou, perto das nuvens e à sombra das estrelas, as asas da sua palavra esculpida no voo das águias e no esplendor das marés. Aveiro foi o ponto de partida e o calmo porto de chegada da sua vida. Aveiro foi a sua casa — e foi a sua alma.

É por isso que, se a glória de José Estêvão pertence à Pátria inteira, que ele serviu e amou, a memória, a soberba lição, a emoção, o rastro humano da sua existência ficaram e estão aqui, ligados ao seu berço e ao seu túmulo.

Um século após a noite em que o grande tribuno morreu em Lisboa, a comemoração da sua morte é um facto nacional. Mas a evocação dessa data, em que a sua vida deixou de pulsar, só aqui, na sua terra natal, é um acto maternal de saudade. Minutos antes, José Estêvão recebera os sacramentos. Morria em Deus. Trouxeram para Aveiro, encerrado numa urna, mandada fazer por sua viúva, o coração do excelso orador. Aqui descansa à espera de que no seu jazigo seja inscrito o epitáfio que António Feliciano de Castilho escreveu para esse feito. E para que em tudo aquele destino fosse português, a casa em que viveu e os seus bens foram disputados em hasta pública.

A hora da immortalidade chegara enfim, com a hora da paz. E é o clarão dessa palavra, que foi das maiores que iluminaram a língua portuguesa, que hoje ressoa na iluminura desta sala. Palavra que, sendo de luta, foi de concórdia; sendo de ardor e fé, foi de exaltação e união; palavra sem ódio, palavra de liberdade e de pátria; palavra em que ressoam os acentos da História; palavra de Portugal...

O APELO DE JOSÉ ESTÊVÃO

Portugal fez-se em todas as vicissitudes da sua História pelo milagre humano da vontade. «Somos independentes porque o quisemos ser», proclamou Herculano. Nas nossas fronteiras e nas nossas costas vieram quebrar-se, durante oito séculos de existência, as vagas e as tempestades do Mundo. O prodígio da Alma, de que o nosso génio nacional foi exem-

plo e destino, venceu sempre. Portugal não é apenas um produto da história do Mundo. Portugal é um dos autores da História Universal. Em 1940, ao inaugurar um dos pavilhões da exposição de Belém, de que fui comissário nacional, intitulei essa página «Portugal, Historiador do Mundo».

Na época que a presença histórica de José Estêvão evoca e de que ele foi uma das grandes figuras nacionais, Portugal viveu, lutou, sofreu, sob os embates das ambições, das ciladas, dos ataques estrangeiros. Os exércitos de Napoleão tinham invadido o País. Wellington e os exércitos ingleses tinham-se apossado de Portugal. O Estado emigrara para o Brasil. A Nação estava só. As lutas fratricidas, as emigrações e os exílios tinham-se tornado moeda corrente. O estrangeiro forçara as portas de Portugal. Emancipara-se o Brasil, retalhara-se o País.

Dominada, exangue, fremente, a alma portuguesa estava lá, velha da sua juventude de sete séculos. José Estêvão foi um dos artífices dessa alma que sempre, através de tudo, restituiu Portugal a Portugal.

Certamente, as horas de hoje não se assemelham nos seus pormenores, no seu curso e no seu cenário, às horas de que José Estêvão viveu o rescaldo, as provocações e as dores. Mas o sentido da História é o mesmo e repete-se. A pequena fortaleza sofre os ataques alheios. A tempestade, soprando contra nós, ameaça a pequena nau varrida pelos ventos — por aqueles sinistros ventos que um dos pregoeiros da deserção do Ocidente chamou «os ventos da História».

Mas esta Pátria, que conheceu Ourique, Aljubarrota, Montes Claros, forjou-se de fora para dentro na tenacidade da fé e na perseverança do heroísmo. É difícil de torcer. Aprendeu a viver com calma na incerteza e sabe o preço das vitórias.

Do fundo das sombras da História, neste momento do Destino que vivemos, mais uma vez face à procela, a voz de José Estêvão vem ainda exortar-nos. A voz do discurso de «*Charles et Georges*» e do «*Porto Pireu*» chega-nos, a mais dum século de distância, para nos repetir estas palavras, escritas em Abril de 1861, no seu manifesto aos eleitores de Aveiro, definindo a sua posição e o partido «que começa a formar-se» e a que ele se propõe, no futuro, pertencer. São estas as palavras que, ditas alguns meses antes da data da sua morte, podem considerar-se o seu testamento político:

«Esse partido — anunciava ele — não se parecerá em carácter a nenhum dos partidos existentes, nem se filiará nas glórias de nenhum deles, nem será um engenho político, incapaz de acção própria e embargamento da acção dos outros, nem um grémio ocioso e solíproso que afaste e maltrate como apóstatas todos os que não se curvem às suas idolatrias. Esse partido será a ligação de todas as capacidades prestáveis para a governação pública, tendo por intuito comum a civilização do País, em todas as suas formas.»

Estas serenas palavras, incitando-nos ao partido da união e da concórdia, ressoam nesta sala, vindas do túmulo de José Estêvão, do homem

que soube ser, em todos os combates da sua vida, um «*Cavaleiro Andante da Pátria*» — da Pátria que foi a grande chama do seu génio e a razão por que esse génio palpitou.

Essa mobilização da consciência nacional para que, em 1861, a dois passos do fim, o grande orador apelava, é hoje, mais do que nunca, um imperativo português.

Através da memória e do silêncio dos Vivos, é a voz dos Mortos que, neste momento, faz a ritual chamada de presença e de combate:

— Pátria!

E aquela voz, que foi a maior de Portugal do seu tempo, e em que palpitarão os ecos de oito séculos de imortal palavra portuguesa, responde, solidária da Morte:

— Presente!.

(Transcrito do «Diário de Notícias»
de 5 de Novembro)

3—DISCURSO DA EX.^{MA} SENHORA D. JOANA
INÊS DE LEMOS COELHO DE MAGALHÃES

«Sinto-me aqui numa situação muito difícil.

Já por duas vezes me coube a grata incumbência de agradecer, em nome da nossa família, homenagens muito honrosas e comovedoras, prestadas, em Lisboa e na minha terra da Maia, à memória do nosso Pai, por ocasião do centenário do seu nascimento.

Nessa altura eu era simplesmente uma filha, a exprimir, por mim e pelos meus, a gratidão natural que sentimos ao ver enaltecer e fazer justiça a um Pai, cuja existência partilhámos, cujos talentos de perto apreciámos, cujas virtudes, nobreza de carácter, delicadeza de sentimentos e afectos, criaram, com a cooperação de nossa Mãe, o ambiente de alegre e feliz união familiar em que nascemos, nos formámos, e que hoje recordamos com grande saudade e enternecido orgulho. — Era simples e natural.

Mas agora eu venho substituir alguém, — venho substituir esse mesmo querido e saudoso Pai, que, neste mesmo local, em homenagens idênticas, abriu a sua alma e o seu coração em expansões comovidas a que o seu talento de orador de raça, a sensibilidade do seu insaciado amor filial, ajudados pelo fogo da mocidade e a força da maturação dos anos, davam acentos de eloquência e beleza que nunca foram esquecidos.

Amor filial insaciado, sim. — Tinha apenas três anos, quando a orfandade o feriu; e em toda a sua vida essa ferida se fez sentir. Compensou pelo estudo constante da sua personalidade e por um amor imenso, a presença desse idolatrado Pai, de quem apenas conservava uma tenuíssima recordação. — No primeiro aniversário da sua morte, minha Avó escrevia a um amigo: — «O Luís acordou hoje a chorar com saudades do Pai, com exclamações de dor e de recordações que parece incrível numa criança tão pequena».

Essa dor infantil, essa saudade perduraram no culto da memória paterna, que dominou toda a sua existência.

Aos 19 anos, ainda estudante de Direito, escreve: «...Ninguém tem mais a peito o não deixar deslustrar o nome imaculado e impoluto que ele me deixou».

E nos diversos passos da sua carreira política esse culto é sempre reafirmado, e reivindicado o direito de definir quais as suas imposições morais e políticas. Ele assim o disse:

«Eu tenho em mim mesmo, numa tradição que reputo sagrada, o meu partido, o meu *credo* político (...). Não preciso que ninguém me defina quais os meus deveres, nem me interprete o sentido e o exemplo de uma vida pública que, mais do que ninguém, eu tenho estudado, meditado, reflectido».

Não só na vida pública, mas também no seu labor literário, com frequência transparece esse grande amor filial. Dedicava ao Pai, em palavras simples, mas repassadas de tocante veneração, o livro que considera a obra principal da sua carreira de escritor e de poeta. — O poema *D. Sebastião*.

Na «*Frota de Sonhos*», compêndio de sonetos em que se espelham tantas facetas do seu delicado espírito, não falta, — não podia faltar, — a grande figura de José Estêvão.

E lá a vemos aparecer no soneto *A Voz do Espectro*, quando os reveses da política o lançam na cadeia por mais de dois longos anos.

É uma «figura varonil» que surge, de repente, «na escuridão do cárcere» e lhe diz «com a sua voz gloriosa»:

«Fizeste bem, meu filho, era o dever!».

Noutro soneto, «*Evocação*», é na paz e beleza luminosa da Costa Nova, entre a calma risonha da Ria e a grandeza revolta do mar, que o «ressuscita em si» ao «remorder acerbo da saudade». E os laços profundos e sensíveis, formados por essa evocação constante, exprime-os neste verso:

«Por isso o coração aqui me prende assim!»

Temos ainda esse bonito e valioso estudo, — «Meu Pai», — que principiou para prefaciar a edição dos *Discursos*, do centenário de 1909, — e que agora a Comissão das celebrações centenárias incluiu, mesmo inacabado (apenas completado com as notas que lhe estavam juntas), na interessantíssima *Colectânea* que acaba de publicar.

Era tenção de meu Pai refundir esse trabalho noutro mais largo e desenvolvido, em que escreveu: — «Sinto inteiramente livres, em face da sua nobre e querida figura, a minha admiração de homem e o meu piedoso amor de filho».

Infelizmente, não chegou a cumprir esse intento... Nessa páginas, quantas vezes, ao retratar o Pai, o filho se retrata a si próprio. — Deviam ser muito semelhantes as suas almas, como, pelos retratos, podemos verificar que muito se pareciam fisicamente.

Sempre, em tudo, na vida pública, literária, privada, Luís de Maga-

lhães foi o «Filho de José Estevão» — Assim o apelidavam nas críticas dos primeiros livros que publicou, assim o saudavam no seu aparecimento em diversas situações políticas, assim o consideravam os velhos amigos de família, assim lhe chamavam nas ruas de Aveiro, na Costa Nova: «Aquele, é o filho de José Estevão...» — Assim lhe chamaram na hora da morte: «Morreu o filho de José Estevão» escreveram os jornais.

Foi esse filho que, com o coração a transbordar de amor filial e de comovidíssimo, profundíssimo reconhecimento, aqui, entre estas paredes, exprimiu esses nobres sentimentos em termos elevados e eloquentes.

E é ele que eu — com a minha fraca voz de mulher, e de mulher sem predicados de oradora e de já bem avançada idade, venho substituir...

Mas tem sido a nossa preocupação — nossa, da família que ele criou, — mantê-lo sempre vivo entre nós, não deixar vazio o seu lugar, esforçando-nos, nas nossas atitudes, em toda e qualquer circunstância, por fazer o que ele faria ou que queresse que se fizesse.

E, por isso, eu devia lembrá-lo nesta hora, em que venho, em nome de todos nós, agradecer, a esta linda e muito querida terra de Aveiro, mais uma prova da sua gratidão à memória daquele que foi, — ainda hoje se diz, — o maior dos seus filhos, o que melhor e mais devotadamente a amou e serviu.

Mas seja-me permitido evocar, também, a figura desse Avô, tão distante no tempo, mas que, pelo ambiente de família, as tradições de amizade, a gratidão popular, foi sempre *uma presença moral*, no meio de nós.

Em casa, era a saudade da minha Avó, transparecendo nas frequentes conversas em que nos falava dele; — a veneração terníssima votada por meu Pai à sua memória; — os móveis e objectos que foram de seu uso; — o pequeno *museu*, em que meu Pai reuniu, mais tarde, as suas recordações mais íntimas (que, em grande parte, figuram na exposição hoje inaugurada).

E, também, a Costa Nova, o Palheiro — que a gente da terra baptizou com o nome de — *José Estevão*, — a Ria, o mar, o areal, onde, em tudo que vemos e ouvimos, a sua imagem nos aparece viva...

Poderíamos julgar que o conhecemos, tão familiar nos é a sua nóbre e insinuante figura, representada em tantos e variados retratos. Tanto ouvimos falar na rectidão do seu carácter, no brilho da sua palavra, no poder dominador do seu talento, na bondade do seu coração, no encanto do seu convívio, na vivacidade espontânea e espirituosa da sua conversa...

E o culto que, em Aveiro, pelo decorrer dos anos, sentimos em constantes manifestações de simpatia, às vezes enternecedoras!

Guardamos da nossa primeira infância, — quando meu Pai era Governador Civil deste distrito, — a recordação da velha vendedeira de fruta, — a *Água a Ferver*, — com o seu pronunciado bigode e a barbicha grisalha, sentada junto das Pontes, ao abrigo do grande guarda-sol azul, que nos chamava, com voz rouca, para nos encher as mãos de frutos perfumados. Éramos as *Jé Estevinhas* e não conseguíamos iludir a sua vigilância.

E aquela mulher da Gafanha da Encarnação, que acudiu em defesa do ranchinho de crianças que formávamos, todas queimadas, — bronzeadas, como hoje se diz — pelo sol forte e o ar iodado da Costa Nova, quando um transeunte nos chamou «feias cachopas», — «Ó homem, cale-se! Olhe que são as netas do Sr. José Estêvão!».

E outra mulher, já de muita idade, também da Gafanha da Encarnação, que, ao sair da missa, tendo-se certificado de que éramos «as netas do Sr. José Estêvão» e de que era seu filho «o senhor de barbas» que tinha visto na capela da Costa Nova, me diz, em tom de enternecida gratidão e saudade: «Ó minha senhora, eu conheci o seu Avô! Ele passava por aqui a cavalo e salvava sempre; não esperava que o salvassem primeiro. Eu era pequeniça, tive as bexigas, e ele vinha ver-me ao meu leito de doente e trazia-me geleia!».

Ficaram-me gravadas na memória estas palavras e o tom em que foram proferidas. Repeti-as ao meu Pai, e vi lágrimas de comoção correrem-lhe pelas faces.

E ainda outra mulher, — esta da Gafanha da Nazaré, — a quem o marido explicava que uma minha irmã, com quem falava, era neta «do Sr. José Estêvão». A mulher fita-a por um instante silenciosa, e depois diz-lhe: «A gente foi habituada a ouvir falar desse senhor como uma pessoa a quem todos devemos muito. Mas tinha morrido há muito tempo, estava já muito longe. Mas agora, ver de repente diante de si uma pessoa da família, dá choque».

Amizades aveirenses, profundas, dedicadas, acompanharam-nos pela vida fora, e são hoje saudades que vivem nos nossos corações.

E quando a morte nos tem batido à porta, e vimos trazer os queridos membros da família que Deus vai chamando a si, e se vêm juntar àqueles que aqui nos esperam, — nunca nos achamos nós na nossa dor e no nosso luto, nunca nos faltaram simpatias; sempre nos rodearam presenças significativas de todas as classes; e sempre, entre elas, vimos a cidade de Aveiro, — representada pela sua Câmara Municipal, na pessoa do seu Presidente — É que o prestígio de José Estêvão não se apagou com o tempo. É porque a família se mostra fiel à sua grande memória, ainda se vê envolvida no reflexo do brilho do seu nome.

E tudo isto nos liga com laços tão sensíveis, que bem podemos afirmar que também somos aveirenses.

E há também esse jazigo, que de modo especialíssimo nos prende a esta terra, pelas tradições e saudades que nele se encerram.

Ainda ontem vimos lá desfilar, respeitosa e piedosamente, muitas centenas de aveirenses, depois de termos ouvido, junto à estátua, o discurso vibrante em que o sr. dr. FRANCISCO DO VALE GUIMARÃES nos mostrou, sempre vivo, actual na sua concepção prática, e muitas vezes profética, das coisas públicas, o grande patrono cívico de Aveiro!

Ao ler, agora, em numerosos jornais da época, os relatos sentidos das circunstâncias dramáticas em que se deu a morte de meu Avô, a imponência do seu funeral, as manifestações de intenso sentimento de

todas as classes sociais, desde os Reis à gente do povo, noto repetidas referências à viúva. — «A infeliz senhora» — por cuja dor se sente simpatia e cujo estado de saúde inspira «sérios cuidados». E vê-se a impressão que causou o facto de minha Avó ter querido guardar o coração do marido para «o conservar junto de si e o levar consigo para a sepultura».

Na verdade, durante a sua longa viuvez, conservou minha Avó esse coração no oratório, que, para o guardar, arranjava na sua casa da rua de Cedofeita. E não pouco contribuiu para criar viva, em nós, a ideia do nosso Avô, esse Coração morto, tão religiosamente venerado na sua urna de mármore preto, colocada no altar que o crucifixo encimava, e sobre o qual ardia sempre a lâmpada de vidros de cor, que alumiaava com certo mistério o pequeno aposento, silencioso e recolhido...

Passados perto de 42 anos, minha Avó entra por sua vez no jazigo, que acabara de construir depois de viúva, trazendo consigo o coração do marido, que só então fica inteiramente sepultado em Aveiro. Recolhida no gavetão que reservara para si, ali repousou por mais de 50 anos.

Hoje, porém, realizando uma velha ideia de nosso Pai, pudemos finalmente, nós, as suas netas, reunir no mesmo túmulo, posto em evidência no centro da Capela, os dois esposos que a morte, há cem anos, súbitamente separou. — Ali dormem o sono eterno, agora lado a lado, José Estêvão e Dona Rita Miranda. E ela guarda-lhe o coração, com o qual quis descer à sepultura.

Receio que tenha sido muito longa esta enumeração de sentimentos e recordações. — Mas, ao evocar o passado, quando tantas sombras queridas ressurgem no meu pensamento, pediu-me o coração que não talasse apenas em nome dos que vivemos, mas que juntasse à expressão muito sincera do nosso reconhecimento, a lembrança daqueles que, em análogas comemorações, o sentiram também, e que agora, aqui bem perto, repousam para sempre.

É a V. Ex.^a, Senhor Presidente, que em primeiro lugar devemos agradecer, pela iniciativa que tomou de promover a celebração deste centenário, e à Ex.^{ma} Câmara Municipal, que unânimemente a aprovou.

Porque se tratava de Alguém que de tão perto nos toca, foi grande o nosso contentamento quando vimos anunciada essa resolução, e logo o manifestámos a V. Ex.^a, oferecendo-lhe a nossa modesta colaboração. Receba hoje V. Ex.^a e a Ex.^a Câmara o protesto da nossa muito sincera gratidão.

Queremos também manifestar o nosso reconhecimento à ilustre Comissão do Centenário, que vemos aqui representada pelo seu presidente, Ex.^{mo} Sr. Dr. Orlando de Oliveira. Com grande competência soube desempenhar-se do encargo, cheio de responsabilidades, que lhe foi cometido, como demonstram as cerimónias a que temos assistido, e que são constantes do programa por ela elaborado.

Romagem de saudade ao cemitério, Missa de sufrágio, exposição em que talentos, feitos, glórias, — toda a vida — e a dor da inesperada morte, estão representados; lápide comemorativa, publicações, e esta solene sessão; e, a relembrar tudo isto, a iluminação contínua da estátua, — todo

CENTENÁRIO DO FALECIMENTO DE JOSÉ ESTEVÃO

este conjunto faz reviver aquele que, nos cem anos decorridos sobre a sua morte, não foi esquecido, e nunca deixou de ser o ídolo desta terra, em que nasceu.

Quero ainda referir-me a Monsenhor Aníbal Ramos, que tem mantido aceso, nas suas mãos, o facho da amizade aveirense para com a nossa família. Muitas atenções lhe devemos, e grande consolação nos tem dado vê-lo em Moreira, intimamente associado às nossas festas de família, abençoando os casamentos das bisnetas de José Estevão e baptizando as suas pequenitas trinetas. É-nos, por isso, especialmente grata a sua presença na comissão do centenário do nosso Avô. *

O Senhor Embaixador Dr. Augusto de Castro, ilustre filho destas terras, veio aqui falar-nos do homem cuja inesperada morte, há cem anos, comoveu não só Aveiro, mas toda a Pátria Portuguesa. Estudou essa grande figura, e ressuscitou-a no quadro feliz que nos apresentou. Receba V. Ex.^a com as minhas sinceras felicitações, os agradecimentos das netas de José Estevão.

Nesta glorificação centenária, sentimos a nossa família fundida na grande família aveirense.

Com muita consolação o verificamos. E com um grande e profundo amor por esta terra, amor herdado das gerações que nos precederam, e já transmitido às gerações que se seguem, cheios de reconhecimento, — a todos — AGRADECEMOS. »

bibRIA

No final, falou o Governador Civil, de cujo discurso reproduzimos este expressivo passo:

«Passados cem anos sobre a sua morte (*de José Estevão*), é consolador registar que não se apagou na poeira dos anos e na memória das gentes a lembrança dessa extraordinária figura, que não é só de Aveiro, porque faz parte do legítimo património espiritual da Pátria.»

JOSÉ TAVARES

HINO A JOSÉ ESTÊVÃO

CANTADO PELO ORFEÃO DO LICEU DE AVEIRO,
SOB A REGÊNCIA DO REV. ANTÓNIO GONÇAL-
VES ESTÊVÃO, EM 1909, DURANTE AS COMEMO-
RAÇÕES CIDADINAS DO 1.º CENTENÁRIO DO
NASCIMENTO DO TRIBUNO E EXPRESSAMENTE
POR OCASIÃO DO DESCERRAMENTO DA LÁPIDE
AFIXADA NO ÁTRIO DO LICEU, ALUSIVA À SUA

EDIFICAÇÃO (27-XII)

bibRIA

Acesa andava a guerra ao despotismo
A livre ideia impávida se erguia
O homem que não quer o servilismo
Por ela com denodo combatia.

*Heróico defensor da liberdade!
Coração português tão verdadeiro!
Em vida foste amparo da cidade
E lídima glória hoje és d'Aveiro!*

Os livros põe de lado e tão ousado,
Fazendo do seu peito um baluarte,
Na plêiade dos bravos alistado,
D'espada em punho surge em toda a parte.

Heróico, etc. ...

Audaz o bravo heroi se mostra e bate,
Nos pontos onde a luta é mais terrível,
Na Serra do Pilar vence o combate,
É na Flexa dos Mortos invencível.

Heróico, etc. ...

Termina a guerra, cessa a mortandade,
A espada arruma a um canto, e o orador
Proteje a todo o transe a liberdade
A voz ousada erguendo com ardor.

Heróico, etc. ...

Discursos cuja frase retalhava,
Palavras vergastando a aleivosia,
Em prol desse ideal que tanto amava
Do cimo da tribuna despedia.

Heróico, etc. ...

E esta tão linda terra em que nasceste
Orgulha-se de ti, oh! lutador!
Conserva bem na mente o que valeste
Venera-te a memória com amor.

Heróico, etc. ...

(Outro hino se imprimiu e foi distribuído em folha avulsa, constante de 10 quadras, datado de 26 de Dezembro de 1909, e acompanhado da indicação expressa «Para ser cantado com a musica do hymno composto pelo popular e saudoso Guilherme Sant'Ana». Destinava-se as crianças das Escolas Centrais da cidade e foi por elas cantado por ocasião do descerramento das lápides que deram a duas escolas das Freguesias da Vera-Cruz e da Glória os nomes, respectivamente, de *Luis Cipriano Coelho de Magalhães* e de *Manuel José Mendes Leite*, bem como no acto da plantação de um cedro, trazido do Buçaco, na Avenida do Conselheiro Albano de Melo, hoje Praça do Marquês de Pombal).

Nota do A. D. A.

BIBLIOGRAFIA

O *ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO* dará sempre notícia das obras à sua Redacção enviadas quer por autores quer por editores.

De harmonia com a prática seguida pelas publicações suas congéneres, fará também algum comentário crítico aos livros de que receba dois exemplares.

-
- Anais*, Academia Portuguesa da História, II série, vol. II.º Lisboa, 1961.
- Anales*, Universidade de Santo Domingo, vol. xxvi, n.ºs 93-96, 1960. Ciudad Trujillo. República Dominicana.
- Arquivo do Alto Minho*, vol. x, tomo II. Viana do Castelo.
- Autores*, Boletim da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, n.ºs 5 a 17. Lisboa.
- Boletim da Academia Portuguesa da História*, vol. 25.º Lisboa, 1962.
- Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, n.º 9. Matosinhos, 1962.
- Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. xvii. Angra do Heroísmo, 1959.
- Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*. Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. II, n.ºs 3 e 4. Vol. III, n.ºs 1 e 2. Lisboa, 1962.
- Das Artes e da História da Madeira*. Sociedade de Concertos da Madeira, n.º 31 de 1961 e n.º 32 de 1962. Funchal — Ilha da Madeira.
- Insulana*. Instituto Cultural de Ponta Delgada. Vol. xvi, 2.º semestre de 1960. Ponta Delgada — Açores.
- Mensário das Casas do Povo*, n.ºs 187 a 198. Lisboa.
- Ora & Labora*. Mosteiro de Singeverga, Negrelos. Ano ix, n.ºs 1 a 5. Porto, 1962.
- Revista da Faculdade de Ciências*. Universidade de Lisboa. 2.ª série, C — Ciências Naturais, vol. viii, fasc. 2.º de 1960 e vol. ix, fasc. 1.º e 2.º de 1961. Lisboa.
- Revista de Guimarães*. Sociedade Martins Sarmento. Vol. Lxxi, n.ºs 3-4. 1961. Vol. Lxxii, n.ºs 1-2. Guimarães, 1962.
- Revista de História*, n.ºs 45 a 48. S. Paulo, Brasil, 1962.

BIBLIOGRAFIA

O XXV aniversário da Academia Portuguesa da História renascida da Academia Real da História Portuguesa fundada em 1720. Lisboa, 1961.

JOSÉ ESTEVÃO — *Estudo e Colectânea*. Edição da Comissão do Centenário. Aveiro, 1962.

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA, da Livraria Sá da Costa, Lisboa.

Sairam neste ano de 1962 mais dois volumes desta esplêndida e meritoria Colecção:

Sonetos — de ANTERO DE QUENTAL. Vol. de LXXXVIII-287 páginas. Muito feliz a escolha desta obra para 100.º volume da Colecção. Reproduz este a edição organizada, prefaciada e anotada por ANTÓNIO SÉRGIO. Como novidade, uma *Nota dos Editores*, onde se explicam as modificações introduzidas, em especial no que respeita à colocação dos comentários de ANTÓNIO SÉRGIO.

A *Nota Preliminar*, de A. SÉRGIO, ocupa as págs. XVII a LXI; e o *Prefácio* que OLIVEIRA MARTINS antepôs à 1.ª edição dos *Sonetos* é reproduzido desde a pág. LXV à pág. LXXXVIII.

Peregrinação e Outras Obras — de FERNÃO MENDES PINTO. Texto crítico, prefácio, notas e estudo de ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA. Vol. II, de 256 páginas, que abrange os capítulos LX a CXIV da *Peregrinação*.

J. T.

ÍNDICE ALFABÉTICO DOS AUTORES

	Págs.
AIRES DUARTE	
— <i>Celestino Gomes</i>	156
ALMEIDA E SILVA (D. José Pais de)	
— <i>Amigo (Um) sempre presente</i>	138
BOTELHO (Afonso)	
— <i>Também era poeta</i>	148
CARDOSO (António Pereira)	
— <i>Celestino Gomes há 40 anos</i>	56
ASTRO (Augusto de)	
— <i>Mais perto de nós</i>	84
CERQUEIRA (Eduardo)	
— <i>José Estêvão apreciado por seu filho — Dois discursos do Dr. Luís de Magalhães</i>	258
CÉRTIMA (António de)	
— <i>Notas para o perfil interior de J. C. C. G.</i>	140
CORREIA (Fernando da Silva)	
— <i>Vida (A) ardente de João Carlos Celestino Gomes (Apontamentos para uma biografia)</i>	17
CORREIA (Maximino)	
— <i>Alguns passos da vida académica do Dr. João Carlos Celestino Gomes</i>	65
CORTEZ PINTO (Américo)	
— <i>João Carlos</i>	132
COSTA PINTO (Cândido)	
— <i>Em louvor de João Carlos</i>	153
COSTA-SACADURA	
— <i>Em memória de Celestino Gomes</i>	99
CRAVEIRO (Cândido)	
— <i>Artista (O) João Carlos</i>	52
FERREIRA NEVES (Francisco)	
— <i>Baptismo e morte de José Estêvão</i>	243
FRANCO (Evaristo)	
— <i>João Carlos Celestino Gomes — O artista, o escritor e o médico</i>	95
FREIRE (Natércia)	
— <i>João Carlos ou o cáos harmonioso</i>	115

ÍNDICE ALFABÉTICO DOS AUTORES

	Págs.
GOMES (João Carlos Celestino Pereira)	
— <i>Excertos de obras suas e de entrevistas concedidas.</i>	7, 15, 37, 43, 44, 77, 227 a
	240
GOMES (Silvina Valente Celestino)	
— <i>Páginas dum diário</i>	180
LEITE PINTO (Francisco de Paula)	
— <i>Celestino Gomes.</i>	82
LINO ANTÓNIO	
— <i>João Carlos</i>	59
MADUREIRA (António)	
— <i>João, querido amigo</i>	130
MAGANO (Fernando)	
— <i>Impressão cordial</i>	39
MARQUES (Alfredo)	
— <i>Surrealismo (O) no espírito de João Carlos</i>	122
MONTEIRO (Daniel de Sttau)	
— <i>Médico (O) e o artista.</i>	85
MOREIRA DAS NEVES	
— <i>Sinfonia muito incompleta</i>	127
MOURA (Frederico de)	
— <i>Contributos para uma interpretação da obra de João Carlos</i>	101
OLIVEIRA (Mário de)	
— <i>João Carlos e o estilo</i>	150
OULMONT (Charles)	
— <i>Excerto do Prefácio ao catálogo da Exposição de João Carlos no S. N. L. em 1949</i>	77
PAMPLONA (Fernando de)	
— <i>Artista (Um) de raça, uma arte de sonho.</i>	136
PINTO (Alexandre A. N.)	
— <i>No mês dos crisântemos. Pagela de saudade.</i>	61
POMBAL (Armando)	
— <i>Luz (Uma) que se extinguiu.</i>	119
RAMALHEIRA (Guilhermino)	
— <i>João Carlos, na sua infância e mocidade</i>	47
ROCHA MADAHIL (António Gomes da)	
— <i>Apontamentos para a história das relações de José Estêvão com Ílhavo.</i>	277
— <i>Bibliografia de João Carlos Celestino Gomes</i>	191
— <i>Exposições de trabalhos seus</i>	203
— <i>João Carlos, desenhador de ex-libris.</i>	158
— <i>Suas raízes familiares, em Cultura e Arte.</i>	208
SALGUEIRO (D. Manuel Trindade)	
— <i>Riqueza (A) maior</i>	9
SANTOS (José Rodrigues dos)	
— <i>Na Vida e na Quimera</i>	145
SELVAGEM (Carlos)	
— <i>João Carlos Celestino Gomes médico, pintor de arte, poeta, novelista, cronista</i>	142

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

	Págs.
SERPA (Alberto de)	
— <i>Memória</i>	100
TAVARES (José Pereira)	
— <i>Aveiro e o 1.º centenário do nascimento de José Estêvão</i>	247
— <i>1.º centenário do falecimento de José Estêvão</i>	291
TAVARES DE ALMEIDA (A.)	
— <i>Memento</i>	50
TELES (Américo)	
— <i>«Presépio» (O)</i>	125
VEIGA DE MÁCEDO (Henrique)	
— <i>Em memória do Dr. João Carlos Celestino Gomes</i>	81

NOTAS, ARTIGOS DA REDACÇÃO,
E OUTROS NÃO ASSINADOS

— <i>EX-VOTO</i>	3
— <i>No 1.º centenário do falecimento de José Estêvão Coelho de Magalhães</i>	241
— <i>Nota à gravura da estátua de José Estêvão erigida em Lisboa</i>	299
— <i>Hino a José Estêvão</i>	318
— <i>Bibliografia</i>	320

bib**RIA**
FIM DO VOLUME XXVIII

UA SD
N.º 957
Data 25. NOV. 1979
Cota

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

REVISTA TRIMESTRAL PARA PUBLICAÇÃO DE DOCUMENTOS
E ESTUDOS RELATIVOS AO DISTRITO

DIRECTORES E PROPRIETÁRIOS

ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL

ANTIGO DIRECTOR DA BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA

FRANCISCO FERREIRA NEVES

ANTIGO PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU DE AVEIRO

JOSÉ PEREIRA TAVARES

ANTIGO PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU DE AVEIRO

EDITOR E ADMINISTRADOR

FRANCISCO FERREIRA NEVES

ADMINISTRAÇÃO: — AVENIDA DR. LOURENÇO PEIXINHO, 133, 1.º — AVEIRO

SUMÁRIO DO PRESENTE NÚMERO

IN MEMORIAM

DO

DR JOÃO CARLOS CELESTINO PEREIRA GOMES

PREÇOS:

ASSINATURA ANUAL 60\$00
NÚMERO AVULSO 20\$00

Cada número tem normalmente 64 páginas.

A doutrina dos artigos assinados é de exclusiva responsabilidade dos autores.

FÁBRICAS ALELUIA

AZULEJOS,
LOUÇAS
SANITÁRIAS,
DECORATIVAS
E DOMÉSTICAS

FÁBRICA ALELUIA
FÁBRICA GERCAR

TELEFONE 22061/2/3

AVEIRO

ZÜNDAPP

BICICLETAS MOTORIZADAS

FAMOSAS PELAS SUAS QUALIDADES

FALCONETTE DE 4 VELOCIDADES
COM 4,2 C.V.

COMBINETTE DE 2 VELOCIDADES
COM 4,2 C.V.

Representante para Portugal

J. CASAL

AVEIRO

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 136

TELEFONE 23552

LISBOA

Avenida da República, 99-B

TELEFONES { 764215
767152

BOM-SUCESSO

João Nunes da Rocha

Grande produção em série de

PORTAS, JANELAS,

MÓVEIS DE COZINHA

e PARQUETE-MOSAICO

bibRIA

Sede

AVEIRO — Apartado 21

TELEFONES { 23041
23042
23135

Filial em Lisboa

Rua D. João V, 26-A

TELEFONE 650761

DISTRIBUIDORES EM TODO O PAÍS

BANCO REGIONAL DE AVEIRO

S. A. R. L.

Capital autorizado: Esc. 10.000.000\$00

Capital emitido: Esc. 10.000.000\$00

Transferências e cobranças.

Saques sobre o país.

Cobrança e pagamentos.

C/ corrente em moeda portuguesa.

Depósitos à ordem e a prazo.

bibRIA

Telegramas: REGIONAL

Telefones { 22731

23131

Rua de Coimbra

AVEIRO

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

DR. ALBERTO FERREIRA NEVES

DR. FIGUEIREDO LEITE

Médicos especialistas



Colorimetria fotoeléctrica

Espectrofotometria

Electroforese

Colpocitologia

Metabolismo basal



Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 49, 2.º, D.º

TELEF. 23965

AVEIRO

Empresa de Pesca de Aveiro, L.^{da}

PRAÇA LUÍS CIPRIANO, 10

AVEIRO — Telef. 23111/2/3

End. telegráfico: SALGUEIROS

PESCA DO BACALHAU
PESCA DO ATUM
PESCA DO ARRASTO COSTEIRO
PESCA DA SARDINHA

Instalações de Secagem e Conservação
de Bacalhau na Gafanha, Aveiro.
Produtores de Óleos de Fígado de Bacalhau,
Tipo Medicinal

FROTA:

5 ARRASTÕES DA PESCA DO BACALHAU
2 NAVIOS DA PESCA DO BACALHAU À LINHA
2 ATUNEIROS
2 ARRASTÕES DA PESCA COSTEIRA
5 TRAIINEIRAS

A sua fábrica de conservas, em Agadir — Marrocos, a

**SOCIÉTÉ CHERIFIENNE DES ENTREPRISES
DE PÊCHE AVEIRO-MAROC**

Rue Apert

produz os seguintes produtos:

Sardinha — Cavala — Atum (White Meat), em azeite puro
de oliveira e óleo de amendoim, nas seguintes marcas
registadas:

«LIBERATOR» — «DELMONACO» — «LIMÃO» — «AVEIRO»

ARLA AGÊNCIA DE REPRESENTAÇÕES, L.^{DA}

AVENIDA DR. LOURENÇO PEIXINHO, 100

TELEFONE 22890

AVEIRO

AGENTES AUTORIZADOS DE

«General Electric»

Frigoríficos, fogões, rádios e televisores, máquinas de lavar, etc.

Casa Capucho

Motores fora de bordo «Johnson»

Leopold Shiroi

«Soc. Comercial Luso-Americana»

Máquinas de escrever «Royal»
» calcular «Facit»
» somar «Regna»

Duplicadores e arquivos «Roneo»

Antenas televisão «Antiference»
Inter-comunicadores «Centrum»

Valentim de Carvalho, L da

Discos da «Columbia», «Decca»,
«Capital», «His Master's Voice», etc.

Machado, Pereira, L.da

Frigoríficos «Bauknecht»
Fogões eléctricos e gás «Leão»
Esquentadores «Crucis»

Sub-Agentes da «Cidla»

Fogões «Portugal», «Oeiras»,
«Presmalte», «Junker», «Far»
Esquentadores «Castelo» e «Junker»

T. V. E RÁDIOS DA AFAMADA MARCA

SCHAUB-LORENZ

PREÇOS ESPECIAIS — FACILIDADES DE PAGAMENTO

Testa & Amadores, L.^{da}

ARMAZÉM DE MERCEARIAS
POR JUNTO E A RETALHO

*Agentes bancários e depositários
da Companhia Portuguesa de Tabacos*

Telefone — 23826
Telegramas — **Testa**
Apartado 30



.....
RUA DE EÇA DE QUEIROZ, 2
AVEIRO

PASCOAL & FILHOS, L.^{DA}

PESCA DE BACALHAU, ARRASTO E SARDINHA

Rua do Almirante Cândido dos Reis, 135 a 153
Telefones 23021 / 23022 End. Teleg. — **MARIALVA**
Apartado 39

AVEIRO

Filial em Matosinhos — Rua do Conde de S. Salvador, 37
Telefone 930519

FROTA

— Pesca do bacalhau:

Arrastão — «ANTÓNIO PASCOAL»

Lugre Motor — «D. DINIZ»

Navio Motor — «RAINHA SANTA»

Pesca de arrasto:

Arrastão — «DULCINHA»

Pesca de sardinha:

Traineira — «JOÃO PASCOAL»

Oficinas Mecânicas e Secadouro de Bacalhau
na Gafanha — Telef. 23243



COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS

*Fábrica de moagem
de cereais*

e descasque de arroz

bibRIA

Preparação de farinhas
para alimentação de gado,
marca *Beimar*

Telefone PPC 23441

Telegramas: MOAGENS

AVEIRO

M Á R M O R E S

: : : : : D E : : : : : :

Sousa Baptista, L.^{da}

29, PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30

: : : : : E : : : : : :

13, LARGO DE S. JULIÃO, 13

— L I S B O A —

Sòmente nos depósitos e oficinas desta grande organização industrial e comercial, com possibilidade de uma boa e bela escolha, se encontram cantarias para majestosas, medianas e modestas construções, mármore polidos para ornamento de entradas, escadarias, casas de banho, cozinhas, etc., de luxo e simples.

Também nos mesmos estabelecimentos podem ser adquiridas as melhores louças sanitárias, sempre em exposição, e bem assim banheiras esmaltadas com todos os seus acessórios, como sejam: cabides, esponjeiras, saboneteiras, torneiras, esquentadores, etc., etc.

Tudo a preços sem competência

NAS SUAS OFICINAS DE CANTEIRO EXECUTAM-SE
TODOS OS TRABALHOS, DESDE OS MAIS SINGELOS AOS DE ARTE ELEVADA

Dão-se orçamentos quando solicitados

Café Trianon

DE
FERREIRA, GONÇALVES & FERREIRA, L.^{DA}

ESMERADO SERVIÇO DE CAFÉ E CHÁ
CERVEJA A COPO E DELICIOSOS APERITIVOS

◆
TELEFONE 22405

25-Avenida Dr. Lourenço Peixinho-27 AVEIRO

bibRIA

Casa BAMBI

TUDO PARA OS VOSSOS FILHOS

▲
Especializada em vestuários
e brinquedos

para crianças

▼
RUA DO CONSELHEIRO LUÍS DE MAGALHÃES, 29

TELEFONE 25747

AVEIRO

OFICINAS GAMELAS

(Estabelecimento recomendado pelo Automóvel Club de Portugal)

REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS

SECÇÕES: Reparações mecânicas, electricidade,
carrosserias

Oficina de pintura, estação de serviço,
peças e acessórios

Serviço permanente de Pronto Socorro

.....

AGÊNCIA DISTRITAL DOS AUTOMÓVEIS «AUSTIN»

MANUEL DOS SANTOS GAMELAS

Rua 5 de Outubro, 18

Telefs. PPC { 22031
22032

AVEIRO

LUZOSTELA FÁBRICA DE LIXAS E OUTROS PRODUTOS

Premiada com a medalha de Ouro na Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922-1923 — Grande Prémio de honra e Medalha de Ouro na Exposição Industrial Portuguesa de 1932

LIXAS de todas as qualidades para todas as indústrias, em papel e vidro — Papel e esmeril — Pano branco e esmeril — Pano branco e vidro — Pano azul trançado extra e carborundum — Pano azul trançado e electrokorundum — Papel e garnet — Lixa impermeável «Hermes», para polissagem de carrosseries de autos para pintura a Duco.

FORMATOS DE FOLHAS NORMAIS, DISCOS E OUTROS FORMATOS ESPECIAIS PARA MÁQUINAS LIXADORAS

LIMAS PARA MANUCURE — Prefiram a nossa excelente qualidade «Luzostela».

PÓ LUZOSTELA — Produto de 1.ª qualidade em latas de 500 e 250 grs. para limpeza de talheres.

COLAS de alta resistência para as indústrias de carpintaria e marcenaria. Especial «Transparente», para pintura e decorações.

ESMERIL em todos os grãos e para todas as indústrias — Granulações especiais para a construção de pedras para descasque de arroz. Fornecemos o verdadeiro e puro esmeril de NAXOS.

Ferreira & Irmão, Sucrs. — AVEIRO — Telefs. { 22046
22047

L I V R O S

*nacionais e estrangeiros para todas as escolas
do país, encontrá-los-ão sempre na nossa casa*

Mobiliário e material escolar

*o melhor e o mais económico; peçam o catálogo
ilustrado.*

Literatura antiga e moderna

*nacional e estrangeira; peçam os catálogos
respectivos.*

Livros científicos e técnicos

*nacionais e estrangeiros; peçam os catálogos
respectivos.*

*A LIVRARIA SÁ DA COSTA é a única
que reúne todas as secções de livreria.*

Encomendas para o estrangeiro

*mantemos um serviço diário de encomendas, para
todos os países, da maior rapidez e economia.*

LIVRARIA SÁ DA COSTA, EDITORA

Rua Garrett, 100

LISBOA

Telefs. 2 2015 — 2 2016 — Teleg. «Livrosacosta»

LISBOA

*Visitai a linda cidade
de Aveiro*

Ria

BARRA — SALINAS — CANAIS
— BAIXO VOUGA — PAISAGEM
SURPREENDENTE
E ÚNICA EM PORTUGAL

Parque Municipal

LAGO — COURT DE TENNIS
— PATINAGEM —
ENCANTO E DISTRAÇÃO

Museu

PINTURA — ESCULTURA
— ARTE SACRA —
TÚMULO DA PRINCESA
SANTA JOANA
(Notável obra-prima de mosaico do séc. XVIII)

Igreja de Jesus

MARAVILHAS DE TALHA
— AZULEJOS

E outros monumentos

957

ARQVIVO
DO DISTRITO DE
AVEIRO

bibRIA

N.º 112

Outubro, Novembro e Dezembro

AVEIRO

1962

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

REVISTA TRIMESTRAL PARA PUBLICAÇÃO DE DOCUMENTOS
E ESTUDOS RELATIVOS AO DISTRITO

DIRECTORES E PROPRIETÁRIOS

ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL

ANTIGO DIRECTOR DA BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA

FRANCISCO FERREIRA NEVES

ANTIGO PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU DE AVEIRO

JOSÉ PEREIRA TAVARES

ANTIGO PROFESSOR EFECTIVO DO LICEU DE AVEIRO

EDITOR E ADMINISTRADOR

FRANCISCO FERREIRA NEVES

ADMINISTRAÇÃO — AVENIDA DR. LOURENÇO PEIXINHO, 133, 1.º — AVEIRO

SUMÁRIO DO PRESENTE NÚMERO

FRANCISCO FERREIRA NEVES, *Baptismo e morte de José Estêvão.*

JOSÉ TAVARES, *Aveiro e o 1.º centenário do nascimento de José Estêvão.*

EDUARDO CERQUEIRA, *José Estêvão apreciado por seu filho — Dois discursos do Dr. Luis de Magalhães.*

A. G. DA ROCHA MADAHIL, *Apontamentos para a história das relações de José Estêvão com Ílhavo.*

JOSÉ TAVARES, *1.º centenário do falecimento de José Estêvão.*

Hino a José Estêvão.

Bibliografia.

Índice alfabético dos autores do vol. XXVIII.

PREÇOS:

ASSINATURA ANUAL 60\$00

NÚMERO AVULSO 20\$00

Cada número tem normalmente 64 páginas.

A doutrina dos artigos assinados é de exclusiva responsabilidade dos autores.

COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS

◆
*Fábrica de moagem
de cereais
e descasque de arroz*

bibRIA

Preparação de farinhas
para alimentação de gado,
marca *Beimar*

◆
Telefone PPC 23441

Telegramas: MOAGENS

AVEIRO

M Á R M O R E S

: : : : : : : D E : : : : : : : :

Sousa Baptista, L.^{da}

29, PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30

: : : : : : : : : E : : : : : : : :

13, LARGO DE S. JULIÃO, 13

— L I S B O A —

Sòmente nos depósitos e oficinas desta grande organização industrial e comercial, com possibilidade de uma boa e bela escolha, se encontram cantarias para majestosas, medianas e modestas construções, mármore polidos para ornamento de entradas, escadarias, casas de banho, cozinhas, etc., de luxo e simples.

Também nos mesmos estabelecimentos podem ser adquiridas as melhores louças sanitárias, sempre em exposição, e bem assim banheiras esmaltadas com todos os seus acessórios, como sejam: cabides, esponjeiras, saboneteiras, torneiras, esquentadores, etc., etc.

Tudo a preços sem competência

NAS SUAS OFICINAS DE CANTEIRO EXECUTAM-SE
TODOS OS TRABALHOS, DESDE OS MAIS SINGELOS AOS DE ARTE ELEVADA

Dão-se orçamentos quando solicitados

Café Trianon

DE

FERREIRA, GONÇALVES & FERREIRA, L.^{DA}

ESMERADO SERVIÇO DE CAFÉ E CHÁ
CERVEJA A COPO E DELICIOSOS APERITIVOS



TELEFONE 22405

25-Avenida Dr. Lourenço Peixinho-27 AVEIRO

bibRIA

Casa BAMBÍ

TUDO PARA OS VOSSOS FILHOS



Especializada em vestuários
e brinquedos

para crianças



RUA DO CONSELHEIRO LUÍS DE MAGALHÃES, 29

TELEFONE 23747

AVEIRO

OFICINAS GAMELAS

(Estabelecimento recomendado pelo Automóvel Club de Portugal)

REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS

SECÇÕES: Reparações mecânicas, electricidade,
carrosserias

Oficina de pintura, estação de serviço,
peças e acessórios

Serviço permanente de Pronto Socorro

.....

AGÊNCIA DISTRITAL DOS AUTOMÓVEIS «AUSTIN»

MANUEL DOS SANTOS GAMELAS

Rua 5 de Outubro, 18

Telefs. PPC { 22031
22032

AVEIRO

LUZOSTELA FÁBRICA DE LIXAS E OUTROS PRODUTOS

Premiada com a medalha de Ouro na Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922-1923 — Grande Prémio de honra e Medalha de Ouro na Exposição Industrial Portuguesa de 1932

LIXAS de todas as qualidades para todas as indústrias, em papel e vidro — *Papel e esmeril — Pano branco e esmeril — Pano branco e vidro — Pano azul trançado extra e carborundum — Pano azul trançado e electrokorundum — Papel e garnet — Lixa impermeável «Hermes», para polissagem de carrosserias de autos para pintura a Duco.*

FORMATOS DE FOLHAS NORMAIS, DISCOS E OUTROS

LIMAS PARA MANUCURE — *Prefiram a nossa excelente qualidade «Luzostela».*

PÓ LUZOSTELA — *Produto de 1.ª qualidade em latas de 500 e 250 grs. para limpeza de talheres.*

COLAS de alta resistência para as indústrias de carpintaria e marcenaria. *Especial «Transparente», para pintura e decorações.*

ESMERIL em todos os grãos e para todas as indústrias — *Granulações especiais para a construção de pedras para descasque de arroz. Fornecemos o verdadeiro e puro esmeril de NAXOS.*

Ferreira & Irmão, Sucrs. — AVEIRO — Telefs. { 22046
22047